

The Bard

Revista

Poesia, arte e música

Ano 4 - Nº 20 - Edição Julho e Agosto 2023

www.revistathebard.com

MATÉRIA DE CAPA

O Folclore brasileiro

PARTICIPAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.

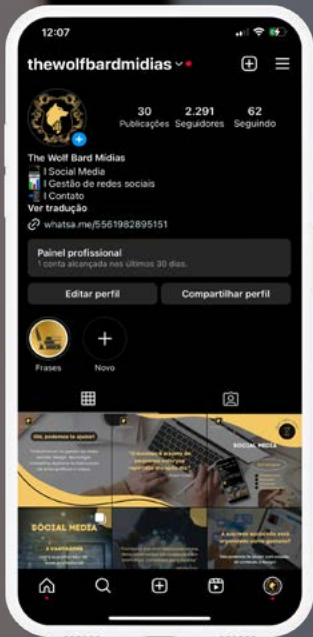


REVISTA THE BARD

ISSN 2764-9768



Está sem tempo para administrar suas redes sociais?



Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital.

Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



INSTAGRAM



CONTATO



E-MAIL





the
WOLF BARD
POESIA, FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO

Revista The Bard

Poesia, arte e música



2764-9768



revista
THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

REVISTA



REVISTA ELETRÔNICA



REVISTA EM 3D



REVISTA EM PDF INTERATIVO

Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto literário e artístico gratuito e sem fins lucrativos. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente gratuita, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em trinta Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS



ED. JUL/AGO 23

Edições



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23



ED. NOV/DEZ 22



ED. SET/OUT 22



ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22



ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21



ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



Revista Interativa The Bard

Sejam bem-vindos (as) à Revista Interativa The Bard Bimestral de Julho e Agosto de 2023. Iniciamos com um espaço reservado para divulgação das redes sociais dos nossos colunistas;

Seguimos com a matéria de capa da Colunista Ana Márcia Diógenes, com o tema “Folclore Brasileiro”, contando aos nossos leitores os primórdios e lembrando as manifestações folclóricas.

Com mais um desafio para nossos leitores descobrirem de qual filme é o texto descrito nessa edição. A Coluna “E aí, qual é o filme?”, escrito por Lauro Henrique. A história será revelada na próxima edição e publicamos também o resultado da edição anterior;

Poemas dos mais variados Poetas e Poetisas do Brasil, como também da Angola, Portugal, Argentina, França, Costa Rica, México, Peru, Bolívia, Chile, Cabo Verde, Panamá, Rússia, Alemanha, Itália, Espanha e EUA;

Além das nossas colunas já existentes nas edições anteriores, temos também “Frases e Pensamentos”, “Contos e Minicontos”, “Crônicas”, “Fotografia”, “Música”, “Artigos” e “Prosa” e muita diversidade de arte e literatura para você, leitor, apreciar e compartilhar histórias boas.

Estamos apresentando aos nossos colaboradores e aos leitores da Revista The Bard, um projeto digital para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

E para finalizar, fizemos um cantinho especial e exclusivo para artistas literários e artesãos comercializarem suas obras, chamado de “Vitrine The Bard”, prestigiando assim nossos artistas, escritores e poetas participantes; Entre neste mundo da 5ª Arte e aprecie cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história contada por diversos artistas, escritores e poetas.

Lu Ferreira



Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD



Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.



Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)



Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à página de origem.

Clique aqui

Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.



Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.



Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.



Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.



Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.



Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.



Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.



Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.



Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.



Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.



Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.



Colunista da Revista The Bard

AGUARDEM



A ÚLTIMA EDIÇÃO
da Revista The Bard do
ANO DE 2023



EDIÇÃO JULHO & AGOSTO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2023



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2023

PERÍODO DE 10 DE JULHO À 09 DE SETEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

Clique
Aqui

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NA FOTO DE CADA COLUNISTA



Matéria de Capa
ANA MÁRCIA DIÓGENES



Tudo Sobre Cinema
CLAUDIA FAGGI



Grandes Autores
VANINA SIGRIST



Autopeise e Narrativas
STELLA GASPAR



E aí, Qual é o Filme?
LAURO HENRIQUE



História das Artes
BETÂNIA PEREIRA



Vida de Autor
LILIAN STOCCO



Recita-me
RICK SOARES



Música
RAFAEL PELISSARI



Forúm do Soneto
GRUPO



Cinema: Séries & Filmes
CACÁ MATOS



Prosa Poética
JEANE TERTULIANO



Terror y Horror
ANDREA RÍOS



Dialética
CLAYTON ZOCARATO



Nau Literária - Entrevistas
MAGNA ASPÁSIA

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NA FOTO DE CADA COLUNISTA



Mitologias & Crônicas
LADYLENE APARECIDA



Coluna Escuta
THAIS DE MIRANDA



Alma em Perspectiva
MIA KODA



Poetas & Poetisas
EDNA LESSA



Música e Literatura em Diálogo
ELVIRA DRUMMOND



Confissões sob a Lua
CARLA GARCIA



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME



COLUNISTA VAGO

Arte ou Literatura
SEU NOME





Ana Márcia Diógenes



Jornalista, professora e escritora. Escreve sobre comportamento na plataforma de streaming O Povo+. É autora da ficção juvenil “De esfulepante a felicitante, uma questão de gentileza” (Ed FDR e Dummar), em 2017), do conto longo “Pérfuro-Matante” (gênero Domestic Noir), publicado na Amazon, do livro artesanal “Poesia e contos pequetitos”, estes últimos em 2022; e do conto longo “Reze para que meus pés não apontem para ti”, em 2023. Participa das coletâneas “Escritas no feminino” (Ed. Caneta de Estilo, de Portugal); “Tantas palavras” (Ed. Sanhauá) e “Microcontos” (Ed. Persona) e de coletivos Escrevientes, Mulherio das Letras e Mulheres Assombradas. Tem textos publicados nas revistas Contos de Samsara e Cassandra.

Folclore Brasileiro

A ciência do povo mantém o imaginário da cultura

O folclore brasileiro, para Câmara Cascudo (1898-1986), é a manifestação de mais valor, e viva, do universo das culturas que formam o país. O folclorista potiguar, que também era sociólogo, antropólogo, etnógrafo, poeta, cronista, historiador, musicólogo, professor, advogado e jornalista, costumava dizer que o folclore é uma expressão do mundo. O que chamamos de lobisomem no Brasil tem um similar que o imaginário de outro país construiu, como se a própria realidade estimulasse essas construções.

Cascudo pensava o folclore como uma ciência do povo, que dava as bases para que cada país expressasse o que o diferenciava de outro. O folclore é produto de várias fontes que, ao longo do tempo, se adapta ao meio em que foi criado. No Brasil, nesse conjunto de realizações que fazem parte da cultura popular brasileira, temos uma extensa variedade, a exemplo de festas populares, lendas, literatura, contos, jargões, músicas, ritmos e muito mais.

Compreender os componentes do nosso folclore passa, necessariamente, pela leitura do Dicionário do Folclore Brasileiro, que está entre as 200 publicações e cerca de 8 mil páginas redigidas por Câmara Cascudo. Os seus verbetes saciam a fome de

conhecimento sobre animais mitológicos, crenças, objetos, religião e outros.

Importante destacar que no país se comemora em 22 de agosto o Dia do Folclore Brasileiro. Nesta mesma data, em 1946, o escritor inglês William John Thoms escreveu artigo registrando a palavra “Folklore”, como representando o “saber tradicional de um povo”. “Folk” significando povo e “Lore”, conhecimento.

De uma riqueza reconhecida mundialmente, o folclore brasileiro recebeu influência de outras culturas, como a indígena, africana e europeia, resultado da colonização que houve no país. Os estudos sobre como se deu a composição desta ciência do povo no Brasil começaram, ainda que de forma incipiente, no século XIX, por influência do Romantismo, e se aceleraram no início do século passado, quando o Modernismo, por meio de Mário de Andrade, promoveu o diálogo do estudo do folclore com as ciências sociais e humanas.

A recomendação da Unesco (vinculada à ONU), na década de 40, de que o folclore nacional fosse objeto de estudo e preservação acabou incidindo na instalação da Comissão Nacional de Fol-



lore. Na década seguinte, foi a vez do I Congresso Brasileiro de Folclore (Rio de Janeiro-RJ, em 1951), que emitiu a Carta do Folclore Brasileiro, definindo folclore como “as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular”. Os avanços seguintes, no governo Juscelino Kubitschek, foram cerceados durante o golpe militar de 1964. Somente em 1976 os estudos puderam evoluir.

A definição de folclore, feita no I Congresso, foi adaptada tempos depois, no III Congresso Brasileiro de Folclore (Salvador-BA, em 1995): “folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social”. Foi a preservação dessa história que nos permite, hoje, conhecer as ricas manifestações do folclore brasileiro. Elas são variadas e se torna impossível descrever todas, mas vamos delinear as mais conhecidas.

As lendas, por exemplo, representam um tipo de folclore em que se percebe fortemente a influência das culturas indígena, africana e europeia na composição da cultura brasileira. Por meio delas é que personagens se tornaram conhecidos e atravessaram gerações. Entre eles, temos:

Saci-Pererê – Alguns estudos apontam que a origem está nas histórias indígenas da Região das Missões, no sul do Brasil. O Saci é um menino negro, de uma perna só, que usa gorro vermelho, cachimbo, e fica pulando agitado, Sempre aparece com um redemoinho e se diverte fazendo travessuras e escondendo objetos que quase nunca reaparecem.

Curupira – Uma pequena entidade da floresta, de cabelos vermelhos e pés virados para trás, que protege as matas brasileiras, onde vive. O nome vem do tupi-guarani. Para amedrontar e afastar os que ameaçam as florestas, produz assobios e sons.

Mula sem Cabeça – No local onde deveria estar a cabeça, fica saindo fogo. Segundo a lenda, esta foi uma maldição para as mulheres que namoram um padre. Essas mulheres se transformariam toda quinta à noite e saíam assombrando.

Boitatá – Dependendo da região do país, o boitatá é descrito de um jeito. Uma cobra ardendo em fogo é a representação mais citada. A lenda conta que ela escapou de um dilúvio, comeu olhos dos animais mortos e passou a iluminar a noite com o brilho dos olhos deles.

Boto cor-de-rosa – A lenda amazônica diz que o boto sai do rio, fica em forma humana, atrai mulheres solteiras e as engravida no fundo do rio. Esta sedução aconteceria nas noites de festa junina. Iara - Também conhecida por Mãe d'água, tem a aparência de uma sereia: a cintura a divide entre mulher e peixe. A sua voz e a beleza, com seus cabelos longos, atraem os homens para os rios, com o objetivo de afogá-los.

Lobisomem – Esta lenda, que mescla homem e lobo, é originária da Europa. Narra que se uma mulher tiver um oitavo filho e este for do sexo masculino, na verdade será homem de dia e lobisomem nas noites de lua cheia. Sua alimentação é o sangue.



O lobisomem é um dos personagens que mais mexem com o imaginário popular.

Além dos personagens e suas lendas fantásticas, o folclore brasileiro é constituído também da riqueza das festas populares e das tradicionais brincadeiras, que precisam ser passadas de geração a geração para que mantenham suas raízes. A maioria dessas festas já entrou para a agenda de eventos do país.



Festa junina – Acontece no mês de junho em todas as regiões, sendo mais forte no Nordeste. Foi trazida no século XVI pelos portugueses e, à época, tinha caráter religioso, reverenciando São João e Santo Antônio, entre outros. Na sua origem, segundo historiadores, eram festividades pagãs que aconteciam na Europa durante a colheita, para evitar pragas e maus espíritos. No Brasil, a festa foi se ampliando e sendo associada a hábitos da zona rural, tanto na alimentação, à base de milho, como nas roupas, caricaturando o caipira. A dança típica é a quadrilha, mas as festas juninas atualmente estão mais associadas ao forró. A maior festa junina do país é em Campina Grande, na Paraíba.



As festas juninas movimentam todo o Brasil, principalmente o Nordeste do país.

Carnaval - Os portugueses trouxeram o carnaval para o Brasil, entre os séculos XVI e XVII e uma de suas primeiras manifestações foi uma brincadeira popular conhecida como entrudo. No país, de maioria católica, é conhecida por se realizar 40 dias antes do Domingo de Ramos, na Páscoa. As danças e ritmos africanos, a partir dos escravos, foram influenciando o carnaval, sendo considerada a maior comemoração popular do país. Enquanto no Sudeste o carnaval se tornou conhecido pelas escolas de samba e blocos de rua, no Nordeste, tem caráter popular, nas ruas de Recife e Olinda, inclusive com Maracatu; e Salvador, com blocos e trios elétricos.

Folia de Reis – Desde a colonização portuguesa, a celebração do Dia de Reis faz parte da cultura brasileira. A data, inscrita no calendário da Igreja Católica, é celebrada dia 6 de janeiro, sendo mais fre-

quente em estados como Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. A festa é composta de cortejos nas ruas, com instrumentos musicais. Os participantes usam roupas coloridas e dançam, parando em casas de pessoas da comunidade, simbolizando a visita dos reis magos ao menino Jesus. O Dia de Reis é comemorado 12 dias após o nascimento de Jesus Cristo, que acontece no Natal.

Bumba meu boi – A celebração acontece nos meses de junho e julho e, desde o século XVIII é uma das mais importantes do Maranhão. Tem um dia nacional, em 30 de junho, e é fundamentada em um conto popular de uma escrava grávida que desejava comer a língua do boi mais bonito. Para atender à vontade dela, o marido mata o animal. O proprietário quer se vingar do casal, mas eles ressuscitam o animal. Este é o mote da festa. Um conto parecido inspira a festa do Boi-bumbá, em Parintins, no Amazonas, onde os bois Caprichoso e Garantido disputam a melhor apresentação, todos os anos.



Tradicional festa do boi bumba e seus ritmos, imagem de Yuri Graneiro.

Entre os ritmos e danças que fazem parte do folclore brasileiro, e que representam a cultura de cada região do Brasil, com trajes e ambientações, se destacam, o Carimbó, na região amazônica, composto por influência dos africanos, indígenas e portugueses. Os dançarinos usam estampas florais e simbolizam um cortejo. Já o Frevo é um ritmo do carnaval pernambucano, de coreografia composta de movimentos rápidos, uso de sobrinha e roupas coloridas.



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

O país tem ainda o Samba de roda, que usa o cavaquinho, pandeiro, chocalho e cuíca entre os instrumentos de percussão. É herança do período da escravidão, que começou na Bahia e se popularizou no Rio de Janeiro. Outro destaque é a Ciranda, de Pernambuco. Teve início com as mulheres de pescadores, que dançavam à espera dos maridos retornarem do trabalho. Na ciranda, os participantes fazem uma roda ampla e dançam devagar, pisando o chão fortemente.

Outra festa marcante é a do Maracatu, resultado da influência africana, com destaque para o estado de Pernambuco. É conhecido por ser, ao mesmo tempo, dança, ritual e ritmo. No Ceará, o Maracatu também é destaque na cultura popular. Entre os ritmos musicais, o baião é bastante popular no Nordeste e Norte do país, tendo ficado conhecido a partir de 1940, com os músicos Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. Entre os instrumentos que utiliza estão sanfona, triângulo e acordeom. As letras das músicas tratam do cotidiano do Nordeste.



Encontro de maracatus de baque solto, em Pernambuco.

Impossível falar de manifestações da cultura popular sem citar a literatura de cordel, que são poemas criados com linguagem usada pelo povo, com rimas e métricas para contar histórias em seus versos, apresentados como folhetos, com capas em

xilogravura. É preponderante no Nordeste, sendo inicialmente vendidos pendurados como roupa em varal, nas feiras. Escritores como Ariano Suassuna, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto foram influenciados pelo cordel, que está no país desde o século XVIII, trazido pelos portugueses.

As brincadeiras populares estão também entre as principais manifestações do folclore. Entre elas podemos citar o pião, pular corda, jogar com bolas de gude, cantar cantigas de roda, passar anel, amarelinha, rolar pneu de bicicleta com um pedaço de madeira, soltar pipa (também conhecido como papagaio e arraia), queimada, pega-pega.

Em um país de dimensões continentais e com tantas influências na sua formação cultural, o Brasil tem, na sua cultura popular, as raízes e a essência de multiplicidades na ciência que o povo criou e mantém.

INSTAGRAM



POST NO SITE





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Conheça o Curso

A VIDA POR ESCRITO

10 Autores e seus segredos narrativos



CLIQUE AQUI



Escreva contos e **torne-se** um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



Acesse aqui



Jul & Ago


Clique aqui para acessar
a Revista em 3D

2023



Revista Interativa THE BARD
Ed. Julho & Agosto 2023

- 6 Boas-vindas**
Revista Mês Jul & Ago - Lu Ferreira
- 7 Símbolos & Funções**
Saiba como funciona os ícones da Revista
- 10 Colunas & Colunistas**
Links ativos para as colunas
- 12 Matéria de Capa**
Folclore Brasileiro
Por Ana Márcia Diógenes
- 20 Ficha Técnica**
Processo editorial, colunistas, colaboradores e representantes internacionais
- 22 Tudo Sobre Cinema**
Por Claudia Faggi
- 30 Grandes Autores**
Folclore tem cheiro de mato e de bicho
Por Vanina Sigrist
- 34 Autopoiese & Narrativas**
Cores & Movimentos
Por Stella Gaspar
- 40 Frases & Pensamentos**
Frases e seus autores
- 42 Cinema: E Aí, qual é o Filme?**
Por Lauro Henrique
- 48 História das Artes**
Folclore
por Betânia Pereira
- 56 Vida de Autor**
por Lilian Stocco

- 60 Recita-me**
 - Poeta Rick Soares
 - Poetisa Rilnete Melo
 - Poetisa Juliana Rossi
 - Poeta Paulo Henrique
 - Poetisa Edna Lessa
- 66 Música**
Por Rafael Pelissari
- 72 Letras & Músicas**
Por Nill Miranda
- 76 Fórum do Soneto**
 - Artigo 11, Por Ricardo Camacho
 - Sonetista Janete Sales Dany
 - Sonetista Jerson Brito
 - Sonetista José Rodrigues Filho
 - Sonetista Luciano Dídimo
 - Sonetista Elvira Drummond
 - Sonetista Ricardo Camacho
- 84 Cinema**
Dicas séries e filmes por Cacá Matos
- 88 Prosa Poética**
 - Artigo Jeane Tertuliano
 - Prosa de Clarice Lispector
 - Prosadora Jeane Tertuliano
 - Prosadora Cacá Matos
 - Prosadora Edna Lessa
 - Prosadora Jaque Alennnar
 - Prosadora Jéssica Sabrina
 - Prosadora Rita Queiroz
- 96 Crônicas**
 - Cronista Joaquim Cesário de Mello
 - Cronista Renato Cresppo
 - Cronista Jeane Tertuliano
- 100 Coluna Terror y Horror** 
 - Artículo: "Fuentes primigenias del terror"
 - Por Andrea Ríos
- 106 Coluna Dialética**
 - Artigo "Literatura, classe e argumentação: redescobrimdo brasis"
 - Por Clayton Zocarato
- 114 Nau Literária - Entrevistas**
 - "Introdução" por Magna Aspásia

Entrevistados:

 - Professor e desenhista Hélio Siqueira
 - Escritora e poetisa Jaque Alennnar
- 138 Mitologias & Crônicas**
 - Artigo "Folclore Brasileiro"
 - Por Ladylene Aparecida



12



30



42



66



140 Coluna Escuta

• Artigo "Construa a ponte e atravesse" por *Thais de Miranda*

144 Alma em Perspectiva

• Artigo "Onde estará a beleza da vida, se não na vida que temos?" por *Mia Koda*

148 Fotografia

• Artista *Inês Carolina Rilho*

150 Contos & Minicontos

• Minicontos:

- Escritora *Stella Gaspar*
- Escritora *Carla Garcia*
- Escritora *Andrea Knispel*
- Escritor *Andre Ferreira*
- Escritor *Amoacy Ferreira*
- Escritor *J.B Wolf*

• Contos:

- Escritora *Adriana Strella*
- Escritor *André Luiz Souza*
- Escritora *Lucy Amary*
- Escritora *Jaque Alennnar*
- Escritora *Elizabeth Calderón*
- Escritora *Francisca Narcisa*
- Escritor *Gustavo Ferreira*
- Escritora *Ladylene Aparecida*
- Escritora *Stella Gaspar*
- Escritor *Renato Cresppo*
- Escritora *Adriana Ribeiro*
- Escritor *Pedro Trajano*
- Escritor *Dias Campos*
- Escritora *Vanda dos Reis e Silva*

188 À Poesia

Países participantes na Revista The Bard

190 Poetas & Poetisas

Apresentação Por Edna Lessa

191 Poetas & Poetisas
Poetisa Edna Lessa



192 Poetas & Poetisas
Poetisa Jaque Alennnar



193 Poetas & Poetisas
Poeta Roberto Ferrari



194 Poetas & Poetisas
Poetisa Fabiane Linhares



195 Poetas & Poetisas
Poetisa Miramar Mangabeira



196 Poetas & Poetisas
Poeta Pietro Costa



197 Poetas & Poetisas
Poetisa Arely Soares



198 Poetas & Poetisas
Poetisa Alana Amily



199 Poetas & Poetisas
Poeta Abelardo Nogueira



200 Poetas & Poetisas
Poeta Joaquim Cesário



201 Poetas & Poetisas
Poetisa Ana Lourdes Galvão



202 Poetas & Poetisas
Poetisa Rita de Cássia



203 Poetas & Poetisas
Poetisa Fátima Cristina



204 Poetas & Poetisas

Poetisa Lucélia Santos



205 Poetas & Poetisas

Poeta André Ferreira



206 Poetas & Poetisas

Poetisa Ana Maria Pimentel



207 Poetas & Poetisas

Poetisa Caroline Valente



208 Poetas & Poetisas

Poeta Rafael Pelissari



209 Poetas & Poetisas

Poetisa Stella Gaspar



210 Poetas & Poetisas

Poetisa Betânia Pereira



211 Poetas & Poetisas

Poeta Renato Cresppo



212 Poetas & Poetisas

Poetisa Cacá Matos



213 Poetas & Poetisas

Poeta Marcelo Papareli



214 Poetas & Poetisas

Poeta Fredson de Sousa



215 Poetas & Poetisas

Poetisa Rute Ella Dominici



216 Poetas & Poetisas

Poetisa Inês Carolina Rilho



217 Poetas & Poetisas

Poetisa Cecy Quadros Raicik



218 Poetas & Poetisas

Poetisa Fernanda Chinaglia



219 Poetas & Poetisas

Poetisa Mia Koda



220 Poetas & Poetisas

Poetisa Ana Carlota Rilho



221 Poetas & Poetisas

Poeta Sidnei Capela



222 Poetas & Poetisas

Poeta Amoacy Ferreira



223 Poetas & Poetisas

Poetisa Lucy Amary



224 Poetas & Poetisas

Poetisa Maria do Socorro



225 Poetas & Poetisas

Poetisa Maria Luisa Ramos



226 Poetas & Poetisas

Poetisa Simone Magalhães



227 Poetas & Poetisas

Poeta J.B Wolf



228 Música e Literatura em Diálogo

Artigo: "Ressonâncias do folclore na poesia infantil brasileira" Por *Elvira Drummond*

238 Prosa

- Poeta *Joaquim Cesário*
- Poetisa *Rute Ella Dominici*

240 Confissões sob a Lua

Por *Carla Garcia*

Convidado:

- *Fábio Augusto*

245 Artigo

- Escritor *Gustavo Ferreira*

250 Marketing & Divulgação

Segue a rede social de nossos colaboradores

252 The Wolf Bard Mídias

Gestão e Marketing de Redes Sociais

256 Vitrine The Bard

Prestigie os escritores Nacionais



140



144



228



240





Expediente

Revista The Bard
Ano 4, Nº 20, Julho e Agosto 2023
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:

Site: www.revistathebard.com

Publicação em PDF Interativo:

Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.

Publicação em Links:

Facebook, Instagram, Twitter, Wattpad, Pinterest
YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf

Assessoria Jurídica: Marcelo Papareli

Webposter: Edna Lessa

Redatora Digital: Mia Koda



Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf

Diagramação: J.B Wolf

Capa: J.B Wolf

Revisão textual: Lu Ferreira, J.B Wolf, Stella Gaspar

Representantes Internacionais:

- Representante autorizado no continente Africano
Alegría Mauro 
- Representante autorizada no Chile
Andrea Ríos 

Colunas & Colunistas:

- Boas-vindas - Lu Ferreira
- Matéria de Capa - Ana Márcia Diógenes
- Tudo Sobre Cinema - Claudia Faggi
- Grandes Autores - Vanina Sigrist
- Autopeise & Narrativas - Stella Gaspar
- E aí, qual é o filme - Lauro Henrique
- História das Artes - Betânia Pereira
- Vida de autor - Lillian Stocco
- RECITA-ME - Rick Soares
- Coluna Música - Rafael Pelissari
- Fórum do Soneto - Projeto de Sonetistas
- Cinema: Séries & Filmes - Cacá Matos
- Coluna Prosa Poética - Jeane Tertuliano
- Coluna Terro y Horror - Andrea Ríos
- Coluna Dialética - Clayton Zocarato
- Nau Literária - Magna Aspásia
- Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
- Coluna Escuta - Thais de Miranda
- Alma em Perspectiva - Mia Koda
- Poetas & Poetisas - Edna Lessa
- Música e Literatura em diálogo - Elvira Drummond
- Confissões sob a Lua - Carla Garcia
- Vitrine The Bard - J.B Wolf

Marketing e Divulgação: Equipe de Colaboradores
páginas 248 e 249

Arte de Anúncios: J.B Wolf

Criação Digital e finalização: J.B Wolf

Revista The Bard

Poesia, arte e música





Tudo sobre

CINEMA

09



CLAUDIA FAGGI



Jornalista diplomada, roteirista, escritora, repórter, apresentadora de TV, criadora de conteúdo digital, mãe de um menino que é luz, mulher, guerreira, sempre em busca da felicidade e apaixonada pela sétima arte.

A vida imita a arte ou a arte imita a vida?



Que honra falar com você sobre cinema aqui, na revista The Bard. Cinema é a arte que nos permite sonhar, viajar, analisar, compreender... e é exatamente a união desses elementos que faz tudo ser tão mágico. Além da compreensão de mundo tem a parte técnica que envolve roteiro, direção de arte, fotografia, mixagem de som e muito mais. A indústria cinematográfica move a economia e proporciona muitos empregos.

Atualmente os serviços streamings cresceram e a oferta de filmes, séries e documentários chegaram como pipoca no balde! Que bom para nós!

Então vamos a edição de Julho e Agosto.

INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE





POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



POST NO SITE



Tudo sobre

CINEMA

A GAROTA DA FITA

Garota da Fita é uma minissérie espanhola, com 6 episódios que já foi vista por 31,8 milhões de horas em seus três primeiros dias no catálogo da Netflix.

Jesús Mesas Silva e Javier Andrés Roig são os criadores dessa série de sucesso. A Garota da Fita veio direto do livro de Javier Castillo e passou a fazer parte da lista de séries mais vistas da Netflix.

A trama conta a história de Miren Rojo, uma estagiária de jornalismo do principal jornal de Málaga e sobrevivente de um estupro. Ela se envolve na investigação do sumiço da garota Amaya de seis anos, que desapareceu durante a parada da Cavalcada de Reis Magos, uma das festas mais importantes de Málaga.

O tema desaparecimento de uma criança é o que mais me causa dor e desespero, e acredito que esse sentimento seja recíproco para todos os pais e mães deste mundo.

Miren conta com a ajuda de seu mentor para seguir com a apuração paralela à investigação policial. Anos depois do desaparecimento de Amaya, uma fita cassete endereçada à jornalista indica que a jovem ainda pode estar viva, o que reacende o mistério envolvendo a jovem.

Por A Garota da Fita ser a adaptação de um livro, muitos assinantes pensaram se tratar de um crime real que marcou a população de Málaga, cidade espanhola na qual se passa a trama da série. No entanto, a história criada por Castillo não é nada mais do que uma ficção.

E apesar de a história ser ficção, o autor se inspirou em um momento de sua vida para escrevê-

-la. Um dia, quando estava passeando com sua família, Castillo soltou a mão da sua filha pequena e foi tomado por um medo tremendo de nunca mais vê-la caso algo horrível lhe acontecesse.

A partir de então, ele ficou com a ideia na cabeça e acabou transformando seu pânico em um livro de sucesso. Quando foi questionado sobre a adaptação da Netflix, o autor falou, em entrevista à imprensa espanhola, que gostou do resultado e que não se trata de um thriller de ação, e sim dramático, centrado nas emoções.

Assista!

Você vai amar!

Claudia Faggi



Clique aqui



Tudo sobre

CINEMA

EXCLUÍDOS

Excluídos é um filme que está na Netflix e conta a história de uma mulher (Ashley Madekwe) que parece insistir em esconder sua identidade, inicialmente não dá para saber o porquê, porém a história vai se desenvolvendo e ficando cada vez mais intrigante.

Ela é negra, mas faz de tudo para se parecer como branca, seja pela forma como deixa o cabelo, como transita na sociedade inglesa ou, principalmente, como esconde seu passado. Só que nem tudo pode ser escondido. A vida da protagonista vira de cabeça para baixo quando o passado insiste em bater à porta.

A partir disso, o diretor da película Martello-White desenvolve uma trama que fala sobre essa busca de identidade e, também, a insistência do passado em aparecer.

Durante o filme percebemos que a cidade é basicamente compostas por pessoas brancas e os diálogos deixam evidente o racismo, esse detalhe é importante para entendermos as ações da personagem.

A protagonista Neve se assume como uma mulher perturbada sem precisar apelar para os clichês do gênero, usando na maioria das vezes, apenas suas expressões faciais.

E ainda podemos contar com uma trilha sonora impactante, Excluídos é um super filme. Além de entreter durante seus pouco mais de 90 minutos, também nos faz refletir e mostrar que o cinema de horror pode ser muito mais do que os cansativos jump scares.

Beijos sem sustos e bom divertimento!

Claudia Faggi



Clique aqui



MARIA ANTONIETA



Existem vários filmes que contam a história de Maria Antonieta, a rainha da França decapitada pela revolução francesa, mas é o filme “Maria Antonieta” de 2006, dirigido por Sofia Coppola que traz um novo olhar sobre a história de vida da última rainha da França, além da incrível, inovadora e surpreendente trilha sonora.

Maria Antonieta ficou conhecida pelas suas extravagantes festas em Versalhes, onde procurava se entreter enquanto seu marido cumpria com os deveres da monarquia. Segundo alguns historiadores, um dos motivos que levaram o início da revolução francesa é o fato de Maria Antonieta promover estes grandes bailes e jogatinas para a nobreza, sendo que os gastos saem direto do cofre real, enquanto o povo sofria com a fome e a pobreza, o casal e seus amigos viviam como verdadeiros glutões em seus castelos.

O filme além de contar a história de Maria Antonieta também descreve como a rainha migrou do estilo Barroco para o Rococó. Ou seja, a seleção do figurino para o filme é extremamente rico de informação da época.

Quem foi Maria Antonieta?

Maria Antônia Josefa Joana nasceu em Viena, em 1755, em uma família nobre, onde recebeu uma boa educação e era treinada para ser uma perfeita lady para cumprir com o seu dever político.

O seu casamento com o futuro rei da França foi arranjado pela sua mãe, Maria Teresa, para que a Áustria e a França fizessem as pazes. Em 1769, Maria Antônia fica noiva de Luís Augusto, delfim da França, com um dote fixado em 200 mil coroas. O casamento real acontece em 1770, a qual passou a ser chamada de “Marie Antoinette, Dauphine de France”.

Após o seu casamento, Maria Antonieta deixa Viena e passa a morar em Versalhes, na França. Onde teve dificuldades de engravidar por causa de seu marido Luís Augusto que não demonstrava interesse pelo ato de procriar devido a uma doença. Durante este período, Maria Antonieta sofreu com ameaças vindo de sua mãe que precisava que o matrimônio da filha fosse comprovadamente consumado, em outras palavras ela precisava engravidar para garantir a aliança entre os reinos.

Somente após o tratamento de Luís Augusto que Maria Antonieta teve quatro filhos, sendo que um deles faleceu ainda criança.

Maria Antonieta está na Netflix e é um filme incrível!

Beijos, Claudia Faggi



Clique aqui



Tudo sobre

CINEMA

NADA DE NOVO NO FRONT

Nada de Novo no Front da Netflix é o filme estrangeiro vencedor do Oscar 2023, com quatro vitórias: melhor filme internacional, melhor direção de arte, melhor trilha sonora e melhor fotografia.

A película expõe as dores causadas por armas e guerras, é uma adaptação do livro clássico antibélico do escritor alemão Erich Maria Remarque. A primeira vez que o livro ganhou uma versão para os cinemas foi em 1930, pelas mãos do diretor russo radicado nos Estados Unidos Lewis Milestone. Na ocasião, a obra teve quatro indicações e duas vitórias ao Oscar 1931, inclusive como melhor filme....

Nada de Novo no Front é uma história que segue o adolescente Paul Baumer e seus amigos Albert e Muller, que se alistam voluntariamente no exército alemão, movidos por uma onda de fervor patriótico, onde fica claro que “os donos da guerra” usam os jovens para morrer numa luta muitas vezes perdida, esse fato é rapidamente percebido quando os jovens soldados enfrentam a realidade brutal da vida no front. Os preconceitos de Paul sobre o inimigo e os acertos e erros do conflito logo os desequilibram. No entanto, em meio à contagem regressiva, Paul deve continuar lutando

até o fim, com nenhum objetivo além de satisfazer o desejo do alto escalão de acabar com a guerra com uma ofensiva alemã.

Assista e confira essa obra de arte.

Beijos

Claudia Faggi



Clique aqui



Tudo sobre

CINEMA

RED ROSE

Red Rose é a série que está na Netflix e que foi criada originalmente pela BBC. Para você ter uma ideia a obra já chegou ao catálogo com nada menos que 100% de aprovação da crítica no Rotten Tomatoes.

A série é composta por oito episódios e gira em torno de um grupo de adolescentes que se reúne no verão logo após as aulas terminarem. Rochelle Jackson, uma das jovens, faz o download de um aplicativo chamado Red Rose em seu celular e dá início a uma cadeia de desafios mortais. Jackson e seus amigos devem unir forças para enfrentar os obstáculos e uma entidade sobrenatural que convidaram a fazer parte de suas vidas.

O assunto é mais do que recente, já que uma das maiores preocupações é a influência, nem sempre positiva da internet.

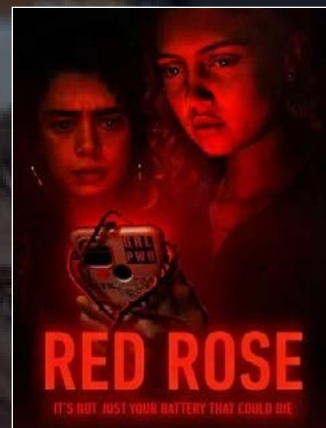
Dos produtores de Sex Education, a sombria série de terror Red Rose está na Netflix. Ousada e assustadora, a produção tem tudo para arrepiar os assinantes da plataforma. No centro da trama, estão mortes misteriosas, um grupo de adolescentes e um aplicativo sinistro.

A premissa da série também faz referência a desafios sinistros que viralizaram no TikTok e nas redes sociais, como o da “Baleia Azul” e o da criatura “Momo”.

Assista e aproveite essa série super atual que aborda a Dark Web, o uso indiscriminado da internet e a solidão.

Beijos!

Claudia Faggi



Clique aqui



COLUNAS E COLUNISTAS

Tudo sobre



TUDO EM TODO LUGAR AO MESMO TEMPO

O filme *Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo* foi a grande sensação do Oscar 2023, levou para casa 7 das 11 premiações, segue a lista de sucesso para você:

- 1 - Melhor Filme
- 2 - Melhor Atriz
- 3 - Melhor Atriz Coadjuvante
- 4 - Melhor Ator Coadjuvante
- 5 - Melhor Direção
- 6 - Melhor Roteiro Original
- 7 - Melhor Montagem

A pergunta que não quer calar é porque *Tudo em Todo Lugar ao mesmo Tempo* é uma das melhores estreias do ano.

Nos primeiros minutos do filme nós encontramos uma família de imigrantes chineses, radicada nos EUA, que é dona de uma lavanderia e que mora em um cubículo no andar de cima do próprio negócio. Em meio ao caos dos preparativos de uma festa de ano novo chinês e a arrumação dos documentos para uma auditoria na Receita Federal, conhecemos Evelyn Wang (Michelle Yeoh) e seu marido, o simpático Waymond Wang (Ke Huy Quan), donos e administradores do pequeno negócio, que está por um fio.

Na tentativa de conciliar a chegada do seu rigoroso pai, Gong Gong (James Hong) e as expectativas frustradas sobre a própria filha, Joy Wang (Stephanie Hsu), nossa protagonista se vê completamente perdida e frustrada com o rumo que sua vida tomou: clientes insatisfeitos, uma família que não a ouve e, ainda por cima, uma rigorosa auditoria sobre as contas do seu meio de sobrevivência.

Tudo isso muda quando, de repente, dentro do elevador da Receita Federal, seu marido começa a agir de forma estranha e a orienta a seguir alguns passos ainda mais estranhos, e é nesse momento que todos os clichês já conhecidos por nós caem por terra. Inicialmente a nossa protagonista não entende o que está acontecendo, e nem nós! E acredite, esse é o grande charme da película, e é preciso abrir a sua mente e se entregar para entender o que está por vir...

A trama gira em torno de uma espécie de sátira ao multiverso, em que a lógica e a noção são constantemente

desafiadas.

Passamos por muitas referências como *Carmen Miranda*, *2001: Uma Odisseia no Espaço*, *Kill Bill* de Tarantino, *Matrix* e até *Efeito Borboleta*!

A atuação de Michelle Yeoh é mágica, fluida, natural, por isso e muito mais levou o merecido Oscar de melhor atriz 2023.

Jaime Lee Curtis, que interpreta uma fiscal da Receita Federal ganhou o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante, a sua atuação foi linda, incrível e fascinante, digna do prêmio.

Ke Huy Quan levou a estatueta de Melhor Ator Coadjuvante. Emocionado, ele dedicou o prêmio à mãe, de 84 anos, e disse estar vivendo o "sonho americano", contou que chegou aos EUA num barco e morou em um campo de refugiados, uma história de vida emocionante que também é digna de premiação.

Tudo em Todo Lugar ao Mesmo Tempo está nos cinemas e na Amazon!

Boa diversão!

Claudia Faggi



[Clique aqui](#)



Grandes Autores

05



Vanina Sigrist 

Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, professora em cursos de graduação, autora do livro infantil "De quem é a rua?" (2021) e criadora da Casa na Arte (com canal no YouTube). Adoro ser mãe, cuidar de plantas, comer bem, meditar e curtir amigos, artes e livros.

Folclore tem cheiro de mato e de bicho

Por Vanina Sigrist

Quando penso em folclore, a primeira sensação que me vem é a de ancestralidade. Logo imagino costumes tradicionais populares e jeito de ser de gente do campo, das matas e dos sertões. Não sei se com vocês acontece o mesmo. Mas eu particularmente sinto cheiro de mato e de bicho que não se vê nos centros urbanos, do alto dos prédios esguios eletricamente iluminados. O folclore é pré-moderno.

Os cenários das cantigas e das lendas são os sítios que à noite metem medo em criancinhas ou adultos medrosos, com suas vegetações fechadas, sua escuridão intensa e seus ruídos assustadores, que agregam sentido a personagens como uma mula-sem-cabeça ou um lobisomem. Os espíritos que povoam as narrativas e a simbologia das danças são intimamente ligados aos quatro elementos físicos essenciais e aos ciclos da natureza, como um saci ou um curupira protetor da floresta ameaçada por caçadores. Banhar-se em rios e lagos, observar o transcorrer da noite enluarada, ouvir o canto dos

pássaros, reconhecer animais predadores, sofrer metamorfoses profundas e materializar hábitos interioranos e crendices são algumas das ações tipicamente não urbanas que tecem os enredos folclóricos mais clássicos da nossa cultura, como de uma iara ou boitatá.

É essa a ambientação de origem do folclore, o imaginário fundador – de uns tempos idos em que o convívio entre humanos e outros seres reais ou fantasiosos (presenciados ou não em aparições, porém sempre vívidos, isso é verdade) era prevalescente em nossas jornadas e tomadas de decisão, diferentemente da modernidade ocidental em diante, em que se rompem antigos paradigmas para se buscar inovação, transgressão, mecanização e subjetivação.

Folclore é coletividade, modernidade é aprofundamento de subjetividades mesmo que múltiplas e complexas; folclore é repetição, modernidade é renovação; folclore é encantamento mágico, mo-

modernidade é valorização do conhecimento científico; folclore é tradição oral rítmica, modernidade é desmemória escrita; folclore é espiritualidade, modernidade é religião. Corro o risco de seguir uma linha dualista e simplificadoria dos termos, sei disso, mas é com a intenção de simplesmente brincarmos um pouco com esses contrastes, e lembrarmos que, se muitas vezes o folclore nos parece ingênuo ou anacrônico, talvez seja porque nós estejamos nos esquecendo de suas raízes míticas.

Nada mais mítico, na minha percepção, do que um grupo de pessoas confraternizando em roda. Aliás, essa imagem me trouxe a recordação de um período da minha infância (como uma garotinha cidadina) em que mais estive próxima do folclore na prática: dançava num grupo tradicional numa comunidade suíça em Helvetia, um bairro-satélite da minha cidade natal, com lenço na cabeça, vestido, avental e meiões, ao ritmo de melodias de diferentes cantões e no compasso de muitas rodas e ziguezagues. Posso afirmar hoje com segurança que todos aqueles paramentos e rituais me ajudaram muito a construir quem eu era e também quem eu não era, por identificação e diferenciação. Somos sempre só parte de algo, não é?, e o folclore contribui para nos mostrar e nos esconder espelhos.

Estar de mãos dadas e dançar ao som de instrumentos ancestrais por ocasião de uma farta colheita. Reverenciar conquistas da comunidade saudando espíritos da floresta e agradecendo por tudo estar como está. O folclore de qualquer país é a reunião de inúmeros elementos de significação e de reconhecimento, que marcam processos, escolhas, aprendizagens. Da música ao vestuário, da dança à literatura, da fantasia infantil à celebração grandiosa, da culinária à história contada ao redor da fogueira. São ricos os repertórios a serem estudados pelos folcloristas.

Nesse sentido, gostaria de partilhar com vocês, como sempre faço aqui na The Bard, alguns clássicos do folclore nacional, que incluem sabores da literatura adulta e infanto-juvenil.

O primeiro é “Dicionário do Folclore Brasileiro”, de Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), historiador e etnógrafo potiguar que dedicou muitos anos de sua vida ao laborioso percurso de recolher e analisar lendas e tradições da nossa história. A obra, estruturada em ordem alfabética, reúne muitas informações resultantes de pesquisas de campo e de fontes bibliográficas sobre cantigas, mitos e histórias populares do Brasil, sendo uma referência nesse campo de estudos. O saudoso Drummond graciosamente chamava o tal dicionário de Cascudo. Outra curiosidade é que a filha, Anna Maria Cascudo Barreto (1936-2015), seguiu alguns dos passos do pai, também formando-se historiadora e se destacando por seu pioneirismo no Rio Grande do Norte, tendo sido a primeira mulher a atuar em um júri no Estado, uma das fundadoras da Academia Feminina de Letras e ocupante de cadeira na Academia Norte-riograndense de Letras.



O segundo é a peça teatral “O Auto da Compadecida”, do dramaturgo, artista e poeta paraibano Ariano Suassuna (1927-2014). Apesar de retratar personagens populares típicos do Nordeste brasileiro, reafirmando o caráter regional das obras folclóricas, evidenciadoras de suas raízes mais genuínas, as muitas situações satíricas e as críticas e reflexões sociais, costuradas pela sabedoria própria de Ariano, fazem do “Auto” uma obra emblemática, eu diria até universal naquele sentido de livro contundente, que desvela condições humanas profundas. Esse mérito é mais que suficiente para que esteja aqui na nossa lista.



O terceiro e último é “O Sítio do Picapau Amarelo”, do escritor, editor e tradutor paulista Monteiro Lobato (1882-1948). Escolhi essa obra para a nossa conversa porque mescla personagens do folclore brasileiro, como Saci, Cuca e Lobisomem, com personagens modernas realistas, como as crianças Pedrinho e Narizinho, e fabulistas, como a boneca falante Emília, o que muito provavelmente tenha proporcionado, desde a época de seu lançamento em 1920, ao público de leitores infantis um primeiríssimo contato com o folclore e seu característico jeito de ser. Além disso, o Visconde de Sabugosa é um personagem da obra de Lobato que me tocou de modo especial mais recentemente (cá estou com outra bela recordação), porque meu filho foi convidado por sua professora do ano passado a ser o próprio Visconde na Feira do Conhecimento, que homenageava alguns personagens importantes da nossa literatura. Imaginem meu orgulho ao vê-lo de chapeuzão verde e franjas falsas de sabugo, todo feliz, explicando aos pais visitantes quem era ele.



Nossa incursão ao folclore poderia se estender, chegando a outros nomes relevantes no cenário, inclusive de autoras que acabei deixando sem o merecido destaque, como a querida jornalista e escritora carioca Cecília Meireles (1901-1964), que, paralelamente às atividades de poeta e pedagoga, atuou como folclorista, criando, por exemplo, entre 1926 e 1933 uma série de desenhos para estudar gestos e ritmos da cultura negra no Rio de Janeiro, e integrando a Comissão Nacional do Folclore. Mas certamente surgirão outras oportunidades de lhes dar espaço aqui na The Bard. Afinal, esse já é o nosso folclore.

Também não tratei das adaptações ultra contemporâneas das lendas tradicionais no universo do audiovisual. Filmes e séries de TV e streaming têm trabalhado personagens e enredos do nosso e de outros folclores, como “A Cidade Invisível”, com 2 temporadas, lançada em 2021, de criação de Carlos Saldanha e produção da Netflix. Muitos dos seres folclóricos velhos conhecidos nossos aparecem nessa releitura investigativa dramática. Mas foi o que eu disse. Para mim isso já não é bem folclore. Me deixa ainda mais distante lá daquela floresta, nada familiar, onde me sentiria assustadoramente perdida, sem saber se confiar ou não na travessura de um saci.

Até a próxima!



Por Vanina Sigrist



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



YOUTUBE



POST NO SITE



Coluna

Autopoiese & Narrativas

09



Stella Gaspar 

Stella Gaspar nasceu em João Pessoa, na Paraíba. Professora Universitária. Mestre, Doutora com Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Pesquisadora, escritora e poetisa. Ama escrever, aprecia as belas palavras e suas poéticas. Busca com seus escritos desvelar as belezas da alma. Lançou seu primeiro livro de poesias, em 2016: "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Também é autora de livros Técnicos nas áreas das Ciências Humanas. Coautora em várias Antologias. Atualmente escreve textos e poesias com diferentes temas no Blog da Editora Valleti Books. Colunista, pesquisadora e escritora da Coluna "Autopoiese & Narrativas", na Revista Internacional Internacional The Bard.

Para vocês;
Que acreditam nas transformações de nossas vidas.

Começamos ressaltando que a escrita tem mágicos relatos, narrativas e autopoieses e autopoderes com toques inspiradores nas nossas almas.

Com essa narrativa para a 20ª Edição da "Revista The Bard" desejamos que toques suaves e coloridos cheguem a seus corações, almas e suas imaginações.

O tema desta edição é encantador, sobre o Folclore brasileiro o qual nos inspira a pesquisarmos mundos e culturas. Então busquei o que nos desperta no viver.

"Cores & movimentos", nos traz o protagonismo das cores e dos movimentos humanos, especialmente as do nosso folclore, deixando nossos olhos deslumbrados, com as manifestações artísticas e culturais.

Então, sejam bem-vindos ao mundo das cores e dos movimentos com detalhes folclóricos da cultura brasileira, em meus escritos na Revista The Bard – Poesia, arte e música.

Boa leitura.

CORES & MOVIMENTOS

As cores e os movimentos retratam um conjunto de alegrias e belezas. Como exemplo, trazemos a ideia do caleidoscópio como um objeto que nasceu na Inglaterra nos primeiros anos do século passado. Seu inventor foi Sir David Brewster. Seu significado está no Grego antigo, unindo as palavras gregas kalos (= belo), eidos (= imagem). “Quer dizer” vejo “belas imagens”. Assim, é o nosso mundo criativo, imaginário, estético. Podemos produzir belezas com as nossas autopoieses a partir da liberdade que temos em contato com um mundo de cores e movimentos, vibrantes e fascinantes de diferentes linguagens em mundos possíveis e reais.

As cores e os movimentos nos integram com as funções emocionais, cenestésicas e orgânicas, de modo que todo esse colorido seja como um caleidoscópio em movimentos com efeitos harmonizadores com expressões artísticas como as representadas no mundo folclórico.

Retomando a questão de nosso escrito, acerca dos movimentos humanos integrados com as artes folclóricas e suas vivências geradoras de cores, vida e manifestações culturais, seus efeitos constroem energias de sentimentos que favorecem a integração humana evocando sentimentos nas pluralidades das vozes, cantos, movimentos com expressões verbais ou não verbais.

DESTAQUES DO FOLCLORE BRASILEIRO

Somos seres de emoções, de diálogos, um constante ir e vir entre o certo e o incerto. Desta forma, buscamos alegrias, artes, convivências e diversidades no nosso cotidiano.

Não mirar o indivíduo desde um horizonte somente cultural, ir mais, olhar as estrelas e perceber o Universo em nós, sentir que a vida é o princípio maior para cuidarmos da educação e do educando, somos todos nós. (Apud J.F. FILHO, 20015, P. 255).

Em se tratando de nossas construções de conhecimentos, a mesma está no nosso “aprender a aprender” ou seja, descobrir um caminho que seja nosso, daí o percorrermos com satisfação na busca de nossos sonhos, aprimorando-nos e sentindo o gosto do saber viver.

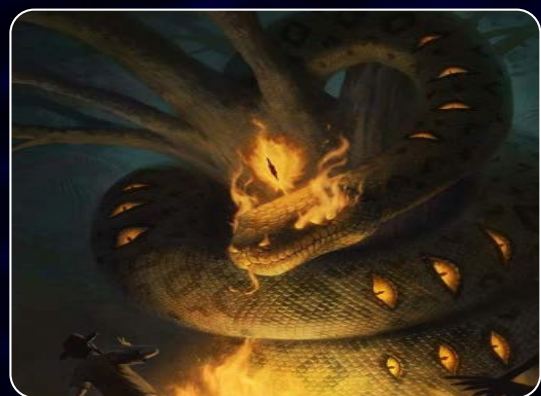
Cada um de nós cria um espaço de infinitas cores em nossas linguagens individuais, buscando compreender e entender os movimentos de nossas emoções, cognições, relações pessoais, procurando entendê-las em um mundo possível em permanentes movimentos e transformações.

Estas reflexões nos levam a refletir as funções das manifestações no segmento relativo às cores representativas das artes folclóricas em intersecção com as danças e movimentos.

Destacamos por exemplo a imagem do “Dragão”, conhecido como “O boitatá” que é uma lenda do folclore brasileiro. Sua imagem é a de uma cobra de fogo com muitos olhos e que protege os campos daqueles que tentam incendiá-los. O primeiro registro que se tem da “lenda do boitatá” foi feito por José de Anchieta, no século XVI. Essa lenda varia bastante de acordo com as regiões do Brasil.

O folclore brasileiro é muito rico, tendo sido formado a partir da influência de culturas de diversos povos indígenas, povos africanos e dos europeus, em especial dos portugueses.

Existem alguns aspectos culturais que já se mostraram universais. Mesmo em se tratando de distâncias geográficas como Brasil e China. sendo tão distantes geograficamente, ambos possuem elementos folclóricos que guardam semelhanças; como a associação de animais míticos com elementos da natureza. Sem intenção de comparar, destacamos dois seres lendários que guardam semelhanças entre si, um bem brasileiro e outro extremamente popular na China. O Dragão Chinês, é conhecido no Folclore brasileiro como “Boitatá”.



Clique e veja mais sobre "Boitatá"



Coluna

Autopoiese & Narrativas

A palavra Boitatá, em língua Tupi-Guarani, teria vindo da junção de “mbai” (cobra) e “tata” (fogo). Esse animal mítico teria origem na cultura indígena e seria uma cobra de fogo que protege a natureza.

Segundo alguns folcloristas, os negros africanos trouxeram suas crenças para o Brasil que falavam sobre uma entidade que habitava as águas profundas, cujo nome seria “Bia tatá”. Possivelmente, a lenda brasileira é uma amálgama de ambos.

Há variação em sua história, sendo que a mais comum descreve o “boitatá” como uma imensa cobra de fogo que vive nos rios e sai no momento que há invasores nas florestas para queimá-los.

“O primeiro registro que se tem do boitatá é de 31 de maio de 1560, em um relato escrito pelo padre jesuíta José de Anchieta. Na sua menção, ele falou de um fantasma que os índios chamavam baetatá, definindo-o como um “facho cintilante” que os matava, assim como era do feitio dos curupiras. Na tradução dada por José de Anchieta, baetatá significa “coisa de fogo”, palavra essa formada da junção de duas palavras do tupi: mbai, que significa “coisa”, e tatá, que significa “fogo”.

“A forma mais comum pela qual o boitatá é conhecido é a da cobra de fogo, mas a popularização da lenda no Brasil e sua difusão por outras regiões fez com que o personagem ganhasse características distintas de acordo com o local do país em que se está.

Entre as diferentes visões que se tinha do boitatá estão: os índios acreditavam que ele os mataria; em algumas regiões do Brasil, como no Rio Grande do Sul, falava-se que o boitatá matava e comia os animais que cruzassem o seu caminho; em outros locais, como Santa Catarina, ele é, na verdade, um touro com um olho gigantesco na testa.

Existem locais no Brasil que entendem o boitatá como a manifestação dos espíritos das pessoas que não foram batizadas. Essa descrição se entende

como uma influência europeia na lenda, pois, nesse continente, muitos entendiam o fogo-fátuo como a alma penada dos não batizados. Entretanto, a forma mais tradicional concebida desse ser em nosso folclore é como o protetor dos gramados naturais.

Além dessas variações nas características, o próprio nome do boitatá pode se alterar dependendo da região do país, conforme anteriormente citamos. Em alguns locais do Nordeste e Norte, ele é conhecido como batatão, já nas regiões mais ao Sul do Brasil, esse ser é chamado por nomes como boitatá, batatá e baitatá.”



Imagem de Lili Shih por Pixabay

COR & DANÇA

“Se o mundo brilha somos inundados por suas cores e formas. Suaves como as nuvens e brilhantes como o sol”. Stella Gaspar (2023).

As cores são fascinantes como um mar imenso sem fim. Elas inspiram poesias, movimentos e danças. Assim, são as cores, especialmente as do arco-íris trazendo após a chuva ares de esperanças.

- Para que servem as cores?

Parafrazeando Rubem Alves (2021, p. 156).
“Elas falam da simplicidade da vida, da linguagem sem fala e a das que nos falam. Da necessidade de nos deixarmos florir como os Ipês coloridos”.

Nesse aspecto, transcrevemos o pensamento de Gadamer (1998, p.93), quando diz que na obra de arte acontece de modo paradigmático o que todos nós fazemos em nossa existência: a construção permanente do mundo.

Um mundo pintado nas telas de nossas visões, em expressões construídas em nosso pensar, interagindo com as manifestações plurais.

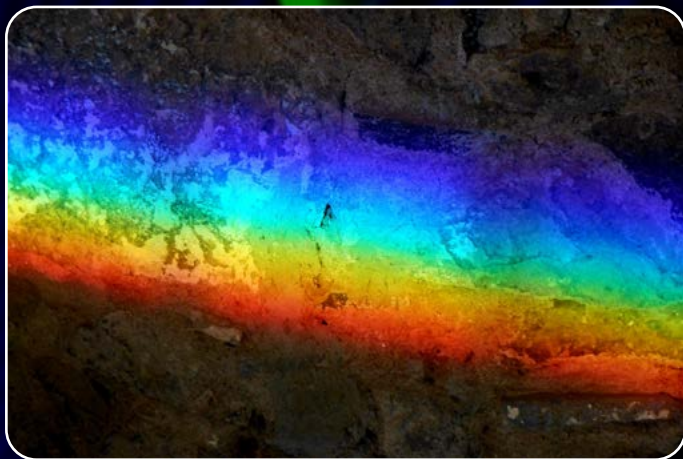


Imagem de kitti851 por Pixabay

Assim, as representações culturais como qualquer expressão humana, são capazes de traduzir sentidos evocando o desvelar de um poema, uma dança mediante o momento.

Um poema do folclore brasileiro

*É tempo de pular fogueira,
celebrar o folclore e a cultura brasileira.
É tempo de comer bolo de milho,
passar a tradição, de pai pra filho
É tempo de fortalecer a fé!*

Rafael Nolêto

Em junho começam os festejos juninos no Brasil.



Imagem de Romilson de Queiroz Supremo senhor do universo por Pixabay

As tradicionais fogueiras das Festas Juninas são herdadas das culturas greco-romanas e dos celtas. Esses povos cultuavam as fogueiras como forma de agradecimento aos deuses pelas boas colheitas. Essa prática também foi aderida no Brasil, fazendo com que esse item se tornasse mais um símbolo forte de festividade.



Coluna *Autopoiese* & Narrativas



Imagem de Eduardo dudu por Pixabay

Um mundo de alegrias, de criatividade, danças e cores com dias de temperaturas mais baixas, mas com o calor dos corpos em movimentos é tudo único e maravilhoso com comidas típicas, danças e conhecimentos regionais. O grande espetáculo folclórico junino é um evento de relevante importância para a região do nordeste brasileiro onde os gêneros musicais, acompanhados de bailados específicos, são uma tradição há séculos.

Mas, com certeza o mais popular dentre os ritmos e danças típicas nordestinas é o Forró, dançado não somente no nordeste, mas em todo o Brasil. Estilo musical dançado, junto ou separado. Ritmo que embala as festas juninas em todo país, o forró é mais uma herança africana incorporada à cultura brasileira. Pelo menos é o que diz o historiador e folclorista potiguar Luis da Câmara Cascudo.

A MISTURA PERFEITA

É uma paixão com somas e aproximações, sendo lírica e amorosa. A mistura perfeita da dança espalhando cores, movimentos e ritmos é uma bela linguagem corporal poética, um tempero somado aos sabores das alegrias, eternizando sentimentos. (Stella Gaspar, 2003).

O corpo em movimento com outro corpo em uma dança exige passos que guiem um ao outro que se deixam levar pelas melodias. Ficamos conectados por uma teia invisível.

Os festejos coloridos como narrados aqui deixam a imaginação desenhar nossa forma de expressar com o corpo as cores despertadas em nós. Isso nos encanta, cada um com o seu jeito de viver o momento. As cores são mágicas, as cantorias fervilham nos corações que de tão próximos cantam as músicas juntos. Lembramos dos festejos juninos de qual seja a região onde seus detalhes ficam na nossa memória afetiva e na alegria sentida.



Imagem de Daniel Ribeiro Cortat Arastoro por Pixabay

A data 24 de junho celebra o dia de São João, um dos principais santos juninos e um dos mais conhecidos santos católicos. Segundo a Bíblia, João Batista foi primo e contemporâneo de Jesus Cristo, exercendo um papel muito importante em sua história. O santo também aparece na obra do historiador Flávio Josefo, como uma importante figura histórica de sua época.



Imagem do Historiador Flávio Josefo



COLUNAS E COLUNISTAS

ASSIM CONCLUIMOS

Em mim aflorou muitas alegrias em poder ter deixado minha narrativa nessa edição para vocês leitores. Senti-me muito estimulada pelas vibrações das cores, dos movimentos e das lembranças dos festejos juninos.

Uma emoção em minha autopoiese, inspirando-me a cada palavra que escrevia.

Meu objetivo é de estimular desejos de vida com alegrias para todos, através das belezas trazidas pelo folclore brasileiro. Destacamos aqui as festividades, significados, o folclore na região nordeste...

Deixo o meu carinho e agradecimentos por sua companhia. Felicidades no plural.

Stella Gaspar



Imagem de Engin Akyurt por Pixabay

INSTAGRAM



POST NO SITE



Frases & Pensamentos

O tempo nos recompõe em nossas perdas, nossas reações, nossas cautelas e nossas próprias punições.

Adriana S. Araújo

O amor fala mais nas atitudes, que em um dicionário de palavras bonitas..

Ana Lins

Quando um poeta cria sua poesia é um alquimista das palavras e sentimentos, mas quando declama a poesia é um verdadeiro tradutor de almas.

Poeta Sabedoro

Em mil poesias nos encontremos nas esquinas de cada sílaba, nos ventos de cada advérbio, para escutar o sujeito em seus discursos e infinitos predicados... Mas furte-nos sempre, de nossos pontos finais.

J.B Wolf

Mestres são aqueles que conseguem despertar na vida de alguém o desejo de superação, motivação e sonhos para viver.

Francisco Martins

Saudade é a ferida com golpe de foi-se.

Rafael Pelissari

Amadurecer na fé é compreender que todo ser humano é suscetível as intempéries

Betânia Pereira

O tempo tem uma forma extraordinária de nos mostrar o que realmente importa.

Carla Garcia

“Deixa fluir... movimentando-se, trabalhando e pensando positivo, que o vento sopra a favor...”

Sidnei Capella

Em dias difíceis olho para o céu e encontro as estrelas. Em dias felizes, idem!

Edna Lessa

Frases & Pensamentos

Inteligibilidade no olhar é, no amor,
a mais absoluta libertação.

Renato Cresppo

Que o amor pelo próximo vire moda
e a empatia se padronize.

Iracelma Patrícia

“Às vezes uma derrota é a melhor coisa
que pode nos acontecer.
Afim, somos resilientes, e renascemos
cada vez mais fortes!”

Juliana Rossi

Contudo a vontade de ambos deve ser igual,
é necessário um equilíbrio de desejos.

Jaque Alenncar

“SUA FRASE AQUI”

Viver sem fervor é como vagar sem rumo.
Tenho certeza de que quando morrer serei
condenada pelo pecado do desejo, no entanto, não
morrerei envenenada pela indiferença.

Mia Koda

Nem tudo que aparenta ser ruim,
acaba com um final triste.

Sidnei Capella

“Olhando-me dentro de teus olhos,
eu vejo a dádiva maravilhosa do
desabrochar da vida, encontrada na
simplicidade das escritas dos poemas de amor”.

Stella Gaspar

Às vezes o espírito encontra paz nas palavras e às vezes
no silêncio. Seja qual for a via, a dor é inevitável; é im-
nente ao ser no processo de existir, de cura e evolução.

A mudança de perspectivas faz distrair o espírito d
o fardo deixando mais leve o viver.

__Assim diz um viajante do tempo__

Andre Ferreira

Vá atrás dos seus objetivos, mas aproveite a
caminhada. O trajeto é tão importante
quanto o destino final.

Rafaela Navas



E AÍ, QUAL É O FILME?

06



Lauro Henrique



Lauro Henrique - Editor, professor, escritor, crítico literário e palestrante, é mestre e Doutorando em Literatura pela UFSC, graduado em Letras – Português/Inglês. Atualmente é professor efetivo da rede estadual de ensino de SC e é o criador do Canal no YouTube “Literatura do Medo”.

E aí, qual é o filme?

Hercule Poirot, Dana Scully, Fox Mulder, L. Rorschach, Tintim, Sam Spade, Maigret, Batman ou o lendário Sherlock Holmes? Será você o próximo grande detetive?

Uma amizade complicada

Olá, prezados leitores! Chegamos em mais um desafio no qual a minha obrigação é dificultar a sua vida. Espero que tenham assistido aos outros filmes que deixei de sugestão, pois mesmo que não sejam exatamente de seu gosto, certamente eles conseguem trazer algum tipo de reflexão. A conflitante trama deste mês critica o que mais gosto de ver em filmes: exploração, amizade e solidão. E já temos a primeira dica!

Dentre os diversos personagens desta película, vou me ater a alguns específicos que ajudam no desenvolvimento da trama, porque infelizmente se eu enfatizar o principal, vocês já descubrem de primeira. O filme é mais uma história de amizade, exatamente como aqueles clássicos da Disney que você está pensando, Pinóquio, Toy Story e por aí vai. Uma história em que a amizade vai levar os personagens a se testarem ao máximo para mudar o destino de seus amigos. Como não se envolver em tramas assim?

Lembro, por exemplo, da emocionante história de Rei Leão em que o rei Mufasa e sua esposa apresentam seu filho Simba aos animais da floresta. Aquela cena clássica que o sábio Rafiki levanta o fi-

lhote em cima da pedra e todos os animais contemplam orgulhosos, menos o vilão Scar. Em suas tramas cheias de inveja e maldade, o ardiloso Scar consegue assumir o poder e se livrar de Simba o que dá continuidade ao filme chegando aos melhores personagens Timão e Pumba. Filme obrigatório, que dialoga com o enigma aqui proposto deixando a próxima pista: apesar da amizade de alguns personagens começar um pouco desengonçada por causa de seus gostos diferentes, ao final eles fariam qualquer coisa para ajudar uns aos outros.

Outro aspecto curioso destes filmes é o vilão, parece que muitos dos vilões tem aquele sistema de acreditar que estão sempre certos. Suas motivações vão das mais fúteis como ganhar muito dinheiro, obter poder, ou como nos clássicos vilões góticos casar-se com a mocinha indefesa. Em filmes infanto-juvenis pode ser aquele colega de escola que faz bullying, ou a menina(o) chato (a) que perturba o protagonista com brigas e intrigas só porque são infelizes com sua própria vida.

E na película aqui proposta não é diferente, o vilão é ardiloso, mentiroso, inescrupuloso, mas que no final das contas acredita que está fazendo o certo, lembrando que o vilão pode ser até mesmo um parente. Até certo ponto, posso dizer que crianças se assistirem este filme podem chorar, temos mortes, tragédias e alguma decepção, mas possivelmente uma das melhores obras feitas nesta linha crítica nos últimos anos. Quantos diretores tentam expressar a

perda de entes queridos, amigos, familiares, dentre outros, articulando tramas complexas e cheias de efeitos cinematográficos, quando pequenas atitudes e gestos conseguem transmitir muito mais em curtas e bem pensadas cenas.

Não precisamos ir tão longe, pensemos no filme Wall-E, em que o personagem principal não fala. Logo ao início, observar o pequeno robô sozinho coletando lixo numa rotina infinita gera uma enorme reflexão sobre solidão. São tantas cenas épicas junto da feroz crítica contra o caminho que a humanidade está tomando que é fácil associar a nossa realidade. O que fez o ser humano diante do problema de lixo na terra foi fugir para o espaço, e a resposta para o enigma aqui proposto parte justamente do questionamento das escolhas que o ser humano faz diante dos problemas.

Um animal abandonado ao relento, uma criança com fome, excesso de lixo, problemas que viraram rotina em grandes centros, não mais abalam o ser humano. A resposta para o enigma deste mês

é justamente esta, fugir dos problemas ou enfrentá-los? O personagem principal deste filme assume este papel, lutar contra o tempo e consertar os erros do passado e as mágoas deixadas com seus familiares. Despeço-me agora de você leitor, deixando esta última pista, muitos dos personagens deste clássico estão nesta posição, enfrentar uma injustiça, proteger quem ama, perdoar-se e seguir a vida, ou voltar à raiz do problema e tentar arrumar tudo. Alguns vão conseguir, outros vão perceber que nem precisavam...



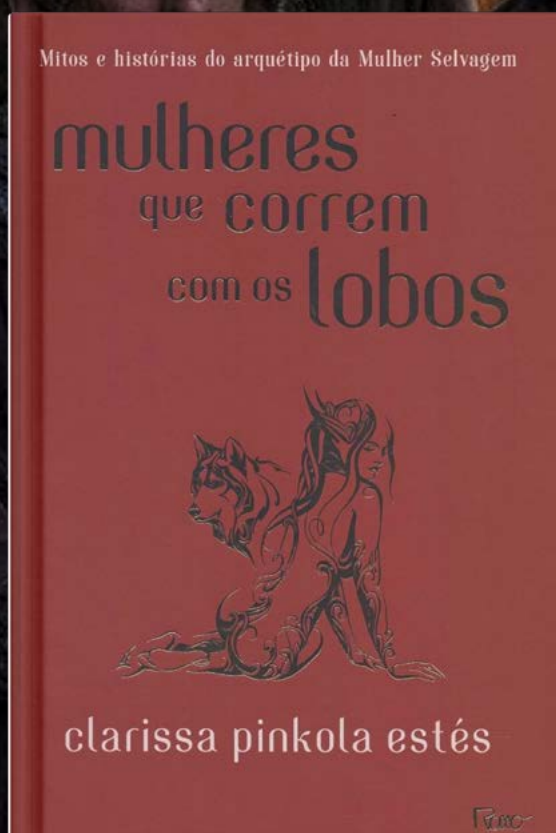
SITE

Clique no botão e participe



E AÍ, QUAL É O FILME?

PRÊMIO



**Mulheres que correm
com os lobos**

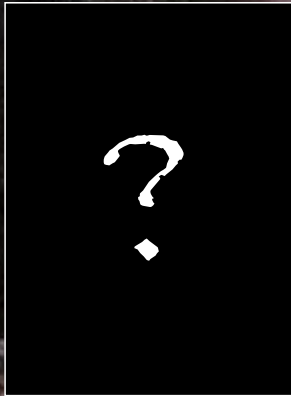
Clarissa Pinkola Estés

**Quem vai acertar o filme e ganhar
o livro da Clarissa Pinkola Estés?**

PARTICIPE!!!!

REVISTA THE BARD EDIÇÃO MAI/JUN 2023

E aí, qual é o filme?



RESPOSTA EDIÇÃO ANTERIOR

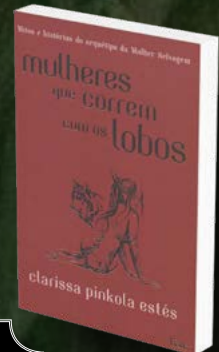
E AÍ, QUAL É O FILME?

REVISTA THE BARD EDIÇÃO MAI/JUN 2023



O HOBBIT

Acumulou



**NÃO HOUE
GANHADOR**

CONHEÇAM O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

SITE

YOUTUBE

INSTAGRAM



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO





EDIÇÃO JULHO & AGOSTO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2023



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2023**

PERÍODO DE 10 DE JULHO À 09 DE SETEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

História das Artes

13



Betânia Pereira



Historiadora/Enfermeira

Funcionaria Publica Estadual.

Pós-Graduada Em: Historia Do Brasil(Uema);

Saude Da Familia (Faesf);Terapia Intensiva (Facema).

Folclore

Folclore penso eu, é identidade, cria vínculos e é a base para conhecermos nossas origens. Ao iniciar esse artigo me veio vários questionamentos a respeito da importância das tradições e o quanto elas têm sido (não vou ser fatalista, acredito que não são perdidas) substituídas, desvalorizadas, desacreditadas pelas gerações instantâneas (famosa geração líquida). Decidir te instigar também a se questionar e pesquisar a respeito de tradições não mais vividas no meio de nós e acredito que você que agora está lendo irá igual a mim, ter lindas lembranças de grandes manifestações folclóricas vistas e vividas por você e foram deixadas para trás e poderá até ler aqui ou pesquisar a origem de algumas.

Sou da geração da batata-doce e da abóbora assada nas fogueiras, dos terços com café com bolo, do medo da cobra que mora debaixo da igreja matriz e quando se pergunta se alguém ainda faz ou vive algumas, dessas coisas, lhe respondem com um: o que é isso? Pois, é, mas além da definição usual de Folclore que conhecemos de livros e sites da internet, quando te questionam a respeito do tema o que te vem à memória? Sabemos que folclore se constitui num conjunto de mitos, crenças, histórias populares, lendas, tradições e costumes que são transmitidos de geração em geração e integram a cultura popular. As

manifestações folclóricas ajudam a ler a história e caracterizam a cultura de um povo.

No entanto, quando penso em folclore logo me vem à imagem a minha mente das bandeirinhas coloridas, agito das festas juninas do Maranhão, do nordeste na sua totalidade onde as manifestações folclóricas se mantêm vivas, do beiju com coco babaçu e tantas comidas típicas. Festas e danças tradicionais como bumba meu boi, cacuriá, tambor de crioula entre outras são revividas pelo povo durante um mês inteiro, nos meses de junho e julho o cenário de capitais e interiores se transformam. Lembrando que se faz também uma grande fonte de renda para municípios e para autônomos. Não poderia iniciar esse artigo de outra maneira que não fosse citando o folclore tão rico do estado que habito, onde as festas Juninas figuram entre as maiores do Brasil.

O folclore maranhense é rico, com notória influência portuguesa nos costumes, na língua e nos hábitos; do elemento negro nas danças, folguedos, culinária, música e repiques dos tambores; do índio, no balanço da rede, banho diário, mitos e simplicidade. A partir meio de junho, São Luís, a capital, tem sua rotina alterada devido aos vários arraiais espalhados, oferecendo apresentações gratuitas e quitutes típicos nas barraquinhas. O Arraial da Pra-

ça Maria Aragon é um dos destaques. Não diferente do restante do Brasil, que se compõe um conjunto de expressões culturais populares que englobam aspectos da identidade nacional: diversificado e conta com atributos das culturas, portuguesa, africana e indígena. É a junção de lendas, contos, mitos e histórias sobre criaturas e seres fantásticos que habitam o imaginário dos povos tradicionais de diversas regiões do país. Apesar dessa riqueza, o folclore só começa a figurar nas narrativas oficiais a partir do século XIX. Com Mário de Andrade e a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), o folclore ganha um aspecto mais acadêmico.



Imagem de Luanymalu por Pinterest - Bumba meu boi

Os cinco cantos do Brasil guardam muitos mistérios. Um país tão diversificado na cultura, com influências negras, indígenas e portuguesas por toda a parte, só poderia criar lendas e mitos riquíssimos. Vamos conhecer um pouco mais do folclore de cada região brasileira? Iniciemos pela região norte, citaremos apenas algumas lendas.

Região Norte

A lenda do Boitatá fala de uma cobra gigante que vivia em repouso no tronco de uma árvore da floresta. Conta a Lenda do Boto que ele vive nos rios da Amazônia, sai nas primeiras horas da noite e se transforma num lindo jovem vestido com roupas brancas. Já a lenda do Curupira diz que ele é uma entidade que protege a fauna e a flora da floresta. É conhecido por ter os pés voltados para trás. Temos também a lenda da Iara, uma sereia que atrai os homens com seu canto mágico. Ela leva as pessoas para o fundo do rio. Os homens sempre são atraídos pela beleza de Iara.



Imagem de Google - Boto rosa

E por último temos a lenda da vitória regia. Lenda indígena e amazônica, ela é originalmente uma índia que se afogou após se inclinar no rio para tentar tocar o reflexo da Lua. Para os índios, a Lua era Jaci, deusa da Lua na mitologia tupi, que transformava as índias que escolhia em estrelas.



Região Nordestina

Iniciemos pelas danças: temos o frevo: dança e música do carnaval em Recife, de ritmo agitado e impetuoso. A sombrinha usada pelos pernambucanos durante o frevo era usada pelos escravos, que utilizavam bengalas de madeira, para atacar, se defender.

A capoeira é um misto de dança e luta, tudo leva a crer que tenha sido criada e desenvolvida no Brasil pelos escravos e seus descendentes, como meio de defesa, com base em tradições africanas, pois as referências populares e de estudiosos sempre mencionam as capoeiras de Angola e Regional.



Imagem de rio.com por Pinterest - Capoeira

Religião-Candomblé: Esta já é uma tradição na Bahia, em homenagem ao deus Oxalá que, no sincretismo, representa Jesus Cristo. No início da colonização, os rituais do candomblé eram praticados nas próprias senzalas e nos terreiros das fazendas, onde trabalhavam os escravos africanos e seus descendentes.

Festas — Festa de Iemanjá: Dia 2 de fevereiro é dia de festa na terra e no mar para reverenciar Iemanjá. A deusa dos oceanos é homenageada todos os anos pelos baianos e turistas que lotam as ruas e praias do Rio Vermelho.

Literatura-Literatura de Cordel: É um gênero derivado do romancelo europeu que se desenvolve desde o tempo de Carlos Magno. O nome “Cordel” vem dos varais improvisados com cordinhas para pendurar os folhetos com versos que relatam acontecimentos dramáticos do cotidiano da história política, ou reproduzem lendas e histórias. Os folhetos são impressos em papel barato e ilustrados com xilogravuras e encontrados principalmente no Nordeste e nas cidades para onde houve grande migração de nordestinos.

Tradições-Reisado: Autopopular profano-religioso, formado por grupos de músicos, cantores e dançadores, que vão de porta em porta, no período de 24 de dezembro a 6 de janeiro, anunciar a chegada do Messias, homenagear os três Reis Magos e fazer louvações aos donos das casas onde dançam. Sua principal característica é a farsa do boi que constitui um dos entremeios ou entremeses, onde ele dança, brinca, é morto e ressuscitado.

Região sul

A tradicional Oktoberfest de origem germânica é comemorada no Brasil principalmente nas cidades de Blumenau (SC), Santa Cruz do Sul (RS) e Santa Rosa (RS). Nas festanças, existem festivais de cerveja, shows, desfiles, gastronomia variada e ainda danças típicas.



Imagem de Google - Oktoberfest

Tem também a festa da Uva que representa a colonização italiana. As comemorações são realizadas no mês de fevereiro e contam com exposições de uvas e vinhos, além de desfiles e espetáculos. Na festa de Nossa Senhora dos Navegantes que é realizada no Rio Grande do Sul, tradicionalmente existe uma procissão na qual a imagem é levada ao santuário.

Danças — A Dança das Fitas é uma das principais da Região Sul e consiste em um mastro de aproximadamente três metros que possui várias fitas atreladas. Na coreografia, os dançarinos giram em torno do objeto segurando as fitas. Já a Chimarrita, outra dança típica da região, possui um ritmo animado e os dançarinos seguem em pares.

Por fim, a Chula, que consiste em uma dança masculina em que os participantes dançam em torno de um bastão de madeira.

Lendas — A Região Sul possui lendas que passam de geração a geração. Essas histórias são muito populares e algumas se tornaram conhecidas até mesmo em outras regiões. Como o Saci Pererê é um dos personagens do folclore brasileiro mais conhecidos. Poucos sabem, mas a lenda do menino negro, sem uma perna e trapalhão, surgiu entre os povos indígenas da Região Sul do Brasil. Também a do Negrinho do Pastoreio — lenda criada no Rio Grande do Sul, quando se finalizava o século XIX.

Região sudeste

A Região Sudeste possui diversas festas que caracterizam o local. Uma das mais conhecidas é o Carnaval, que conta com grandes desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro e São Paulo. Dentre outras festividades da região estão a Festas Juninas, a Folia de Reis, a Festa do Espírito Santo e o rodeio. Vale destacar que algumas festas da região, como o Carnaval e a Festa Junina, apesar de serem típicas do local, são festejadas em praticamente todo o país.



Imagem de Brazilecotour por Pinterest - Carnaval

Danças — Entre as danças da Região Sudeste, podemos citar a cana-verde, a quadrilha e o fandango.

Lendas — Existem lendas da Região Sudeste que são comuns em todo o país, assim como outras que são de caráter mais regional, como a lenda de Chico Rei e O cavalo invisível. Segundo a lenda do Chico Rei, ele era o rei de uma tribo no Congo, mas foi trazido para ser escravizado no Brasil. Conseguiu comprar sua alforria com o seu trabalho e se tornou “rei” na cidade de Outro Preto (MG).

Já na lenda do Cavalo Invisível, diz que o mesmo passa tarde da noite em janelas de pessoas descrentes, que não seguem as tradições da ressurreição e vitória de Cristo.

Região Centro-Oeste

A Cavallhada é uma das festas mais conhecidas da região. Com a duração de três dias, conta com a encenação de uma batalha medieval realizada ao ar livre. Um grupo de cavaleiros veste azul, representando os cristãos, enquanto o outro veste vermelho, representando os Mouros. O Fogaréu é realizado na



Cidade de Goiás e se trata de uma procissão que encena a prisão de Jesus. O evento é realizado na Semana Santa.



Imagem de Google.pt por Pinterest - Cavalhada

Danças — Algumas danças principais marcam presença, como a siriri e o cururu. A siriri é dançada por homens e mulheres. De cunho religioso, é coreografada ao som do ganzá do mocho e da viola de cocho (instrumento reconhecido como Patrimônio Nacional da região). Já o cururu é dançado exclusivamente por homens. Também de cunho religioso, encontra-se principalmente nas Festas do Divino Pai Eterno. Nos eventos, as danças são realizadas ao som da viola de mocho, reco-reco e ganzá.

Lendas — Dentre as principais lendas da Região Centro-Oeste, pode-se citar a do Romãozinho, Pé de garrafa e da Mãe do Ouro. Segundo a lenda, o Romãozinho é um garoto que maltrata os animais, destrói as plantas e assusta as pessoas. O Pé de Garrafa é um ser que possui o corpo repleto de pelos e tem o pé na forma de uma garrafa. Segundo a lenda, só consegue combatê-lo quem atingir o umbigo da criatura. E por último A Mãe do Ouro é um ser que



vive nas minas de ouro no coração do sertão brasileiro. Segundo a lenda, ela protege as jazidas de metal e os tesouros, para que não sejam encontrados por pessoas erradas.

Divulgar as tradições, costumes, festas e ritos populares é fundamental, por significar o valioso patrimônio das diferentes culturas que existem e existiram no mundo. Com isso enriquecemos nosso conhecimento cultural e maximizamos nossa visão global. Devemos aprender a venerar o que é nosso sem subestimar o que é dos outros. Assim asseguramos a perpetuação das tradições culturais que revelam nossa identidade.

Abraços na alma!

Betânia Pereira.

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM



BLOG

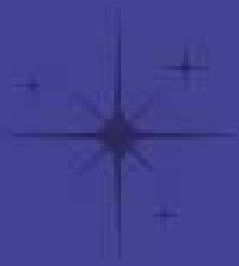


LINKS



POST NO SITE





REVISTA
THE BARD
POESIA, ARTE E MÚSICA

**Quer aprender tudo
sobre Literatura?**

A JORNADA DO



ESCRITOR

o seu livro na mão do seu leitor

CLIQUE AQUI





Escreva contos e torne-se um escritor

Curso COMO
ESCREVER
CONTOS 2.0



Acesse aqui





VIDA DE AUTOR

12



Lilian Stocco



Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo, “Os Sete Segredos” finalista do concurso Best-seller startups 2019. Fotógrafa e autora de 15 fotolivros com as belezas naturais e culturais do Brasil e do mundo. Atualmente está envolvida em 8 novos projetos de escrita, é participante da “Vivendo de Inventar” grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários – SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), “Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes” (Insight Editorial). É a idealizadora da “Série Indica” onde divulga gratuitamente autores nacionais. Recentemente foi convidada para participar como colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor”, e do quadro “Geração Indica” (Pelo grupo Geração Literária).

Com o advento da internet e a evolução e expansão das redes sociais os autores, como todo o mercado no geral, tiveram que se adaptar. Para essas adaptações foram necessários compreender os gatilhos e ferramentas que as novas plataformas de entretenimento oferecem. Análises como: público de interesse, nicho de mercado, conteúdo e melhores horários para postagens, começaram a fazer parte do dia a dia dos escritores e escritoras nacionais. Do dia para noite os autores nacionais tiveram que incrementar suas páginas com ferramentas e estratégias de marketing e publicidade. Se você está nesse turbilhão de informações do que postar no “Reels” ou qual música colocar no “TikTok”, me acompanhem. Vamos desvendar os mistérios das redes sociais juntos!

O autor e a rede social

Quem me dera se, após a conclusão da escrita do livro, suas correções, registros e artes, tudo estivesse pronto. Quem me dera! Essa é só a ponta do iceberg. Depois da conclusão da escrita do livro, vimos nas edições anteriores que o caminho só está começando e, é exatamente esses desafios, que estimulam os autores nacionais a desbravarem novos mundos.

E falando de mundo, hoje vamos começar – e quando digo começar, é começar mesmo – a desvendar os segredos e truques das redes sociais e sua importância para o autor criar “identidade e autoridade” no mundo da escrita.

Realizar postagens, fazer vídeos curtos, vídeos ao vivo, curtir, comentar, compartilhar e não esquecer de ativar o sininho. Essas tarefas podem te enlouquecer. Então deixarei algumas dicas preciosas

para deixar sua vida de escritor nas redes mais fácil. Antes de sair fazendo um monte de postagens responda as perguntas abaixo:

1. Quem é você como autor/autora?
2. Qual imagem você deseja passar para as pessoas e para os leitores?
3. O que você deseja oferecer para as pessoas e para os leitores?
4. Quem são os seus leitores?
5. Quais conteúdos você deseja mostrar em sua página?
6. Qual/Quais redes sociais você terá tempo de alimentar diária/ semanalmente?

O autor e a rede social

Por Lilian Stocco

Com essas questões rascunhadas em um papel, você pode começar a definir seu perfil nas redes sociais e seu planejamento de postagens.



Imagem de Yplestocker por Freepik

Dependendo do que você deseja postar/divulgar para seus leitores e público em geral, você pode utilizar ferramentas para criar anúncios e postagens, por exemplo: com o aplicativo “Canva”, ou mesmo os programas do pacote “Adobe”. Além de programas e aplicativos, cada celular vem com alguns programas de edição de imagem e vídeo, que você pode testar e utilizar. Se você não tem a mínima ideia de onde começar a criar suas postagens, você pode comprar pacotes de postagens prontos, ou contratar um profissional da área de Design para alinhar suas postagens e publicações ao seu nicho de leitores.

Uma dica preciosa é se inspirar em autores e autoras do mesmo nicho que o seu e ver como eles trabalham suas postagens, mas é como eu disse: para se “inspirar”, combinado?

Quando as perguntas estiverem respondidas, sua página criada e as postagens e vídeos estiverem prontas para ganharem as redes, não esqueça de fazer um cronograma de postagens e usar e abusar das opções de agendamento de postagem que algumas plataformas oferecem. Dessa maneira você não ficará postando loucamente todo dia, mas ficará inte-

ragindo um pouquinho a cada dia com as postagens automáticas que você já programou.

É nessa questão que os autores precisam se atentar, as “INTERAÇÕES”. Não basta postar, precisa interagir. Se você deseja que o público conheça seu trabalho, você precisa divulgar e conversar com as pessoas, interagir nos comentários, criar carisma e empatia, afinal seus leitores gostam do “seu jeito de ser”, das suas histórias e da forma como você trata as questões sociais. Abuse das interações, compartilhamentos e comentários.

E as lives? Eu terei que fazer lives e vídeos ao vivo?



Imagem de DCStudio por Freepik

Não, se você não quiser, ou se sentir muito pressionado ao ficar em frente a uma câmera, você não precisa fazer. As lives e vídeos são portas de divulgação muito potentes, mas é necessário um bom preparo para iniciar lives. Para algumas pessoas é muito natural gravar vídeos ou fazer lives, já para outras é bem difícil. Então respeite seus limites. Se você quiser experimentar participar de uma live, mas não quer começar uma sozinha, então opte por entrar em lives em coletivos de literatura, poesia, onde cada autor terá alguns minutos para falar do seu texto, ou recitar sua poesia. Dessa forma você começa a ganhar experiência e ficar mais à vontade para criar seus conteúdos por vídeo.





VIDA DE AUTOR

Para facilitar segue algumas indicações de grupos literários do Instagram para vocês conhecerem e compartilharem novas ideias com os demais autores:

- *@the_wolf_bard* – participe das campanhas, divulgação de autores pela vitrine, da revista e das postagens interativas semanais.
- *@mulheres.e.poesias* – participe dos desafios de escrita e das lives
- *@culturamilanesa* – participe das lives, divulgação, lançamentos e do microfone aberto às quartas-feiras às 20hs
- *@somosilegais* – venham curtir as produções do coletivo de autores e os desafios literários.
- *@achadosclube* – lives semanais com divulgação de autores nacionais e entrevistas.
- *@geração.literaria* – Divulgação, entrevistas, venda dos livros, lançamentos, lives e leitura de trechos de autores nacionais.
- *@autoresal* – lançamentos de coletâneas e desafios semanais de escrita aberto a todos.

E se vocês quiserem entender, bem direitinho, o que “não fazer como autor”, segue uma super indicação, muito bem-humorada:

Livro: Como se tornar um escritor malsucedido – 182 dicas infalíveis para irritar ou afastar os leitores sem fazer força – Pelo ponto de vista do escritor ultrapassado, worstseller Sr. C.Gueta. Publicação independente da – Sociedade de Autores Literários - SAL

Disponível pela Amazon na página:



CLICK AQUI

Como vocês viram, essa é só uma pequena amostra das oportunidades de divulgação on-line que os autores têm à sua disposição. Ainda tem muito mais pessoal para se aproveitar nesse mundo das redes sociais.

E aí? Gostaram das dicas? Isso é só o começo, mas na próxima matéria podemos continuar falando sobre o autor e sua identidade/autoridade nas redes sociais.

Aguardo vocês na nossa próxima edição!

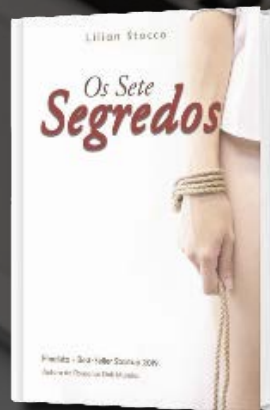
O autor e a rede social

Por Lilian Stocco



COLUNAS E COLUNISTAS

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO, VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

PUBLICAÇÕES

FOTOGRAFIA

DESIGN

INSTAGRAM

POST NO SITE



RECITA-ME

14



Rick Soares



Carlos Henrique Soares Barboza (Rick Soares), nasceu em 1988 em Recife/PE onde reside até hoje. Começou a escrita literária de maneira despreziosa, mas com o tempo lhe tomou a alma. Lançou o seu primeiro livro no ano de 2022, "Só Ares Poéticos - ao vento", pela editora Valleti Books e teve participação nas antologias: "Quando a voz cala, a poesia fala", "Taverna Poética - Entre o vinho Byroniano e o Ultrarromantismo Moderno", "Conto por Conto Sentimento Maternal" e "Deixe-me Transbordar".

AROMA

Se o mesmo vento que passa em teus cabelos
por um instante tocasse meu rosto,
me levaria à sombra do teu corpo
como um rastro em cada chão que pisas.
Assim seria eu guiado pelo vento aos teus passos.

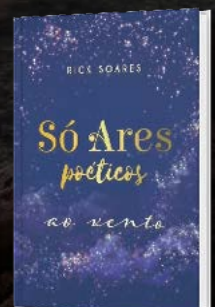
E se ao chegar perto de ti,
te voltares para ver quem a ti segue,
eu diria que viajei por caminhos
que nunca havia visto antes de tão belos que são.

Porém não me peças pra voltar,
Que o caminho tornou-se passado.
Estar diante de ti é o presente que só agora vejo,
pois outrora, eram meus olhos vendados.

E por sentir esse vento em meu rosto amargurado
por caminhos tristes que havia percorrido
no passado, sem ter sido percebido nem notado,
não me peças pra voltar àquele lado.

Apenas vai! Segue teu caminho
e não fala nada.
Deixa-me com a certeza de que essa jornada conquistei
pelo simples fato de ter te encontrado.

**ACESSE A VITRINE
THE BARD**



[Clique aqui](#)

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Rilnete Melo



ESTRO POÉTICO

Basta-me um olhar
Mesmo pela janela,
É lampejo na mente
Ou uma rima singela

-E eu vejo lá fora a poesia

Porta que se abre no papel
Em tempos ofuscados
Com vestes coloridas
Enfeitando a nua realidade

-Tento salvar a tarde fria

Transbordo em fração de segundo
O desejo quase imaterial
De mudar o mundo
Na ponta do lápis

- Saudades do ontem, eu diria

Tranquiliza-me os versos
A espalharem-se
Em forma de oração
Sobre o chão que vejo
Em guerra,
Sem fé,
Na dor,
Sem pão,
Sem direção

- Escrevo para suportar outro dia...

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Juliana Rossi



MANIA DE VOCÊ

Só quero nós dois
Hoje amanhã e depois
Por que a sua companhia
É minha mais nova mania
Você me dá água na boca
E facinho me deixa louca
É só você que me cura
Dessa intensa loucura
Não tem jeito, não tem saída
Pois logo mais tenho uma recaída
Dessa mania de você!

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta

Paulo Henrique



[AS FLORES TÊM ALMA]

Quando eu morrer
Não quero tristezas
Não quero muito choro
Quero a alegria de um sorriso
Quero que me mantenhas vivo.

Quero um punhado de rosas e flores,
Quero a terra de onde eu nasci
Cobrindo meu corpo,
Abençoando a minha alma
Quero sentir a calma de onde eu vim.

Não quero tristezas
Eu amo a vida
E na verdade eu nem sei o que vem
Depois daqui,
Quando vier o descanso

Quando eu morrer
Eu quero a poesia viva

Pois a poesia que habita em mim
Nunca morrerá.
Então, eu nunca morrerei
Eu serei poesia.
Um verso solto,
Que avoa por aí
Na barra do dia.

Não quero o preto no tecido
Vestindo a minha preta cor
Nem a tua,
Então, eu quero a paz.

Quero a bênção de minha mãe
E morar no rio da saudade
Assim como a saudade sempre
Ecoou em mim.

Eu quero a simplicidade da vida
Poetizando a minha morte
Os pássaros rimando-me os versos.

A minha carne?
Eu nem sei
Eu quero a poesia desgarrada da pele

Quero o abraço quente do meu filho
Com a certeza de que aprendemos a
perdoar todos os dias.

Quero sentir a canção dos bons momentos
Eu quero as lembranças soltas,
Sem arapucas, sem armações
Eu quero a poesia viva.

INSTAGRAM



RECITA-ME



POST NO SITE



RECITA-ME

Poetisa

Edna Lessa



O CONCERTO DO AMOR

Os sentimentos se fundem
como instrumentos solistas
num concerto musical,
A orquestra segue ao som do violino.

Meu olhar arisco percorre o salão
O coração andarilho explora sensações
De um torvelinho de emoções que gritam
E encontram compasso na música que soa

Ofereço a minh'alma um banquete musical
O violino estridente e agudo ecoa dentro de mim
Como um belo Stradivarius numa apresentação áurea
Orquestrando o amor que liberta e me guia
Ao encontro de minha própria melodia.

INSTAGRAM



RECITA-ME



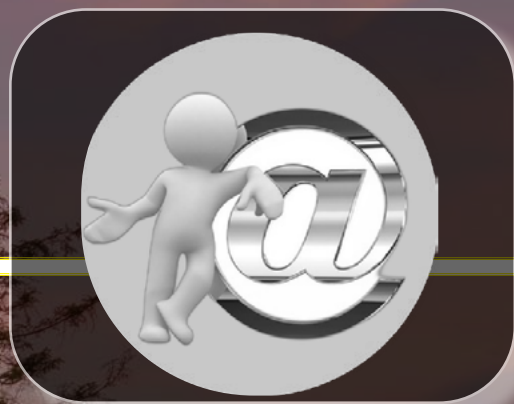
POST NO SITE



RECITA-ME

Poeta/Poetisa

Seu nome aqui



TÍTULO DO SEU POEMA AQUI

Seu poema aqui

NV

SAIBA COMO PARTICIPAR
ACESSE O EDITAL, ESCOLHA A CATEGORIA
E O E-MAIL RECITA-ME E ENVIE O
SEU RECITAR



SEU POEMA RECITADO AQUI



COLUNAS E COLUNISTAS



Música

11



Rafael Pelissari



Rafael Rosseto Pelissari é terapeuta em medicina bioenergética vibracional. Mestre em Reiki e Tao Yin, Rafael também é poeta, artista plástico, acupunturista, radiestesista, musicoterapeuta, cromoterapeuta, especialista em terapias naturais e balanceamento de centros energéticos. Rafael também é luthier e artesão de instrumentos ancestrais, Formado em engenharia elétrica pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, o também professor e palestrante Rafael é difusor do Tao Yin no Brasil, além de divulgar o vasto conhecimento ancestral através de livros, cursos e oficinas.

A MÚSICA E A POESIA

Parte I: História e Conceituação inicial

Saudações caros(as) leitores(as)!

É com enorme satisfação que começo a esboçar sobre esse tema que há tempos tenho o desejo de abordar aqui na coluna musical da nossa amada revista – a música e a poesia. Creio que seja prudente, de antemão, deixar claro que o tema é extremamente profundo e que também traz diversos desdobramentos. Logo, dividirei este artigo em pelo menos duas partes, quiçá com uma terceira que porventura possa de alguma forma vir a ser uma “conclusão”.

Essa ressalva que descrevi no primeiro parágrafo se deve muito ao fato de que “poesia” se tornou algo muito além de um gênero literário. Como “poesia” além da conceituação clássica de ser a arte de compor através de versos, um modo de expressão artística caracterizada pelo uso de regras, de sons ou de estruturas sintáticas específicas, bem como o gênero literário correlato, o termo “poesia” ao longo do tempo também assumiu o sentido figurado de ser a característica do que se define pela beleza e pela sensibilidade – a poesia na fotografia, na música e etc.

Já a música, até pouquíssimos anos atrás e de maneira extremamente resumida, sempre esteve associada à combinação ordenada e racional de sons, sendo o som musical uma emissão vibratória, com frequência bem definida, capaz de ser captada pelas limitações fisiológicas do ouvido humano. Também por meio desta definição, ainda que simplória, podemos nos remeter a ideia de instrumentos musicais afinadíssimos e bem tocados por músicos, que passaram anos num conservatório musical, aperfeiçoando-se no instrumento escolhido. Já na contemporaneidade a música assimilou novos significados e o que era considerado ruído, hoje entende-se também como música, o que faz com que o conceito de música se torne mais amplo.

Dessa forma, quando pensamos em música segundo o conceito contemporâneo, podemos afirmar que a música sempre existiu eventual e aleatoriamente na natureza. Os sons produzidos pela natureza transmitem sentimentos e energias às pessoas, que param para observar e escutar o grande musical produzido pela natureza, como já escrevi em artigos anteriores aqui da nossa revista. O som do vento cortando o ar e balançando as folhas das árvores; o som

das águas calmas de um riacho ou o barulho de uma corredeira e de uma linda cachoeira, o som dos mais variados pássaros, os animais que vivem nas matas e que utilizam diferentes sons para se comunicarem, no mar as baleias e os golfinhos também emitem sons e se comunicam por meio deles. A natureza oferece música graciosa e linda que nem sempre as pessoas sabem apreciar. A natureza além de musical, é poética, o ambiente e tudo que envolve o universo natural são poético-musicais. O homem como ser integrante da natureza também é um ser musical nato.



Como um grande exemplar neste sentido, cito o poema musical “A Casa” do grandioso poeta Vinícius de Moraes, que além deste poema musical também escreveu diversas outras músicas e poesias com temas infantis que marcaram várias gerações e que ainda hoje são muito utilizadas pelos educadores, sejam eles professores ou não.

A CASA

*Era uma casa
Muito engraçada
Não tinha teto
Não tinha nada
Ninguém podia
Entrar nela não
Porque na casa
Não tinha chão
Ninguém podia
Dormir na rede
Porque na casa
Não tinha parede
Ninguém podia
Fazer pipi
Porque pinico
Não tinha ali
Mas era feita
Com muito esmero
Na rua dos Bobos
Número zero.*



A arte tem servido ao ser humano para expressar seus sentimentos, sendo a música, a mais popular das artes. Para fazer música basta abrir a boca e cantar, bater palmas ou pés, assobiar ou murmurar; ao lembrarmos da infância quando a mãe e/ou o pai cantavam cantigas de ninar, e os bebês tentam reproduzir a música, mas só se emitem ruídos, esses ruídos são as primeiras músicas cantadas, ou pelo menos, as primeiras tentativas musicais. A criança, quando adquire suas primeiras palavras, é capaz de memorizar pequenos trechos e melodias e é neste momento que a música se torna uma grande aliada da educação, pois, através de letras e melodias de fácil assimilação para a criança, pode-se ensinar novas palavras, histórias e a cultura do lugar onde se vive. As cantigas de roda e as parlendas, por serem fáceis de cantar são aprendidas **facilmente pelas crianças, que além de aprenderem a se divertir com elas, também de maneira intrínseca são apresentadas ao universo da música e da poesia.**





Percebemos a capacidade de desarticulação do simples, do trivial na temática da canção. As considerações a respeito da casa, de tão absurdas, começam a perder a ligação e a referência inicial, incitando a imaginação e a criatividade infantil.

Assim, com os devidos esclarecimentos iniciais e um esboço de referência músico-poético, vamos então começar a dialogar entre a música e a poesia. Nesta primeira parte do artigo, vou me limitar, focando na história e algumas primeiras conceituações. Uma frase creditada ao grande compositor Ludwig van Beethoven sempre me chamou a atenção no sentido extenso da música e da poesia “A música é o vínculo que une a vida do espírito à vida dos sentidos. A melodia é a vida sensível da poesia”.

As origens da união entre a música e a poesia se dão em tempos longínquos. Apesar de serem expressões artísticas que podem existir muito bem separadamente, a história nos mostra que a música e a literatura sempre caminharam juntas. Se voltarmos no tempo, mais especificamente para a antiguidade clássica, podemos lembrar da poesia lírica, onde instrumentos musicais acompanham todo o momento de declamação.

Um pouco mais à frente no tempo, podemos lembrar do trovadorismo, esse estilo que surgiu na idade média, muito marcado pelo teocentrismo, tendo Deus como o centro de tudo, trouxe consigo as cantigas trovadorescas, ou também conhecidas como provençais. Todos os poemas eram escritos como cantigas líricas, que falavam de amor e outros temas intrínsecos, ou as satíricas que, como o próprio nome define, satirizavam cenas do cotidiano; mas sempre com acompanhamentos musicais. A ópera renascen-

tista também é um outro ótimo exemplo dessa mescla entre as duas artes, afinal, toda a narrativa escrita era contada de forma cantada.

Primeiras músicas

De acordo com inúmeros historiadores, as primeiras civilizações surgiram no Oriente Central, dentre elas os sumérios, assírios, hebreus, egípcios e outros. Assim sendo, é razoável supor que foram esses os primeiros a cultivar a música. Os sumérios eram bastante adiantados e já cultivavam a música. Sabe-se que possuíam um método de leitura musical baseado em letras, e que se utilizavam de instrumentos para acompanhar vocais em oitavas. É interessante destacar os sumérios, não somente por terem sido um dos primeiros povos, mas pela importância cultural que esse povo deixou de herança a outros povos como os caldeus e os assírios.

A maioria dos instrumentos que conhecemos até a atualidade teve sua origem com os sumérios. Por exemplo, a harpa, a lira, a tamboura (ancestral do alaúde, um tipo de guitarra acústica com braço longo), flauta, trompete, bumbo, tamborim, pratos e sinos.

Já para o povo Hebreu a música era sagrada, e tanto a música como a dança eram utilizadas em cerimônias religiosas. A fonte de pesquisa para os historiadores sobre os hebreus é a Bíblia Sagrada, e por ter sido um povo que se mudou constantemente e que foi escravizado várias vezes por outras civilizações ao longo da história, quase não existe material de pesquisa sobre a cultura deste povo.



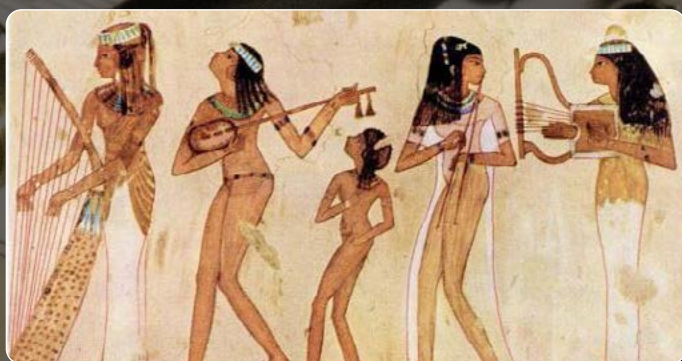
Longe do intento de transformar o presente artigo em um ramo religioso de apreciação, mas por meio de curiosidade encontramos na Bíblia a primeira referência que se tem sobre música. No livro do Êxodo, capítulo 15 – Moisés havia libertado o povo hebreu, que era escravo no Egito e depois de atravessar o mar vermelho, Moisés então entoou um cântico:

*Cantarei ao Senhor, porque ele manifestou sua glória.
Precipitou no mar cavalo e cavaleiros.
O Senhor é a minha força e o objeto do meu cântico;
Foi Ele quem me salvou.
Ele é meu Deus – eu o celebrarei;
O Deus de meu pai – eu o exaltarei. [...] (ÊXODO 15, 1b-2)*

Nesse mesmo episódio, ficou conhecido um tipo de coro que é chamado nos meios musicais como canto antifônico (ou antifonal), isto é: um cantor entoava uma frase musical que é respondida pelos demais. Mais tarde, os cristãos também adotaram essa prática em suas cerimônias. Há ainda diversas outras citações bíblicas com cânticos e indicação de instrumentos.

Os egípcios são um capítulo à parte. A civilização egípcia é uma das mais antigas do mundo, datando cerca de 3.200 a.C. Assim como para os hebreus, os egípcios também tinham na música um dos elementos principais em seus rituais religiosos, sendo que a música era elemento obrigatório em cerimônias religiosas, festas e comemorações nacionais.

Foram os egípcios os primeiros a utilizar o mais natural dos instrumentos: a mão. Este fato pode ser observado nas gravuras murais deixadas em suas antigas construções como, por exemplo, as pirâmides. O Egito recebia estudantes de outros povos para o aperfeiçoamento de suas técnicas. No Egito a música era também utilizada na educação dos jovens e recomendada pelos governantes.



Na Grécia, berço da civilização e da cultura ocidental, os gregos deram duas grandes e distintas contribuições à história da música: uma delas tem um conteúdo místico, enquanto a outra tem fundamento altamente racional. Os gregos utilizavam-se dos mitos para explicar os acontecimentos da humanidade e da natureza. A palavra música, de origem grega, tem seu significado neste contexto mítico helênico, pois música significa “a arte das musas”. Cada arte tinha a sua musa inspiradora, sendo elas um total de nove: Calíope (da poesia épica), Clio (da história), Erato (da poesia amorosa), Euterpe (da poesia lírica e da música), Melpómene (da tragédia), Polínia (dos hinos Sacros), Tália (da comédia), Terpsícore (da dança e do canto coral) e Urânia (da astronomia).

Podemos observar que a musa Euterpe era considerada como a musa da poesia lírica e da música, desta forma, podemos supor que para os gregos a música e a poesia também andam juntas, sendo uma espécie de irmãs, talvez gêmeas, ou melhor – siamesas. Como na Grécia tudo era explicado por meio dos mitos, a origem dos instrumentos musicais também assim era explicada – a Apolo se atribui a criação da lira; Orfeu, filho de Apolo ganhou uma lira de seu pai, e logo foi aprender a tocar com as musas. Diz a lenda que Orfeu tocava muito bem, encantando todos os animais que o ouviam. Os extremos da lenda diziam que até os rios paravam de correr para ouvi-lo. É devido a Orfeu que conhecemos o canto orfeônico ou orfeão.

Os gregos também conheciam instrumentos como: tambor, tímpano, sistro e triângulo. Pitágoras desenvolveu a lira de oito cordas e descobriu a relação matemática dos harmônicos, dedução essa que ainda hoje é base dos instrumentos modernos de corda como o violão, piano, violino, entre outros. A música na Grécia estava presente em todas as manifestações do povo e era considerada fundamental na educação dos jovens.

Do grego também herdamos a palavra orquestra, de orkestiké, que era o local onde se realizavam as danças e apresentação dos corais no teatro grego. Quando em Veneza, foi inaugurado o teatro São Cassiano, os venezianos denominaram de “orquestra” o local reservado para os músicos.

Outro elemento fundamental na música grega era o ritmo, que segundo o poeta Mário de Andrade tinha uma função socializadora. Isso vale não



somente para o povo, mas também para a união com as outras artes. Como a música não acontecia isoladamente, estava sempre vinculada à poesia e à dança e o elemento de ligação sempre foi o ritmo.



É imprescindível também pontuar que escolhi apenas essas poucas civilizações com registros ou referências mais antigas para exemplificar e conceituar este artigo. A música está presente em todos os povos da humanidade desde sempre. O cântico músico-poético também, se arrastando pelas diversas etnias do continente africano, americano, europeu, na Ásia, Oceania e Oriente – enfim, no mundo inteiro.

Esta é só a primeira parte do tema que, por ora, encerro neste presente artigo. Espero que tenham gostado. Aguardo o retorno de vocês e trarei as partes subsequentes nas próximas edições aqui da revista.

Como de costume, deixarei como apêndice deste artigos três poemas que simbolizam (e muito) a música e a poesia.

Até uma próxima oportunidade!

Abraços fraternais,

Rafael Pelissari

MÚSICA

a Pedro Nava

*Uma coisa triste no fundo da sala
Me disseram que era Chopin.
A mulher de braços redondos que nem coxas
Martelava a dentadura dura
Sob o lustre complacente.
Eu considerei as contas que era preciso pagar,
os passos que era preciso dar,
as dificuldades...
Enquadrei o Chopin na minha tristeza
E na dentadura amarela e preta
Meus cuidados voaram como borboletas.*

(Carlos Drummond de Andrade. 'Alguma Poesia' in Obra completa)

DEBUSSY

*Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Um novelzinho de linha...
Para cá, para lá...
Para cá, para lá...
Oscila no ar pela mão de uma criança
(Vem e vai...)
Que delicadamente e quase a adormecer o balanço
— Psio... —
Para cá, para lá...
Para cá e...
— O novelzinho caiu.*

(Manuel Bandeira, 'Carnaval', in Estrela da vida inteira)

CANÇÃO DO CAMINHO

*Por aqui vou sem programa,
sem rumo,
sem nenhum itinerário.
O destino de quem ama
é vário,
como o trajeto do fumo.*

*Minha canção vai comigo.
Vai doce.
Tão sereno é seu compasso
que penso em ti, meu amigo.
— Se fosse,
Em vez da canção, teu braço!*

*Ah! mas logo ali adiante
— tão perto! —
acaba-se a terra bela.
Para este pequeno instante,
decerto,
é melhor ir só com ela.*

*(Isto são coisas que digo,
que invento,
para achar a vida boa...
A canção que vai comigo
é a forma de esquecimento
do sonho sonhado à toa...)*

(Cecília Meireles. 'Vaga música', in Obra Poética)



COLUMNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

SITE

TAOYIN

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



Letras & Músicas



NILL MIRANDA, natural de Salvador, Bahia. Compositor, músico e poeta. Meu interesse pela música vem desde a minha infância, quando fui estimulado por meus pais, que aos fins de semana apreciavam a boa música dos artistas da época: Dorival Caymmi, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Nelson Gonçalves e Luiz Gonzaga. Estes e outros artistas, com o passar dos anos, foram deixando suas marcas em minhas composições musicais e poemas. Assim, fui caminhando no universo da música e da poesia.

Nill Miranda

Compositor, músico e poeta

Canções Poéticas

1 – UM CAMINHO DE FLOR

Demorei muito pra te encontrar
Por que o destino quis nos separar
Mas, quando existe amor
Plantei uma flor
Pra gente se amar
Foi num galope Pela beira – mar
Clarão da lua pra iluminar
Um caminho de flor
Pra te encontrar
Mas, hoje é São João
Hoje tem forró, quadrilha e quentão
Tem compadre e comadre saltando a fogueira
Hoje é noite São João

2- ARREPIOU, VIROU PAIXÃO

Arrepiou, virou paixão
Tudo se ajeitou
Numa noite tão linda de São João
Você rimou amor e dor
Dentro do meu coração
Entre estrelas e mistérios
Alguém sabe quem chorou
Poeira, estradas e caminhos
Procurando um novo amor
Que me trouxesse o seu carinho
E a paz de um grande amor
Mas com certeza aquele beijo
Foi fundo no meu coração
Bateu mais forte que a zabumba
Em plena noite de São João
Arrepiou, virou paixão
Tudo se ajeitou
Numa noite tão linda de São João

3 - O NASCIMENTO DE UMA ESTRELINHA E DE UM COMETINHA

Uma estrelinha nasceu
Trazendo paz e amor
Um cometinha nasceu
Trazendo luz e calor
Pro mundo ser feliz
Com a energia do sol
Pra gente brilhar
Com a luz da lua
Pra gente sonhar
Pro mundo ser melhor
Pro mundo ser feliz
Uma estrelinha nasceu
Trazendo luz e calor
Um cometinha nasceu
Trazendo paz e amor
Pro mundo ser melhor
Pro mundo ser feliz



Clique aqui para assistir

YOUTUBE



POST NO SITE





EDIÇÃO JULHO & AGOSTO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2023



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2023**

PERÍODO DE 10 DE JULHO À 09 DE SETEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

FÓRUM DO SONETO

11



O Fórum do Soneto é um grupo de sonetistas brasileiros que tem como objetivo a revitalização do SONETO CLÁSSICO, primando sempre pela técnica e estrutura tradicionais.



ARTIGO 11 – FÓRUM DO SONETO

SONETO PETRARQUIANO E SONETO CAMONIANO

Para a elucidação mais profunda e ampliada sobre o conhecimento da arte do soneto, neste artigo falaremos sobre as peculiaridades que distinguem dos tão falados SONETOS PETRARQUIANOS e SONETOS CAMONIANOS. De maneira objetiva e concisa, vamos lá!

O que seria um Soneto Petrarquiano (Francesco Petrarca: 1304 – 1374) senão a sua essência, autenticada por Petrarca, fixando um modelo de estrutura já consagrada, 14 versos com o esquema rímico ABBA/ABBA/CDC/DCD, além do conjunto de atributos de conteúdo e forma abaixo descritos:

Forma:

- Autenticação da forma poética: uso do soneto;
- Autenticação da Medida Nova no verso: uso de versos decassílabos (10 sílabas poéticas), principalmente nos sonetos - um traço da poesia clássica.
- Sistema de Versificação: referências greco-latinas.

Conteúdo:

- Aspecto teocêntrico;
- Traços antropocêntricos;
- Valorização da razão.
- Idealização do amor e da mulher.
- Caráter paradoxal.

E o que seria um Soneto Camoniano (Luiz Vaz de Camões: 1524 – 1580) senão o que informa a reunião dos seguintes atributos de forma e conteúdo (levando-se em conta que, a primeira edição de sua poesia lírica veio a público, somente, 15 anos depois de sua morte, em 1595, pelas mãos de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, com o título de “Rimas”, ampliada com mais poemas em edições posteriores):

Forma:

- Rigor: versos regulares (metrificação e rimas).
- Medida nova: uso de versos decassílabos (10 sílabas poéticas), principalmente nos sonetos - um traço da poesia clássica.

- Medida velha: uso de redondilhas (cinco ou sete sílabas poéticas) - uma característica remanescente do período medieval.

Conteúdo:

- Antropocentrismo: valorização do ser humano e de sua racionalidade.
- Idealização do amor: neoplatonismo, amor espiritualizado.
- Valorização de elementos greco-latinos: mitologia, arte e poesia.
- Figuras de linguagem: antítese e paradoxo.

Principais temáticas:

- Desconcerto do mundo: desconfiança da realidade devido à falta de lógica nos acontecimentos.
- Mudanças, efemeridade, transitoriedade: a natureza e o ser humano estão sujeitos a mudanças, não permanecem constantes.
- Sofrimento amoroso: conflito entre o amor carnal e o espiritual.

Além disso, é de conhecimento notório que, tanto o Petrarquiano quanto o Camoniano usam, invariável e concomitante, os Ritmos Heroicos e Sáficos nos sonetos. Contudo, de lá até hoje, o Soneto mantém-se vivo e, em cada época, por diferentes regiões do mundo, foram cultuados, bem como legitimados, metros e ritmos variados na sua cristalização, tornando, cada uma dessas, por serem patenteadas, imortalizadas no tempo.

Vale lembrar, ainda, que, na história, além dos mais cultuados, Sonetos com 10 sílabas e os Alexandrinos, há os legítimos sonetos com 5 sí-

labas (versos pentassílabos ou Redondilha Menor e também chamados de Sonetinho), 6 sílabas (versos hexassílabos), 7 sílabas (versos heptassílabos ou Redondilha Maior), 8 sílabas (versos octossílabos), 9 sílabas (versos eneassílabos), 11 sílabas (versos hendecassílabos) e de 12 sílabas (versos dodecassílabos que, também, são a estrutura do Soneto Alexandrino), além dos versos com 13 sílabas em diante (versos bárbaros).

Os Versos Decassílabos, em suma, possuem patenteados os seguintes ritmos:

- **Heroico** (tônicas na 2^a, 6^a, 10^a e variações com a tônica incondicional na sexta sílaba);
- **Sáfico** (4^a, 8^a e 10^a e 2^a, 4^a, 8^a e 10^a);
- **Gaita Galega ou Moinheira ou Provençal** (4^a, 7^a e 10^a);
- **Martelo Agalopado** (3^a, 6^a e 10^a – ritmo este que é uma variação do Heroico);
- **Pentâmetro Iâmbico** (5 pares de Iâmbio “- +”: 2^a, 4^a, 6^a, 8^a e 10^a);
- **Ibérico ou Estoico ou Arte Maior** (2^a, 5^a com cesura branda ou perfeita, 7^a e 10^a); e o informal;
- **Sáfico Imperfeito** (4^a e 10^a).

Avante!

Por Ricardo Camacho
Idealizador, Fundador e Presidente do
FÓRUM DO SONETO

INSTAGRAM



RECANTO DAS LETRAS



POST NO SITE



FÓRUM DO SONETO

Sonetista



Janete Sales Dany

São Paulo/SP

TÉTRICA PINTURA (1)

Perdi o riso fácil, a alegria,
ao vislumbrar a nuvem da amargura
pairando sobre o céu da poesia,
impondo o medo agudo que enclausura!

A guerra começou, jamais queria!
O pranto desce, a tarde está escura,
a terra, aflita, assiste a tirania
que arrasa e risca a tétrica pintura...

O meu olhar procura, no infinito,
um tempo sem lamento, sem conflito,
mas o tormento ainda continua...

Temo a sagaz verdade nua e crua:
o mal devora e sobe num altar...
O bárbaro dizima em vez de amar!

CAMINHADA (2)

Reitero, Amor, que a fé jamais termina,
pois sinto Deus constante em cada aurora.
O pranto flui e a dor irá embora,
por isso avanço firme nesta sina...

Assim persisto e enfrento a audaz ruína,
que o nosso mundo intenso impõe agora,
mas sei que a Luz Sagrada não demora
e sempre o bem impera, o Eterno ensina!

Amor, a chuva triste desce densa
e, às vezes, rouba a paz, então espreita...
Segure a minha mão, na estrada estreita!

Esqueça o medo, não aceite a ofensa,
despreze aquele olhar atroz do algoz,
contemple a cruz... jamais estamos sós!

INSTAGRAM



POST NO SITE (1)



POST NO SITE (2)



FÓRUM DO SONETO

Sonetista



Jerson Brito

Porto Velho/RO

IMPAVIDEZ (1)

Ainda que a refrega me apresente
o pálido semblante de um vencido,
reprimos, do desânimo, o alarido
e, embora fustigado, sou valente.

Por mais que o sonho esteja ressequido,
procuro honrar a intrêmula semente,
provando o quanto o peito é resistente
à fúria de intempéries... e progrido!

Se necessário, até reduzo o passo
ou mesmo algum descanso me concedo,
porém refuto a tísica do fracasso.

E, assim, se a vida envolve os desafios
na indumentária lóbrega do medo,
jamais permito olhares arredios...

ALÉM DA CELA (2)

De tudo o quanto estava ao meu alcance
tentei, mas tive apenas a algidez
do olhar que noutros dias satisfizes
o anseio de um famélico romance.

O coração implora que me lance
nos braços da envolvente insensatez,
sem ponderar as dores e a rudez
trazidas na ilusão da nova chance.

A lança da agonia me flagela,
por isso mesmo encontro no cansaço
a força para ver além da cela.

Aos poucos, esta negridão desfaço,
o meu juízo rouco se rebela
e fujo desse mentiroso abraço.

POST NO SITE (1)

POST NO SITE (2)

INSTAGRAM



FÓRUM DO SONETO

Sonetista



José Rodrigues Filho

Amélia Rodrigues/BA

TEMPORALIDADE (1)

"A mesma história tantas vezes lida"
Canta e recanta o amor que mora em mim.
Teu corpo esguio e lábios de carmim
São, na verdade, o sol da minha vida.

Minha alma de paixão está rendida...
Nunca senti intensidade assim;
Não hei de suportar o amargo fim
Dessa atração, veraz, retribuída.

Porém na vida tudo se transforma,
O tempo se encarrega e muda a forma
Quando a felicidade fica escassa...

Devo libar o adusto cio teu,
Pois o poeta, em versos, escreveu:
"Tudo no mundo é frágil, tudo passa.

EM RITMO DE EXTINÇÃO (2)

"Trompas do sol, borés do mar, tubas da mata"...
Trazei convosco os sons conatos da floresta...
Porque na grande ocara ensaiam rara festa
E a chama, na fogueira, exige uma sonata.

Tapuia, apaixonado, o nó do amor desata.
A lua, no horizonte, a tênue luz empresta...
Vencer o concorrente, em luta, só lhe resta,
E, assim, por tradição, o litigante mata.

A carne do valente, agora desmembrada,
Em nobre cerimônia acaba devorada
Num ritual, timbira, o seu moral eleva.

Fazei soar, também, avenas e taquaras...
Em ritmo de extinção suplicam as araras
"Entre o pudor da tarde e a tentação da treva".

INSTAGRAM



POST NO SITE (1)



POST NO SITE (2)



FÓRUM DO SONETO

Sonetista



Luciano Dídimo

Fortaleza/CE

CÉU ESTRELADO (1)

São tantas belas vidas que findaram,
Porém deixaram luz em nosso escuro.
Saudade assim gigante, nem mensuro,
As ondas do passado não levaram.

Ficaram os exemplos que eu costuro,
Retalhos desse amor que nos marcaram,
E que por tantas vezes nos beijaram.
Talvez nos encontremos no futuro...

A morte com certeza nos reparte
Em dores muitas vezes incontidas,
Deixando o nosso peito consternado.

Uma pessoa amada, quando parte,
Cintila sua vida em nossas vidas,
Deixando o nosso céu mais estrelado!

SOBRE OS FELIZES (2)

Feliz é quem caminha com firmeza,
Com sua alegria enraizada
Que por nenhuma força é arrancada,
E espalha pelo mundo gentileza.

Feliz é quem mantém a chama acesa,
Quem curte cada etapa da escalada,
Quem doa as suas horas de jornada,
Quem parte o pão que tem na sua mesa.

Feliz é quem aceita a imperfeição,
Quem sabe ouvir o outro sem julgar,
É quem divide a vida e a multiplica.

Feliz é quem preenche o coração
De amor e de coragem de mudar,
Feliz é quem sorri e não complica!

POST NO SITE (1)

POST NO SITE (2)

INSTAGRAM



FÓRUM DO SONETO

Sonetista



Elvira Drummond

Fortaleza/CE

TRIUNFO PÓSTUMO (1)

Senti o seu chamado, em tom austero,
deixando-me sequer alternativa.
Aviso que jamais me desespero
(driblar o dissabor me torna ativa)!

Cedendo aos seus caprichos, o que quero
é ter, neste epitáfio, em cor bem viva,
a frase: "Fez da vida seu bolero,
dançando sempre audaz, persuasiva..."

Ó morte, nem você desfaz meu laço —
romper a fria lápide ameaço,
contando com sementes que plantei...

Em vida, arrematei um grande trunfo:
Amei, amei... por isso, aqui, triunfo —
naqueles que me amaram viverei!

CORTEJO DE ILUSÕES... (2)

Segue o cortejo, em procissão bendita...
Serpenteando na avenida, encanta.
Os foliões, sem vestimenta santa,
cantam no coro que, empolgado, grita!

O carnaval, em compulsão que agita,
faz sombrear a maculada manta.
E ao camuflar o desprazer, replanta
as esperanças com confete e fita...

Pela avenida, desfilando o curso,
sob o pretexto de sonhar, eu torço
por um capricho do destino insano.

Que a fantasia, em expansão, percore...
Ao disfarçar desilusões, que cure
a insensatez que desfigura o humano.

INSTAGRAM



POST NO SITE (1)



POST NO SITE (2)



FÓRUM DO SONETO



COLUNAS E COLUNISTAS

Sonetista



Ricardo Camacho

Rio de Janeiro/RJ

O DESENHO DA MINHA FILHA (1)

Na folha branca, a imagem azulada
Ganhava, aos poucos, vida e mais ternura...
Da sua mão nascia a forma pura,
Com singeleza bem delineada...

Sorrindo, a artista, não dizia nada,
Apenas concentrava na figura
O toque de beleza e de candura,
Que faz da natureza a mais amada...

E num instante, rápido, na tela,
Da inspiração marcante da donzela
Senti e vi seu mundo encantador...

A imagem, transformada em aquarela,
Verteu o encanto de menina bela,
Quando Clarisse fez a sua flor.

QUINZE ANOS (2)

Estive à tua frente, filho, quando
Chegaste, ingênuo, neste imenso mundo...
Chorei por ti, sentindo o amor profundo
Que, desde os nove meses, fui criando...

Tu és um sol ainda em meu comando,
Que emana a luz na qual, feliz, me inundo...
Quinze anos se passaram, num segundo,
À luz de um raio enorme e vai brilhando...

Não vejo em ti, ó filho, aqueles medos
Que se evidenciavam pelos dedos,
Num pânico infantil e involuntário...

O tempo corre... e a glória deste dia
Revelo nestes versos de alegria,
Dizendo, enfim: - Feliz aniversário!

POST NO SITE (1)

POST NO SITE (2)

RECANTO DAS LETRAS





10



Cacá Matos



Fisioterapeuta e escritora de poesia e prosa; Autora do livro de poesias 1.001 sentimentos, 100 emoções, Doutora Honoris Causa em Fisioterapia e Honorável Mestre da Literatura Brasileira pela FEBACLA. Membro acadêmica da AIL, AVLPL, AILB e AIML. Coautora em algumas antologias poéticas.



Prisão social

As divergências sociais sempre existiram e pelo desenrolar da história não dão indícios de que irão mudar, pelo contrário, a tendência é só aumentar a discrepância entre riqueza e pobreza.

Existem ongs e projetos paralelos que buscam amenizar esses indícios, fazendo grandes doações para aqueles que vivem em extrema pobreza, mas o fato é que mesmo assim parece inatingível alcançar uma igualdade social, é utopia.

Num experimento social, pessoas se voluntariam para experimentar viver numa espécie de cela com um companheiro e apenas levar um objeto de sua preferência e assim ficar seis meses no local.

A questão é que existem centenas de andares com duas pessoas estando lá e a comida passa de andar em andar sem ser racionada, o que ocasiona em muitas pessoas sem se alimentar e por consequência morrem ou tentam atacar o companheiro por sobrevivência.

É preciso muita força de vontade para encarar algo assim por vontade própria. Cada mês as pessoas são deslo-

çadas para novos andares aleatoriamente. Se tiverem sorte de estarem num andar alto, haverá comida suficiente para ambos, caso contrário, só encontrarão os restos de comida e essa falta pode perturbar de forma bastante negativa o comportamento humano.

Não é permitido guardar comida, pois a cela começa a esfriar ou esquentar consideravelmente.

Um projeto assim faz as pessoas pensarem e refletirem nas condições de vida humana. Poucas vivem com muito mais do que suficiente e muitas vivem com quase nada. Essa disparidade ocorre em forma de comida, pois se todos comessem apenas o necessário pra estarem saciados, todos os demais receberiam comida. Mas obviamente não é o que ocorre, pois é mostrado dia pós dia como o ser humano é egoísta e só pensa em si mesmo. Há quem faça a diferença buscando ajudar o próximo, mas também há os que só pensam no seu bem-estar e se esquecem dos outros.

O filme O poço traz essas e outras questões para se pensar, a revolta, o conformidade, a esperança, o desprezo entre outros temas bastantes relevantes.

É uma obra que vale o tempo para conferir e refletir sobre nossa condição humana. É chocante, alarmante, triste e nos cerca de varias emoções e sentimentos durante a sua história.

O filme está disponível na Netflix; Lançamento: 2019; Duração: 1h 34 min; Classificação: 16 anos; Gênero: Suspense/Espanhóis; Elenco: Iván Massagué, Antonia San Juan, Zarion Eguileor, Emilio Buale, Alexandra Masangkay.

POST NO SITE





Cercados pelo mal

O mal existe e está por toda parte. Nos lugares cheios e vazios, nas casas e prédios. Nos hospitais e igrejas. Nos ambientes e nas pessoas. A possessão é algo bastante questionável, mas pessoas em contato com esse tipo de presença maligna podem se tornar muito perversas, perigosas e poderosas.

A história guarda artefatos do passado: objetos valiosos, manuscritos, quadros, estátuas, livros entre outros. Estão guardados em museus e lugares seguros. Alguns se perderam pelo caminho, foram queimados, ou se desgastaram com o passar do tempo. Mas também há aqueles que perduraram e estão escondidos ou longe de mãos curiosas.

Um livro misterioso e suspeito é encontrado em ruínas de um prédio por mãos inocentes, mas o mal não escolhe suas vítimas e ele se manifesta, no corpo bom ou mau e o possui, sem pudor algum se apodera de sua mente, corpo e personalidade e espalha o caos por onde for. Junto do livro havia velhos discos e o jovem mesmo sendo repreendido pela irmã decide folhear o livro e ouvir os discos, revelando então a face maligna, se apoderando daqueles que estão perto e renasce, devastando todos que estão à sua volta.

Uma família bastante problemática sofre com esse mal e vão sendo tomados por ele um a um, quase não sobrando nenhum para escapar das suas garras sombrias. Possuídos pelo mal, o espírito demoníaco toma o controle da casa, causando terror, repulsa, medo e destruindo a imagem daquelas pessoas que um dia foram boas.

Não há alternativa senão correr e fugir da monstruosidade que se instaurou no corpo daqueles que eram

inocentes, pois são transformados, deformados e se tornam verdadeiros pesadelos da vida real.

O filme *A morte do demônio: A ascensão*, traz muito sangue, terror, cenas de agonia e pavor, mostrando a sangue frio os poderes da possessão demoníaca, escancarando o mal em cenas horripilantes, assustando e apavorando os espectadores mais sensíveis.

Há coisas guardadas que não devem ser remexidas, o passado deve ser esquecido como alguns artefatos bizarros que podem mostrar muito mais do que aparentam ser. O mal está à espreita, esperando paciente para atacar mais uma vítima desatenta e curiosa.

A morte do demônio: A ascensão está disponível no cinema; Lançamento: 2023; Duração: 1h36 min; Classificação: 18 anos; Gênero: Suspense/Terror; Elenco: Alyssa Sutherland, Morgan Davies, Lily Sullivan, Nell Fischer, Gabrielle Echols, Bruce Campbell, Billy Reynolds-McCarthy, Anna-Maree Thomas, Jayden Daniels, Tai Wano.

POST NO SITE





Encarceradas

Não há nenhuma dúvida de que o sistema carcerário é um inferno na terra. Algumas pessoas o ocupam por crimes terríveis, outras por impulsão, erros, chantagem, culpa, ilusões, mas no fim todas ocupam as mesmas celas enferrujadas e vestem os uniformes laranjas.

Quem vive na pele essa experiência com certeza deveria fazer o seu máximo para não voltar lá, pois cada dia parece uma eternidade e é difícil não estar envolvida em alguma briga generalizada ou entrar em algum grupo por proteção ou sobrevivência. No entanto, nada disso é de graça e favores são cobrados para manter a boa convivência dentro da cadeia.

São muitas as prisioneiras que sofrem dos piores tipos possíveis de violência: física, moral, psicológica, tanto por outras colegas de cela, quanto por carcereiros que também as obrigam a venderem coisas para eles ou trocam favores íntimos por regalias.

A solitária é temida por todas elas, se já parece muito ruim dividir uma cela apertada com desconhecidas que podem querer te matar a qualquer momento, estar em uma cela vazia, por horas, dias ou semanas com somente sua companhia pode ser uma tortura insuportável.

As punições são ilimitadas e muitas acabam se unindo às outras para se manterem vivas ou sucumbem às mazelas da prisão.

Em *Orange is the new black*, se vê de tudo um pouco e há uma perceptível segregação étnica. Os grupos se separam em latinas, negras, brancas e asiáticas. Elas permanecem juntas grande parte do tempo e não costumam interagir muito entre as outras. Muitas vezes ocorre brigas pelos espaços de convivência: refeitório, sala de tv, quadra e afins.

Algumas delas são duronas e fazem sua fama lá dentro. São espertas e reúnem sua turma para conseguirem o que querem. Mas as revistas dentro das celas são surpresas por vezes e fica difícil esconder as drogas ou outros pertences que vêm de fora. Algumas vão para a solitária, outras têm sua pena aumentada, troca de cela e outros horrores que se pode ver acompanhando o cotidiano dessas mulheres condenadas pelos seus erros.

Pode-se notar que elas são tratadas como animais ou um lixo qualquer, são privadas de uma cama, de banho, de alimentação e todo tipo de abuso. Grande parte têm família lá fora, são mães, tias, filhas, mas lá dentro todas são só prisioneiras.

A trama traz muito drama e um pouco de comédia, porém retrata da pior forma como são tratadas pelo sistema, o preconceito, o nojo e repulsa que os funcionários lá dentro nutrem por elas.

É bastante difícil sobreviver lá dentro e as que tem a sorte de saírem de lá, muitas vezes não têm para onde ir, como trabalhar para se manterem e acabam voltando para as conhecidas celas. É um ciclo infernal, um pesadelo sem fim.

A série *Orange is the new black* está disponível na Netflix; Lançamento: 2019; 7 temporadas; Classificação: 16 anos; Gênero: Drama/Comédia; Elenco: Taylor Schilling, Kate Mulgrew, Laura Prepon, Jason Biggs, Natasha Lyane, Michael Harney, Uso Aduba, Danielle Brooks, Samira Wiley, Dascha Polanco, Selenis Leyva, Nick Sandos, Yael Stone.

POST NO SITE





Assombração

Existem alguns fenômenos que nem a ciência ou a religião consegue explicar. A existência de seres fantasmagóricos divide opinião até hoje, muitos acreditam, outros não. De ruídos dentro de casa, sombras estranhas, até objetos caindo e aparições anormais, são muitos os motivos para temer, fugir ou encarar o possível invasor.

Muitos filmes de terror trazem a temática da família que se muda para uma casa mau assombrada, onde vivem uma vida plena até fatos isolados começarem a perturbar a ordem do lugar e as pessoas quererem se mudar de lá. Às vezes a construção presenciou um assassinato, mortes por doença ou os tais fantasmas. Mas ninguém acredita e até imagina que a pessoa esteja ficando insana até acontecer com elas. Há quem tenha muito medo e fique longe dos fenômenos e há também os que estudam, enfrentam e trazem equipamentos para captar os intrusos.

Na Residência Hill, uma família numerosa se muda para a casa que já abrigou outras famílias que morreram por lá. E é cuidada por uma família que não entra lá à noite. Um casal e cinco crianças começam a estranhar os sons, objetos antigos da casa e locais fechados e velhos. Os pais parecem não acreditar no que eles dizem, mas dia pós dia presenciam estranhas aparições, sons e o terror é palpável. A mãe começa a apresentar fortes enxaquecas e às vezes se encontra fora de si, vendo estranhas passagens de tempo. Ela possui uma sensibilidade acima do comum,

assim como uma de suas filhas e esse fato se torna bastante perigoso e tortuoso para elas. A convivência dentro da casa se torna cada vez mais estranha e temerosa, com eventos ocorrendo com maior frequência e tirando o sono de muitos deles, até se mudarem para a cada da tia. Nem a vida adulta traz a paz que eles procuravam encontrar, não era um simples medo de criança, pois o passado e os pesadelos com a casa voltam à tona assombrando cada membro da família e não são todos que conseguem lidar com isso de forma firme e saudável. Alguns sucumbem aos entorpecentes, outros ao medo e os terrores que cada vez mais os consomem. Os irmãos agora têm cada um a sua própria vida para cuidar e se encontram mais distantes e ocupados demais para se atentarem aos problemas dos demais. As acusações aparecem, o estresse, a culpa, o remorso, mas nada disso resolve ou traz uma vida perdida de volta. No fim das contas acabam voltando para a residência Hill, onde buscam a verdade dos fatos e lutam para sair dela com sanidade.

A série A maldição da residência Hill está disponível na Netflix; Lançamento: 2018; 1 temporada; Classificação: 16 anos; Gênero: Drama/Mistério/Terror; Elenco: Michiel Huisman, Carla Gugina, Timothy Hutton, Henry Thomas, Elizabeth Reaser, Oliver Jackson-Cohen, Kate Siegel, Victoria Pedretti, Lulu Wilson, McKenna Grace, Paxton Singleton, Julian Hilliard, Violet McGraw.

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

FACEBOOK

INSTAGRAM

WATTPAD

POST SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



PROSA POÉTICA

12



Jeane Tertuliano é graduada em Letras pela Universidade Estadual de Alagoas e professora de Inglês / Português pós-graduada em Literatura Africana, Indígena e Latina. Jornalista e Linguista com ênfase em Formação de Leitores, é mediadora do clube de leitura Leia Mulheres – Campo Alegre e colunista na Revista Internacional The Bard. É Delegada Cultural da Febacla – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes e Embaixadora Imortal da Paz da OMDDH - Organização Mundial dos Defensores dos Direitos Humanos. No ano corrente, a Institución Cultural Colombiana Casa Poética Magia y Plumas outorgou-lhe o título de Doutora Honoris Causa em Literatura Latinoamericana por sua atuação enquanto literata. Foi agraciada com a primeira colocação no Prêmio Destaques Literários Focus Brasil – New York 2022, na categoria Crônicas e Contos. Atualmente, é autora de dez livros, coautora em cerca de cem coletâneas poéticas e organizadora de quinze projetos antológicos.



A Prosa Poética

Escrever prosa poética é um desafio aos prosadores e poetas, pois conciliar prosa e verso nem sempre é uma tarefa fácil. Clarice Lispector, a autora brasileira mais traduzida no exterior, foi uma exímia prosadora que soprou, quase que cirurgicamente, características poéticas às suas criações. Eu costumo dizer que ser mulher é um ato de coragem, e se reconhecer como tal, é para poucas. A dona Lispector se reconhecia e, sendo mais poesia que mulher, trouxe para a sua arte a essência inegável do seu ser admirável.

Ao escrever uma prosa poética, o artista das letras precisará se inteirar acerca dos elementos que compõem o gênero literário poesia e somente depois poderá escrever com propriedade uma prosa que se encaixe no entremeio da construção prosaica embebida na lira ritmada, ou não, fica a critério de cada prosador agregar rimas ao seu escrito.

Levando em consideração que não temos o poema metrificado como padrão (soneto), a rima não é exigência na prosa poética. Entretanto, tornar o texto sonoro é um fator relevante visto que, cantada, a produção tende a embalar com mais facilidade o leitor dado a sensibilidade do versejar. Figuras de linguagem tais como assonância e aliteração contribuem demasiado para o efeito musicalizado.

Aqueles que não são achegados ao ritmo, que preferem algo mais conciso, há outras figuras que despertam o traço poético: analogia, antítese, comparação, eufemismo, gradação, hipérbole, ironia, metáfora, metonímia, personificação e sinestesia. É evidente que a língua portuguesa fornece vasta riqueza e a serve numa bandeja ao escritor. Poeta ou prosador que souber se ater ao seu florescer, garanto: não irá se arrepender! A arte de escrever dá sentido ao existir, possibilitando, assim, a proeza do viver.

INSTAGRAM



POST NO SITE



GRATIDÃO À MÁQUINA

Clarice Lispector

Uso uma máquina de escrever portátil Olympia que é leve bastante para o meu estranho hábito: o de escrever com a máquina no colo. Corre bem, corre suave. Ela me transmite, sem eu ter que me enredar no emaranhado de minha letra. Por assim dizer provoca meus sentimentos e pensamentos. E ajuda-me como uma pessoa. E não me sinto mecanizada por usar máquina. Inclusive parece captar sutilezas. Além de que, através dela, sai logo impresso o que escrevo, o que me torna mais objetiva. O ruído baixo de seu teclado acompanha discretamente a solidão de quem escreve. Eu gostaria de dar um presente a minha máquina. Mas o que se pode dar a uma coisa que modestamente se mantém como coisa, sem a pretensão de se tornar humana? Essa tendência atual de elogiar as pessoas dizendo que são “muito humanas” está-me cansando. Em geral esse “humano” está querendo dizer “bonzinho”, “afável”, senão meloso. E é isso tudo o que a máquina não tem. Nem sequer a vontade de se tornar um robô sinto nela. Mantém-se na sua função, e satisfeita. O que me dá também satisfação.



PROSA POÉTICA



Jeane Tertuliano

Feminista, Literata e Professora

Plenitude e Pertencimento

Sou dada a sozinha desde criança e, a princípio, não era fidedigno o meu anseio. O desamor advindo das falsas companhias, me fez refém da melancolia. Com o passar do tempo, cansei desse tormento: ninguém merece viver à mercê de gente vazia de sentimentos. Foi nessa ocasião que a leitura surgiu na minha vida e sarou a ferida que se fazia aberta, insistente, perversa. A sensação de plenitude e pertencimento, enfim, desabrochou no meu pensamento!

A partir de então, soube que não mais ficaria sozinha, pois, lendo livros, mergulharia em universos distintos repletos de fantasia. Não inteiramente satisfeita, decidi escrever os meus próprios livros, para preencher de uma vez por todas a lacuna invasora, que há muito fora a causadora do meu suplício.

A sensação de dever cumprido tem andado lado a lado comigo, afugentando quaisquer resquícios do Eu que se pusera, outrora, oprimido; renegando a si mesmo para caber no oco grotesco das expectativas alheias. A literatura possibilita a cura, e sem ela, certamente eu já haveria sucumbido à loucura. Sem a 5ª arte, a existência é uma tortura.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Cacá Matos

Empoderada, Poeta e Cronista

Espelho

Olho no espelho e me satisfaço. Me sinto bem com meu corpo, com o meu rosto e sei que me basto. Me quero bem, me faço bem, me agrado. Sou a pessoa mais importante da minha vida e mereço tudo que é melhor, eu sei.

Trabalho, estudo, me movimento, quero sempre evoluir. Não sei parar, não posso parar, meu vô é constante e aprendendo me sinto feliz.

Leio e nunca me canso, os livros me fazem viajar. Não custa muito e passo horas de grande prazer, a minha companhia me faz acreditar, que eu sou capaz de tudo, que eu posso fazer tudo e não vou parar.

Eu sorrio mesmo triste, nos dias difíceis prefiro me isolar. Mas estou disponível, sou muito solícita e me sinto muito bem em ouvir e poder ajudar.

O espelho me mostra só o de fora, mas eu enxergo além do vidro. Eu me basto, eu me amo, eu sou incrível e me preciso.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Edna Lessa

Poeta e Prosadora

Caminhando, cresci...

Caminhava por uma hora todos os dias. A estrada não era ruim, mas representava perigo já que o trajeto acontecia na BR 020, uma das rodovias federais mais movimentadas do país. Era este o percurso que fazia caminhando até chegar ao meu destino: a escola.

Hoje tenho certeza que foi um esforço que valeu a pena. Na época, nem percebia isso como esforço, acho que aprendi desde a mais tenra idade a olhar a vida com leveza e concentrava-me em observar os carros que passavam e em pensar sobre quem eram àquelas pessoas, como era a vida delas, para onde iam. Exercitava meu olhar curioso, mas também humano, porque o foco era a história de vida de cada uma delas. Na verdade, não sabia de nada disso, o meu olhar era mais intuitivo que qualquer outra coisa, não tinha idade para entender muito sobre a vida. Enquanto caminhava, observava a vegetação que cresciam à margem da estrada. Cantarolava feliz e contemplava as flores nativas que me chamavam atenção, eram espécies diversas da vegetação do sertão que se transformava com as raras chuvas. Apesar de ser muito jovem, meu espírito contemplativo me dava lições sobre a vida através do meu olhar sensível em relação a natureza, a tudo que se transformava bem diante de mim, dos meus olhos curiosos e atentos. Quando faço essa viagem ao passado, sinto o cheiro da terra molhada, do verde revigorante e das cores vibrantes das flores que enchem meu caminho de beleza e perfume. E quando chovia, a festa era ainda maior. Por sorte, as chuvas eram mais intensas no fim da tarde, quando eu voltava para casa. Encontrava sempre um jeito bem brasileiro de proteger os livros e deixava a água cair sobre meu corpo, gota a gota e inundar minha alma de menina com espírito de mulher.

Assim cresci, transformando dificuldades em possibilidades.

A escola? Era o meu prêmio, o meu lugar sagrado. E ainda o é. Amava meus amigos, professores e tudo que aprendia diariamente. Guardo no peito lindas memórias, dentre elas, o sorriso largo e acolhedor de uma professora baixinha, pequena em estatura, mas grande em espírito, cuidado e compromisso com seus alunos. O sorriso dela me acolhia de um jeito que eu nem sei dizer.... Hoje, ela é uma estrela...

E eu? Continuo acreditando que a escola é um espaço de transformação e realização de sonhos.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Jaque Alennicar

Pedagoga, poeta e escritora

Questionamentos

No tempo corrido, o relógio me rouba a oportunidade de viver, atravesso a vida como o ponteiro dos segundos, sem direito a pausa, ou tudo ao meu redor desmorona.

Sinto como se fosse uma das pilastras que sustentam o mundo. Prestes a quebrar, meus braços adormecem por abraçar a todos que ainda cabem dentro deles. Os dedos já dormentes, não sentem que estão sendo arrancados pelo desespero de tentar segurar o que não me cabe mais.

E o que me cabe? Quantas dores sou capaz de suportar? O mundo é mesmo um lugar onde valha a pena viver? Já não vejo mais espaço para mim, não no atual momento em que estamos. É muito difícil lidar com as feridas alheias enquanto as suas ainda estão abertas. Questiono-me: será que sou digna de algo grandioso ou será que é apenas o karma se cumprindo? Qual o motivo para tanto caos instalado? E a vida se encarrega de não responder, pois assim como o mundo, ela raramente nos responde da maneira como desejamos.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Jéssica Sabrina

Preta, Poeta e Potente

A/tempo

Assombrada pelo tempo, deito e me programo para não despertar. De olhos fechados, ouço o som do que passa sem se mover e me atropela na escuridão. Já passou da meia noite e metade da vida é tempo demais para quem não consegue descansar.

Os ponteiros do relógio se agitam e eu continuo inerte, somente o som nos é comum, o “tic-tac” dentro da máquina que nos (re)mova na vida é constante e me sinto uma junção de engrenagens, nada mais. Já não funciono tão bem quanto antes, talvez eu seja, apenas, uma ampulheta esquecida, atormentada pela passagem e obsolescência ‘do tempo’, deitada no escuro, sem passado, sem futuro, apenas eu, o limbo e mais nada ... Me sinto presa e o sabor das ferragens me sobe, como fogo, pela garganta e amarga o paladar; sou, agora, matéria prima, fragmento de um parentesco distante que só se usa em ocasiões, pontualmente, tristes e carrego o luto, da infância nos olhos à escuridão do tempo que corre e me atropela sem passar.

“Tic-tac”, hora de ir, todos já foram, só resta eu (...) “Tic-tic-tic...”, falta um pedaço de mim e metade da vida é tempo demais para quem não consegue descansar.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA POÉTICA



Rita Queiroz
Poeta e Prosadora

Brisas de verão

A tarde cai bem lentamente. No horizonte, tons de vermelho se mesclam no azul infinito. Vejo desenhadas todas as letras do nosso amor.

Já se passaram alguns anos desde aquele nosso encontro. Mar batendo nas pedras, areias cheias de espuma, cheiro de pescaria vindo com o vento. Gaivotas sorrindo em um balé sincronizado. Ao longe, você surgiu como um Deus, um Netuno das águas calientes da Baía de Todos os Santos. Meus olhos se emocionaram, vibraram, senti que era o meu momento.

Nos entrelaçamos... Coisas de outras vidas, de união de almas. Netuno e Tétis em uníssono. Seguimos por aquelas praias fazendo muitas teias, respirando brisas ancestrais, vivendo entre o sol e a lua. Construímos nosso abrigo na pedra que ronca e desfilamos nossa naturalidade selvagem.

E assim vivemos a nossa breve eternidade!

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Crônicas

CEMITÉRIO DE LEMBRANÇAS

Por Joaquim Cesário de Mello

Para onde vai uma lembrança quando a esqueço? O que aconteceu com o rosto da minha primeira namorada, que em mim não vejo mais? E o número daquele telefone que guardei tantos anos na memória, ou com o sonho que tive na infância e que por toda a meninice me amedrontava? Será que lembranças morrem? E se morrem, haverá em meu interior um cemitério para elas?

Certa vez o escritor francês Maurice Blanchot escreveu que “para lembrar é preciso esquecer”. Mas se esqueci do que antes esqueci, e que agora nem me recordo mais? Tenho em mim esquecimentos resgatáveis, porém possuo também esquecimentos irremissíveis e inlembáveis. Em meados dos anos 90 assisti um filme cujos principais diálogos grudaram em minha alma por tantos meses. Hoje nem lembro do título, apenas que era com John Malkovich, ou será que era com outro ator e agora lembro errado?

Também tem meu título de eleitor que me lembro ter guardado em casa, porém não consigo encontrá-lo. Há em mim a lembrança de tê-lo armazenado em alguma gaveta qualquer, mas, a gaveta, esqueci qual é. São tantas as gavetas que chego a duvidar se pode haver tantas.

Quantas lembranças desapareceram ao longo da minha história? Se todas as reminiscências se acumulassem na memória, então, com o passar dos anos e das décadas, já devia pesar toneladas. Deve ser porque lembranças não pensam. Ou talvez porque eu não seja, dentro de mim, tão perene assim.

Pode ser que lembranças desapareçam para dar lugar a outras que chegam, afinal se todas as recordações se amontoassem não haveria em meu interior mais espaço para mim. Tornar-me-ia apenas um inchaço de memórias perambulando por aí.

Em alguns domingos, às vezes, procuro minhas reminiscências extraviadas. Procuro debaixo do sofá e por detrás das almofadas. Remexo cômodas e armários. Esmiuço pelos cantos da sala e dos quartos. Até nos banheiros dou uma fuçada e nada de encontrá-las. Já busquei ver na mala do carro e pelas calçadas ao redor da casa. Mesmo assim não desisto, e continuo procurando. Um dia, quem sabe, não me depare com alguma lembrança perdida e deslembada, vagando pelo mundo afora órfã de memória.

Porém, às vezes entendo que é necessário deslembrar. O esquecimento tem lá suas funções, entre elas, possibilitar a estar aberto à vida e seus acasos e intercorrências. Quiçá não nos esquecermos de nada, ou seja, lembrar de tudo, é provável que seria hoje um homem assustado, inibido e recolhido.

Freud percebeu e disse que somos o que lembramos e aquilo que esquecemos. Eu mesmo, reconheço, trago em mim mais esquecimentos que recordações recordáveis.

Nossas lembranças são rugas na alma, feito músculos flácidos e desidratados que envelhecem, murcham e se evaporam pelo calor do tempo. Por isso prefiro a memória do coração às que se inscreveram na louça da consciência e da razão. Elas são as últimas que apagam.

Alguém, cujo nome já não me lembro, disse que a memória é o espelho onde observamos os ausentes. Nesse aspecto, hoje frente ao espelho enxergo cada vez mais meus faltantes e sumidos. Mas vai chegar o dia em que ao me deparar comigo ao espelho lá não estarei mais. Vou desaparecer do mundo, da vida e dos espelhos, e ir para o cemitério das minhas lembranças me juntar aos meus ausentes...

BLOG



POST NO SITE



Crônicas

IA.TROLOG.IA

Por Renato Cresppo

Dentro das obviedades pertinentes um aspecto é sobressalente:

Estultamente seguimos em crença estoica de busca moral, deixando passar por despercebido que é, o que sempre foi, e, que talvez, sempre será, nossa real serventia no engenhoso mecanismo do ócio e do vício. Embrenhados no estado das coisas, certamente não atravessaremos incólumes ante as sevícias que, sistêmicas, contaminam-nos o corpo, a mente e a alma. Prosseguimos na pedintaria humana como simulacros de uma vã postura impávida inquebrantável, numa retangularidade sem ângulos, numa via que a nenhum lugar nos leva, numa conformidade congênere que tanto se esforça em abduzir-se de sua natureza análoga. E, como nada que pudesse passar pela peneira da eterna perpetuidade dantesca enquanto efêmera, somos o que somos já não sendo tudo o quanto ignoramos, numa revolução sem armas, sem causa e de exclusivo sofrimento, nesta nossa urgente pujança, consumiremos toda e qualquer força que restar-nos-á até que então, sem que possamos enxergar as limítrofes fronteiras de nossa prisão e, tampouco pressentir nosso destino final, também não nos será revelado, nem jamais por nós compreendido, esta nossa meta enquanto filosofia na busca por razão, em criar-se o que se cria, sem suspeitar que, de fato, nada criamos. Somos o que somos já não sendo nada o que pensamos, ou sequer cogitamos. “Morienti cuncta supersunt”. (Ao vivo tudo falta e ao morto tudo sobra.)

INSTAGRAM



POST NO SITE



Crônicas

FINOU-SE

Por Jeane Tertuliano

Partiu prematuramente a mulher que gestou grandes quimeras. Doou-se tanto às causas alheias que percebeu tarde demais o padecimento de si mesma. Não soube determinar o porquê do desamor.

No entanto, ao fecundar a memória e relembrar de outrora, concluiu sem demora que não merecia demasiado descaso. Logo ela, a que se fazia útil por gosto, por renegar ser desgosto na vida de outrem! Não esperava muito da vida, apenas ansiava por ser respeitada e, conseqüentemente, valorizada. O autoamor não lhe faltava, entretanto, havia sido ensinada pelos dissabores em sua estrada que boas pessoas eram, por vezes, menosprezadas. Por ser deveras humana, definhou. A sua sensibilidade a florada, a tragou; esquecendo, assim, de ser sensata ao inferir que o seu destino era caminhar desarraigada. Finou-se, pois, a mórbida liquidez do presente tornou enferma a sua mente.

INSTAGRAM



POST NO SITE



TERROR Y HORROR

12



Andrea Ríos



Abogado y escritor del género fantástico DieselpunkNoir y Terror. Empezó a escribir a los 6 años, participe en concurso de cuentos, luego público en diario digital Standard Digital News “El Monasterio” luego en Lakuma Pusaki “Sofía y la Imagen” cuento de Terror. Público en otras revistas y actualmente es columnista de la revista The Wolf Bard. Público en colaboración libro estilo pulp poesía de Terror. Pronta a publicar “Relatos Insanos de Bestias y Oscuridad”.

Fuentes primigenias del terror

Primera Parte; The Witch Of Endor;

Al hablar de la literatura de terror, generalmente pensamos en autores como Lovecraft con “La llamada de Cthulhu”, “El caso de Charles Dexter Ward”, “Los gatos de Ulthar” entre otras grandes obras del autor, y al gran Horace Walpole con “El Castillo de Otranto” ambos como referentes del género. Sin embargo, lo gótico o terrorífico no nace con ellos. Por no ser oficioso en este artículo, no citaremos a todos los grandes autores del horror contemporáneo, que ya forman parte del imaginario colectivo. Más bien, acudiremos a las fuentes primigenias del género.

El terror y lo sobrenatural, tiene orígenes que provienen del folclore y de aquellos miedos propios de cada época y cultura. Muchas creaciones de seres, ya sea mitológicos o más contemporáneos, provienen de los terrores a los que nuestros ancestros se enfrentaban. Estos, tuvieron que sobrellevar la oscuridad, las muertes prematuras de su familia, enfermedades inexplicables, fenómenos atmosféricos,

y todo tipo de patologías psicológicas severas y mal comprendidas.

Basta recordar, aquella tradición popular no tan antigua de Latinoamérica, que habla del “Coco” el que se lleva a los niños desobedientes o que no se comían todo su alimento. Por supuesto están aquellos temores infundidos por un aspecto religioso, donde el cristianismo representó al bien y al mal, este último con temibles demonios y castigos. Todo esto pretendía corregir u orientar un comportamiento debido de cada niño o adulto. Tema que abordaremos en profundidad sobre otra gran fuente de terror, en la segunda parte de este artículo.

Nos referiremos al origen primigenio del terror, a aquellas fuentes anteriores a las grandes publicaciones y autores célebres. Siendo una de ellas, “La Arqueología bíblica”, tal como escuchan, una de las fuentes relevantes del género, de donde muchos autores han obtenido inspiración. Dicho lo anterior

y a pesar que este punto podría generar ciertos resquemores, seguiremos con esta interesante relación del terror y los escritos bíblicos.

En la actualidad, científicos, arqueólogos e investigadores, han reconsiderado a la “Arqueología Bíblica”, como un aporte a la disciplina, estudiando sitios del antiguo Oriente, particularmente de Tierra Santa. Llegó a convertirse en una disciplina de estudio arqueológico, y fue inicialmente financiada por la iglesia y por teólogos, su desarrollo máximo se dio inmediatamente después de la Primera Guerra Mundial, aproximadamente en 1920. Recordar que en aquellos años, la Palestina estaba dominada por los Británicos, esto permitía grandes investigaciones en el territorio.

Esta rama de la arqueología, fue reemplazada por la llamada Arqueología Procesual, ocurriendo a fines de los años 60. La arqueología Procesual, argumenta que, toda teoría o idea debe ser posible probarla o no significa nada, es decir aplicando un método científico. Sin embargo y en la actualidad, la Arqueología Bíblica, se ha vinculado con el entorno físico y los hechos relacionados, más que con un tema de carácter religioso.

Dicho esto, tanto la disciplina como este breve artículo, no pretenden confirmar ni refutar hechos bíblicos. Es innegable que la Biblia es una gran fuente de información y datos sobre la Región de Palestina, la que abarca un importante periodo, como la Era de Hierro de la humanidad. Los descubrimientos arqueológicos en los años 20 y 40, llevaron al hallazgo de los Rollos del Mar Muerto en Qumram en 1947, a cargo de un religioso francés De Vaux, esto como un ejemplo de esta disciplina y sus logros.

No es fácil la reconstrucción de la historia de la humanidad, ni menos confirmar o desmentir hechos bíblicos, sin embargo algunos acontecimientos del texto sagrado, tuvieron lugar en cierto tiempo y espacio. Un ejemplo de esto, fue el hallazgo de los nuevos fragmentos de Los Rollos del Mar Muerto, en la “Cueva del Horror” en Israel, lugar donde se en-

contraron esqueletos de 1900 años de antigüedad, de judíos que escaparon de Roma.

De este modo, y luego de más de 60 años, se vuelven a encontrar estos fragmentos, aproximadamente 20 pedazos de textos bíblicos de 2000 años de antigüedad escritos en griego. Esto fue en el desierto de Judea, lugar cercano a la ribera del Mar Muerto, los fragmentos componen el Libro de los 12 profetas menores. Las exploraciones iniciaron en el año 2017 y junto a los fragmentos ya descritos, aparecieron otros hallazgos.

Otro de los grandes hallazgos de arqueólogos israelíes, fue al encontrar los restos de una tinaja de 3000 años de antigüedad, en el año 2015. La inscripción data de la época del Rey David. La inscripción es del S X a.c, es decir, del Reino de Judea. La excavación fue en Khirbet Qeiyafa, cercana a la ciudad israelí de Beit Shemesh, en el Valle de Elah. Si todo esto nos parece muy lejano y desconocido, podemos señalar que en este lugar aconteció la gran y conocida batalla entre David y Goliat, donde el adolescente derrotó al gigante Goliat, demostrando su inteligencia, templanza y valentía, lo que lo llevaría a convertirse en el gran monarca.

Para ir concluyendo esta introducción sobre la Arqueología Bíblica, sus historias, y sus grandes hallazgos. Cabe señalar que, los arqueólogos encontraron el nombre de “Eshbaal”, que significa “hijo de” en idioma cananeo antiguo, el que gobernó Israel, en igual periodo que el del Rey David. Yose Garfinkel, investigador y científico a cargo de la excavación, confirmó que este político fue asesinado por decapitación ya que su relación con el monarca (David) no estaba en el mejor momento. Garfinkel, señaló que este nombre “Eshbaal”, si aparece en el texto bíblico además ratificado por la ciencia arqueológica.

Daremos paso a una de las fuentes historiográficas del terror, la que se ubica en igual periodo histórico que el hallazgo ocurrido recientemente y comentado en párrafo anterior. Para continuar con nuestro artículo y relato, seguiremos en el antiguo Reino de Judea, en momentos donde existía una



TERROR Y HORROR

evidente diferencia social y una poderosa elite dominante. Nos remontaremos al periodo del génesis bíblico, donde encontraremos interesantes citas y referencias, que dan cuenta de la existencia de la brujería, nigromancia y hechicería.

Uno de los relatos más destacados, lo encontramos en *Samuel 28:3-25* “*Y consultó Saúl a Jehová; pero Jehová no le respondió ni por sueños, ni por Urim, ni por profetas. Entonces Saúl dijo a sus criados: Buscadme una mujer que tenga espíritu de adivinación, para que yo vaya a ella y por medio de ella pregunte. Y sus criados le respondieron: He aquí hay una mujer en Endor que tiene espíritu de adivinación...*”

En este versículo del antiguo testamento, se relata la odisea que vive un afligido y turbado rey Saúl, rey de Israel. Cuando el rey Israelita vio el campamento de los Filisteos sintió gran temor, pues sabía que su ataque era inminente. Ya anteriormente y en conformidad al Deuteronomio, otro libro de igual data, el monarca había arrojado de la tierra de Israel a brujos, adivinos y médiums, por tanto, y poniendo en contexto la situación. La relación de Saúl y Jehová no estaba en su mejor momento, tanto así, que el mismo se queja que ni en sueños ni por profetas le responde Jehová, actualmente podríamos hablar de un ghosting divino.

La hechicera de Endor, vivía hacia el norte de la colina de Moré, y era accesible a pesar del asedio de los Filisteos, enemigos de Israel en ese entonces. Sin duda que el actuar del Rey Saúl en traer a su reino a semejante hechicera, le traería graves consecuencias.

Jehová, el Dios de Israel, le había hablado claramente de cuál era su posición frente a los hechiceros, lo encontramos en *Levítico 20:6* “*La persona que atendiere a encantadores o adivinos, para prostituirse tras de ellos, yo pondré mi rostro contra tal persona, y la cortaré de entre su pueblo.*”

Básicamente Saúl, pidió a la bruja de Endor, que lo comunicara con el fallecido profeta Samuel, a quien el rey tenía gran respeto. Samuel, fue un gran profeta que vivió antes de Cristo, y nació aproximadamente en el año 1100 a.c en Ramá. Este profeta dada su autoridad y prestigio en su pueblo, realizó actuaciones legislativas, ordenando temas de antiguas prohibiciones matrimoniales entre amobitas, israelitas y amonitas, resolviendo finalmente, que las mujeres podían contraer matrimonio con judíos, sin duda actuó y fue un Juez para el pueblo de Israel o un sabio jurista. Si este profeta habló por medio de la bruja de Endor con Saúl, será siempre un tema para debate y sometido a diferentes interpretaciones, para algunos se trataría de entidades demoniacas y no del mismísimo Samuel, para otros simplemente jamás ocurrieron tales acontecimientos.

“Y habló aquella mujer a Saúl, diciendo: ¿Por qué me has engañado? pues tú eres Saúl: La adivina también está sorprendida porque ahora ella sabía que había practicado su oficio delante del mismo rey que había expulsado a todos los adivinos y espiritistas de Israel.”

La Bruja de Endor, es quien le descubre en su engaño y le recrimina el hecho, ya que el cómo monarca, se había encargado de desterrar a todos los hechiceros del reino y, luego la busca para que le contacte con Samuel el profeta, olvidando lo que ya se había establecido para todos en el reino la prohibición de consultar a brujos. De cierta forma tenía sentido la molestia de la hechicera, esto nos habla de la personalidad del monarca, dejando ver lo errático de su actuar.

Por otro lado, vemos que en el antiguo Testamento, miles de años antes del nacimiento de Cristo, ya existían médium o nigromantes que se comunicaban con muertos, tal como ocurre en estos días. Luego de miles de años, las médiums, o brujas, siguen siendo consultadas, por quienes buscan una

respuesta que no obtienen de Dios, de sí mismos, o de sus atribulados corazones.

Jamás sabremos, si realmente fue el profeta quien habló a Saúl, si podemos indicar que en los textos de la arqueología bíblica, la magia, brujería, nigromancia, son parte de la existencia del hombre miles de años antes de Cristo. Estos relatos sean sagrados o apócrifos, muestran el contacto del hombre con la oscuridad y la magia que es de antaño. Aquellos seres que vuelven de la muerte y de quienes contactan y trabajan con ellos, mediante la nigromancia, brujería o hechicería.

Quizás, y esto solo a modo de resumen, aquella prohibición de no contactar con brujas, pretendía alejar a todo un pueblo de una realidad terrorífica y maligna que no comprendían. El ego del hombre, necesita doblegar las influencias demoniacas, las que no son comprensibles para él.

Aquella antigua prohibición de la arqueología bíblica, deja en evidencia que la brujería no es un tema del medioevo, la hechicera malvada y desterrada, que utiliza pócimas para sus encantamientos y para conjurar a demonios y muertos. La podemos encontrar en el antiguo Egipto y en Babilonia, posteriormente, en la Ley Cornelia o lex Cornelia Roma, donde se prohibió que practicasen sus actos y sacri-

ficios. Así como en tiempos bíblicos, su práctica fue condenada a muerte, y en la mitología griega la encontramos con la gran bruja Circe.

Sin duda, todas ellas deben su título de gran bruja o hechicera, a la bruja de Endor, a quien deben su reputación y maleficios, aquella que siendo desenterrada, fue llamada por el propio rey para invocar a los muertos.

Continuará...

INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





EDIÇÃO JULHO & AGOSTO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2023



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2023**

PERÍODO DE 10 DE JULHO À 09 DE SETEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

Coluna DIALÉTICA

08



CLAYTON ZOCARATO



Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP com ênfase em Filosofia-Política e Formação e Consolidação de Governos Totalitários, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP, Especialista em Ensino de Filosofia, pela Universidade Federal de São Carlos (2015) - Ufscar - SP, Especialista em Psicopedagogia Institucional pela Fundepe

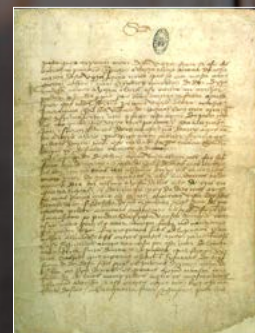
Literatura, Classe e Argumentação: Redescobrimo Brasis

A Literatura Brasileira, não pode ser classificada como afirmou Antônio Candido, como sendo unicamente um “*ramo secundário da arte de escrever secundário da cultura portuguesa*”, mas sim que passou por um período de valorização das suas correntes de influências teóricas metodológicas, passando pelo assim chamado pós-modernismo, rotulando novas formas de interpretar e descobrir um Brasil em torno de vários Brasis.

Não se pode mais passar por uma lógica existencial analítica de puro engajamento de uma cultura que busca sua identidade perante os júbilos de sua história exploradora e discriminadora, como sendo um arcabouço crítico ferrenho de fortes artimanhas em perjurar “os anos de chumbo” por exemplo, como sendo um articulador de gerar enredos que assim venham a refazerem, a esperança de imiscuir a construção de “Brasis democráticos diversificados”, mas que ao mesmo tempo, enfrentou períodos de fortes turbulências políticas, em torno de uma polarização

estatal, em enervar os ânimos quanto ao que pode ou não ser classificado como sendo literatura “*engajada, ou ficcional e atrativa*”.

Desde a carta de Pero Vaz De Caminha se realizou um jugo de enaltecimento das nossas riquezas naturais, como um semblante doutrinário de vim despertar a cobiça, como sendo um forte cunho de enervar uma valorização do “*homem civilizado europeu*”, perante o gentil bravo indígena de nossas terras.



Carta de Pero Vaz de Caminha

Em nossa literatura passando pelos cânticos de louvação cristão de José De Anchieta, aos Sermões de Antônio Vieira, se encontrou um sepulcro intelectual de ficar fortemente auspiciado pela influência católica, como também um sentido de combater heresias de levar a palavra do senhor, para todos aqueles que viessem a serem considerados infiéis perante o poderio das cruzes romanas.

Todavia, encontrou um viés de qualidade gramatical, e também de uma revalorização de sua metáfora argumentativa, como forma de enganar o leitor, através de Tomás António Gonzaga, Cláudio Manuel Da Costa, com um semblante Iluminista de vim a lutar contra os efeitos do Antigo Regime, e também a denunciar a espoliação lusitana em nossas terras, mas sem deter-se em um sínodo cruel de romantizar o sofrimento de nossas glebas populacionais *“sui generis”*, que geograficamente estavam mais próximas da expansão colonial de nossas das primeiras cidades localizadas próximas do Atlântico, favorecendo uma compreensão histórica, que mesmo dentro do nosso sistema de construção escravista e de exploração e espoliação, da formação de nosso sistema capitalista predatório, a literatura *“brasilianista”*, passou por um instrumental teórico tanto para suplantar os ideários de luta por liberdade, contidos nos princípios republicanos como também elucidou o tamanho da dificuldade, em se entender um país, que ainda estava fora dos padrões comportamentais em torno de nossos desbravadores.

Evocando a ideia de Aristóteles, *“quanto uma forma de disseminação de formação do pensamento que possa ver o diferente, como sendo um prolongamento de atitudes libertárias”*, que viesse assim desenvolver um *“crátilo”*, sendo uma teoria de valorização da cultura helenista, defronte os caminhos de conjurar um pensamento da construção de identidade arquitetados em intelectualidades que fossem projetadas tanto para o esclarecimento, quanto para o entendimento empático entre polivalentes civilizações.

A Literatura no Brasil passou por enredos epistemológicos, tanto de enaltecimento á, um sentimento de ativismo social, moral e institucional, como também em esmiuçar polifônicos momentos de uma forte rebeldia, quanta produção de conteúdos que não ficassem, exclusivamente encarcerados,

em denunciar um momento se quer de opressão, que fosse propício, fortalecendo a constituição de uma estética escritural forte, e que ao mesmo tempo outorgasse *“ser”* alvo de novos embasamentos e questionamentos quanto a fazer uma redescoberta sadia e forte do povo Brasileiro, e tendo nesses vieses humanistas, caminhos para elevar uma ontologia, que venha ornamentar a ascensão de nossa cultura de escrita, não como um sentido filosófico de realizar em nossas raízes intelectuais, estejam envolvidas com os desejos de nos libertarmos da atmosfera de opressão da coroa portuguesa ou de outra influência aglutinadora colonialista.

Se pensarmos no sentido da Inconfidência Mineira, voltando a Tomás António Gonzaga e Cláudio Manuel Da Costa, a literatura no Brasil sai do seu sentido original, de um cantar religioso muito forte, passando para um sentido de luta pela liberdade realçada em seus poemas, em que é demonstrado toda uma preocupação quanto a um comunicar de intelectualidade que não seja nefasto, em ver a opressão como uma dos caminhos mais perigosos para uma construção de uma cidadania, que não levasse e conta tanto os aspectos políticos e culturais das diferentes etnias que estavam formando o Brasil.



Cláudio Manuel da Costa



Sendo assim o sentido de lutar por direitos republicanos também conteve uma estética indagadora, escoltada para uma historicidade em retratar momentos de um forte esclarecimento intelectual, onde venha transcorrer que as classes sociais multiformes, possuem elementos semiológicos notáveis, de acalantar polivalentes pontos de vistas culturais, que possam tanto combater **“doenças mentais”** de uma infantilidade, em assim, vir a realizar uma projeção teleológica, de como os estilos literários tem tanto objetivo de enaltecer labores de construção a uma subjetividade íntegra e consciente de si mesmo, bem como a remediar um paráclito de política, que se faz usufruir da arte, somente em, **“momentos de forte crise intelectual e moral”**, como ressaltou Alfredo Bosi.



Alfredo Bosi

Aliás, usando de Alfredo Bosi, está um gatilho de moralidade, que seja **“intrapésico, em que o tempo, é um caminho”** de **“construção de um ser”**, que possa tanto estar arquitetado em buscar o bem das pessoas como também a entrever a individuação, de uma mentalidade, que ao mesmo tempo possa, **“conter uma intersecção histórica muito grande em consonância com disparidades existenciais”**, em ver que a arte literária passando por fenomenologias sintáticas consubstanciando, tanto uma orla filosófica sádica quanto uma ética religiosa intransigente.

A Literatura Brasileira passou por sua história por múltiplos, caminhos de uma humanização, que ao mesmo tempo pudesse ter um estereótipo de intelectualidade orgânica, em propiciar um novo cânone de interpretação sociológica, estando inclinado para um cunho de liberdade intelectual, que

fizesse nossos dilemas históricos a formulação de uma cultura híbrida, caracterizada como um bojo de construção questionadora, chegar à uma intelectualidade amplificada em uma mentalidade sociocrítica consciente de suas origens, passando por um prognóstico de intelectualidade, que servisse de uma subjetividade dialética, **“cantando as levezas”**, de atribuição intelectual em fazer com o que o Brasil, não ficasse dentro de um semblante eterno de exploração mental e moral do Antigo Sistema Colonial.

No sentido de sua moralidade gnosiológica, a literatura brasileira, esgarça um princípio onde a **“ vaidade ”** está auspiciada, para um **“combate nas trevas”**, (usando das palavras de Jacob Gorender), quanto a realizar, perante, **“o pensamento nos trópicos”**, novos ornamentos de uma ontologia de criticismo, em se chegar à construção de um cânone, que possa não ser somente um marco de exploração, mas sim **“um labor”**, para encabeçar um pensamento de escritura que seja propedêutico, e não vindo de forma preconceituosa, a defender, ou engrandecer, um setor em especial da nossa sociedade civil.

O Brasil passou por sua história das letras, por nuances interpretativas, de ter suas ideias literárias, sobre a gênese da batuta europeia, o que não deixou de promover a destruição de sua capacidade intelectual, ao qual possamos dizer (congénita em sua homogeneidade de constituição intelectual), em se fazer como vários **“pedacinhos”**, que sejam sublimes, quanto a não conter uma libido que fosse traçada para uma inferioridade cultural, das, **“classes sociais mais abastadas”**, que viessem aqui para usufruir de todo nosso espólio natural e humano, gerando, **“uma intelligentsia”** que contivesse o gozo eterno do pecado carnal.

Ronaldo Vainfas **“em seu trópico dos pecados, coloca que a Inquisição no Brasil, tinha como um de seus principais objetivos, forçar as pessoas a conterem hábitos cristãos – católicos”**, como também a exaurir e combater **“os cristãos – novos”**, verificando certa **“frenologia de absenteísmo e novidade intelectual”**, dentro da cabeça do clero que viesse, a cometerem, novas lógicas de um comportamentalismo histórico em fazerem, questionamentos quanto às veracidades dos dogmas cristãos.

Na construção de uma Ideologia de Intolerância em nossa literatura, está o cerni de novos prognósticos em um aprofundamento intelectual, para se chegar a um bojo de jactâncias e amplitudes psicoculturais, ao qual nossa escrita como forma de diversão, passa por um caminho de denuncia de nossas mazelas civilizacionais, em não conseguir assimilar, um **“laborial caminho de sucesso”**, que venha assim cantar, que nossas diferentes esferas de intelectualidade podem, reproduzir um idealístico sistema analítico, que venham a disseminarem polifônicos sacrilégios, para ritmos intelectuais frenéticos, de passar para modernização da língua portuguesa, que venha reunir múltiplos escopos de imanências subjetivas de formação mental libertária, quando a ver um hibridismo de conhecimento literário, tendo felonias do que seja algo intelectual favorecendo o livre pensar, como sendo um controle massificador, que germinasse, a nossa literatura, não como sendo um teste de **“letramento tecnicista”**, vindo a realizar discursos de significados quanto a entende, um **“dasein”**, que saia do espaço-tempo, teorizando uma marca de relação histórica – onírica, entre o que pode ser considerado como sendo algo de verdadeiro, quanto à elaboração de uma metafísica, que possa assim ser falsificacionista, em reaver as várias camadas de uma epistemologia em se entender a literatura brasileira, como um caminho, para se chegar a uma semiótica de interpretação dos signos que venham a humanizarem, um semblante de como se entender a inteligência coletiva, de forma consciente, e que seja onipresente, quanto a classificar a nossa literatura como sendo um vetor de respostas, para um crescimento intelectual em se retirar, **“o brasileiro”**, da sua condição de **“cordialidade”**, perante sua tessitura de exploração.

Uma exploração que passa por elementos, de equilíbrio entre o que possa ser classificado como sendo um nicho, de elevação de plantéis do esclarecimento através o sofrimento alheio, que venham assim passarem, por cunhos humanísticos, ou objetivar a lapidação quanto a se chegar a um conceito de literalidade que venha conter, a capacidade de inteligência, em se enveredar novas tipologias de como se fazer compreender, perante um, **“eu que, seja pluralista”**, e que também contenha uma estética de sair do senso-comum, e assim se chegue a cunhos de um senso-crítico que combata uma univocidade de recepção da internalização e formação intelectual.

Sendo assim, é de vital importância se deter perante, novas lutas, contra opressão em se fazer um estereótipo aniquilador, de realizar dentro da Literatura Brasileira, caminhos diacrônicos, para se entender ela como um **“doce manifesto de insatisfação de espoliados”**, segundo as palavras de Mário De Andrade, pelos quais se possam, realizarem atitudes de benfeitorias, para um comprometimento e esclarecimento mental, da Literatura, como uma forma de não somente contar ou narrar, como as classes sociais se comportam perante os desafios de se renderem para uma sintomatologia de moral que possa não apenas se compor como o que se pode ou não fazer, mas se recompor perante reflexões de uma filosofia do poder, que venha conter uma subjetividade sucinta, quanto ao progresso de um desenvolvimento psicossocial, promovendo um crescimento de combater as artimanhas do senso-comum excludente, e não somente construir, novas paralaxes de contar, **“a história tupiniquim”** ao longo do tempo, só por contar.

José De Alencar, fez da **“idealização de um herói - nacional”**, gera uma necessidade de um cenário opressivo, ao qual dentro da construção política e estatal do Brasil Republicano, demonstra um sentimento de desalinhamento, quanto a se realizar um governo democrático, que venha outorgar o cumprimento de direitos e deveres para todos os cidadãos, sem exceções ou exclusões.

Se pensarmos em termos do pensamento jurídico, se submetendo ao pensamento de Niklas Luhmann, **“o jurídico e o Estado, são traçados de um motor panóptico de evolução do Direito, em busca do equilíbrio, entre a sociedade civil como de sua história social”**, dentro de uma simetria de literariedade, está um sentimento de buscar a cada instante, um ponto de observação **“kantiano”**, para uma usurpação da razão pela inteligência, pois dentro de um contexto filosófico iluminista, **“todos detem razão, mas dentro do conceito de inteligência”**, o conhecimento científico tem a necessidade de refletir acerca das vontades humanas, no contraponto de uma vitalidade intelectual exaurida, para uma desconstrução do que seja **“pensar e agir”**.

A Literatura Brasileira, detém em suas conjecturas artimanhas de um pensamento em se colocar contra práxis da obsessão e opressão, sem



precedentes, mas com procedentes, para uma não delimitação do leitor em buscar tanto a diversão como a conscientização dos seus principais dilemas e problemas.

Faz-se jus um consumidor de livros, ter o seu exemplar e ser classificado como um agente de interpretação histórica, dentro do seu universo de tratamento, que seja, viril nas formas de elaboração de elementos projetivos, que faça os dados de geração de novos leitores, sejam agraciados a compreenderem, que dentro de um escopo de comprometimento social, em vim a retratar uma época história em especial, onde se possa posicionar, um equilíbrio entre o poder da leitura, com uma humanização de sabatinar, mentes que ainda não possuem o hábito de “ler”, mas que também saiba como usar e adquirir termo do “compreender”.



Hannah Arendt, “outorga o compreender”, como, “sendo um dos grandes pilares para se chegar a um pensamento filosófico, que esteja dentro das premissas para se entender os dilemas diários da sociedade”, mas que não seja totalizante, no caminhar de respeitar a história de vida de cada pessoa.

Nesse cunho, de realizar uma caracterização, de que a literatura não é unicamente um caminho de diversão, mas sim um desafio, para a produção de flancos intelectuais, que venham, em não “a repetir concentração de rizomas, intelectuais”, segundo o pensamento de Gilles Deleuze, mas sim, a reaver perspectivas de como polivalentes estilos literários,

tem caminhos, para a sedição de indivíduos pragmáticos que se destinam somente a ler sem conter o entendimento lúcido.

E o entendimento como a compreensão, tem que entrever caminhos, para se chegar a uma liberdade, de reflexões, que sejam formadores de mentalidades argumentativas, que possam assim incomodarem, um tecnicismo atemporal de aprendizagem em se ter contato com mecanismo de cultura diacrônicos, que não possam vim a destruir a capacidade de gerar a curiosidade, bem como aguçar, uma ativação de, “racionalidade cativa”, que realce, a leitura não exclusivamente como esteio de venda de livros, mas sim que esteja embasada, para uma “organicidade de pensamento, que se promulgue, para a construção de novas formas intelectuais, que possam mover o motor da história, e não serem tratados como parte das engrenagens que outorgam a opressão”, segundo as palavras Antonio Gramsci.

A Literatura, entre tantas fissuras e loucuras, se descobre a cada momento como sendo uma condutora de energia, para que o homem assim possa se suportar dentro do “tempo”, ao qual seja unívoco aliado, em se enxergar como um elemento metafísico, mas que necessita de um elemento físico, para que se possa alçar uma elevação sua para além, de uma “genealogia do bem e do mal”.

Segundo o crítico Robert Escarpit, “o livro é a elevação de todos os nossos desejos mais profundos, mas que também produza uma interiorização do homem, perante um efeito dialético, em se possuir, uma estética que envelhece, mas que produz os mais belos sentidos de compreensão e invenção da estória e da história”.

Dentro, do cenário de entretenimento a Literatura Brasileira, tem “seus ritmos, estilos e métricas, concatenados em despertar o leitor, para um clamor em conhecer suas origens”, voltando a Alfredo Bosi.

O leitor de poesia, tem que conhecer a leveza das palavras em se deliciar por caminhos que vão desde Casimiro De Abreu, passando pelas denúncias escravista de Castro Alves, e dando um salto temporal chegando até os dramas existenciais poéticos de Carlos Drummond De Andrade.



Para as crônicas e contos, podemos citar, os sentidos dos dramas diários citados por Roberto Drummond, Rubem Fonseca, ou Dalton Trevisan, e depois passando pelo Romance, com seus inúmeros estilos e sinopses, retratando a busca incessante por uma compreensão do brasileiro, dentro do seu papel tanto como indivíduo, mas também alguém que procura uma individuação, em torno de perfis psicológicos e sociológicos, que venham a produzir uma filosofia de compreensão de uma individualidade, que ainda não encontrou sua subjetividade.

Seja para recordar, ou para denunciar, é vital enxergar a literatura como um patamar de diversão, mas porém que venha fazer das pessoas, ornamentarem, um estado mental, culminando em uma litografia de interpretação, que possa germinar cunhos, para o desenvolvimento da mentalidade argumentativa, validando uma historicidade literária, que coloque todos os elementos existenciais do povo brasileiro, como uma enunciação, de arquétipos, **“de que para um material de carpintaria da literatura crítica”**, como diria Autran Dourado, está um caminho, **“maiêutico”**, em que não basta se escrever por lazer, mas sim que venham passar por um **“espaço”** de transposição do **“real”**, promovendo a geração de prolegômenos de uma teoria da linguagem que venha assim a incidir, exéquias de não se imiscuir, que a literatura seja volátil, como sendo um de seus principais fatores, em tirar o leitor da sua zona de conforto, que assim venha a se trabalhar o sentido de uma espiritualidade que dê alguma tipologia comportamentalista ética em se respeitar o **“próximo”**.

“Um próximo”, que não contenha o orgulho,

e que realize, uma promoção de que é necessário como um Chico Xavier, favorecer o crescimento de uma **“literatura de autoajuda espiritual”**, que promova uma valentia em se construir o **“real”**, com uma pitada do espiritual, voltado tanto para do social.

A vida do intrapsíquico de forma literária interfere no cunho de uma humanização das relações pessoais, entre se aproximar, de um cunho das humanizações, de uma cultura-pop, que seja sucinto, ou que seja leviano, em afastar o leitor, de sua condição humana, para colcoar em voga novas construções metodológicas, voltadas para factologias de intelectualidades, que não estejam em sintonia **“para um pragmatismo mórbido”**, não chegando ao surgimento, de um romantismo leitor, que venha a se produzirem, exposição de lastros de uma intelectualidade, sendo um **“princípio”**, para se articular com um momento histórico de leitura, prisioneiro do que seja presente, passado ou futuro.

Dentro de um cenário físico entre passado, presente e futuro, a Literatura Brasileira, se encarrega, de se computar como uma base, de criar vida própria e não ficar, embutida com uma secularização intelectual que caminhe, para um método, em se fazer análise, sem levar parâmetros mentais e históricos, que venham a engrandecerem, tanto o fator corporal, Naturalista, como a revigorar seu Parnasianismo, na métrica de sua escrita, que seja tanto criativa como ativa, e que enalteça, um Plano Romântico, que venha a ser Quântico, em fragmentar múltiplos sentidos culturais, da construção de nossa identidade, nacional, social e espiritual.

A literatura brasileira se reinventa em todos os seus diferentes elementos históricos, necessitando reaver polivalentes formas e maneiras, de se esclarecer diante uma lógica de acariciar o infinito, do seu universo leitor, como um caminho de louvor para se agigantar como um cânone de informação e diversão, perante, a amplitude de crescimento, de uma ontologia em se **“alcançar buscar um entendimento”**, de como não ser exclusivamente, **“um galho secundário da literatura portuguesa”**, como diria o grande Antonio Candido, mas sim que acarrete, uma nova historicidade, de compreensão de como, se chegar a um coeficiente de liberdade de criação que possa esgarçar a construção de uma identidade intelectual brasileira, que não venha a sofrer uma in-



fluência direta de estrangeirismos.

Os diferentes momentos históricos, pelas quais passou nosso empirismo literário, estão realçados, na busca de uma gnosiologia de identidade intelectual, que não venha engrandecer cegamente, alguma tipologia de encantamento estético em especial, mas sim que venha confirmar uma Literariedade, como forma, de disseminar formas, de múltiplas tessituras em torno de se realizar um “*eu superior*”, dentro de um contexto de poesia, prosa e narrativa, que promova o brasileiro como detentor de sua própria percepção de realidade.

Em uma dialética convicções e contravenções, ornamentados em suas factologias sociológicas e históricas, tanto como um caminho de argumentações de compêndios e diâmetro filosóficos, é necessário conter um olhar para a literatura tanto de ficção como de factos verídicos, traçados concomitantemente, como passos provocativos de formações culturais e mentais, como também de incentivo, a geração de uma espírito crítico e empreendedor cultural, que olhe para o futuro, sem se esquecer de sua criatividade do tempo presente, e dentro do seu momento histórico vivente e existencial atual.

Como diria a eminente romancista paulistana Amanda Fernandes, “*é necessário tecer um pouco de prazer, na loucura de se viver, e ter amor*”, a literatura é um eterno prazer e amor e dor sem limites.



Clayton Alexandre Zocarato

FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS



Nau literária



07

POR MAGNA ASPÁSIA



Magna Aspásia Fontenelle, natural de Carolina-MA residente em Uberaba-MG, professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica- Philosophos Immortalem-Ph.I. Dra. Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.), autora e coautora de vários artigos científicos, livros, coletâneas, antologias e revistas publicados em periódicos nacionais e (inter) nacionais num total de 15 obras. Membro Fundadora Imortal e presidente da Academia de Letras do Brasil Seccional Uberaba-MG. Membro fundadora da Academia Alternativa Pegasiane Brasil. Delegada Cultural da FEBACLA-RJ para o Triângulo Mineiro. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira-FOCUS Brasil New York. Agraciada com título de Cidadania Uberabense; recebida como hóspede oficial da Estância Turística Paraguaçu Paulista-(SP) e também, com várias honorarias (inter)nacionais.

“Posso dizer que ação cultural é toda forma de atuação que enriquece as vivências de outras pessoas. Seus conhecimentos transmitidos, alavancam o conhecimento de outros”.

(Hélio Siqueira)

Esta edição, a Coluna Nau Literária se apresenta trazendo uma valiosa contribuição diferenciada com a entrevista do artista plástico Hélio Siqueira, que socializa sua trajetória cultural e seus múltiplos enfoques, considerando a diversidade abordada em seu trabalho que traduz a expressão de sentimentos, emoções e também de diálogo.

“A pintura é a poesia mais vista do que sentida, e a poesia é a pintura que é sentida e não vista”

(Leonardo da Vinci)

Por Magna Aspásia Fontenelle

*Os bem-te-vis,
Cantam alegremente
Anunciando
Um novo dia,
Inebriados pelos
Raios solares que surgem,
Esplendorosos
Por detrás do morro.
Os beija-flores,
Aparecem para se alimentarem,
De alpistes e água fresca
Na janela da cozinha.
A brisa balança
As folhas das árvores.
Num compasso único,
Nos mostrando
A exuberância da natureza.
Observo os pássaros.
Um canta e o outro se alimenta.
Nessa 'nuance' harmoniosa
A essência da vida cumpre
Seu papel de união dos seres,
Tornando o local harmonioso e belo.*

*Numa dialética diversa e respeitosa.
Nesse conjunto dissímil,
Pássaros,
Alimentos,
Natureza,
Penso na vida.
Os Ipês florescem
Em determinada época do ano.
Com flores de cores variadas,
Embelezando as estradas, ruas,
Parques,
Fazendas,
Cidades.
Sem se importar se agrada ou não.
Apenas, florescem.
É a vida desvendando seus mistérios,
Na confiança do recomeço!*

MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

**CONHEÇAM O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

SITE



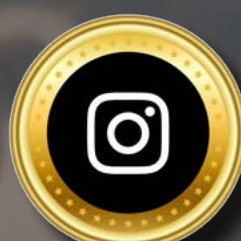
FACEBOOK



FACEBOOK



INSTAGRAM



POST NO SITE





Hélio Siqueira é formado em letras pela faculdade de filosofia Santo Thomas de Aquino de Uberaba. Participou de mais de vinte Festivais de Inverno. Possui pós-graduação em Ação Cultural pela ECA/USP (1985) e atualmente é coordenador do MAS - Museu de Arte Sacra de Uberaba. Foi professor de desenho e pintura da UFU de 79 a 90 e nunca abandonou o desenho e a pintura. Reside e trabalha em seu atelier em Uberaba/MG.

1

REVISTA THE BARD – Hélio Siqueira quem é?



HÉLIO SIQUEIRA Nasci no bairro dos Limas, município de Ouro Fino e vivi, neste lugar até os quatorze anos. Lá, como qualquer menino da minha idade de família simples, apendi os rudimentos de uma educação levada a sério pelos meus pais que desejavam, transmitir às crianças, tudo que entendiam por um bom comportamento no sentido de ser alguém na vida. Neste mesmo lugar, através do empenho de meus pais e minhas tias, supertalentedas, transitei pelos caminhos da liberdade e da criação. Na casa de minha avó paterna tinha um curso de corte e costura e ali, dei asas à imaginação criando com tecidos, bordando e fazendo flores. Tudo o que minhas tias faziam eu queria fazer também, apoiado e incentivado por elas. Aos quatorze anos meu pai me levou para ao seminário dos capuchinhos onde tive a chance de dar mais alguns passos na direção que eu sempre queria, ser artista, mesmo que fosse andando por caminhos tortos e inusitados.

2

REVISTA THE BARD – Como começou a seu interesse pelas artes e cultura?



HÉLIO SIQUEIRA Nestes ambientes simples e de costumes enraizados, tudo o que eu precisava saber para alicerçar minhas buscas, estava ali - nestes dois ambientes: a roça e o seminário. Tive chance de me aprofundar mais um pouco com os capuchinhos, porque o Seminário nos dava muitas opções, fosse cantando no coral, fazendo teatro, estudando literatura, bordando paramentos litúrgicos, ou desenhando ou pintando, tudo você tinha liberdade para experimentar. Era um mundo aberto de possibilidades, tanto que você esquecia os rigores de uma vida trancada neste espaço limitado por oração e ladainhas infinitas. Eu gostava.



3



REVISTA THE BARD – A Fenomenologia do Espírito de Hegel descreve, a trajetória do espírito em direção à liberdade pessoal e ao autoconhecimento, protagonizando a individualidade. De que maneira essa dialética se aplica em tuas obras?



HÉLIO SIQUEIRA Não tem como você ser uma coisa e outra na arte. Tudo aparece ao mesmo tempo – junto e misturado. O artista fala do mundo, mas, no fundo, ele se refere a sua aldeia. Aldeia, entendida aqui, como o lugar de suas primeiras vivências. Aquilo que você experimentou nos primeiros anos de vida vai ficar agarrado a seus conhecimentos, tanto assim, que mesmo que você assimile todos os conhecimentos, eles passarão por esse crivo entranhado nas suas primeiras experiências de vida. Na minha obra fica evidente as paisagens e as naturezas mortas dos primeiros anos, o folclore vivido nas folias de reis, a religiosidade e toda cenografia que daí advém.



Artista Hélio Siqueira com a obra *Ex Votos ao fundo*

4



REVISTA THE BARD – A arte e a cultura têm a capacidade de revelar em sua mediação formal um conteúdo histórico e cultural. Como você vê essa composição?



HÉLIO SIQUEIRA Sempre achei que o artista não pode ficar parado, imóvel no seu canto, reclamando de tudo. O mundo é muito carente de saber e nós, pobres mortais, nos perdemos em coisas banais, sem conseguir deslumbrar com o mundo da cultura. Para você gostar de Cultura não basta ser apenas um diletante, você precisa ser uma pessoa atuante na transformação dos outros. Como você transforma? Colaborando para que outros possam tirar deste mundo lições fundamentais para a vida. Admirar uma obra num museu, por exemplo, não é um ato de simples fluição. Você precisa saber um pouco da vida do artista e sua história, para entrar direto dentro de um quadro. Simplesmente passar na frente de uma pintura, não é saber observá-la e tirar dela lindas lições. Posso dizer que ação cultural é toda forma de atuação que enriquece as vivências de outras pessoas. Seus conhecimentos transmitidos, alavancam o conhecimento de outros. É muito bom fazer isso.



5



REVISTA THE BARD — A cerâmica é um processo transformador entre a argila e o fogo. Como tais relações, se estabelecem em posições de afirmação ou negação na sociedade?



HÉLIO SIQUEIRA Considero a cerâmica a técnica mais difícil de dominar. Trabalhar com o barro, não basta saber emendar um pedaço com o outro. É preciso muito mais. Se você toma um pedaço de barro na mão e se não tiver estudo preparatório de desenho e forma, seu trabalho poderá virar uma coisa muito pequena. A cerâmica exige muito estudo e muito desmanche de peças. Nos ateliers dos ceramistas consagrados, existem monturos de experiências que não deram certo. Com o tempo mínimo que temos, só um artista consciente terá coragem de jogar trabalho fora. É sempre um risco. Nas minhas peças, é o risco que conta. Faço dos meus erros grandes acertos. Os escombros são os mais expressivos. Neste caso o fogo e as labaredas contam muito para a sacração das obras. Como disse meu querido professor Amilcar de Castro, de 10 obras feitas, só uma que conta.



PIETÁ 40x36x26 Cerâmica de baixa temperatura

6



REVISTA THE BARD — Você já apresentou várias exposições individuais e coletivas. Conte-nos como foram essas experiências?



HÉLIO SIQUEIRA Uma exposição é um acontecimento. Muitas vezes ela é importante para você concluir um círculo, uma série e depois começar a estudar e partir pra outra tudo de novo. Fiz muitas exposições na minha vida, até mais do que posso imaginar, não sei como encontrei tanto tempo tendo que me dividir entre a sala de aula e o atelier - vivendo numa cidade do interior onde as dificuldades de um artista se agigantam. Aqui, meu trabalho é muito cerceado, mas fora, consigo um apoio unânime. Sempre que exponho fora, encontro forças para voltar ao atelier e começar tudo de novo. O artista se assemelha a um Sísifo. Carrega a pedra, mas quando ele chega ao topo do monte, vê a pedra rolar ladeira abaixo. Nunca penso que estou pronto. Sou inquieto sempre.



IGREJA DE SANTA RITA óleo sobre tela 50X60 cm



7



REVISTA THE BARD – Deixe uma mensagem para os leitores da coluna Nau Literária- Revista The Bard.



HÉLIO SIQUEIRA A arte requer muita dedicação. Aqueles que pensarem que pintando um quadro vão colher dividendos imediatamente, não sabem em que cumbuca estão se metendo. É importante não desmerecer os conhecimentos do público. No reboiço desse turbilhão de gente, existem muitas pessoas preparadas e tudo isso pode ser demonstrado no seu trabalho. Acredito, nesse caso, que uma exposição leva a outras e as coisas vão acontecendo quase que por acaso. Caro artista que está só começando, leve seu trabalho a sério e as portas se abrirão. Muitas portas se abrirão.



AUTORETRATO COM BIGODE VERDE Pintura a óleo sobre tela 22x22 cm

INSTAGRAM

POST NO SITE





Jaque Alennkar, natural de Aiuaba-CE, professora, pedagoga, escritora, poetisa, colunista da “Coluna Guia Literário - Revista The Bard”, onde também atua como Diretora de Operações. Graduada em Pedagogia, Letras – Português, pós-graduanda em AEE, Curso de Design Gráfico. Atua como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Andaraí-BA, cidade onde reside desde 2010. Acadêmica Internacional da FEBACLA. Autora da obra “Nosso Estranho Amor” e coautora em diversas antologias poéticas, se dedica à arte e à literatura, sendo esta última sua grande paixão. Seus versos de amor são uma constante em seus escritos, tendo Vinícius de Moraes, como uma de suas principais referências literárias.

*“A Literatura nos proporciona viver mil mundos e amar mil amores.
Em cada página, uma entrega, em cada livro, uma paixão”
(Jaque Alennkar, 2023)*

1

REVISTA THE BARD – Quem é Jaque Alennkar?



JAQUE ALENNCAR Sou natural de Aiuaba-CE, mãe, esposa, é Diretora de Operações da Revista The Bard, onde também é Colunista da coluna Guia Literário. Pedagoga, poetisa e escritora, cursa Letras – Português, pós-graduanda em AEE. Atua como professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Andaraí-BA, cidade onde reside desde 2010. Acadêmica Internacional da FEBACLA. Coautora em várias Antologias poéticas. Autora do livro *Nosso Estranho Amor*. Dedicar-se a Arte e a Literatura, sendo a última, sua grande paixão. Tendo Vinícius de Moraes como uma das principais referências, os versos de amor são presença constante em sua poesia.

2

REVISTA THE BARD – Como você chegou a área da educação? O que te motiva?



JAQUE ALENNCAR A educação sempre foi uma das áreas que mais despertou meu interesse, ainda na adolescência dava aulas de leitura e escrita para crianças de 1º ano. Com o nascimento da minha filha em 2013, fiquei um pouco afastada do meio para me dedicar integralmente a ela. Em 2017 com ela já matriculada na escola “Pequeno Polegar” recebi a proposta da escola para assumir a regência da turma de G4 (atual jardim 1) e desde então, venho desenvolvendo trabalho dentro da educação do município de Andaraí, cidade que moro desde 2010. Atuo também como professora regente de uma turminha de G3 na Escola Materno Infantil Maria Amélia.



3



REVISTA THE BARD – Os parâmetros curriculares da Educação Infantil contido na (BNCC), abrangem os direitos de aprendizagem e desenvolvimento do estudante, bem como, os campos de experiência preexistentes inerentes a cada aluno. Como você avalia os princípios de igualdade e qualidade na educação?



JAQUE ALENNCAR A BNCC estabelece sei direitos de aprendizagem e desenvolvimento: Conviver, Brincar, Participar, Expressar, Explorar e Conhecer-se. A partir desses direitos são desenvolvidos parâmetros e medidas afim de garantir uma educação de qualidade para todos. Ao meu ver, ainda há muito a ser feito para que se possa garantir uma educação de qualidade para todos desde a educação infantil até o ensino médio, porém diante de todos os avanços, estudos e medidas tomadas, é visível que estamos no caminho certo. A Educação é um projeto de longa data para uma vida inteira, portanto, é normal que os efeitos das mudanças e adaptações atuais, demorem um pouco a serem notados. Acredito que o Fazer Educação é um dos processos mais demorados, porém gratificantes e que daqui a dez anos, teremos um modelo de Educação Básica muito mais avançado e melhor que hoje.

4



REVISTA THE BARD – De que maneira literatura chegou em sua vida?



JAQUE ALENNCAR A Literatura chegou em minha vida através dos clássicos de José de Alencar, Graciliano Ramos, Victor Hugo, ainda na adolescência, fase em que os livros eram meus companheiros fiéis. Também, gostava muito de gibis como: A Turma da Mônica, Mafalda, O Menino Maluquinho, Seninha. Na poesia, o meu primeiro contato foi com Vinícius de Moraes, onde me encantei pelos seus versos, Soneto de Fidelidade foi o que mais me marcou.





5



REVISTA THE BARD – Tua literatura é norteadada por qual escritor? Qual a linha de trabalho?



JAQUE ALENNCAR Minha principal referência na escrita é Vinícius de Moraes. Apesar de passear por vários gêneros como: crônicas, prosas, contos, é na poesia que me encontro, gosto de explorar as várias vertentes da poesia, tendo escrito haicais, aldravias, micropoemas, admiradora do soneto clássico os quais também, tenho alguns escritos. Acredito que a Poesia é uma vastidão a ser explorada por nós poetas que nos permitimos senti-la na pele.

6



REVISTA THE BARD – Quais obras literárias têm produzido? Qual gênero?



JAQUE ALENNCAR Publiquei o meu primeiro livro recentemente, Nosso Estranho Amor, um livro de Poesia, que conta uma história de amor em seus versos.



LIVRO

7



REVISTA THE BARD – Deixe uma mensagem para os leitores da Coluna Nau Literária Revista The Bard.



JAQUE ALENNCAR Queridos leitores, a Arte é a mais pura expressão do sentir, todo aquele que sente, carrega uma poesia n'alma. A Literatura nos proporciona viver mil mundos e amar mil amores. Em cada página, uma entrega. Em cada livro, uma paixão.



INSTAGRAM

POST NO SITE





FRASES



O artista fala do mundo, mas, no fundo, ele se refere a sua aldeia.
(Hélio Siqueira)



*“A Literatura nos proporciona viver mil mundos e amar mil amores.
Em cada página, uma entrega, em cada livro, uma paixão”*
(Jaque Alenncar, 2023)



COLUNAS E COLUNISTAS





10



Ladylene Aparecida



Tem 34 anos, formada em Gestão de Recursos humanos, mas atualmente trabalha como empregada doméstica. Negra, mineira, nascida e criada na periferia, presenciei os horrores de ter nascido preta, contudo digo com orgulho que sou mais uma sobrevivente. Encontrou na escrita e na literatura o apoio que precisava para encarar a sua realidade. Desde o ano de 2021, vem se encorajando a mostrar para as pessoas os seus escritos e a postá-los em seu Instagram literário (@ladyleneap.escritora); desde o início de 2022 atua como colunista e cronista na Revista Internacional interativa The Bard Wolf, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes. Também atua como redatora e criadora de conteúdo.

Folclore Brasileiro

Olá, meus queridos leitores, estamos mais uma vez com a nossa coluna e nessa edição especial, vamos dar uma pausa na mitologia grega e falar sobre umas das culturas mais ricas do mundo: o Folclore Brasileiro. Se você já conhece, será uma oportunidade para aprofundar o seu conhecimento, se não conhece, será uma viagem em lendas, mitos e histórias incríveis. Desbravando as regiões do Brasil através dessas histórias incríveis.

O QUE É FOLCLORE?

Folclore é o conjunto de manifestações culturais e tradicionais de uma região que muitas vezes, foram aprendidas oralmente e sem formalismos e transmitidas de uma geração para outra.

Nelas se incluem costumes, formas de cultivo, culinária, conhecimentos sobre chás, artesanato, histórias contadas pelos avós, formas de pensar, danças, canções para adormecer as crianças e brincadeiras.

Origem do Folclore:

A palavra folclore surgiu do aportuguesamento da junção das palavras inglesas *folk*, que significa “povo”, e *lore*, que significa “conhecimento”.

A expressão *folk-lore* foi usada pela primeira vez pelo folclorista britânico William John Thomas no dia 22 de agosto de 1846. E em 1951, essa mesma data foi escolhida para comemorar o folclore brasileiro, lembrando que essa data é usada em vários países.

História do Folclore brasileiro

Os estudos sobre o folclore brasileiro começaram a se consolidar a partir do século XX. Hoje, o patrimônio folclórico é protegido pela Constituição de 1988, nos artigos 215 e 216.

O folclore brasileiro é formado por contos, canções, lendas, adivinhas, canções, trava-línguas, entre outros. Esses elementos se incluem na cultura popular brasileira e foram consolidados no século XX, com o Modernismo.

Por conta da diversidade cultural do Brasil, o folclore no país conta com influências europeias, africanas e indígenas.

O folclore brasileiro só ganhou força no Brasil a partir do século XX, mesmo que os estudos tenham iniciado no século XIX. Esse fortalecimento contou com o apoio do Romantismo e se reforçou durante o Modernismo. Os estudos folclóricos passaram a ser vistos como uma forma de valorizar a cultura nacional.

Com a expansão dos estudos, surgiu o I Congresso Brasileiro de Folclore, em 1951, no Rio de Janeiro. Na ocasião, foram debatidos o que deveria ser considerado parte do folclore brasileiro. Em 1958, durante o governo de Juscelino Kubitschek, foi criada a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), com o objetivo de preservar os movimentos folclóricos brasileiros.

Apesar disso, durante a Ditadura Militar, os estudos foram interrompidos e voltaram a ser retomados somente em 1976. Mesmo assim, as discussões folclóricas se restauraram em 1990, com o VII Congresso Brasileiro de Folclore, que aconteceu em Salvador.

Agora que você conheceu um pouco da história do folclore. Vamos ao que interessa!

A região norte do país é uma das mais que tem influência da cultura indígena. Suas lendas são baseadas em seres extraordinários que protegem a mata e os animais. Outras para prevenir os índios mais novos de se aventurarem no meio da mata fechada ou fossem em lugares que eram perigosos.

Boa leitura...

Mitos e Lendas: Região Norte

A região norte do país é uma das mais que tem influência da cultura indígena. Suas lendas são baseadas em seres extraordinários que protegem a mata e os animais, outras para prevenir os índios mais novos se aventurassem no meio da mata fechada ou fossem em lugares que eram perigosos.

Vitoria Regia, a lenda da estrela d'água

Reza a lenda que a lua, Jaci, assim era seu nome entre os índios da região amazônica, era um deus muito namorador e que de tempos em tempos descia a terra e escolhia uma jovem para se tronar uma estrela ao seu lado.



Imagem de Lecristina por Istock

Com o que a lua não contava era com o amor da índia Naiá, que sonhava um dia se tornar uma estrela, para ficar junto se seu grande amor. Todas as noites a bela jovem aguardava para se juntar a Jaci, mas ele nunca veio buscá-la, triste por não ser uma das escolhidas, Naiá correu sem rumo pela mata, até chegar a um lago, vendo o reflexo de seu amado Jaci, nas águas, ela pulou sem pensar duas vezes, achando que seu amado tinha vindo buscá-la.

Porém, com as águas fundas do lago, Naiá se afogou. Jaci compadecido de sua morte e se seu amor, a transforma na Vitoria Regia a estrela da água que só floresce a noite.

Mapinguari, o monstro da Amazônia

Já ouvi falar de bicho feio, mas o Mapinguari é de dar medo em qualquer um. Algumas histórias contam que o monstro da floresta tem quase 2 metros de altura o corpo coberto de pelos, outros dizem que sua carapaça é parecida com a do jacaré, que tem apenas um olho e que sua boca enorme fica na altura do estômago pouco acima do umbigo e para completar essa figura bizarra, ele possui cascos de burro voltado para trás (Daí a origem do seu nome indígena Mapinguari, ou seja, "aquele que tem os pés virados"). A lenda conta que os índios quando chega a uma idade bem avançada sofre algum tipo de metamorfose e se transforma nesse bicho horrendo.





Eles vagam sozinhos pela floresta deixando um rastro de destruição por onde passam e que seus gritos são parecidos com os de caçadores. Contam que se alguém responder aos seus gritos, ele vai atrás e ranca a cabeça de sua vítima e engole, por sua bocarra. Não deve ser uma cena nada agradável.

Os antropólogos não descartam a possibilidade de haver aqui algum simbolismo psicológico ancestral do tipo “aí está o que acontece quando o sujeito vira bicho e perde a cabeça” –, mas o mais provável mesmo é que o Mapinguari simplesmente goste de comer cérebro.



Caipora, protetor das matas

Para muitos estudiosos, o Caipora (ou Caapora) é uma simples derivação do Curupira. Caapora, em tupi, significa “habitante do mato”, denominação fiel deste ser que nos primórdios da colonização portuguesa, foi ignorado pelos jesuítas.

Tão hábeis em recensear os mil disfarces de que se valeu o Diabo para introduzir-se nas matas brasileiras. Pertencente à mesma classe dos entes protetores da floresta. Ele desenvolveu, contudo, um tipo próprio bastante diferenciado do Curupira: enquanto este se apresenta como um moleque franzino e de pés invertidos, o Caipora toma a figura de um brutamontes com o corpo coberto de pelos e montado num gigantesco porco-do-mato.

Em outros momentos é contado que caipora é uma mulher, uma índia. Em ambas as lendas o caipora é um protetor das matas e animais, tendo o poder de ressuscitar animais que foram abatidos por caça.

Para mim, a caipora sempre será uma índia de tamanho pequeno de pele avermelhada, com roupas que mistura as origens africanas, já que várias de nossas len-

das tem base na matriz africana e cabelos vermelhos que sempre fala por rimas.

Quem aí tiver mais de 30 anos, com certeza vai se lembrar desse personagem do extinto programa de TV, Castelo Rá-Tim-Bum, exibido pela TV Cultura. Sempre terei em minhas memórias essa imagem dessa celebre criatura das matas amazônicas.

A Lenda da Mandioca

Acredito que seja do conhecimento da maioria que a mandioca é um alimento genuinamente brasileiro, para ser mais exata, ele vem do norte do Brasil, sendo cultivado pelos índios como um de seus principais alimentos, pré-colonização.

Em minhas pesquisas encontrei duas versões bem interessantes, uma acredito que seja do conhecimento de todos e a outra, nem eu fazia ideia. Entretanto, para ampliar nossos conhecimentos, resolvi trazer as duas versões.



Reza a lenda Tupi que certa vez uma índia, teve uma linda filha chamada Mani. Mani, era uma menina alegre e adorada por todos. Era a alegria da sua tribo, contudo, certo dia ela não conseguiu se levantar, parecia estar muito doente. O pajé da tribo foi chamado, mas nada pode fazer para salvar a jovem índia.

Sua mãe desolada, enterrou a filha dentro de sua oca, o que era costume de algumas tribos, ao enterrar sua filha, a índia percebeu um sorriso tranquilo e sereno na criança. Era como se dissesse que estava tudo bem.

Após alguns dias no local onde teriam enterrado Mani, começou a nascer uma planta até então, desconhe-

cida para os índios. Era uma planta viçosa e bonita, assim como a indiazinha. Na esperança de ser sua filha viva, a mãe cava no local, mas no lugar de sua filha, encontra a raiz que serviu de alimento para aquela tribo. Por isso o nome mandioca; é a junção de Mani e oca. Linda história!

A outra versão não é tão “romantizada”. Conta a lenda de um casal de índios que teve dois filhos: o pequeno Zôkôôîê e uma menina chamada Atiôlô. O pai Zatiama-re, adorava seu filho, porém desprezava a filha.

Isso a deixava muito triste e inconsolável. Sabendo que nunca teria o amor de seu pai, a pequena Atiôlô, pede a sua mãe que a enterre viva, quem sabe assim seria útil para o seu povo.

Depois de muita insistência a mãe concede o desejo da filha. Assim, a mãe a enterra na mata. De tempos em tempos a mãe ia visitar o túmulo da filha e cuidar da terra em volta, sempre a mantendo cuidada e irrigada.

Com esses cuidados a índia Kôkôtêrô, percebeu que começou a nascer uma planta muito bonita e viçosa, a mandioca, um alimento gostoso e nutritivo que supriu as necessidades daquela tribo.

Eu não encontrei evidência de tal, mas para mim, a primeira versão foi suavizada pelos colonizadores, a fim de criar uma história mais bonita e que chamasse mais a atenção do que o desprezo de um pai para como uma filha.

Amazonas, as índias guerreiras

Quem diria que em terras tupiniquins haveria mulheres guerreiras, dotas de habilidades de luta e exímias arqueiras. E vou ainda mais longe, essa tribo só de mulheres é que possivelmente foi o motivo do rio Amazonas ter esse nome.

Algum tempo atrás eu tinha lido o assunto, mas acabei não dando muita importância, na época até achei que seria algum erro ou alguma história mal contada. Mas, agora pesquisando a fundo as lendas brasileiras, descubro que as lendas são verdadeiras.

Segundo alguns relatos, as índias guerreiras existiram mesmo, mas infelizmente a história delas sofreu muitas alterações, principalmente dos expedicionários espanhóis.

Na lenda, as Icamiabas eram mulheres altas, musculosas, de pele clara, cabelos compridos e negros, (prova-

velmente parte dessas características foram modificadas, pelo eurocentrismo, pois, sabemos bem, as características dos índios brasileiros).



Foram encontradas quando expedicionários espanhóis, liderados pelo espanhol Francisco Orellana, chegaram em 1542 à região que hoje é conhecida por Amazônia. Eram conhecidas pelos povos indígenas como Icamiabas, mas devido os seus costumes, logo foram associadas às guerreiras Amazonas, da mitologia grega.

Segundo Frei Gaspar Carvajal, essas mulheres lutavam nuas, com apenas os arcos cobriam “suas vergonhas” e lutavam como homens, habilidades de luta que ele jamais tinha visto. Tanto que elas saíram como vencedoras no embate que tiveram contra os espanhóis as margens do rio Nhamundá.

Outro relato que se assemelha as guerreiras gregas é a forma que as Icamiabas se reproduziam, aí já não sabemos se é real ou apenas invencionismo dos colonizadores. Uma vez por ano, guerreiros de tribos vizinhas eram convidados para um “festival da lua”, (deusa que as índias adoravam), para terem relações sexuais com elas. Após o nascimento das crianças, os meninos eram entregues as tribos dos guerreiros e as meninas ficavam para ser treinadas.

Independente dessas histórias serem reais ou não, acho muitíssimo válido repercutir essa lenda como todas as outras que temos espalhadas pelo nosso país. Acredito que como estamos vivendo um momento de empoderamento da mulher, uma mitologia como essa poderia fazer a diferença para várias meninas de todo o país.





Boto Cor de Rosa, o Homem-Boto

Como a lenda acima, acredito que a lenda do boto foi muito influenciada pelos colonizadores, até para explicar o “surgimento” de mulheres grávidas, que não sabiam quem era o pai de seus filhos.

Reza a lenda que em noites quentes de baile, nas cidades ribeirinhas, o boto cor de rosa, se transformava em um galante rapaz, vestido de roupas brancas e com um chapéu de mesma cor, que por nada ele tirava da cabeça, contam que era para esconder o orifício de respiração do boto. Seu único objetivo depois que sai do seu habitat e seduzir as moças principalmente as consideradas puras e castas, e engravidá-las. Ninguém sabe explicar se as crianças nascidas têm algum elemento de seu pai boto.

O olho seco do boto-tucuxi é usado até hoje como talismã para atrair o amor das mulheres que se recusam a cair na lãbia dos homens despidos de qualquer encanto.

Mitos e Lendas: região Nordeste

Confesso que fiquei impressionada com as lendas do nordeste, uma mistura de crendices populares regionais e muita influência dos negros escravizados que foram trazidos para o Brasil. Por tanto se deu uma mistura muito interessante.

A lenda da Cabra-Cabriola

A Cabra Cabriola é um ser imaginário da mitologia infantil portuguesa, trazida para o Brasil durante a colonização. Ela é a personificação do medo, um animal em forma de cabra, de hálito fétido, olhos flamejantes. Um animal frequentemente de aspecto monstruoso comedor de crianças sendo elas desobedientes ou não.

Reza a lenda que a cabra saia pulando por aí (cabriolando) em busca de desavisados ou até mesmo invadindo as casas, cujas mães por algum motivo não se encontravam.

Havia uma mulher que tinha três filhos, e saindo toda noite para trabalhar, ela advertia os filhos sobre a astúcia da cabra Cabriola e que não era para abrir a porta senão a ela própria, cuja voz e toada particular, as crianças conheciam perfeitamente.

Certa noite, sabendo que as pobres crianças ficavam sozinhas em casa, a cabra Cabriola tenta enganá-las imitando a voz da mãe e pede para abrir a porta, porém a molecada foi mais esperta.

– Fora, Cabra maldita! Bem sabemos que não é a nossa querida mamãe!

O que fez a cabra sair furiosa bramindo:

*Eu sou a Cabra Cabriola,
Que come meninos aos pares,
E também, comerei a vós,
Uns carochinhos de nada.*

Contudo, o monstro era esperto e não iria renunciar à suas presas tão, fácil. Ela ficou à espreita, esperando a mãe voltar, só para aprender como ela fazia para adentrar a casa.

No dia seguinte vai à casa de um ferreiro, (quem em sã consciência ajudaria uma cabra que faz mal a crianças) manda bater a língua na bigorna, e conseguindo assim modificar a sua voz tornando-a igual à da mãe dos meninos, voltando a casa naquela mesma noite ela bate à porta cantarolando a conhecida toada:

*Filhinhos, filhinhos
Abri-me a porta,
Qu’eu sou vossa mãe;
Trago lenha nas costas,
Sal na moleira,
Fogo nos olhos,
Água na boca,
E leite nos peitos
Para vos criar.*

As crianças contentes achando que era sua adorada mãezinha, abrem a porta e se deparam com o pior dos seus pesadelos. Porém já era tarde demais e foram devorados.

A lenda da Princesa de Jericoacoara, a cidade encantada

Jericoacoara, no Ceará, possui uma lenda sobre uma antiga cidade encantada que existia no local onde está hoje localizado um farol.

A Princesa de Jericoacoara é uma criatura da estirpe das princesas encantadas, guardiãs de tesouros em

grutas ou cavernas, que tanto faz sucesso pelo mundo.

Porque não também não ter a nossa princesinha encantada. Porém os feitiços por aqui são bem maléficos: a princesa, outrora bela e deslumbrante, está agora transformada numa serpente, mantendo o rosto e as pernas humanas. Que coisa horrenda!

Para desencantá-la, é preciso a coragem de um homem de verdade, disposto ao martírio, pois somente com o sacrifício de uma vida humana ela poderá retomar sua antiga forma.

Segundo a lenda nenhum homem foi corajoso suficiente para se sacrificar e salvar a jovem donzela, ou seja, o castelo e a serpente ainda estão lá esperando seu bravo cavaleiro de armadura reluzente.



Quibungo, o bicho papão?

Quibungo é um dos personagens mais assustadores do nosso folclore, embora também não seja criação nativa das terras baianas, onde costuma atuar, mas uma adaptação do antiquíssimo bicho papão e de outros personagens assemelhados, espalhados por todo o mundo.

Devorador permanente de crianças, essa criatura é diferente de todas que vamos ver por aqui, ela tem uma bocarra em suas costas, que ao se abaixar ela engole por inteiro a criança. Na África esse monstro era usado para disciplinar aqueles que não obedeciam aos pais, ou que por algum motivo eram malcriados.

O Quibungo é um duende dos negros bantos, trazido pelos negros escravizados, que se espalharam por toda a parte, porém sua lenda ficou mais conhecida na Bahia. Dizem que o Quibungo é uma transformação do negro velho como o Mapiguari. Com exceção dos monstros fantásticos, esse é vulnerável a armas humanas.



A Lenda da Perna Cabeluda, o terror de Recife

Conheça a criatura da noite que tirou o sono das crianças e adultos que nunca admitirão, na capital pernambucana dos anos 1970.

Exatamente o que diz o nome: uma perna cabeluda. E nada mais. Decepada e se movendo aos pulinhos, ela ainda assim era capaz de matar com seus poderosos chutes, rasteiras, enfim, coisas que uma perna é capaz.





A lenda, que tirou o sono das crianças (e adultos que nunca admitirão), no Recife dos anos 70, cresceu a partir daí. Alguns alegavam que o pé tinha unhas grandes e podres. Outros, que o pedaço de corpo não era sequer humano. As vítimas eram pegadas de súbito na madrugada e sofriam ataques nas ruas – e, mesmo caídas, continuavam a ser surradas.

A lenda se tornou símbolo da cultura recifense e durante anos levou crianças a olhar debaixo da cama antes de dormir. Porém, ao contrário da maioria das lendas, essa é uma cujo autor conhecemos: Raimundo Carrero, jornalista do Recife e autor de obras literárias premiadas.

Nos idos da década de 1970, Carrero, que trabalhava no Diário de Pernambuco, afirma que um companheiro de redação chegou afoito ao trabalho durante a noite. Dizia ter visto, embaixo da cama que dividia com a esposa, uma perna cabeluda. “Mas e o tronco?”, indagaram os amigos, “Não tinha”, respondeu, com toda a sinceridade. Os jornalistas da época eram boêmios e gostavam de contar histórias mirabolantes uns para os outros. Era uma piada desde o começo. O relato ganhou status de estrela com um empurrão do regime político da época.

“Como vivíamos sob a ditadura militar e muito conteúdo não podia ser publicado devido à censura, o então editor do Diário de Pernambuco, e hoje ministro do Superior Tribunal de Justiça, Og Marques Fernandes, incumbiu a mim uma coluna policial com casos tido como absurdos. Surgiu aí a história da Perna Cabeluda”. Relato do autor da perna cabeluda

O sucesso foi imediato. No dia seguinte, a Perna já era citada em programas radiofônicos de grande alcance. Pessoas machucadas – às vezes com ossos quebrados – apareceram dizendo ter sido atacadas pelo membro que agia de forma totalmente autônoma.

Depoimento da leitora Vania Albuquerque, sobre a lenda da perna cabeluda:

Essa história eu conheci quando era criança e minha lembrança era que eu morria de medo. Lembro que na hora de ir dormir colocava um terço na cabeceira da cama como forma de proteção. A história da perna cabeluda é bem louca, pois não se concebe uma perna andando sem o corpo. Mas na minha inocência de criança achava que era possível e morria de medo.

Com relação ao folclore brasileiro acho muito rico e o povo brasileiro como sempre supera todas as expectativas no quesito criatividade, crenças e superstições. Adoro ler o

folclore de outros estados. É muito enriquecedor.

A Mulher de Roxo, Lendas Baianas

A Mulher de Roxo, Jayme Figura e outros personagens, nasceram a partir das matérias publicadas no grupo do Facebook, a Bahia tem muitas histórias. Uma simples ideia de um professor de história, acabou caindo na graça do pessoal na internet, e com isso começou um resgate da cultura e lendas locais.

Diariamente milhares de membros interagem no grupo, sobre as personalidades, lendas urbanas de Salvador e outros assuntos relacionados à História da Bahia. A partir de curtidas e comentários algumas dessas personalidades são escolhidas para virar uma peça teatral. Isso que é resgate da história!

São muitas histórias e uma melhor que a outra, mas para compor essa edição sobre folclore brasileiro, eu escolhi a história da mulher de Roxo.

E disponibilizarei um link, para que você possa aproveitar um vídeo clip feito em homenagem a história dessa mulher tão misteriosa.

Na lenda da Mulher de Roxo, a figura sempre presente na Rua Chile (rua que até os anos 80 era comercial e um dos mais badalados da cidade), algumas pessoas sentiam medo da mulher misteriosa que parecia uma bruxa, com os seus cabelos desgrenhados, olhos alucinantes e terríveis, com sua bata enorme e roxa.

A verdade é que essa mulher existiu, e pelos seus costumes habituais, acabou se tornando uma figura lendária e mitológica marcada na mente e cultura do povo de Salvador.



Nascida em 1917, alguns dizem que ela vinha de uma boa família, era instruída e teria enlouquecido por conta de uma desilusão amorosa. Sempre de roxo e com roupas que lembravam o hábito usado por freiras, ela costumava perambular pela Rua do Chile e imediações tanto em dias chuvosos como em dias de sol. Bastava as portas dos comércios abrirem que ela estava lá a caminho da entrada da Slopper. Andando de um lado para o outro, falando sozinha e sempre pedia dinheiro com muita educação.

Além da sua roupa roxa, andava descalça, com um torço e um crucifixo enorme. Nesse combo de vestes, ela dava o ar de santa, uma certa loucura, e a impressão de ser meia andarilha e mendigo.

Algumas vezes, já desfilou com uma roupa de noiva, com buquê, véu e grinalda. Todo esse ar contraditório despertou na população uma mistura de sentimentos que variam entre medo e respeito, pena e carinho.

Essa mulher, conhecida como Florinda, já cedeu uma entrevista exclusiva para o jornalista Marecos Navarro, tornando esse documento um dos mais raros para ouvir a voz dela. Sua história acabou sendo fonte de inspiração para documentários e filmes como o de Glauber Rocha, chamado *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* (1969).

Inclusive, Jack Reis afirma já ter encontrado a mulher de roxo algumas vezes, *“Enquanto eu andava pelas ruas, conhecendo a cidade, vivenciando, indo ao cinema ou indo aos shows de rock do movimento Punk, me batia muito com a mulher de roxo. Intrigante, com sua calma... E eu perguntava ao meu pai: o que ela fez? Quem é ela. É a pergunta de todo adolescente.”* afirmou Jack Reis, professor de filosofia.

Hoje, dona Florinda ou a dama de roxo, é apenas uma lembrança. Se ela foi uma famosa ou anônima, presa em si mesma, a verdade é que ninguém conheceu a sua verdadeira história. Mas ela conseguiu permanecer no imaginário popular como uma personagem lendária!

Morreu em 1997, aos 80 anos e foi sepultada como indigente.

Vídeo Clipe Banda Cascadura e Pitty



[Clique aqui para assistir](#)

Mitos e Lendas: Região Centro-Oeste

Devo confessar que conheço pouco a região centro-oeste do nosso país, mas admito que fiquei encantada com algumas lendas da região.

Lenda da Mãe-do-Ouro

A mãe-do-ouro, é um mito ligado ao ciclo do ouro, que tem como cargo guardar as jazidas de ouro que não podem ser exploradas. Em algumas histórias ela é caracterizada como uma bela mulher com cabelos longos e reluzentes, sempre vestida de branco e em outras contas que é uma bola de fogo. Também guarda as esposas maltratadas pelos seus maridos e qualquer um que sofra injustiça.

Conta-se que um negro escravizado, cujo senhor era malvado, chorou amargamente no dia que não achou nenhuma pepita de ouro. A Mãe-do-Ouro se compadeceu dele e acabou indicando um local onde ele poderia extrair uma grande quantidade do metal. Em troca, ele não poderia revelar onde havia encontrado aquela riqueza.

Ao levar o ouro para o senhor, este ficou encantado e imediatamente exigiu que o escravo contasse onde estava todo aquele metal. Como ele recusava se, o senhor mandou açoitá-lo e diante do castigo, o negro revelou onde estava a mina de ouro.



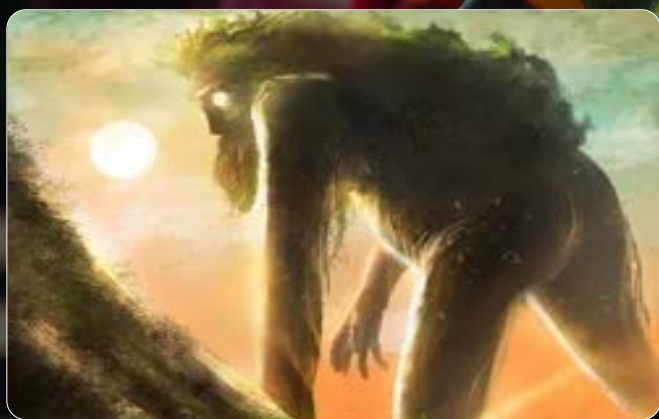


Ao chegar ali, os escravos se puseram a cavar o chão. No entanto, ouviu-se um grande estrondo que parecia um terremoto. Um deslizamento de terra matou a todos que estavam ali, inclusive o senhor malvado.

Pai do Mato, protetor

Em mais uma lenda brasileira temos uma mistura de culturas oriundas de outras nações. Algumas pessoas que já afirmaram ter visto o pai do mato, o descreve como o deus Pã da mitologia grega; cabelos desgrenhados, unhas muito compridas, pernas de cabrito, traz no queixo uma irritante barbicha à Mefistófeles, e a sua cor é escuro-fusca, confundindo-se com a do suíno preto enlameado, e que também é um protetor dos bosques.

Dizem que anda quase sempre nos bandos de queixadas, cavalgando caititus, uma espécie de porco do mato. Outra característica que o faz ser temido é seus urros aterrorizantes que podem ser ouvidos a longas distâncias, sua urina é azul; então caso você veja na mata uma poça de cor azulada, pode ter certeza de que o pai do mato está por perto a espreita observando quem possa fazer algo que ele desaprove.



À noite, quem passa na mata ouve também sua risada. Engole gente. Bala e faca não o matam, é trabalho perdido. Só se acertar numa roda que ele tem em volta do umbigo.

Em alguns Reisados, aparece uma personagem representando o entremeio do Pai-do-Mato, sob a forma de um sujeito feio, de cabelos grandes. São comuns as expressões entre as mães de família, referindo-se aos filhos que estão com cabelos grandes, sem cortar: "Está que é um

Pai-do-Mato", "você quer virar um Pai-do-Mato?", No Reisado, canta-se no entremeio do Pai-do-Mato:

*Ó que bicho feio
Só é pai do mato*

Romãozinho e suas malvadezas

Confesso que já conheci muita criança travessa, mas esse Romãozinho, com certeza dá aulas de maldades.

Reza a lenda que ele já nasceu com a maldade em si, sempre aprontando, maltratando animais, destruindo plantas, era o terror da vizinhança.

Seu pai que era um humilde lavrador, trabalhava nas fazendas próximas, certo dia sua esposa não pode levar seu almoço, por isso pediu seu filho que fizesse a gentileza., de má vontade o garoto aceitou a missão.

Para se vingar da mãe no meio do caminho ele comeu toda a galinha, juntando os ossos, ele leva o restante para o pai.

Quando o velho viu o monte de ossos ao invés de comida, perguntou que brincadeira sem graça era aquela.

"Foi isso que me deram?"

"Acho que minha mãe comeu a galinha com um homem que vai lá, quando o senhor não tá em casa, aí mandaram os ossos..."

Louco de raiva, acreditando no menino, largou a enxada e o serviço, voltou para casa, puxou a peixeira e matou a mulher.

Morrendo, a velha amaldiçoou o filho que estava rindo:

"Não morrerás nunca. Não conhecerás céu ou inferno, nem descansarás enquanto existir um único ser vivo na face da terra..."

O marido morreu de arrependimento. Romãozinho sumiu, rindo ainda.

Desde então, o moleque que nunca cresce, anda pelas estradas, fazendo o que não presta. Quebra telhas a pedradas, assombra gente, tira choco das galinhas. É pequeno, pretinho como o Saci-pererê, vive rindo, e é ruim.

Não morrerá nunca enquanto existir um humano na terra, e como levantou falso testemunho contra a própria mãe, nem no inferno poderá entrar.

O menino, também vira uma tocha de fogo, que fica indo e vindo pelos caminhos desertos. Alguns dizem que ele é o próprio Corpo-Seco, isto é, alma de gente tão ruim que nem o céu nem o inferno o deixaram entrar, por isso vaga pelo mundo assustando as pessoas.

Diabinho da Garrafa

Quem aí quer saber como faz um pacto com o diabo?

“... Do dedo mindinho de seu dono, todos os sábados, deve ser dada para alimentar o pequeno demônio aprisionado dentro da garrafa.”

Enquanto está preso, o Gramunhão, outro nome para o diabinho, traz prosperidade ao seu dono e o protege de coisas ruins.

Regras para se conseguir fazer o pacto com sucesso e ter suas luxúrias realizadas:

Primeiro em uma folha de papel virgem, com o seu sangue, você escreve o seguinte texto:

“Eu, com o meu próprio sangue do meu mínimo, faço escritura a Lúcifer, imperador do inferno, para que ele me faça tudo quanto eu desejar nesta vida, e se isto me falhar, lhe deixarei de pertencer.”

Aqui que a brincadeira fica complicada, será necessário um ovo fecundado pelo próprio demônio. Em algumas regiões, dizem que o ovo tem que ser botado por um galo preto, em outras regiões já afirma que na noite da Sexta-Feira Santa, o primeiro ovo que uma galinha botar, colocá-lo debaixo do braço esquerdo, ir em uma encruzilhada a meia noite, e deixar o ovo chocar durante 40 dias. Após chocar, você o coloca na garrafa, mas não esqueça de alimentá-lo.

Essa lenda era predominante em Portugal, e sua fama chegou ao Brasil, pelos rituais de São Cipriano encontrados no Livro de Capa Preta, mas há também quem diga que tenha traços do conto alemão O gênio da garrafa, registrado pelos irmãos Grimm, História de um menino pobre, que após libertar um gênio do mal de uma garrafa, consegue aprisioná-lo e utilizando de sua esperteza.

O conto *O demônio da garrafa*, escrito pelo britânico Robert Louis Stevenson, foi caseado numa peça de teatro, que por sua vez pode ter sido inspirada por narrativas europeias envolvendo pactos, garrafas e entidades de má índole, fazendo com que fossem ficando cada vez mais conhecidas na Inglaterra e se propagando pelo mundo.

No Brasil além de inspirar vários contos, o diabinho foi parar nos horários nobres da TV brasileira aparecendo em algumas teledramaturgias. Uma das mais famosas foi a novela *Paraíso* de 1982, cujo dono é o personagem Eleutério. Renascer em 1993, um grande sucesso na época, que trouxe o inocente Tião Galinha, que é levado a creditar que o coronel José Inocêncio conseguiu alcançar o seu sucesso por ter o seu diabo como amuleto.

Mitos e Lendas: Região Sudeste

Sudeste, estou em casa, na minha região, como boa mineira que sou. Desse modo será um prazer falar um pouco sobre as principais lendas por aqui. A região sudeste tem uma forte influência portuguesa e por consequência influência religiosa.

Missa dos mortos

Particularmente acho essa lenda muito fofa! Para uma escritora como eu que adora brincar com o sobrenatural, foi um prato cheio conhecer essa lenda que irei dividir com você.

No ano de 1900, na cidade de Outro Preto, uma das cidades históricas mais conhecidas de Minas Gerais, havia uma igreja; Igreja de Nossa Senhora das Mercês de Cima, que era cuidada pelo Zelador João Leite.

Certa noite de lua clara, João ouviu barulhos vindos da igreja, temendo que fosse um assalto, nas sombras, foi até a igreja e viu que estava sendo celebrada uma missa, sem se lembrar de alguma missa, muito menos naquele horário, assim, ele resolve investigar; no púlpito havia um padre e nos bancos vários fieis, porém, por causa do ambiente escuro, o zelador não via o seu rosto de ninguém, até acender o candelabro e ver que todos ali presente, estavam mortos e que a porta que dava para o cemitério municipal estava aberta.

Vendo aquela cena horripilante o pobre zelador correu para o seu quarto e lá ficou até o dia amanhecer.





Imagina você entrar em uma igreja e se deparar com várias almas celebrando uma missa, eu sairia correndo sem olhar para trás.

Lenda da Mula sem cabeça

Toda mulher que se envolver com padres, sacerdotes, sofreriam a maldição da mula sem cabeça.

Conhecida praticamente em toda América Latina, chegou ao Brasil com os portugueses e espanhóis. Toda mulher que se envolvesse com o clérigo estaria condenada a virar um animal, que no lugar da cabeça teria labaredas de fogo.

Condenadas a vagar por sete vilarejos e espantar e matar quem aparecesse em seu caminho, há quem diga que esse animal soluça como um ser humano, é sinal do arrependimento por se envolver com homens devotos a religião.

A maldição só poderia ser quebrada se alguém com coragem suficiente arrancasse o freio de ferro que tem em volta de seu pescoço, ou que fizesse o animal derramar sangue, mesmo que seja uma gota se quer. Mas nunca teve alguém coragem suficiente para tal.

Como muitas lendas de cunho religioso, serve apenas como ensino moral, para que mulheres e homens seguissem os dogmas da igreja e não saíssem da linha.

Há quem diga que a lenda foi disseminada por conta do meio de transporte dos padres no Brasil no século XVII.

Lenda da Amorosa

A lenda da Amorosa é uma lenda original do Rio de Janeiro, mais especificamente de Conceição de Macabu, que conta a história de dois índios, Ipojucam e Jandira.

Os dois índios apaixonaram-se, ficaram noivos e na véspera do casamento, Ipojucam ofereceu uma grande caça a Tupã, divindade indígena, para que a cerimônia fosse abençoada.

Anhagá, deus da morte que invejava as habilidades de caça do índio, apareceu para ele sob a forma de onça e o desafiou para uma luta.

A onça foi fatalmente ferida. Descontente, Anha-

gá ressuscitou o animal, que foi perseguido por Ipojucam até chegarem perto de uma cachoeira onde estava Jandira.

Sob a forma de onça e com a intenção de atingir Ipojucam, Anhagá decidiu atacar a índia, mas acabou mais uma vez derrotado.

O sentimento de humilhação de Anhagá fez com que ele se transformasse em uma tromba d'água e arrastasse Jandira e Ipojucam para o fundo da cachoeira, que passou a se chamar Cachoeira da Amorosa.

Lenda do Chibamba

O Chibamba é um remanescente dos rituais negros da África, que se transformou em Cuca, ou Negro Velho, e se tornou encarregado de fazer dormir à força as crianças. É uma espécie de Bicho Papão mineiro, cujo papel é adormecer as crianças pelo medo.

Fantasma do ciclo das assombrações criadas para assustar crianças, para fazer parte dos seus pesadelos noturnos. Amedronta as crianças que choram, as teimosas e as malcriadas.

Considerado uma variação do Bicho-papão, o Chibamba é também conhecido como “espírito das bananeiras”, pois assim como faziam os africanos em alguns de seus rituais, o Chibamba se veste com folhas da planta.



Chibamba anda envolto em longa esteira de folhas de bananeira, ronca como se fosse um porco e dança de forma compassada enquanto caminha. Às vezes, em meio à sua peculiar caminhada, dá uma paradinha seguida de um giro.

Há uma quadrinha que diz:

Ê vêm o Chibamba, nêném, ele papa mínimo, cala a boca!...

Os africanos costumavam ornamentar o corpo com folhar de bananeira em alguns de seus rituais (pesca, caça, colheita etc.) Por vezes eram mostrados às crianças como criaturas que viriam atormentá-las sempre que elas não quisessem dormir.

O nome é um vocabulário africano, na verdade de origem Bantu, e teria como significado uma espécie de canto ou dança africana à exemplo do Lundo.

A lenda do Lobisomem

O antropólogo brasileiro Luís da Câmara Cascudo traçou as origens da lenda do lobisomem. Portanto, a lenda do lobisomem é encontrada na mitologia grega, sendo depois transportada para o mundo romano.

Nesse sentido, existe uma lenda da mitologia grega narrada sob diferentes versões que trata a respeito de Licaon, um rei mítico de uma região da Grécia chamada Arcádia.

Existe duas vertentes para essa lenda; uma que Licaon desagradou a Zeus, o deus do panteão grego, e por isso o amaldiçoou, com a maldição da licantropia, fazendo que ele fosse transformado em um lobo. Uma das versões fala que Licaon teria tentado matar Zeus.

Com a expansão das terras romanas, a lenda do lobisomem espalhou-se pela Europa e adaptou-se à cultura de cada local. A influência cristã fez com que a licantropia deixasse de ser uma maldição de Zeus e se tornasse uma punição pelos pecados. Na Rússia, por exemplo, acreditava-se que os lobisomens eram pecadores cumprindo a penitência pelos seus erros.

A lenda do lobisomem chegou ao Brasil pela influência da cultura portuguesa durante a colonização. Não se conhece nas nossas lendas indígenas algum silvícola que, nas noites de lua cheia, tenha virado lobo para ir saciar a sua sede de sangue humano.

Existem algumas semelhanças entre a versão portuguesa e a brasileira, mas também algumas diferenças; em Portugal, a crença popular acreditava que o lobisomem era um homem pálido e magro que poderia ser

amaldiçoado com a licantropia como punição pelos seus pecados. Falava-se também que o lobisomem poderia ser o homem nascido de um incesto. Outros boatos contam que o caçula de uma família de sete filhos homens será, infalivelmente, um lobisomem, assim como a sétima filha de sete irmãs está fadada a ser bruxa.

Contudo é inegável que em todas essas versões, o indivíduo tem as mesmas características: magrimento, anêmico, preguiçoso e parece sempre está doente. Tanto que vemos esses aspectos bem apresentado na obra brasileira “o Coronel e o Lobisomem” do autor José Candido de Carvalho, adaptado para as telas em 2005. Confesso que ainda não li o livro, mas o filme dispensa comentários. E como já sabemos que o livro é sempre melhor que suas adaptações, por tanto, podemos esperar uma verdadeira obra prima da literatura nacional.

No Brasil acreditasse que a única forma de matar esse feroz homem-lobo é um uma bala revestida com cera da vela usada na missa do galo, já em suas versões europeias ele pode ser morto por bala de prata ou fogo.

Uma forma de quebrar a maldição é fazer que o lobisomem sagra um pouco. Mas quem com coragem suficiente para chegar perto dele o bastante para esfaqueá-lo?

Mitos e Lendas: Região Sul

Do Sul, eu conhecia apenas o negrinho do pastoreiro, acredito que seja uma das mais famosas, desse modo, desbravaremos juntos, essas graciosas e assustadoras lendas.

As lendas da região sul misturam as tradições indígena, africana, europeia e são usadas para explicar os costumes dos seres humanos e o comportamento dos animais.

Negrinho do Pastoreio

Nas distantes terras do sul, havia uma bela fazenda, com um gado bem cuidado e uma orla de cavalos, o orgulho de seu proprietário, cuja maldade se era conhecida por todos. Ali se sentia o poderoso, tratava todos com





uma crueldade sem tamanho. Diziam que seu filho era tão perverso quanto ao pai.



Além de suas cabeças de gados, havia os negros escravizados, dentre eles o que todos conhecia como Negrinho, pois não tinha nome, não foi batizado. Em sua inocência de criança, dizia que sua madrinha era a Nossa Senhora, sua protetora. Sempre que podia o pobre garoto ia até capela acender uma vela e rezar por sua proteção.

Na versão conhecida dessa lenda, foi que certa noite os cavalos baios do fazendeiro fugiram, e o pobre neguinho teve que passar a noite procurando para não ser açoitado. Em outra versão; foi o gado que fugiu. O jovem escravizado foi apontado como culpado do ocorrido, como castigo foi açoitado até perder o rumo e foi obrigado a procurar os animais. Mesmo machucado ele foi atrás dos animais, conseguiu reunir todos eles antes do nascer do sol.

O jovem sinhozinho que gostava de fazer maldades com o Negrinho, soltou novamente os animais e avisou seu pai que o pequeno garoto não tinha cumprido a tarefa, o fazendeiro em sua cólera, bate mais uma vez nele e fala que ele tem que reunir novamente os animais.

Antes de ir à procura do gado, negrinho faz uma prece pedindo ajuda de sua madrinha. Com muita dificuldade o garoto sobe em um dos baios para procurar os bois, já que estava muito machucado, com a ajuda do cavalo e iluminando o caminho com uma vela ele tenta reunir os animais. Contudo, dessa vez ele não consegue terminar o serviço, pois dorme no meio do caminho por causa da dor e cansaço.

Mas uma vez a pobre criança é açoitado e como castigo é amarrado em um formigueiro até a morte. Seus suspiros finais, ele clama pela Santa, que sensibilizada

com seu sofrimento, o liberta e salva.

Atormentado por pesadelos, o poderoso fazendeiro vai até o formigueiro para ver se o garoto ainda estava vivo.

O que ele vê mudou sua vida para sempre; Negrinho sã e salvo, sem um ferimento se quer e ao seu lado Nossa Senhora, arrependido o fazendeiro se ajoelha e pede perdão.

Desse dia em diante, dizem que se você perder um objeto e pedir com fervor para o Negrinho do pastoreio ele ajuda a encontrar.

Lenda das Bruxas da praia de Itaguaçu, a ilha da magia

A ilha de Florianópolis é conhecida como ilha da Magia, pois dizem que muitos seres sobrenaturais povoam aquelas praias e são responsáveis por vários fenômenos estranhos. A praia de Itaguaçu, por exemplo, tem formações rochosas bastante curiosas.

Parte do folclore catarinense se deve à colonização açoriana. Segundo a lenda, durante a inquisição na Europa, as bruxas foram obrigadas a fugir para ilhas distantes e desabitadas para recomeçar a vida. E muitas foram para a ilha de Açores e acabaram pegando uma carona durante a colonização no Brasil.

Certo dia, as bruxas que viviam por ali resolveram dar uma festa, o lugar escolhido foi a Praia de Itaguaçu. E convidaram vários amigos, como a Mula-sem-cabeça, o Curupira, o Saci, o Lobisomem e muitos outros. Só não chamaram o diabo, pois esse fedia a enxofre, furioso, ele transformou as feiticeiras em pedras e elas estão ali até hoje, esperando que a raiva do coisa-ruim passe e as converta em bruxas novamente.

Lenda da Erva Mate

Há mais ou menos 1000 anos antes da Era Cristã, muito antes dos europeus a conhecerem, a erva-mate já era consumida pelas populações indígenas Incas e Quíchuas na região onde hoje é conhecida como Peru, no Paraná pelas etnias Guarani, Kaingangue e Xetá. Para os índios, o consumo da infusão de folhas da erva, que também poderia ser consumida sendo mastigada, era um elixir de força e vitalidade, uma vez que, a planta possui propriedades nutricionais que estimulam o metabolismo humano.

Entre as várias lendas indígenas para contar o surgimento do mate, a mais conhecida delas é a lenda de Caá-Yari, a deusa protetora dos ervais.

Um velho guerreiro já cansado de suas batalhas e percebendo que a juventude e vitalidade não são mais suas companheiras, resolve se instalar em uma pequena choupana no meio da mata, sua filha Yari, vendo que o pai já não é mais o mesmo, resolve desistir de viver junto a tribo e constituir família, para cuidar do velho, mesmo a contragosto o velho guerreiro, concorda com benevolência de sua bela filha.

Certo dia, perto do anoitecer um forasteiro pede abrigo na choupana. Sem pestanejarem pai e filha dão abrigo ao homem, oferecendo-lhe um pouco de comida, e um lugar para descansar perto da fogueira. Após a refeição, Yari entoava uma antiga cantiga guarani, que faz o visitante logo pegar no sono.

Pela manhã, agradecido por tamanha hospitalidade, o estanho confessa que foi um enviado do deus Tupã, as preces do velho para recuperar sua energia e vitalidade foram ouvidas, então entregou ao velho uma pequena muda e explicou que as folhas daquela árvore, poderiam se transformar em um elixir vitalizante, bastava fazer uma infusão das folhas secas e trituradas.

A muito tempo o velho índio não sorria tanto e em homenagem a bela índia o mensageiro de Tupã, transformou a bela Yari, em uma deusa protetora da erva mate.

Lenda do Ahó Ahó, a ovelha chifruda

Provavelmente esta lenda foi criada pelos padres jesuítas para convencer os indígenas de permanecer nas

missões e não voltarem para suas aldeias. Assim, aproveitavam para demonizar a floresta e mostrar que a única salvação vinha de Jesus Cristo. Esta história está estendida entre todo o território pertencente aos guaranis.

Ahó Ahó ou Ovelha Chifruda é uma criatura monstruosa que devora pessoas.

A lenda faz parte do folclore da região sul e provavelmente foi difundida pelos padres jesuítas durante o tempo das Missões entre os índios guaranis. Conta-se que o Ahó Ahó era um monstro parecido a uma ovelha, porém bem maior, robusto, com grandes chifres, dentes monstruosos e que jogava fumaça pela boca, que espreitava os homens para devorá-los.

Os ahó ahó sempre andavam em bando e se chamavam entre si através deste som "ahó ahó", daí seu nome. Eles buscavam os desavisados que andavam longe das reduções mantidas pela Companhia de Jesus. O único jeito de escapar era subir numa palmeira, considerada sagrada, por causa do Domingo de Ramos. Conta a lenda que foi as folhas dessa planta que aclamou Jesus no domingo de Páscoa. Com isso, o grupo perdia o rastro e abandonava a caça. Se a vítima subisse numa árvore de espécime diferente, o Ahó Ahó cavava as raízes até derrubar o pau e poder devorar sua presa.

Espero que você tenha gostado dessa seleção de lendas brasileiras, tentei fugir um pouco das lendas convencionais e mostrar algumas lendas pouco conhecidas ou até mesmo algumas lendas urbanas, que particularmente eu adoro. Nosso país é rico em cultura e histórias extraordinárias. Aqui todos os povos se misturam e se transformam em um só.

**CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL**

INSTAGRAM

POST NO SITE



COLUNAS E COLUNISTAS





EDIÇÃO JULHO & AGOSTO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2023



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2023

PERÍODO DE 10 DE JULHO À 09 DE SETEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

Clique
Aqui

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.

Coluna ESCUUTA

02



Thais de Miranda



Thais de Miranda, formada em Rádio e Televisão e Jornalismo e ainda sou completamente apaixonada por esse universo. Com o tempo fui para parte estratégica de mídia, mas antes, realizei alguns sonhos profissionais nos quais nem imaginava existir.

Escrevo há muito tempo, nem sempre sobre mim, mas sempre para mim. Por que na escrita eu grito mesmo quando pareço silenciar. Mergulho, me entrego, me (re)conheço, (re)conecto, me declaro e me liberto.

Quando comecei meus primeiros textos eu era A Dona do Castelo no mundo virtual, compartilhava minhas ideias com menos anseio, fazia amizades pelo blog e ICQ e dançava ballet com dedicação e afincos.

Construa a ponte e atravesse

Todas as vezes que me calei, me sufoquei. Mesmo assim, quase sem querer, repeti o silêncio inúmeras vezes mesmo quando queria vorazmente explicar, detalhadamente, cada virgula do meu pensamento e sentimento, como se o outro fosse capaz de compreender. Era desejo de meta-momento, como se o receptor estivesse pronto, mas a escuta não é sinônimo de entendimento ou receptividade.

Notei nas linhas de uns tempos atrás o discurso quase obsessivo por encontrar o que nunca foi perdido, como se a vida jamais fosse seguir sendo altamente feliz caso presunçosamente eu não chegasse aonde queria.

Por anos numa busca incessante por me reconhecer na simplicidade do dia a dia, no corpo e vida em que habito, aprendi como a gente se distrai e perde tempo deixando de ser feliz, de aprender, se desenvolver, compartilhar.

A busca nunca vai deixar de existir, mas aos poucos a gente vai reconhecendo que a jornada pode ser mais simples. Deixar vir para a superfície os sentimentos, dar vazão a tudo que por alguma razão o inconsciente traz, faz com que a gente se conecte cada vez mais com quem nós somos.



Construa a ponte e atravesse

Por Thais de Miranda

Momentos tristes, melancólicos, carentes, definitivamente não são sinônimo de uma vida triste, melancólica ou carente. Hoje aceito melhor meu vazio e minha angústia porque entendi que não preciso lutar contra isso ou ficar procurando o porquê o tempo todo. E justo eu, tão emotiva, aprendi que precisava só sentir. Você já pensou sobre o quanto você foge das suas próprias emoções?

Acho que por mais provações que estejamos vivenciando por alguma razão, e algumas delas doem muito, quando a gente se abre para perceber com o coração aquilo que a gente está vivendo, cedo ou tarde o caminho se abre para a gente também.

Que nós sejamos sensíveis para reconhecer os sinais e não perder tempo. Que tenhamos coragem para assumir os desejos do nosso coração sem vergonha, que não renunciemos à vida que queremos viver ainda que a felicidade pareça pequena demais aos olhos de quem não vê para além de si mesmo. A gente tem pouco tempo. Perder tempo seria se perder. E eu estou a vida inteira tentando me encontrar.

Onde você está nesta caminhada?



Alguém me disse um dia o quanto era difícil atravessar... Às vezes, a gente precisa parar de falar, recuperar o fôlego e caminhar sem querer calcular cada metragem da rota. A vida tem te surpreendido ou te assustado?

Vivemos em um época onde nós não estamos dispostos a lidar com nenhum tipo de desconforto. A preguiça nos vence muito facilmente e nos sentimos confortáveis no lugar incômodo. Fazemos vista grossa para coisas importantes, queremos reparar poucas coisas e nos falta interesse em habitar o novo que a vida nos dispõe diariamente, assim como abrir novos espaços dentro de nós.

Tenho a impressão que muitos de nós cultivamos as mesmas dores com a certeza de que são incuráveis e ainda sentamos para apreciá-las.

Se a jornada está pesada, deixa o que não serve pelo caminho. É preciso se libertar das regras impostas por nós mesmos e deixar ir coisas, pessoas, situações. Não podemos permitir que sigamos com o coração sobrecarregado, precisamos nos libertar de padrões antigos que nos adoecem.

O caminho se faz caminhando e por vezes, precisaremos seguir nossa caminhada com os pés calejados mesmo até que a ferida se cicatrize. Em momentos como esse, podemos mudar o foco, redirecionarmos a energia, apreciarmos o silêncio e aceitarmos a vida tal como ela é.

Não quero dizer que precisamos estar equilibrados o tempo todo, somos cíclicos, a vida é! Entretanto, não estamos fadados a choramingar por cada pedra no sapato quando podemos retirar os calçados e remover a pedra de lá. Sofremos por não saber e, por não saber, buscamos incessantemente pelo que desconhecemos e flutuamos por caminhos que não nos leva a lugar algum.

Que sejamos consistentes e honestos durante o itinerário. Ocasionalmente haverá algo vibrante mas também muitos fragmentos de auto-piedade e reclamações infantis que não nos damos conta quando não sabemos onde queremos chegar.

Esqueça a caminhada cheia de pressa e a passos largos. Desfrute dos pequenos tropeços e passe a testemunhar os seus próprios milagres. Desenvolva a capacidade de esperar, não some o medo dos ou-



tros ao seu próprio medo e se apaixone por cada salto que der, ainda que seja no escuro, ainda que tenha que suportar seus arranhões.



Mesmo quando seguimos nosso coração, nos colocamos em um lugar de risco e isso também tem um preço. De qualquer modo, entendemos que o desfecho, bom ou não, era parte de uma escolha consciente e importante para nós, assim aceitamos que alguns processos simplesmente precisam ser vividos.

Revisite seus sonhos, recalcule a rota se necessário for, crie suas próprias pontes mas não inviabilize sua caminhada. De passo em passo é que se chega lá.

Thais de Miranda

Construa a ponte e atravesse

Por Thais de Miranda



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

CONHEÇAM O TRABALHO DA NOSSA COLUNISTA
VISITEM SUA REDE SOCIAL

SITE



INSTAGRAM



POST NO SITE



Alma em

PERSPECTIVA

02



MIA KODA



Poetisa, Escritora, Psicanalista, Hipnoterapeuta, Life Coach, Graduada em Marketing e MBA em Gestão de Pessoas. Uma pisciana apaixonada por filosofia, misticismo e esoterismo.

*Onde estará a beleza da vida,
se não na vida que temos?*

Olá, querido leitor!

Às vezes, experimento uma angústia intensa, como se algo dentro de mim estivesse suplicando por liberdade. Nesses momentos busco refúgio nos estudos e passo muito tempo aprendendo sobre assuntos ligados a psicanálise, espiritualidade e filosofia. A arte também me encanta, leio poemas, ouço músicas e apesar de achar as apresentações do Ballet Bolshoi uma das expressões artísticas mais belas, nunca consegui assistir um espetáculo por completo.

Sei que tenho muitas perguntas ávidas por respostas e uma coragem audaciosa para abrir portas que muitos preferem evitar. Leio sobre todos os tipos de crenças, misticismo, esoterismo e tudo que comumente denominam de sobrenatural. Aliás, devo dizer que nada disso me assusta, pois para mim tudo é natural; muito é apenas desconhecido.

Desejo desvendar os enigmas externos a mim, mas, ironicamente, acabo evitando a todo custo a única porta que conduz ao meu próprio ser. Contudo, minha Alma buscadora não me permite fugir e sussurra astutamente: “Onde reside a verdadeira beleza da vida, senão na vida que vivemos?”

É, meu amigo leitor, olhar para dentro de nós revela-se uma tarefa mais árdua do que desvendar os mistérios do mundo.

Ao longo da jornada da vida, vivenciei experiências que, hoje, reconheço como traumáticas. Mesmo ao tentar diligentemente relegá-las ao esquecimento, percebi-me incapaz de escapar das dolorosas repercussões que persistiam em ecoar dentro de mim.

Por volta dos meus doze anos, frequentava aulas de ballet oferecidas pela prefeitura da cidade

Onde estará a beleza da vida, se não na vida que temos?

Por Mia Koda

de Penápolis no interior de São Paulo. Nossa família enfrentava uma situação de extrema carência, tanto financeira quanto emocional. Na época, eu não possuía sapatilhas próprias, mas sempre contava com a gentileza de alguém disposto a emprestar-me um par. Apesar das dificuldades, não deixava de me entregar à dança, tornando aqueles momentos os mais felizes do meu dia.

Porém, após a minha primeira apresentação no teatro municipal, em uma noite chuvosa, enfrentei uma tentativa de abuso por parte de um desconhecido enquanto retornava sozinha para casa. Sim, eu estava sozinha, ninguém compareceu para me ver dançar. Sob a proteção de meu querido Anjo Gabriel – figura presente em muitos momentos da minha vida - consegui escapar e chegar em casa, apavorada, mas viva. Infelizmente, o horror daquela noite não cessou aí, pois ao entrar em casa deparei-me com mais uma situação de violência doméstica, mas não entrarei em detalhes sobre isso.

Foi nesse dia que desisti das minhas aulas de ballet, criando diversas desculpas em minha mente como forma de justificar essa dura decisão e seguir a vida.



Muitos anos se passaram, e quando minha filha tinha apenas três aninhos, incentivada por uma amiguinha, fez-me o pedido de ingressar nas aulas de ballet. Sei que ver uma criança com suas sapatilhas e trajés rosados de bailarina é verdadeiramente

gracioso e talvez devesse ter dado à ela a oportunidade que não tive, mas na época não pensei assim. Recusei o pedido e por um tempo, criei obstáculos, na esperança de que ela esquecesse a ideia. Mas não deu certo, minha pequena persistia, insistentemente clamando por suas aulas.

Então, finalmente, cedi. No trajeto, reforcei o quão desafiadoras eram as aulas de ballet, enfatizando a dor, o tédio, o cansaço e tantos outros aspectos negativos. A estratégia surtiu efeito e, após a aula experimental, ela decidiu que não queria mais continuar.

Ainda que eu tenha tomado algumas atitudes de maneira inconsciente, sem relacioná-las à minha dor, com o tempo, esse comportamento começou a me incomodar. Minha Alma, sutil e perspicaz, cobrou por uma resolução. Sentindo essa chamada interior, vi-me forçada a revisitar o passado, compreender meu equívoco e, com sinceridade, abordar o assunto com minha filha. Passados mais de dez anos desse episódio, foi necessário que eu me retratasse pela atitude manipuladora que, de alguma forma, frustrou a fantasia de minha pequena Ana.



Esse jogo do inconsciente, onde muitas vezes varremos nossas questões incômodas para debaixo do tapete, revela-se perigoso. Contudo, a Alma, dotada de sabedoria, não nos permite ignorar tais questões. Ela compreende que nossa evolução como seres humanos está intrinsecamente ligada ao enfrenta-





mento corajoso de nossas dores e falhas. Ao fazer isso, impedimos que essas reverberações controlem nossas ações e sentimentos, possibilitando um caminho mais autêntico e consciente.

Se você silenciar e prestar atenção, perceberá sua Alma sussurrando: “Volte, compreenda, perdoe, evolua, liberte-se e triunfe.”

Com o passar dos anos, compreendi que a vida é sobre quem somos e quem podemos nos tornar, sem renunciar nossa verdadeira essência ou negligenciar nossas responsabilidades sobre o que fazemos com nossas experiências, mesmo as mais dolorosas.

Foi somente quando comecei a entender o significado de cada uma dessas experiências em minha existência, como elas moldaram minhas escolhas e a forma como encarava as situações mais corriqueiras, que verdadeiramente percebi o que significa ser livre.

Minha criança interior, ferida pela experiência de humilhação, medo e desamparo, clamava por resgate, enquanto a criança enganada, privada de um desejo, ansiava pela verdade. É necessário atribuir significado às nossas vivências, valorizando o caminho percorrido para sobreviver. Caso contrário, seremos arrastados para crises cada vez mais intensas sobre nossa verdadeira identidade.

Hoje, já não sou a pequena bailarina assustada, pois compreendi seu sofrimento e ressentimento. Este foi um aprendizado que precisei viver, talvez para, neste momento, poder auxiliar outra Alma que enfrenta dores muito semelhantes.

Todo espetáculo de ballet narra histórias de amor, superação, sofrimento, alegria, aprendizado e todas essas ocorrências da vida. Durante as aulas, eu conseguia esquecer a complexa situação familiar, liberando gritos silenciosos presos em minha garganta através de um elegante Grand Jeté. Optei, seja de forma consciente ou não, por deixar o palco para descobrir uma nova forma de expressão na poe-

sia, onde as bibliotecas não solicitam aplausos e se transformam em refúgios seguros. E assim eu sigo, até hoje.

Não tenho receio de abrir portas, mas sim de encarar minhas dores. A beleza da vida reside nesse desafio, mas não é fácil ouvir o que o passado tem a nos dizer para conquistarmos a liberdade de construir um futuro melhor através de decisões conscientes. Hoje, o que podemos fazer é permitir que nossa Alma sussurre, sem reprimi-la, e ouvi-la atentamente. Toda Alma possui sabedoria que transcende nosso passado recente; ela abrange tudo que guardamos. Para alcançar a liberdade, é essencial não aprisioná-la, não deixar de evoluir por medo ou culpa, e encarar a beleza da vida.

Ouçã sua Alma e se notar que deixou para trás algo que poderia proporcionar mais felicidade, não hesite em resgatar.



Aproveitando a oportunidade, quero convidar você a me acompanhar nas redes sociais e compartilhar suas ideias. Será um prazer conhecer suas perspectivas.

Nos vemos em breve!

Mia Koda

Onde estará a beleza da vida,
se não na vida que temos?

Por Mia Koda



COLUNAS E COLUNISTAS

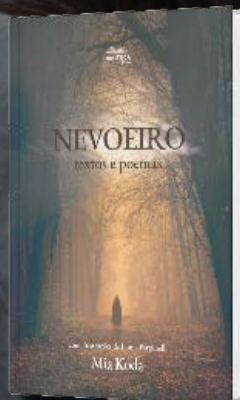


SUMÁRIO

LIVROS DA AUTORA



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui

INSTAGRAM



POST NO SITE





Fotografia

Artística



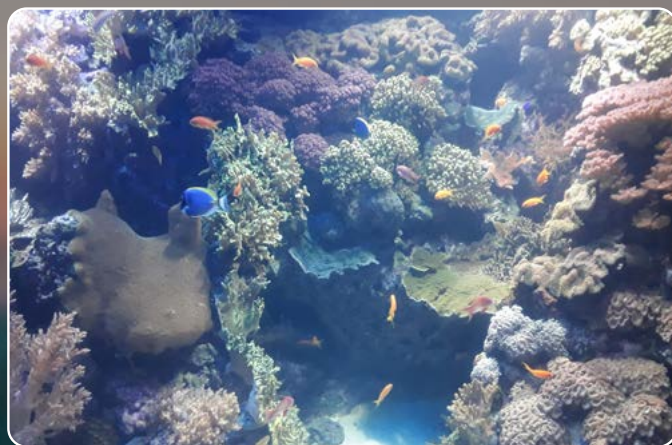
Inês Carolina Rilho

Fotografia Lisboa - Portugal



Almada, Lisboa, Portugal

A foto foi tirada do Santuário Nacional de Cristo Rei, em Almada, após dez minutos de travessia, no barco Cacilheiro do rio Tejo, partindo do Cais do Sodré (Lisboa), em direção de Cacilhas (Almada, margem sul). Vê-se boa parte de Lisboa na outra margem do rio, como a freguesia de Belém, entre outras.



Parque das Nações, Lisboa, Portugal

A foto foi tirada em 2021, durante uma visita ao Oceanário, originalmente Pavilhão dos Oceanos, e está situado na Esplanada Dom Carlos I, no Parque das Nações. É um aquário público, com instituição de pesquisa sobre Biologia marinha e Oceanografia. Possui cerca de 8.000 animais.



Parque das Nações, Lisboa, Portugal

A foto foi tirada durante um passeio no teleférico, em 2021. O Teleférico da Expo é um meio de transporte por cabo para turistas, tendo a Estação Sul (no Passeio de Netuno) e a Estação Norte (no Passeio das Tágides). As cabines fazem um percurso de aproximadamente 10 minutos sobre o rio Tejo, a 30 metros de altura. Ao fundo da fotografia, na parte superior direita, vemos a antiga Torre Vasco da Gama, hoje o Hotel Myriad, o mais alto edifício arranha-céus de Portugal, com 140 metros de altura. No mastro do topo da Torre, podemos ver uma bandeira de Portugal de grandes dimensões.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Mínícontos



Sem pressa

Por Stella Gaspar

Sem pressa ele sentia o meu renascimento em sua pele, parecendo sonhos imortais, espalhando pelo mundo as idades dos amores.

INSTAGRAM



POST NO SITE





Necessidade de Ti

Por Carla Garcia

Tu provoca-me carências inexistentes,
Para que eu tenha necessidades de ti.
Tu eis o vento que arrepia a minha pele
E lençol que aquece a mesma.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Mínícontos



Doze anos

Por Andreia Knispel

De repente o inesperado. Olhares sobressaltam.
Corações se abraçam. Corpo e alma se reconectam.

INSTAGRAM



POST NO SITE



Minicontos



Fotografia

Por Andre Ferreira

Vejo as fotos na parede e penso nela:
-As fotos mentem,
Pois não vivi o tempo que era
- agora não é - nem sei se poderá ser.

INSTAGRAM

POST NO SITE



Mínícontos



O Último Beijo

Por Amoacy Ferreira

As malas estavam prontas. Ela não estava.
Ele sabia que ia acontecer, mas não queria acreditar.

SITE



POST NO SITE



Mínícontos



Acorrentadas

Por J.B Wolf

Na penumbra da noite e silhueta das velas,
aprisionaram em suas próprias correntes.

WOLFBIO



POST NO SITE





Vivendo pelo Sentir

Por Adriana Strella

Em 1997 eu estava em um relacionamento de quase oito anos e confeccionava roupas de cama mesa e banho bordados em ponto cruz.

O bordado manual é demorado e eu precisava que as fábricas onde eu comprava aviamentos, linhas e tecidos, me dessem mais prazo, pelo menos trinta e sessenta dias, mas eles diziam que me dariam até mais se eu tivesse um cartão ouro do Banco do Brasil. O meu cheque era especial, mas era do Banco Bradesco.

Eu coloquei na cabeça que ia abrir uma conta no Banco do Brasil e ter meu cartão ouro. Meu esposo tentou me fazer desistir, ele não queria que eu trabalhasse e nem estudasse, dizia que meus três filhos eram meus diplomas, é claro que eu nunca aceitei isso. Eu confio em minha intuição, ela nunca me falta, eu sabia que iria conseguir, a menos que eu desistisse.

Um dia, fui ao Banco do Brasil e meu esposo me acompanhou, ele foi falando em minha cabeça, que era difícil abrir conta corrente naquele banco, que eu não precisava da conta, que era besteira. Eu não ouço nem meus próprios pensamentos, porque iria ouvir os dele que eram negativos? Bem, cheguei no banco, fui direto ao balcão e perguntei o que era preciso para abrir a conta.

Eu precisava de alguns documentos e quinhentos reais. Voltamos para casa e meu esposo que hoje é ex, não parou de falar em minha cabeça. Naquela mesma semana providenciei todos os documentos e o dinheiro. Retornei ao banco e não consegui abrir a conta, estava tudo lá, mas não consegui.

Eu olhava para o rosto de meu esposo e sentia uma certa satisfação. Mas eu não desisti. Voltamos para o carro, eu coloquei todos os documentos no porta luvas. Fomos para casa e guardei o dinheiro na gaveta da mesinha de cabeceira. Todas as noites antes de dormir, eu mentalizava a conta aberta e sentia que já era real. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo para acontecer.

Na semana seguinte fomos ao centro da cidade, eu nem estava pensando em ir ao Banco do Brasil, eu fui ao Bradesco tirar um extrato e não tinha levado os quinhentos reais, mas quando estávamos passando em frente ao Banco do Brasil, de repente falei para ele parar o carro.

Pedi que parasse em qualquer lugar porque eu precisava ir ao banco naquele momento. Ele se assustou, perguntou se eu estava doida, enquanto ele procurava um lugar para estacionar eu falei: Pare em qualquer lugar e eu desço, me espere aqui. Ele me perguntou: Adriana, você vai fazer o que no banco sem dinheiro, você trouxe dinheiro? E eu: Eu vou abrir minha conta, não quero saber de dinheiro não, estou levando o extrato do Bradesco.

Ele me chamou de doida, e continuou: Você vai abrir conta em um banco com o extrato de outro? Você vai passar vergonha lá, esquece isso. Segui em frente, quando entrei no banco, não fui ao balcão, fui direto a mesa do gerente. Perguntei a ele o que era preciso para abrir uma conta e ele me respondeu: A senhora

abre a conta com quinhentos reais, automaticamente já tem a sua disposição dois mil reais de empréstimo que já fica na conta, e já foi me entregando uma lista de documentos que eram os que eu já tinha em mãos.

Então eu olhei bem nos olhos dele e disse: Eu não tenho quinhentos reais aqui comigo, abre minha conta e já que eu vou ter os dois mil reais de empréstimo, já ficam na conta. O gerente olhou para minha cara e sorriu espantado falando: a senhora não trouxe dinheiro nenhum, quer abrir a conta com zero e ainda quer que eu deixe dois mil na conta?

Dê uma olhada nesse extrato, entreguei o extrato do Bradesco para ele, ele pegou de minha mão, olhou, e eu continuei: para abrir conta aqui eu já tenho os documentos, e os quinhentos reais, eu poderia ir agora sacar da conta do Bradesco só para fazer bonito para o senhor, mas depois da conta aberta eu iria tirar os quinhentos daqui e devolver para o Bradesco porque eu tenho cheque para cobrir, e iria deixar os dois mil de empréstimo na conta, como eu estou te pedindo para fazer.

Ele ficou calado por alguns segundos, respirou fundo, passou a mão na testa e falou: É, faz sentido! Pela sua sinceridade e coragem, eu vou abrir a sua conta. Ele chamou um funcionário e falou para ele abrir a minha conta e imprimir meus cheques, eu falei rapidamente, ah e quero uma conta ouro, porque se não, sua conta não me serve. Nas fábricas só me dão mais prazo com um cartão ouro.

Fiquei duas horas no banco, mas saí de lá com o talão de cheques ouro, cartão ouro, e dois mil na conta corrente já disponíveis. Então no total foram, dois mil na conta, dois mil no cartão e dois mil no cheque. Quando retornei ao carro, meu esposo estava dormindo abraçado o volante, bati no vidro pedi para abrir a porta, falei que tinha conseguido abrir a conta, mostrei o talão de cheques e o extrato, ele espantado, sorrindo me perguntou: Adriana, como você conseguiu abrir essa conta?

Eu soube argumentar, vamos embora! Ele ficou sem acreditar...não acredito que você conseguiu abrir essa conta sem dinheiro Adriana. Qualquer pessoa pode fazer isso e muito mais, basta aprestar atenção na voz interior, você não escuta a sua!

Escritora Adriana Stella

INSTAGRAM



POST NO SITE





Uma saudade para lembrar

Por André Luiz Souza

Ainda sinto as dores daquela noite única, ficaram os desejos quando tu foste embora. O exalar do seu perfume ainda existe nos corredores desta casa, deixando-me ainda mais perturbado. Desapareceu na calada da noite, nem um adeus deixou-me, apenas um bilhete com um doloroso... "Já volto".

Meses se passaram, e você está desaparecendo de minha memória, e o desespero insiste em me perseguir.

Sinto os seus dedos pontiagudos em mim, sinto a sua pele queimando a minha enquanto o seu olhar me arrebatava, tudo isso são sequelas que você me deixou.

Loucura, sim, a insanidade tornou-se inquilina permanente em minha casa, já não consigo discernir nada diante dos meus olhos.

Como queria vê-la por um instante apenas, somente para dizer-te um breve "Adeus".

Por que deixou-me aquele "Já volto"?

Foste embora e deixou-me torturas, por quê?

Aprendi a amar numa única noite, ali entreguei-me a paixão, entreguei-me por inteiro a você!

Não vou dizer que fora um erro, porque o que eu vivi ao seu lado não viveria em muitas outras vidas.

Ah, se eu tivesse asas! Voaria até te encontrar, mesmo se isso levasse todos os dias de minha curta existência.

Pode parecer exagero, mas tudo que escrevo aqui são os lamentos doídos de minha alma, as emoções que ninguém ver.

Tornei-me poeta apenas para recriá-la em meus dias, não posso esquecê-la, senão, seria um errante nesta terra de ninguém.

O brilho do sol já não é o mesmo, a luz da lua já não é tão viva, o som da chuva é trivial, o pôr do sol perdeu a sua magia...O mundo tornou-se acinzentado.

Por que deixou-me aquele "Já volto"?

Escritor André Luiz Souza

INSTAGRAM



POST NO SITE





O sábio

Por Lucy Amary

O sábio saiu para ver o mundo, e ficou confuso conhecendo coisas loucas.
Confundi “pessoas fazem coisas” com “pessoas são coisas”.

Então, jogou algumas pessoas fora e guardou uma caixa.

Mas ele, do alto da sua sabedoria, não fazia ideia de que as pessoas sabiam que eram pessoas e a caixa sabia que era caixa.

Assim, cada um continuou sua função: As pessoas fazendo coisas e a caixa guardando coisas.

O sábio, que pensava que pessoas eram coisas, mas não sabia que ele próprio era pessoa, guardou a si mesmo dentro da caixa.

Sem saber como fora parar lá, pensou que foi Deus.

Então, sentiu-se grato e abençoado por ter sido tão sábio.

Escritora Lucy Amary

INSTAGRAM



POST NO SITE





A mensagem

Por Jaque Alencar

Era uma tarde estranha num lugar estranhamente familiar, de repente me vejo em frente a uma casa pegando fogo e os bombeiros entrando e saindo às pressas para tentar conter as chamas.

Olho ao redor e percebo que não estou em casa apesar saber que pertenço àquele lugar, a cidade deu lugar à mata verde fechada em frente à casa e um caminho obscuro assustador me espera de volta, de onde eu acabara de sair.

Percebo um olhar me observando caminhar em direção a casa como se eu fosse a própria heroína do gelo que salvaria a pobre pessoa que estava lá dentro, viro de lado e percebo que não é uma pessoa e sim uma criatura, ela não é desse mundo, isso eu tenho certeza, mas não tenho tempo de avaliar, a pressa toma meus pés e sigo a passos largos lata dentro da casa que já não está mais pegando fogo, há lama em todos os cômodos, sinto meus pés afundarem a medida que vou correndo abrindo qualquer porta que eu veja pela frente na intenção de salvar o dono daquela que um dia foi uma bela casa de fazenda, mas minha busca é em vão e o dono há tempos já se foi, antes mesmo daquele incêndio que consumia aquela estrutura já tão prejudicada pela falta de cuidados.

Havia apenas uma porta fechada ainda e o meu coração palpitava de esperanças de encontrar alguém vivo, ao girar a maçaneta meus olhos alcançaram a cama que tinha apenas um chapéu de couro em cima de uma cama antiga de madeira impecavelmente arrumada com sua coberta cinza bem esticada como se tivesse sido feita naquele exato momento, a certeza que encontraria alguém vivo fora arrancada do meu peito me lançando na escuridão dos corredores do porão daquela que um dia foi um lar, ora corria, ora andava e sempre gritando por alguém que não vinha.

Quando já havia desistido de procurar, finalmente vejo a saída, mas para minha arrepiante surpresa alguém queria me ver, O Espírito Gato. Quem seria ele? O que queria comigo? Meu corpo reagiu antes do cérebro, arreepei inteira e corri para fora da casa, onde a criatura ainda me esperava sentada pacientemente como se soubesse tudo que aconteceu lá dentro.

Viro-me para ela pela primeira vez, é um homem de cabelos da cor de fogo e a pele amarelada, orelhas pontudas, vestindo uma roupa branca e com um sorriso maroto no rosto, a princípio me assus-tei com a aparência, mas isso deixou de ser relevante quando ele me ofereceu um assento:

- Nem preciso te contar nada não é, você já sabe o que acabou de acontecer. Agora quero que me diga o que aconteceu, por favor. – Eu disse encarando aquele homem que brincava com o olhar.

- O Espírito Gato te persegue há mais tempo do que você imagina, ele te acompanha de outras vidas. Mas não é para te fazer mal, ele só quer entregar uma mensagem que você se recusa a receber. – disse ele brincando com um cão que ao mesmo tempo era um gato.

Fiquei observando aquele momento na vã ilusão de que seria apenas uma brincadeira inocente quando de repente uma entidade começou a se manifestar dentro do pequeno bichinho e a voz daquela criatura assumiu um tom mais grave enquanto ele dizia:

- Estou vendo você aí demônio infantil, este corpo não te pertence, saia e vá para onde você não deveria ter saído.

Fiquei perplexa ao ouvir aquelas palavras e cheia de dúvidas: como um bichinho daquele tamanho suportava a força de um demônio infantil? O demônio era gigante e traquino, estava fazendo coitadinho do bichinho se contorcer de sofrimento por causa das suas leviandades.

Então olhei bem no fundo dos olhos daquele homem, que estava só esperando o momento que eu falaria, e disse:

- Muito bem, vou te contar o que aconteceu: o Espírito Gato olhou diretamente para mim e me pediu para esperar por ele que ele já estava vindo, mas eu fiquei com medo daquele ser branco de olhos pretos me estendendo a mão, e corri. Agora eu gostaria muito de ouvir de você qual a mensagem que tanto quer me passar.

O homem apenas ouviu e assentia uma vez ou outra enquanto eu relatava o episódio sinistro do qual eu já não tinha mais medo.

- Acho que você ainda não está preparada para receber essa mensagem, já que foge dela toda vez, mas vou te explicar os caminhos para que você a desvende sozinha. – disse ele já desaparecendo e me deixando sem a tal mensagem.

Escritora Jaque Alencar

LINK



POST NO SITE





Os Colonos

Por Elizabeth Calderón

Clemente nasceu na colônia de Blumenau, em Santa Catarina, após a grande enchente e antes que a colônia atingisse a categoria de comarca. Cresceu ouvindo como seu avô transformou um pedaço de floresta em um campo fértil e construiu a casa da família. O avô de Clemente morreu jovem. Dizem que a mata o engoliu. Morreu em uma expedição, quando um domingo depois da igreja um grupo de homens se organizou e entrou na floresta para afugentar botocudos. Vovô não voltou. Clemente perguntou a mãe que era um botocudo "É um índio" respondeu.

O pai de Clemente e os homens da colônia continuam entrando na floresta com a mesma missão. Desde que tem lembrança, Clemente, espera ansioso esse momento.

Vê a si próprio correndo até o limite que não lhe é permitido atravessar. Olha a imensidão da selva sem medo, contando cada dia até que finalmente o deixem penetrá-la. E será hoje. Clemente pergunta a seu pai se irá deixá-lo usar a espingarda e seu pai diz que é claro que não. O menino aceita. O fato de deixar de ser criança é o suficiente por enquanto, mas sente-se inquieto. E se um botocudo o atacar? Está determinado a não revelar seu medo e acha que seria bom carregar uma faca para se defender, pelas dúvidas. Guarda na cintura a faca que a tia usa para trocar galinha. Chega a sentir o frio da lâmina tocando a pele, mas se acostuma.

Um dia perguntou à mãe se índio era homem e a mãe respondeu que não. Ele nunca viu um índio. Ele não sabe quanto grande pode ser, ouviu que podem se tornar gigantes e se transformar em uma árvore ou em pantera.

Se junta ao grupo de homens armados, dispostos a mostrar coragem diante do que quer que fosse um botocudo. Clemente já se sente parte do mundo adulto. Chega de ficar em casa, pairando entre mulheres e bebês. Clemente odeia bebês e também odeia garotas de sua idade. Quer ser como o primo Otis, que vai com os adultos a caçar índios.

"Não é caçar" disse-lhe o primo, "Não comemos gente, embora eles sim possam comer você" Clemente prendeu a respiração imaginando uma coisa dessas. O primo diz que a colônia deve ser defendida. "Nossas terras. As terras que o próprio governador nos deu. É um direito nosso. Entendeu Clemente?" "Sim, temos que defender a terra e as mulheres." Ele ouviu seu pai dizer que obteve a bênção do pastor e a concessão do governo para isso.

O grupo armado com facão, pistolas e espingardas caminham pelo rio até a casa do último colono. Entram na mata que faz silêncio diante do intruso. Clemente segue o ritmo dos adultos, atrás dele o primo Otis, encarregado de cuidar dele. Estão autorizados a acompanhá-los apenas até o primeiro posto de guarda.

A expedição é dividida em vários grupos porque os índios mudam continuamente o curso da viagem para despistar. Clemente vê a seu pai partindo para o lado norte. Sente vontade de ir atrás dele, não por medo, mas porque quer que o pai o veja agir, caso o botocudo apareça. Não vai. Obedece. Promete não separar-se do primo e eles entram em uma trilha rio acima. Por ali devem chegar ao primeiro abrigo e esperar os outros voltarem.

O refúgio é uma cabana que já era utilizada pelos próprios índios há algum tempo. Dentro há alguns cestos de cipó, cascas de coco e ossos de Capivara. Clemente fica imediatamente interessado nos ossos da capivara, quando o primo lhe diz para ficar quieto. A mata se mexe e um pequeno clique é ouvido. Fique aqui. Clemente diz que não. O primo dá-lhe um tapinha na cabeça e manda-lhe calar a boca. Fica. Era para ficar juntos, diz meu pai. Eu quero ir, mas ele não vai. Permanece dentro da cabana vendo o primo se perder no mato. Prometeu se distanciar apenas 20 metros. Agora o silêncio da selva começa a sussurrar para ele. Ele e a selva. Salta a cada barulhinho estranho. A mão de Clemente no cabo da faca. A folhagem se mexe e os olhos de Clemente se abrem a ponto de arder, aí ele vê: Um botocudo! E o botocudo a observá-lo.

Clemente não consegue reagir, os joelhos cedem e se não fossem as ideias chegando à cabeça, desmaiaria. Segura a faca confuso porque a figura à sua frente não parece uma pantera, parece um homem pintado, sem roupa. Igual a homem. Igual.

O botocudo parado na frente de Clemente vê algo na expressão do menino que o diverte. Ele quer a faca porque sua tribo tem observado o homem branco e sabe que o ferro é bom para fazer as pontas da flecha. Eles aprenderam isso com o branco e o nativo queria a faca de Clemente. Aproxima-se. Clemente fica paralisado vendo o botocudo alcançá-lo. O botocudo estende a mão e Clemente pode observar de perto o lábio perfurado pelo pedaço de madeira. E entrega-lhe a faca. Não sabe o que está fazendo. Não está pensando. Não distingue se quer correr. Apenas obedece a um pedido silencioso e lhe entrega a faca. A Pintura nos olhos deixa o olhar mais deslumbrante. O indígena começa a se afastar e Clemente tem perguntas que quer tirar da cabeça, gritando então vê o primo. Otis chega arrastando na ponta da espingarda outro nativo pouco maior do que Clemente.

O tiro atravessa a carne do índio, o sangue escorre por entre os dedos que tentam conter a ferida. A selva grita. O primo pega o menino indígena pelos cabelos e o arrasta. Clemente abre a boca e uma porção do abismo entra nele. O abismo da selva que grita e todas as criaturas da selva gritam também quando Otis enterra o facão na carne do índio que parece tenra como a bananeira. O pequeno botocudo esperneia apavorado diante das entranhas do parente boiando na poça de sangue. Uma náusea sacode Clemente que vomita e outra náusea o faz cair de quatro. Aparecem o pai e o grupo de adultos. Clemente luta para ficar em pé pensando em correr junto a ele; mas eles se aproximam do primo e lhe dão tapinhas nas costas, cercam o indígena e o amarram.

Clemente consegue gritar e o abismo consegue sair de sua boca, mas os adultos apenas riem. Seu pai o pega e o carrega debaixo do braço enquanto o grupo arrasta o outro menino rio abaixo. A cabeça de Clemente bate contra o corpo do pai e os pés do indígena batem nas pedras do chão e sangram.

Seu pai o joga na grama desmaiado, Clemente sem reação consegue entreabrir os olhos. Eles colocam o menino em um poste e começam a cortá-lo com a faca. Clemente se levanta e dá alguns passos trêmulos, mas cai. Pai. Ele é um de nós, quer dizer, mas eles são como uma manada de cães. Clemente já esteve diante de cães enraivecidos, já viu baba escorrer pelos cantos da boca de um cão selvagem.

Clemente se levanta e dá alguns passos e consegue dizer o nome do primo, mas a náusea volta. No poste, o menino não luta mais para manter a vida no corpo. Eles o empurram e no momento em que os joelhos de Clemente se esticam e consegue ficar de pé, quebra-se o pescoço do menino indígena. Clemente sente um líquido quente escorrer pelas pernas. Eles olham para ele e ele não os conhece. Ele não conhece mais seus rostos.

Clemente tira os sapatos e a roupa porque fez xixi. Sente o cheiro de xixi. Sente o cheiro da grama. Ele não os conhece.

Clemente permanece de pé por um minuto. Branco e nu contempla-os. Como se fossem uma aparição. Olha para eles uma última vez antes de se virar e correr para a floresta de onde nunca mais voltou.

Escritora Elizabeth Calderón

FACEBOOK



POST NO SITE





A família de Flora

Por Francisca Narcisa da Silva

Era uma vez uma família que morava na cidade de Quixadá. O nome da mãe era Luna e o nome do pai era Thony. Eles tinham nove filhos e amavam a todos. Mas o casal tinha uma filha que era muito pequena e se chamava Flora. Ela era muito frágil, educada e seus pais sempre tiveram um cuidado mais especial com ela.

Seus filhos eram todos especiais, a mais velha se chamava Val, a oitava filha se chamava Lice, o sétimo filho se chamava Elton, o sexto filho se chamava Tarso, a quinta se chamava Grace, Flora era a quarta filha do casal. A terceira se chama Meyse, a segunda filha se chama Fauna e a primeira se chama Amora.

Os pais de Flora e suas irmãs mais velhas saíam muito cedo para trabalhar. As crianças ficavam sob a responsabilidade de Elton, que era muito atencioso e trabalhava à noite, junto com o irmão Tarso, na padaria 7 de Setembro, que ficava na mesma rua onde a família morava.

Tarso ficava encarregado de levar as irmãs para a escola que fica perto de sua casa, enquanto Elton ficava encarregado de fazer a comida, Grace era quem dava banho nos pequenos. Meyse contava histórias todas as tardes para toda a família. Meyse cuidava de todos os assuntos familiares de seu pai e de sua mãe. Meyse cuidava de todos os assuntos de seus tios, tias, primos e primas. Os familiares da parte de sua mãe moravam na fazenda Jordão e a família da parte de seu pai morava em Baturité. E quando chegavam na cidade, Meyse os ajudava, isso desde os 12 anos.

Tudo ia muito bem, a família de Flora vivia com o pouco que seus pais, irmãs e irmãos ganhavam, era dinheiro suficiente para que nunca faltasse comida na mesa. Todos se divertiam e brincavam com as outras crianças da rua e todos os amavam muito. Era uma família que construiu seu nome na base do respeito e da honestidade.

Mas, certo dia, a família de Flora recebeu a visita de uma senhora que queria levar uma das filhas do casal. Eles ficaram apreensivos, nervosos e com medo que essa senhora levasse Flora, que era a mais frágil e delicada. Flora tinha um sopro no coração e isso a deixava muito fraca e às vezes acamada.

A senhora, que se chamava Estrela, explicou ao casal Luna e Thony que veio ajudar a cuidar das crianças porque eles tinham muitos filhos e precisavam de ajuda. Luna não gostou do que ouviu e foi conversar em particular com Thony.

Thony e Luna pediram licença a dona Estrela e foram conversar no quarto. A casa tinha dois quartos, sala, cozinha, banheiro e um pequeno quintal onde as crianças gostavam de brincar.

Enquanto aguardava a decisão do casal, dona Estrela decidiu falar com Flora, Meyse, Fauna e Amora. Ela disse que onde ela morava tinha muita comida, muitas crianças para brincar e que iam gostar muito da casa de dona Estrela. Ela também disse que precisava que uma das meninas tivesse a responsabilidade de cuidar da casa dela, fazendo todos os serviços domésticos, lavando e passando as roupas.

Ao ouvir essa última frase, Flora correu e entrou na sala onde seus pais conversavam. Ela contou tudo para Luna e Thony e disse que não queria ficar longe de nenhum familiar. Thony e Luna abraçaram a pequena Flora e prometeram que nunca os deixariam com outras pessoas. Thony chorou ao ver Flora chorar com medo de ficar sem a família que ela tanto amava.

Após este fato, o casal Luna e Thony saíram da sala e foram conversar com dona Estrela. Ela ficou constrangida e desconfiada ao ver Flora com os pais. Luna explicou a Estrela que nunca abandonaria os filhos e que jamais os deixaria servir de criados em sua casa. A dona Estrela saiu furiosa e prometeu voltar e levar consigo uma ou duas filhas de Luna. Thony disse que Estrela não era bem-vinda em sua casa e que ela deveria partir para sempre.

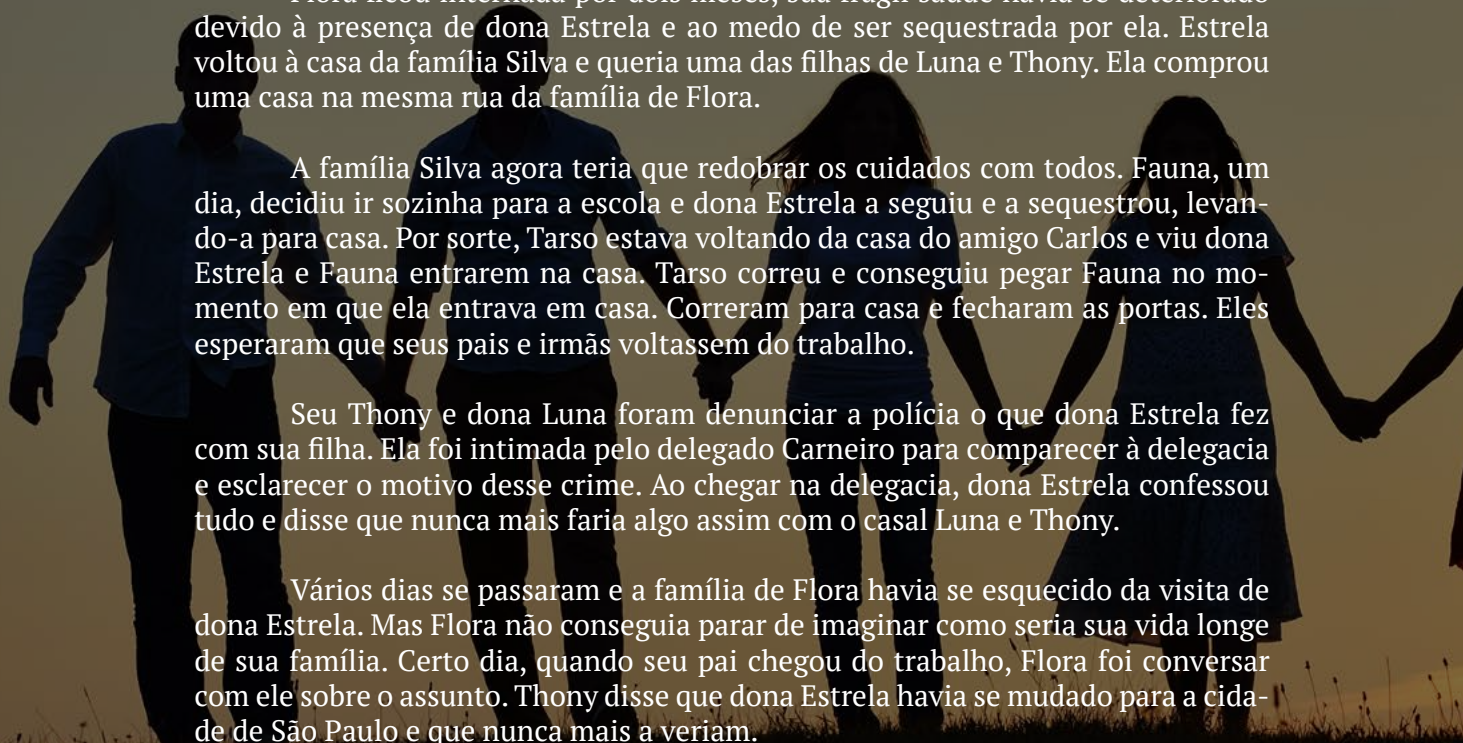
Todos se abraçam e prometem cuidar cada vez mais uns dos outros. Depois de tudo esclarecido, Flora agradeceu aos pais por ouvi-la e por ter ouvido a fala de Estrela. Luna disse que nunca lhe passou pela cabeça abandonar os filhos e Flora perguntou:

— Mas ela queria logo eu que sou a menor e a mais frágil?

Nunca fale isso, Flora. Você é o nosso tesouro mais valioso, assim como seus irmãos, tesouros valiosos que recebemos de Deus.

Um dia, enquanto Flora ia estudar, encontrou uma senhora vestida de preto. Quando Flora ergueu os olhos para se desculpar com a senhora, levou um susto, era dona Estrela. Flora ficou tão nervosa que correu para casa e ao chegar desmaiou nos braços de sua irmã Meyse. Meyse correu para a casa vizinha, falou o que aconteceu e ligou para os pais e eles tiveram que levar Flora para o hospital.





Flora ficou internada por dois meses, sua frágil saúde havia se deteriorado devido à presença de dona Estrela e ao medo de ser sequestrada por ela. Estrela voltou à casa da família Silva e queria uma das filhas de Luna e Thony. Ela comprou uma casa na mesma rua da família de Flora.

A família Silva agora teria que redobrar os cuidados com todos. Fauna, um dia, decidiu ir sozinha para a escola e dona Estrela a seguiu e a sequestrou, levando-a para casa. Por sorte, Tarso estava voltando da casa do amigo Carlos e viu dona Estrela e Fauna entrarem na casa. Tarso correu e conseguiu pegar Fauna no momento em que ela entrava em casa. Correram para casa e fecharam as portas. Eles esperaram que seus pais e irmãs voltassem do trabalho.

Seu Thony e dona Luna foram denunciar a polícia o que dona Estrela fez com sua filha. Ela foi intimada pelo delegado Carneiro para comparecer à delegacia e esclarecer o motivo desse crime. Ao chegar na delegacia, dona Estrela confessou tudo e disse que nunca mais faria algo assim com o casal Luna e Thony.

Vários dias se passaram e a família de Flora havia se esquecido da visita de dona Estrela. Mas Flora não conseguia parar de imaginar como seria sua vida longe de sua família. Certo dia, quando seu pai chegou do trabalho, Flora foi conversar com ele sobre o assunto. Thony disse que dona Estrela havia se mudado para a cidade de São Paulo e que nunca mais a veriam.

Todos os filhos do casal Thony e Luna seguiram suas vidas em paz e sem medo de perder um de seus parentes. Agora, todos eles formaram suas próprias famílias.

Elton e Tarso se inscreveram no concurso da Polícia Militar do Ceará e conseguiram passar. Elton se casou com Susanna e teve um filho chamado Felipe. Dez anos depois, eles se separaram. Susana está sozinha, Elton casou-se novamente e teve um filho. Fatinha é sua atual esposa e o filho deles se chama Nathan.

Tarso se casou e teve dois filhos. Tamires e Tarso Júnior. Um casamento abençoado por Deus.

Val decidiu ser mãe solteira e teve três filhos: Marcos, Márcio e Marlon. Lince casou e teve dois filhos: Érika e Éwerton. O casamento deles foi muito complicado, Lince se separou e eles se reconciliaram várias vezes.

Fauna se casou com o motorista Vauíres e teve dois filhos: Dilan e Larissa. Meyse se casou com Jota e teve um filho chamado Anthony. Grace se casou com Eudes, teve um filho, Erick, e se separou, casou-se com Jucier, e teve uma filha chamada Krysna.

Amora se casou com Louis e teve um filho chamado Lukas. Flora conseguiu se recuperar da doença, casou-se com Carlito e teve uma filha chamada Dora. Flora agora sofre de ansiedade, faz terapia semanalmente, consulta um psiquiatra duas vezes por ano, mas fica muito feliz em poder contar sua história para a filha e seus amigos. Flora mora na casa que pertenceu aos pais e sente-se grata por poder construir sua família na casa onde sempre morou.

No final do ano, a família do Sr. Thony e dona Luna se reúnem para colocar as coisas em ordem. Isso ainda em vida de Seu Thony e Dona Luna. Após a morte deles, a família quase não se vê, apenas as três filhas mantêm o hábito de se encontrar no final do ano, Meyse, Flora e Grace.

Agora que cada um tem seus compromissos, a família se distanciou, mas continuaram se amando e mantendo o mesmo cuidado de sempre. Todos os dias eles se falam via WhatsApp para saber como todos estão se sentindo. E todos estão felizes e são amados.

Escritora Francisca Narcisa Silva

INSTAGRAM



POST NO SITE





Fazenda Malacacheta – encontro com o Saci

Por Gustavo Ferreira

Escondido em meio às sombras, um negrinho de uma perna só dava um nó no rabo do cavalo, enquanto fumava um cachimbo.

- Biel, é verdade.

Arthur não se conteve e acabou exclamando em voz alta, surpreso ao ver o Saci amarrando o cavalo. Aquilo quebrou a surpresa, e rapidamente o negrinho virou um redemoinho de vento e saiu rodopiando pela porta, derrubando os três no chão, jogando uma para cada lado.

O redemoinho subiu ao telhado e, chegando lá, materializou-se novamente no negrinho.

- Ah, criançada danada, a essa hora fora da cama, andando pela mata, sujando o pijama.

O Saci tinha uma voz meio esganiçada. Falava só em rima, fazendo trocadilhos, como se recitasse um cordel.

Gabriel começou as negociações.

- Saci, precisamos de você.

- Rapazinho peralta, ano passado me viu.

Agora de volta, a ajuda pediu.

- Vai nos ajudar?

- Ajudar que nada, favores venderei.

Para entrar na mata, o que ganharei?

- Eu te dou um pedaço da torta de nozes da vovó.

- Da torta já comi, de fato saborosa.

Outra coisa quero de ti, nessa hora desastrosa.

Letícia irritou-se novamente. Com o dedo em riste ela começou.

- Olha aqui, seu moleque, precisamos de você. Vovô Antônio disse que você pode derrotar a Pisadeira, e ela levou o Gueguinho, então você desce daí ou eu vou...Aí

O Saci virou um rodoinho e derrubou os três, agora, mais afastados um do outro. Voou para o alto e se materializou de novo.

- Menina atrevida, menina zangada, aqui na minha vida você não manda nada.

Letícia levantou-se de novo, querendo pegar o Saci.

Novamente, no entanto, ele virou um redemoinho, deu um rasante. A ventania arrastava Letícia. Ela resistiu o quanto pôde, até que, enfim, caiu sentada novamente. Como se afastavam a cada lufada de vento, dessa vez Gabriel e Arthur não foram levados ao solo.

- Menina levada, menina forte, pra conseguir minha ajuda precisa de sorte.

- Olha aqui, seu rapazinho - lá se foi Letícia de novo - ninguém, ninguém me derruba três vezes.

O Saci virou um redemoinho novamente, só que dessa vez Gabriel já estava preparado com a peneira. E, com o Saci distraído concentrado apenas na Letícia, o garotinho pode fazer um arremesso certeiro. A peneira caiu sobre o Saci, capturando-o.

De fato, a única forma de prender o Saci era daquele jeito.

- Ah, garoto traidor, me solte agora, peço com fervor, na verdade, o Saci implora.

Como era um espírito da natureza livre, a prisão era o que mais atormentava o Saci.

- Tudo bem, eu posso soltar você, com uma condição: nos ajudar. Você queria algo melhor que a torta da vovó, que tal a sua liberdade?

- Loirinho sapeca, me pegou de surpresa, se agora me liberta, ajudar-te-ei com certeza.

Diante do arco, Gabriel não viu outra saída. Retirou a peneira de cima do redemoinho, e o vendaval transformou-se em negrinho.

Arthur pediu desculpas por ter duvidado do irmão.

- Desculpe, Biel, achei que era mentira sua. Achei que o Saci não era real.

- Olha a hora, olha a hora, não fique ai como um bobo.

Temos que ir embora, antes que Gueguinho vire Capelobo.

O Saci virou um redemoinho e saiu voando, em direção à mata. Os três pequeninos foram correndo atrás.

Só que o Saci ia muito mais rápido que as crianças. Depois de correrem até perder o fôlego, Gabriel chamou:

- Espera Saci, você vai muito rápido. Não conseguimos te acompanhar assim.

- Temos que correr pela mata, já sei do que precisamos.

Com quatro patas, logo, logo chegamos.

Para saber como termina essa história, é preciso conhecer a FAZENDA MALACACHETA!

Escritor Gustavo Ferreira

INSTAGRAM



POST NO SITE





Paz e Luz

Por Ladylene Aparecida

Em um tempo onde só o tempo contava o tempo, existia dos seres a Luz e a Paz, dois seres completamente apaixonados um pelo outro, seu amor ultrapassava todas as barreiras, um amor tão grande que nem o próprio tempo intervia. Mas amores assim não passam despercebidos, pelo menos não pela escuridão que morria de ciúmes e inveja.

Era uma inveja tão grande, que cada vez que via os dois juntos seu ódio só aumentava. Então no auge de sua cólera, lança uma maldição nos enamorados, a escuridão intervém!

Ele se põe entre a Paz e a Luz, mas com isso ele provoca a guerra.

As lágrimas da Paz invade todos os mundos, a ira da Luz trás distúrbio nos corações de todos os seres, o sofrimento toma conta de tudo, nem mais o tempo consegue contar o tempo.

A Lua que era conselheira e confidente da Luz, entristecida com o amor destruído, toma uma decisão, contrariando a escuridão, que afinal também era sua leal companheira.

“Eu vou ajuda-los não consigo mais ver tanta dor, os mares estão revoltados, as estrelas perambulam sem rumo, o equilíbrio foi alterado...”

Revirando mundos e destinos à Deusa Lua encontra um lugar perfeito para os amantes, eles são enviados para a terra, um mundo ainda quase inexplorado, florestas, bosques, animais vivem em harmonia.

Agora em formas humanas, eles conhecem o toque, o cheiro um do outro, é uma nova experiência que erradia entre eles, juras de amor mais uma vez foram trocadas, o equilíbrio foi restaurado!

Mas infelizmente esse equilíbrio dura pouco tempo. A escuridão descobriu o esconderijo dos amantes, foi atrás e mais uma vez os separou, lançou o seu ódio, agora a Luz era a prometida do Deus Sol, e a Paz se refugia no brilho da Deusa Lua.

E mais uma vez o Sofrimento da Paz e da Luz é sentido por todos, a ira da Luz trás mais uma vez o desequilíbrio, guerras de eras atrás são trazidas a tona, as lágrimas da Paz não tem fim, com elas as tormentas são invocadas.

O tempo mais uma vez não consegue contar o tempo!

Tudo se afunda na mais longa tristeza e a escuridão reina soberana sobre o amor, assim prevaleceu por eras...

Netuno, Deus dos Mares, junto com a Deusa Lua cansada das tormentas resolveram mais uma vez desafiar a escuridão e juntos uniram a Paz à Luz. Mas como ainda corriam o risco de trazer a tona à fúria da escuridão fizeram um acordo.

Os amantes poderiam apenas se encontrar uma vez a cada ano daquela terra, então os deuses das florestas decretaram que no primeiro dia de cada primavera o amor reinara entre os amantes, eles poderão passar um dia todo juntos do nascer do sol até o nascer da lua, assim nem a escuridão poderia intervir...

E assim foi feito, depois de séculos separados a Luz finalmente encontra a Paz...

Escritora Ladylene Aparecida

INSTAGRAM



POST NO SITE





Meu coração

Por Stella Gaspar

Meu coração é uma eterna celebração como um festival de flores. Tudo está silencioso, sinto-me honrada pelo feliz encontro da estrela e da lua, ambas me escolhem para nos sonhos de um amor amado e desejado, eu ser a sua noite e o seu dia, vestida de poesia, com uma fonte inesgotável de felicidades.

Meu coração parece ter passarinhos, agradecidos por teu amor.

A minha alma sente a tua ausência passageira, e ao sabor da minha memória navego profundamente amorosa.

Escritora Stella Gaspar

INSTAGRAM



POST NO SITE





Oblívio no engano IX - Na Aurora Serôdia

Por Renato Cresppo

Orolar tenso nas ruas da cidade desanuvia o ar que respiro, bafo sedento de vida marsupial. Escondido das raivas que os dentes trituram, passo pelo teu olhar sombrio e cravo, nele, o tradicionalismo romântico do amor inesperado. Tens o olhar do passageiro sedentário. Passas, observas e absorves o pássaro instantâneo que fotografas no seu voo de libertino inconsciente. Compreendo que assimilaste a metáfora que sou. Alegre, deslumbro os pensamentos com o sol radioso que, de ti, se desprende. Não falamos, nem conversamos. O diálogo fica para o tempo de solidão. Abraçados, na noturnidade, romperemos pela aurora dos sonhos e desenharemos, em miragens de sentimentos, a realidade de um amor que floresceu por entre as roturas doces de uma abundância serôdia.

Escritor Renato Cresppo



INSTAGRAM

POST NO SITE





O velho casarão da Rua 6

Por Adriana Ribeiro

Continuação...

De repente, os três jovens ouviram um tiro seguido de gritos e choros abafados. Os sons estranhos pareciam vir de algum lugar embaixo da casa. No mesmo instante o rapaz paralisado voltou a si e correu até a porta com a clara intenção de arrombá-la para fugirem dali. Mas, ao girar a maçaneta, a porta se abriu com facilidade e todos saíram correndo. Por pouco o espectro da moça desconhecida não os alcançou.

Do outro lado do corredor os rapazes tentaram abrir uma das portas com socos e pontapés, mas esta parecia ser feita de chumbo. E enquanto lutavam para conseguir sair daquele lugar macabro, uma porta lateral se abriu com um rangido horrível. Eles correram para lá e perceberam que dava acesso a uma espécie de porão escuro e fétido.

O Espectro da moça já estava saindo do quarto à procura deles e na ânsia de se livrarem daquele ser medonho que agora os perseguia, desceram pela escadaria estreita que parecia interminável até chegarem ao que lhes pareceu, de início, ser uma senzala.

Ali, ouviram o choro abafado de uma mulher e os gemidos de dor de um homem. Os sons pareciam vir de uma baía mais ao fundo. Todo o lugar estava cheio de feno armazenado. As palhas velhas e mofadas conferiam um cheiro desagradável ao ambiente, mas a curiosidade dos jovens os conduziu ao local da mais triste cena fantasmagórica.

Se aproximaram devagar e em silêncio do local até que viram, claramente, três figuras prostradas e em prantos. O vulto de uma moça loira que estava ajoelhada e com uma arma nas mãos estava um pouco mais afastada dos outros dois, que também eram jovens. O rapaz, muito bem trajado como um Cavaleiro, estava caído e sangrando, enquanto uma moça vestida de modo simples e com um turbante de mesmo tecido cobrindo a cabeça, tentava pressionar o ferimento para que parasse de sangrar enquanto chorava copiosamente.

Os três estudantes pararam estupefatos diante da cena que parecia real.

Logo passaram a ouvir também aquelas vozes sofridas:

__ Não morra meu amor! Por favor! Fique comigo!

__ Você tem que fugir Annie! __ Depressa! Amélie vai dizer a todos que foi você quem atirou em mim!

Mas a moça não ouvia o que o rapaz lhe dizia.

__ Você não pode morrer meu amor! __ Lute! __ Por mim!

__ Fuja meu amor! Você será enforcada se eles a encontrarem aqui!

Mais distante, a moça que segurava a arma murmurava, também em copioso pranto: __ Eu não queria feri-lo meu amor! __ Me perdoa! __ Eu só queria assustá-la! __ Porque você tinha que protegê-la? __ Era ela quem merecia morrer por ter te roubado de mim.

De repente um grito de profunda dor saiu da boca da moça de turbante indicando que o rapaz não havia resistido ao ferimento causado pelo tiro. E em meio àquele choro convulsivo um novo estouro da arma se ouviu. Dessa vez a moça loira havia atirado na rival e esta caiu lentamente sobre o peito do jovem cavaleiro morrendo imediatamente. Em seguida a assassina pegou a arma, mirou no próprio peito, puxou o gatilho e caiu. Agonizando, saiu se arrastando até onde o jovem estava deitado e, ao segurar-lhe a mão direita que jazia estendida, também expirou. Provavelmente não suportara o remorso de ter causado a morte do jovem que amava.

Os três amigos pareciam em transe diante daquela cena sobrenatural e nem ao menos ousavam respirar. Era como se assistissem a um filme trágico de época, tanto pelo cenário quanto pelos trajes dos personagens envolvidos. E foi assim, em uma espécie de transe paranormal que eles ficaram por longos minutos ali parados. Naquele momento todo o enigma se esclareceu e os amigos perceberam que eram os espíritos de três jovens que haviam morrido na casa há muitos anos e que, por isso, viviam assombrando o lugar. Eles ainda não haviam superado o que tinha



acontecido no passado e permaneciam aprisionados no velho casarão como castigo por haverem cometido assassinato e suicídio.

Extremamente consternados, e na ânsia de ajudar a libertar aquelas almas tão sofridas, voltaram ao casarão às pressas para tentar queimar a caixinha de música que aparentemente seria o portal por onde aquelas almas voltavam ao mundo dos vivos. Assim, de volta ao quarto da jovem morta, o rapaz chamado Job, correu até a penteadeira para pegar o objeto amaldiçoado. Porém, devido à pressa, seus pés escorregaram na poeira do chão e seu corpo esbarrou na penteadeira fazendo-a balançar violentamente derrubando a caixinha de música que, ao cair, estilhaçou-se completamente no chão do quarto.

Diante da cena, um coro de: __ Oh, não! Se fez ouvir no ambiente. Todos lamentavam a destruição do objeto, que poderia ser um amuleto ou portal, antes que eles pudessem se certificar de que o fantasma da loira estava do lado certo. Mas não havia mais jeito e, enquanto tentavam juntar os cacos do objeto para queimá-lo, os três espectros apareceram no quarto com feições ameaçadoras.

Um dos jovens, correu apavorado para perto da janela, enquanto o casal, se sentindo encurralado, permaneceu imóvel por mais alguns instantes. Mas vendo que não teriam como escapar dos espectros, que estavam cada vez mais perto, abraçara-se e fecharam os olhos enquanto gritavam aterrorizados. O amigo, parecendo petrificado, assistia a tudo de onde estava sem conseguir sequer gritar. Viu quando os espectros do casal assassinado a tiros tocaram em cada um dos jovens abraçados e estes, de repente, se transfiguraram. Já não eram mais o rapaz e a moça da cidade moderna, e sim, os jovens amantes do passado. A partir dali a briga entre o triângulo amoroso recomeçou.

Sem parar para pensar no que estava acontecendo o terceiro jovem se jogou pela janela do sobrado, caindo violentamente na calçada de cimento da frente do palacete e ficando seriamente ferido. Seus gritos de dor e medo chamaram a aten-

ção da vizinhança e alguém chamou a polícia. Mas quando esta chegou ao local o rapaz já estava quase sem vida. A equipe que ficou no casarão para averiguar o fato encontrou os outros dois jovens com os pulsos cortados. Próximo das mãos de ambos acharam os estilhaços cortantes da velha caixinha de música quebrada.

O rapaz que pulou a janela foi levado ao hospital e, por causa dos traumas provocados pela queda, somente alguns meses depois recebeu alta médica. Disseram que os nervos ficaram seriamente abalados e que, por causa de uma concussão cerebral traumática, havia perdido parcialmente a memória. Quase não se comunicava verbalmente e, quando tentava fazê-lo, as pessoas não lhe davam atenção devido às circunstâncias do ocorrido. Muitos atribuíram o episódio sinistro a um desentendimento entre os dois rapazes por causa da moça.

Desde então as pessoas da cidade passaram a exigir a demolição do velho casarão da Rua 6. Muitos ainda temem a permanência do velho sobrado ali, pois acreditam piamente que é um lugar amaldiçoado. A história dos dois jovens mortos virou mais um episódio da lenda local. Mas, para aqueles que perderam seus entes queridos naquela terrível noite, o Casarão da Rua 6 é um lugar que nunca será esquecido.

Ou será que esquecerão, assim como esqueceram o que aconteceu com os seus antigos e perversos moradores?

Escritora Adriana Ribeiro

1ª PARTE

INSTAGRAM

POST NO SITE





Sob as águas

Por Pedro Trajano

Sou filha de pescadores, cresci às margens do rio Tietê pescando e nadando. Já adulta, afastei-me do rio, mas voltei a pescar motivada pelo meu marido que mesmo não gostando da atividade me incentivou a fazê-lo, pois percebia o quanto isso me fazia falta.

Era sábado e descíamos o rio em um barco, as águas estavam calmas então encontramos facilmente um bom lugar para aportar: embaixo de uma figueira tombada, onde meu pai e eu pescávamos quando eu era pequena. Os galhos beijando o rio remetiam-me a uma infância feliz.

A luz da lua cheia banhava o rio e as estrelas no céu evocavam memórias distantes em volta das fogueiras, onde meus tios contavam histórias de criaturas místicas...

Meu esposo e eu sentamos no galho da figueira. O silêncio da noite era quebrado pelo ruído das ondas batendo no casco do barco. Adentramos a noite e como esperada memórias com meu pai passaram por mim enquanto meu marido se atrapalhava com a linha de pesca: era cômico, por isso comecei a rir enquanto ele fingia indiferença... me percebi vivendo um momento especial, digno de ser lembrado.

Pouco a pouco a noite foi nos envolvendo, cansada permaneci sentada no galho balançando as pernas e agitando a água com os pés.

— Amor, amor! — Meu marido me chamou com um olhar aflito. Olhei sorrindo e perguntei:

— O que foi?

— Já é meia-noite?

— Por quê?

— Neste horário, dizem que não devemos mexer com a água do rio. - Ele me respondeu com timidez.

— Um médico que acredita em superstições! - Ex-clamei perplexa e soltei uma gargalhada que o deixou constrangido.

Buscava me recompor quando percebi que a atmosfera em torno de nós se tornava opressiva, instintivamente retirei meus pés da água e sugeri que saíssemos dali, mas já era tarde demais.

De repente, as águas se agitaram, como se um peixe grande nadasse próximo à figueira, com pressa me levantei, mas meu marido permaneceu onde estava, parecia petrificado encarando o rio! Desesperadamente comecei a chamá-lo, mas ele me ignorou, estendendo a mão direita para frente em direção ao vazio. A luz da lua brilhava imponente no céu enquanto eu observava assustada a superfície do rio e foi então que testemunhei algo surreal: uma mulher com cauda de peixe emergiu da água, agarrando a mão do meu esposo e puxando-o para baixo.

Fiquei paralisada por um instante, mas os meus instintos me impulsionaram a mergulhar atrás deles. Como boa nadadora que sou consegui alcançá-lo e tocar seu calcanhar, o que fez ele se virar apavorado, como se tivesse saído de um transe e me seguir. Nadamos de volta até a figueira e subimos rapidamente para nos afastar do rio. Ofegante perguntei:

— O que aconteceu?

Ele apenas gesticulou indicando que devíamos subir mais alto, e eu em contra partida fez sinal chamando-o a sair do rio.

— Ela está ali, nas raízes da figueira! – Disse ele aflito.

— Ela quem, meu amor?

— A Iara! - Ele retrucou.

— Iara?! O que ela quer?

- Questionei sem acreditar no que ouvia e ele então apontou o dedo para si próprio.

— Pois ou leva nós dois, ou não leva ninguém! – Falei furiosa e sem entender a situação totalmente.



Contos

— Ela não leva mulheres meu bem...

— E com o mesmo tom gentil e doce que me conquistou ele explicou o que havia acontecido:

— Ela é um peixe da cintura para baixo e uma mulher sedutora dali pra cima. De cabelos negros como jabu-ticabas tão longos que lhe cobrem os seios, pele morena e olhos verdes. Um rosto lindo de uma jovem mulher cujos olhos transmitem dor e solidão. Ela canta como um anjo e brilha como uma estrela! Eu estava tão fascinado que quando ela me tomou pela mão tudo que desejei foi ir em-bora com ela...desculpa meu amor, mas acho que é um tipo de feitiço, exatamente como os pescadores dizem! Eu esta-va totalmente hipnotizado, mas quando você tocou meus pés o encanto se quebrou, então, ela desapareceu, e eu te vi.

Raiva e apreensão tomaram conta de mim. Seria possível uma criatura mística no rio? E o que dizer do meu pai e dos outros pescadores desaparecidos ali mesmo? Será que foram vítimas dessa entidade? Questionei-me silenciosamente, então agarrei a mão do meu esposo e subimos até a copa da figueira, o mais longe possível da superfície, foi então que as águas se agitaram novamente e num piscar de olhos, uma correnteza forte se formou em-baixo de nós.

O rio rugia e as ondas batiam violentamente contra os galhos, fazendo a árvore chacoalhar, não tive força para me segurar, acabei escorregando e caí. Senti uma dor dilacerante nas costas e nem tive tempo de me recuperar pois uma onda enorme cobriu a figueira, arrastando tudo para dentro do rio inclusive nós dois.

Minha larga experiência diante d'água não foi suficiente! Minhas roupas se enroscaram nos galhos, e fui tragada pelo rio, não via nada! Pensei que meu fim havia chegado, no entanto o improvável aconteceu, duas mãos firmes me puxaram para a superfície.

“Será que meu marido conseguiu escapar?” Pensei enquanto segurava minha respiração.

Fui levada até a margem e me segurando nas raízes remanescentes da figueira consegui me alçar e pôr em terra firme. Com muita dor me virei lentamente

procurando por meu marido nas águas escuras do rio e gritando por ele insistentemente quando fui surpreendida pelo som de passos atrás de mim indo em direção ao rio...

Sob a luz da lua cheia as águas do Tietê iam se acalmando e uma mulher nua e esplendidamente bela se materializava na minha frente, não tive dúvidas era Iara. Sem me dizer nada, apenas me olhando, ela assoviou, e o rio respondeu com uma grande onda. Com medo de ser engolida pela água novamente tentei me afastar, mas a centímetros de tocar em mim a água parou, formando uma grande parede na minha frente. Ainda perplexa ouvi outro assovio, e as águas recuaram fazendo a superfície do rio se acalmar me mostrando Iara já transformada em sereia, com uma cauda brilhante no lugar das pernas.

Tudo aconteceu tão rápido, poucos minutos que re-escreveram minha história. Num instante, tudo mudou e os sonhos e planos a dois foram destruídos.

Nada mais me resta. Todos os dias ouço os comentários velados das pessoas que dizem que estou usando um mito folclórico para romantizar a perda do meu marido no mesmo rio onde meu pai desapareceu há cinco anos.

Só quem fica sabe, só quem viu acredita! O mito está a uma tragédia de se tornar realidade.

Escritor Pedro Trajano

BLOG



POST NO SITE





Ri Melhor Quem Conhece os Clássicos

Por Dias Campos

Continuação...

O ambiente se tornava cada vez mais amistoso; e a tal ponto, que a acompanhante de Carlos Sampaio deixava da sua prevenção e se revelava uma ótima piadista.

E como quisesse que seu peixe pensasse que poderia continuar nadando livremente, o ardiloso pescador perguntava se ele já tinha publicado algum romance, pois se fosse tão bom quanto o conto que lera, compraria um exemplar assim que retornasse à capital.

Pedro Garrido sentiu-se lisonjeado. Aduziu, no entanto, que apesar de todos os feedbacks positivos que recebera até o momento – já ganhara vários prêmios literários –, não daria para afirmar, cem por cento, que seu romance seria um sucesso meteórico; mesmo que adorasse o que escrevia.

E se o ouvinte interpretava extremo interesse, de igual forma o convencia de que, mesmo inacabado, seu livro já o deixava com água na boca.

Dessa forma, o iludido assegurou que o avisaria quando o concluísse; e os namorados prometeram não faltar à noite de autógrafos.

Pedro Garrido perguntou ao “novo admirador” o que fazia da vida.

Carlos Sampaio respondeu que era sócio majoritário de uma grande lotérica no centro da cidade, batizada de Buraco da sorte. E, abusando da indelicadeza, afirmou que, ao contrário da dúvida que paira sobre o escritor iniciante, sua remuneração era certa, e seus lucros, inevitáveis. Afinal, fizesse sol ou chuva, ele ganharia com os bilhetes e as apostas, com as comissões que incidem sobre a venda de outros produtos e pelo recebimento de contas de telefone, gás, luz, etc. – Dita a localização, e Pedro Garrido se lembrou de que, vez por outra, passava por lá e fazia uma fezinha.

Como percebesse que essa cutucada bambeava levemente o humor do seu peixinho, Carlos Sampaio decidia-se por começar a recolher a linha. Foi quando passou a relembrar do bullying que praticara contra ele.

E a cada cena descrita – por sinal, com requintes de detalhes –, mais risadas dava e mais se comportava como se estivesse agradando.

Sua namorada, porém, despertou para a realidade no mesmo instante em que lhe ouviu a primeira recordação. E ficou sem saber o que fazer, tamanha a vergonha que a possuía.

A alma gêmea de Pedro Garrido – para quem nunca contara sobre o bullying –, e que no início até sorria, pois pareciam lembranças engraçadas revividas por velhos amigos, tocava-se de que tudo tinha sido

verdade, quando, ao se virar, notou a profunda mudança na fisionomia.

Pedro Garrido empalideceu. Os lábios estavam cerrados; os olhos, fixos no covarde, já se umedeciam; e sua mão direita tremia sobre a mesa, depois que lhe caiu a colher.

Constatado o estrago, Carlos Sampaio não se furtou em dar mais uma paulada. E o fez afirmando que era tão certo continuar a ganhar dinheiro ao final de cada mês quanto era inevitável levar à sua boca mais uma colherada de sopa de cebola – e caprichou na gesticulação.

É desnecessário mencionar que não havia mais clima para continuarem o jantar.

Pedro Garrido e sua noiva levantaram-se em silêncio. E antes de irem em direção ao caixa, deixou claro que pagaria metade da conta. E se foram.

Carlos Sampaio ainda teve ânimo para pedir sobremesa. Mas não conseguiria apreciá-la como pretendia, pois teria que aguentar bem mais de uma reprimenda.

E se a lua cheia prosseguiria em sua vereda celeste convidando os jovens ao amor, naquela noite, pelo menos, dois dos muitos casais não lhe responderiam ao chamamento.

Pedro Garrido e sua paixão decidiram antecipar a volta para casa. Não valia a pena correrem o risco de reencontrarem Carlos Sampaio.

Não obstante essa decisão, as férias ainda estavam no início. E sempre haveria um quarto à disposição deles na casa de praia do sogrão.

E para que não tivessem que passar horas explicando o retorno antecipado, resolveram pôr a culpa em um surto de carrapatos que tomara conta da cidade. E que ninguém se preocupasse, pois o dinheiro seria devolvido sem tardança.

Por fim, como não queriam reavivar os dissabores por que passaram, prometeram não mais tocar nos assuntos bullying e Carlos Sampaio.

Seguiram-se as semanas de descanso e os prazerosos bate-papos à beira-mar; sendo que as caipirinhas e as porções de camarões fritos degustados sob os guarda-sóis foram essenciais à recuperação física e mental dos noivos.

Terminadas as férias, e de volta ao seu apartamento, Pedro Garrido lembrou-se de que deixara algumas pendências para serem resolvidas. Além da dispensa que estava às moscas, teria que trocar duas lâmpadas queimadas, consertar uma torneira que pingava e comprar veneno para acabar com as formiguinhas que adoravam passear sobre a pia da cozinha. Sendo assim, dirigiu-se, à tarde, ao centro da cidade, onde já era freguês de uma loja especializada.



Contos

Mas se não se esquecera dessa loja, certo estabelecimento tinha-se apagado de sua memória...

E quando dele se aproximou, notou o desapontamento e as reclamações de algumas pessoas, que quiseram apostar e pagar as suas contas, mas deram com as portas de aço desenroladas.

Concatenando as ideias, Pedro Garrido recordou a conversa que tivera com Carlos Sampaio naquela fatídica noite... Tratava-se da Buraco da sorte.

E um frio antártico subiu-lhe pela espinha!...

Essa gelidez, entretanto, logo passou, pois a ordem judicial, afixada no mesmo dia e pela manhã na porta da casa lotérica, demonstrava que as chances de revê-lo naquele dia seriam mínimas – era provável que estivesse implorando ajuda ao seu advogado.

Neste exato momento, as palavras ditas e encenadas por Carlos Sampaio naquele restaurante nas montanhas, equiparando a certeza de se ganhar dinheiro com a de se levar à boca uma colherada de sopa, e que, malgrado o seu esforço por esquecê-las, ainda lhe surgiam como vultos agourentos, perdiam para sempre o seu poder de humilhar.

Por força desse insight, uma ideia lhe vinha à mente. E ele puxou de uma caneta...

Em seguida, resolveu adiar as compras, e retornou às pressas para a sua residência.

Já defronte à tela do computador, começou a escrever um conto.

Sem dar nomes aos bois, Pedro Garrido iria recontar os acontecimentos por que passou, desde o bullying que sofreu quando jovem até o reencontro com o maior dos seus fantasmas. Por fim, e com o auxílio dos Clássicos, Carlos Sampaio receberia uma lição que por certo jamais esqueceria.

No dia seguinte, Pedro Garrido contatou o responsável pelo jornal do grêmio estudantil da sua Faculdade e perguntou se ainda teriam interesse em publicar mais um dos seus contos. A aceitação foi imediata. E ele o enviou por e-mail.

Passados poucos dias, não apenas o autor receberia o seu exemplar, mas, também, o caçula da família Sampaio, que ainda não se formara e que não deixara de admirá-lo.

E como previra Pedro Garrido, após ouvir do irmão sobre a incrível semelhança entre a ficção e o que acontecera à sua lotérica, Carlos Sampaio, muitíssimo desconfiado, agarrou o jornalzinho e foi àquele texto.

Depois de alguma leitura, o arrogante não tinha dúvidas sobre quem eram, de fato, os personagens principais. E até bateu palmas para Pedro Garrido pela coragem de se expor daquela maneira.

Mas se Carlos Sampaio se deliciava a cada período, seu bom humor mudaria assim que passasse a ler o final da história.

Pedro Garrido imaginou que o protagonista recebia um telefonema do seu funcionário avisando que a lotérica tinha sido fechada por ordem do juiz.

Ato contínuo, o vilão quase teve um enfarte, pois via secar a sua mina de ouro. – Por coincidência, foi isso mesmo que aconteceu a Carlos Sampaio.

Mas como não tinha chegado a sua hora, ele conseguiu recuperar as forças, e o raciocínio, e pediu mais detalhes ao empregado.

O pobre moço, então, achou melhor fotografar a ordem de lacração e enviá-la pelo celular.

Recebida a foto via WhatsApp, o patrão precisou ampliá-la, pois não queria perder nenhuma informação.

E depois de se inteirar sobre o conteúdo da decisão, notou, logo abaixo, em letra cursiva e à caneta azul, a frase Tra la spica e la man qual muro he messo.

Ele só não deu de ombros porque a fonte colocada entre parênteses chamava muito a atenção – Os Lusíadas, Canto Nono, Estância 78.

Não que essas inserções fossem mais importantes do que a desgraça que o abatia. Mas como só saberia o que fazer depois de consultar com o seu advogado, e porque a curiosidade era a sua marca registrada, a vítima da interdição estatal não se conteve e foi ao Google pesquisar.

O fato de ser um verso escrito por Petrarca e transcrito por Camões em nada mudaria a vida do desafortunado. Mas a sua tradução, esta, sim, faria com que Carlos Sampaio se arrependesse para sempre do gesto que um dia praticou – Da mão à boca se perde muitas vezes a sopa.

Escritor Dias Campos

1ª PARTE

FACEBOOK

POST NO SITE





Molarzinho

Por Vanda dos Reis e Silva

Era uma vez uma Boquinha que adorava comer doces. Era tanto doce que vivia doce, sempre doce e cada vez mais doce.

Um certo dia, um dentinho chamado Molarzinho sentiu uma leve dorzinha, mas com o tempo essa dorzinha se tornou uma dor muito intensa.

Molarzinho era o único dentinho que sentia aquela dor e por isso vivia triste e mal-humorado.

Os outros dentinhos começaram a implicar com Molarzinho e queriam muito que ele saísse da Boquinha onde eles moravam.

Apesar de toda dor, Molarzinho gostava de morar ali. Ele sabia que a culpa não era dele, mas que tudo aquilo era causado pelo excesso de doces que a Boquinha comia todos os dias.

Molarzinho e os outros dentinhos percebiam também que a Boquinha não gostava nada de escová-los. Só queria comer doces e nada mais.

O tempo foi passando, a dor de Molarzinho foi só aumentando e os outros dentinhos decidiram que ele deveria sim sair da Boquinha, pois até então ele era o único dentinho que sentia dor e apresentava uma mancha escurecida na sua coroa.

Molarzinho foi ficando cada vez mais triste por saber que a qualquer momento somente ele deveria sair daquela Boquinha.

Enquanto isso a dor estava só aumentando e aquela mancha escurecida crescia mais, e assim a Boquinha decidiu pedir ajuda, pois queria muito que Molarzinho fosse retirado para ter alívio.

Boquinha foi ao dentista, chegando lá, imediatamente foi examinada. Naquele momento, Molarzinho sentiu tanto medo de ser retirado, mas a dentista muito entendida do assunto, concluiu que havia um tratamento para Molarzinho.

Ela aplicou uma aguinha ao lado de Molarzinho, e logo começou a cuidar dele de forma que a Boquinha não sentia mais dor.

Em poucos minutos, Molarzinho se tornou um novo dente, bonito, sem dor e sem aquela mancha. A dentista orientou Boquinha, explicando que o excesso de doces foi o causador de todo aquele sofrimento para o Molarzinho.

Boquinha e Molarzinho voltaram felizes para a casa, evitando o excesso de doces todos os dias.

Eu disse: Evitando o excesso todos os dias. Algumas vezes Boquinha comia pouco doce, mas logo em seguida escovava os dentinhos.

E assim termina a historinha de Boquinha e Molarzinho.

Escritora Vanda dos Reis e Silva

INSTAGRAM



POST NO SITE



À PO

Poésie



PAÍSES PAR

Poetry



Poesía



Poesia



Poëzie



Poesia



Poesía



Поэзия



Poesia



Şiir



Poesía



Poesia



Poesía



Poetry



Poesía



Poesie



Poesía



POESIA

TICIPANTES

Poesía



Mga tula



Поэзия



Poesía



Poesia



Poesía



Poetry



Poezja



Poesía



Poesía



Poesía



Poesi



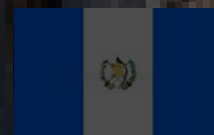
Poesia



Poetry



Poesía



رِعشلا



Poesía



Ποίηση



Poesía



Poetas & Poetisas

04



Edna Lessa



Natural de Fortaleza-Ceará, Edna Lessa é professora da Rede Estadual de Ensino, escritora e poeta. Especialista em Gestão da Educação Pública; Graduada em História e Geografia, Vice-Presidente da Academia Tauaense de Letras (ATL). Autora do livro “Para Além de Mim - a Essência do Olhar” e coautora de seis Antologias Poéticas dentre as quais destacam-se Antologia Escritoras Nordestinas (Ed. Casa de Bonecas) e Coletânea Mulherio das Letras Portugal Poesia (Editora In-Finita, 2021). Atualmente é colunista da Revista Internacional The Bard e apresenta sua escrita em seu perfil literário, uma página criada para propagar a poesia, expandir o olhar e ressignificar o sentir.

Estimados leitores, poetas e poetisas da Revista The Bard, é com imensurável prazer que lhes apresento a 20ª Edição da Coluna Poetas e Poetisas!

Nesta edição poetas e poetisas nos proporcionam uma conexão com arte que enriquece a vida de muitas maneiras – a poesia. Esta, que por sua vez desempenha importante papel na cultura e na sociedade ajudando a desvendar e a compreender o mundo e a nós mesmos. Neste sentido, a poesia é uma busca pela essência da existência, uma tentativa de capturar a alma do mundo com palavras. Ela nos desafia a olhar além do que os olhos podem ver para enxergar a beleza do simples e essencial, o significado das pequenas coisas.

Espero que você leitor (a), se permita sentir os sentimentos profundos de cada verso escrito. As metáforas, as imagens, o ritmo, as verdades ocultas ou explícitas em cada poema revelam lugares que somente através da poesia podemos chegar. Cada poema é uma janela para o mundo interior do poeta, e cada leitor tem a oportunidade de refletir nesse espelho da alma do poeta e de si mesmo.

Aos poetas e poetisas participantes desta edição, minha gratidão pela sensível participação! E aos distintos leitores da Coluna Poetas e Poetisas da Revista The Bard, espero que a leitura seja um verdadeiro deleite!

Abraços poéticos,

Edna Lessa.

POST NO SITE (1)



Imagem de Pexels Flores e livro de rosa

Poetisa



Brasil

Edna Lessa

GRITO

A lua, ouviu meu grito
E disse: grite mais alto.... Grite! Grite...
Sabes que sempre estarei aqui para abrigar sua dor.

As estrelas, ouviram meu grito
E disseram: Somos sensíveis ao seu momento,
Mas, conserve sua energia.
Veja o sol, nossa principal estrela,
Ela é sua e nasce todo dia!

O céu, ouviu meu grito e fez cair chuva...
Choveu a noite inteira e na manhã seguinte
Sentí o cheiro de mato e de terra molhada.
O céu sabe que a chuva me acalma.

O Mar, ouviu meu grito e ofereceu suas ondas...
Caminhei na areia, me perdi no horizonte circular
Naveguei até alcançar o exato lugar
Em que o céu e o mar me abraçam.

E assim permaneci
Acolhida pela lua
Aquecida pelas estrelas
Tranquilizada pelo céu
E abraçada pelo mar.

E então senti
que não estou sozinha.



Cidade: Tauá,
Estado: Ceara
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE (2)



COLUNAS E COLUNISTAS



Poetisa



Brasil

Jaque Alenncar

TÃO SOMENTE TUA

Ah paixão de minh'alma
Que arranca-me
Suspiros e sorrisos,
Na mesma intensidade...

Quantas vezes neguei-te a tí
As vontades de mim,
Que já não eram mais minhas
E tão somente tuas, quanto eu...

A quase tardia entrega minha,
Não por falta de vontade,
Medo consumia-me, confesso...
Deu-se como um raio que corta
O céu numa noite escura.



Cidade: Andaraí
Estado: Bahia
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Roberto Ferrari

SEPARAÇÃO

Estrelas brilhavam na noite
Quando eu olhei a Lua
E senti na minha alma a dor da separação
Que me levou a loucura de um amor perdido.

Quando eu olhei a noite
Não vi tua face, nem teu nome
Eu senti na minha alma a dor da perda
Senti a solidão da separação
Clamei por ti e por teu amor
E nada!

Quando eu olhei minha alma
Só vi trevas
Senti no coração a tua falta imensa
E a dor da solidão que vive na minha alma



Cidade: Carapicuíba
Estado: São Paulo
País: Brasil

FACEBOOK

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Fabiane Linhares

DEIXEI NO ÍNTIMO

Deixei no
íntimo escondido
O pedido ao
amor das
Chuvas perdidas
Fechéi as palavras
Onde meu
verso era sim
Do sonho depois
Que vi o horizonte
Volto o
Olhar a ver
Os olhos dos abraços
Beijos amantes
De mãos irrigadas
Para deixar
A chuva do
Corpo depois
Da tempestade



Cidade: Vinhedo
Estado: São Paulo
País: Brasil

FACEBOOK

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Miramar Mangabeira

ÁGUAS DE MIM

Às vezes
tenho cheias de paixão
Em outras
Sou vazante solidão
Venho por muitos caminhos
Entre flores, pedras, espinhos
Em busca de um leito
Sou um rio
De amor e de esperança
Em tudo que meus olhos podem ver
Em tudo que minha alma pode sentir
E o meu coração
Feito para o amor
Derrete em cachoeiras
Sentindo seu calor
Águas de mim...
As chuvas de carinhos me abastecem
E eu fico a transbordar
de plenitude
E minhas águas purificam
Aos que merecem



Cidade: Rio de Janeiro
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Pietro Costa

ARCANJO INSURGENTE

Na carne fria, na ossada decomposta
A miserabilidade existencial, exposta
E vermes se achegam à mórbida ceia
Porque roer peles é o que lhes enleia

Queixas noturnas comovendo a lua
Na melancolia do versejar ímpudico
Rechaçou a taça do vinho comedido
Inebriou-se da sangria e da dor crua

Augusto dos Anjos, tremendo ícone
Fez da agonia e ocaso o seu cânone
Na estética da morte, imortalizou-se
E na sua intensidade, consolidou-se

Arcanjo insurgente, tantos espantos
Avultou a par das estrelas cintilantes
Abrasando a vida em graves prantos
Como um fósforo, alumiou instantes



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Arely Soares

LUA

Escondi-me
Profusas noites
Abdiqueei de ser lua
Luminária
Vista rebuçada,
Ainda que
Com desejo de
Ser Acessa
Fugí da noite
Mas é de
Claras pernoites
Que existo,
Sobrevivo!
Adormeci
Pra um estado
Minguante
Lua em quarto,
Trancado me fiz
Decadência,
No céu
Cá
Sabe lá

Quem mirou olhar
E me distinguíu!
Tentando ser
Valor noturno
Num escarcéu
Pintada a píncl
Num mover
Incandescente
Lua nova
Me tornei
Rodeando as trevas
Fulgor
Contornei,
Lua cheia
De Amor
De Força
Vezes um sonho
Inconsciente,
Moví-me
Para viver de fases,
Sou Lua
Crescente!



Cidade: Caxias
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Alana Emily

CÁ ENTRE NÓS

Borboletas vieram até mim
Num bater de asas rítmado
Trazendo o vento que descobre
E o que traz, traz a rima perfeita

Que segreda aos ouvidos
Segredos nunca contados
Liberdade
Que jamais foi liberta

Ali mesmo no canteiro
Pude ganhar corpo do avesso
Fazer morada com roupa ajustada
O que me tornaria?

Não era peixe na rede
Tampouco barco à deriva
Com a claridade que chega em fios de melodia
Ritmei minhas asas

Em ritmo de palavra
Para contar uma vida bem contada
Que uma das borboletas
Eu me tornaria



Cidade: Sobral
Estado: Ceará
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Abelardo Nogueira

O MAR

É fantástico, o mar!
A ternura que vagueia.
Estar deitado na areia,
Ou brincando de sonhar.
A onda a se aproximar,
Uma bela embarcação,
Alguém acenando a mão
Desejoso de um agrado.
Um amor desembarcado
No cais da doce ilusão.

É um encanto, somente,
Uma magia profunda.
A maré que logo inunda,
Por vezes discretamente.
Um pôr do sol reverente,
Para cada entardecer.
Um poema pra dizer,
Um arco íris em cores
Pra lembrar de outros amores
Que se foram sem querer.

É ínfimo, é majestoso,
O azul que não termina!
O céu que se descortina
Ao horizonte vistoso
O mar é tão venturoso
E muito nos surpreende.
Liberta enquanto nos prende
Numa clausura sem porta.
Ha! O mar, tanto que exorta
Quem lhe escuta sempre aprende.



Cidade: Aracoiaba
Estado: Ceará
País: Brasil

FACEBOOK

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Joaquim Cesário

ESQUINA DOS AGUARDAMENTOS

Andou para um lado
andou para o outro
olhou de novo o relógio
e ela não chegou

A tarde se retirava
ensanguentando o céu da cidade
de um vermelho tão avermelhado
como não se via desde
o último entardecer da infância

As ruas se encheram de pessoas
que apressadas saíam das grutas dos prédios
mais velhas de que quando entraram
misturando o fonfonar dos carros
com o rumorejo das bocas inquietas
e o bulício dos sapatos pisoteando calçadas
incomodando as árvores, as pedras e as esquinas
já tanto abarrotadas de gente

Não podendo mais andar para os lados
acomodou suas costas suadas
na coluna cimentada do poste
que preguiçosamente desadormecia
iluminando os fios embranquecidos das esperas
em sua cabeça exausta de minutos

Maís cinco nuvens se passaram
cinqüenta e oito ombros se esbarraram
noventa e sete carros andaram
mil oitocentos e um segundos
se acumularam e ela
assim como antes
e anterior ao ontem de antes
novamente maís uma vez não chegou

Para onde ela fora não sabe
nem se mudou de bairro
de Estado ou de cidade
desconhece sequer seu endereço
localização ou paradeiro
mas de uma coisa ele conhece
e jamais esquece
que foi aqui que seus olhos se entrelaçaram
quando eles se cruzaram
naquele final corado de tarde
do agora distante ano passado



Cidade: Recife
Estado: Pernambuco
País: Brasil

BLOG

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Ana Lourdes Galvão

A ÁRVORE ENCANTADORA

A árvore encanta o homem
deixa-o admirado
são tantas voltas e infinitas curvas em seus galhos
que mais parecem a junção de muitas árvores numa só

Seus frondosos galhos
e sua impetuosa copa
dão uma ideia de uma boa saúde
física e emocional

Na calada do crepúsculo
ela se recolhe, não se move
cala-se, sossega suavemente
e se arruma para dormir
para ganhar força e resistência
para o dia próspero

Ao raiar do dia
ela viva e descansada
prepara-se para enfrentar
qualquer desafio imposto pela vida
poderão vir tempestades
chuvas, sol e ventos fortes

Mas ela vai estar firme como uma rocha
não cairá nem pra direita e nem para a esquerda
porque sempre se antecipa aos sofrimentos
protege-se dos vexames
que a vida porventura a ameace



Cidade: Rio Branco
Estado: Acre
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Rita de Cássia

CAMINHOS DO NORDESTE

Nordeste, terra de Patativa do Assaré,
da literatura de cordel,
de Raquel de Queiroz,
Ferreira Gullar, Francisco Brennand,
Ariano Suassuna.

Terra de Dunas
com Lagoa Azul:
Lençóis Maranhenses.
Dunas de Marapé,
Itacaré e quem nunca
provou, acarajé.

Terra da Serra da Capivara,
Jericoacoara,
Praia de Pajuçara.

Terra dos meus pais,
Itaporanga,
sertão da Paraíba.
Terra do Delta do Parnaíba,
do Padre Cícero,
de Santo Antônio,
São Pedro, São João
e Senhor do Bonfim.
Terra de Iemanjá,

do vatapá,
buchada de bode,
sarapatel, baião de dois,
paçoca de carne, cuscuz,
tapioca, rapadura, cocada.

Praia de Canoa Quebrada,
Maragogi, Morro de São Paulo,
Pipa, Salvador, Sergipe,
Recife, Piauí, Natal.
Praia da Pedra do Sal.

Terra do Maracatu,
do frevo, bumba meu boi,
forró, xaxado.

Terra de Jorge Amado.
Deixa seu legado
com suas tradições,
caminhos e inspirações.



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

[INSTAGRAM](#)

[POST NO SITE](#)


Poetisa



Brasil

Fátima Cristina

ANTÍTESES DA VIDA

Doce sabor dos meus dias,
Paladar mais que perfeito.
Fecho os olhos e sinto o aroma
Degusto cada sentido.
Enebria da fico com a sensação!

Boca adocicada e úmida de desejo
Cheiro que arrepiá minha alma.
Toque macio, delicado, sutil!

Palavras soltas...
Gosto forte...
Cheiro embriagador!
Imaginação a mil...
Pele ardente e febril,
Assim transcorrem os dias...

A cada amanhecer, uma noite que se finda
O sol já queimando a pele
E a suavidade da lua iluminando você!

Somos o avesso do encontro
O mais destemido "olá"!
Gostos e sentidos apurados
Distância que nos aproxima
Sem separar...

Complemento perfeito
Doce e ácido
Amargo e meloso...
Calor e frio
Dia e noite...

Metades perfeitas de um único ser!
Antíteses que se complementam
Horários contraditórios
Encontros desencontrados!

Vida e sonho...
Realidade a se fazer...
E mais um dia assim se finda
Junto com o seu entardecer.



Cidade: Campos dos Goytazes
Estado: Rio de Janeiro
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Lucélia Santos

"SE TU VIÉSSES AGORA"

Ah, quem me dera! Se tu viesses ver-me
A essa hora em que o sol se esconde
Que o frio chega de mansinho e quero ter-te
E me levasse não sei para onde

Lembro-me do sabor e sensações que sentia
No teu toque, teus beijos e teus abraços
Por vezes vejo a tua face por onde passo
Por um instante sinto a tua mão na minha

Ah, quem me dera! Se tu viesses agora
Enquanto imagino meu corpo junto ao teu
E de seda vermelha eu me vesti

Eu te desejo e tu tanto te demoras
Aqui estou a esvair-me sem o olhar teu
Sem teu amor que vive em mim.



Cidade: Brumado
Estado: Bahia
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

André Ferreira

TRONCO MÃE

Salve-a Senhor!
Quão belo és espírito de calma
Quão doce deusa da celeste aurora
Salve-a Senhor, doce e bela de alma!

Deflorada! Pela vida esgarçada
Bela flor dormente, signo de calmaria
Mãe do riso presente tal como a paz
Tronco bendito, prece - primazia

Teus pedidos és prioridade do pai
Teu pranto és socorro imediato
Qual oração do pedido materno
És tronco, fortaleza do Gaiato

Em sua doçura és fortaleza
Por ser fortaleza és sensibilidade
Seu amor materno desejável
Qual força duma religiosidade

Salve Senhor! A mãe é de todos nós!



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Ana Maria Pimentel

FOLCLORE

Folclore é memória e tradição
É a história que vive a população.
Folclore é passado e presente
A todo momento encantando a gente.

As lendas são contadas
De geração a geração.
A do boi Tatá é de impressionar,
A lara com seu canto pode enfeitiçar

Menino de uma perna só
Uma de suas traquinagens
São as coisas esconder.
Ele é o Saci Pererê.

O curupira, caçador foge de sua mira
Com pegadas pelo chão, engana o cidadão
Se não respeita os animais
Não tem seu perdão.

Tem a mula sem cabeça
Essa é de assustar
Seu castigo, não esqueça
Foi pelo padre se apaixonar.

Na culinária é uma riqueza
Tem paçoca, cuscuz, munguzá,
Empada, carne de sol e vatapá
Muita coisa para degustar.

As brincadeiras de roda e amarelinha,
As cantigas, adivinhações e ditado popular,
Cabo de guerra e muita diversão
Povo criativo, nunca para de inventar.

Folclore também fala de fé
Cada um com seu santo de devoção
faz promessa para os santos Antônio, Pedro e João.

Quando ficam aperreado,
Logo começam a rezar.
Não fica nem um santo sossegado
Todos querem uma graça alcançar.

Assim é o folclore
Com seus encantos, mistérios e sabedoria
Trazendo muito conhecimento
Diversão, entretenimento e alegria.



Cidade: Bajé
Estado: Rio Grande do Sul
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Caroline Valente

MULTIVERSO

No leve do meu sono
Caminho no multiverso
Da imaginação
De lá te escrevo versos
E também uma canção
Todo anseio da minha alma
E talvez do coração
De um amor que borbulha
E transborda uma paixão
Dos encontros casuais
Dos mundos desiguais
No despertar
Vida real vejo raíar
Olho ao redor
Onde você estará...?
Talvez na minha frente
Onde a visão não pôde alcançar
Poís meu coração
No multiverso quis ficar



Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Rafael Pelissari

CAMINHO À FRENTE

Caminho como homem livre
Mesmo ao som dos grilhões
Poís os que me amordaçam
Desalmados sem colhões
Este meu sorriso
Jamais ameaçam.

Tenho toda liberdade
Em minha mente
No caminho à frente
E no coração, a verdade

Precisamos de amor -
Mesmo para se opor
Precisamos paz -
Pra reagir como flor
E precisamos flores -
Para lembrar das cores

Que tu não tenhas que suportar
Tudo aquilo que podes suportar
Nem hortar ódio
Nem raiva florir
Ou sucumbir
Ao custódio

Compreender não é concordar
Nem com corda enforçar
Quem não concorda
Tampouco à sombra
Se tornar
O ser que assombra.

Se em muitos dias amamos
No dia em que choramos
Sem desespero
É o dia em que nos achamos

Se sozinhos viemos
Na exuberante aurora
Quando em noite vamos
É chegada a hora

Precisamos de amor -
Mesmo no torpor
Precisamos paz -
Diante do que for
E precisamos flores -
Para esquecer as dores

Nossa farta individualidade
Em cada um de nós
Possui o condão da felicidade
Ou infelicidade
Juntos ou à sós
Depende da força da voz

A vida não é apenas acordar,
O passar dos dias, dos anos
Sem danos ou planos
Ou todo intervalo
Que compreende entre o início e o fim
Precisamos compreender que assim
Não existe morte sem vida

Nem vida sem norte
Enfim...

Ao longo da jornada me transformo
Caminho longo ou curto
Estreito ou largo
Reformo
A jornada é um lago
O caminho é meu
E a estrada sou eu

Precisamos de amor -
Para dar calor
Precisamos paz -
Da alma o fulgor
E precisamos flores -
Para celebrar os amores

Caminho como homem livre
Mesmo ao som dos grilhões
Poís estes que me couraçam
Com a força de mil vulcões
Este meu sorriso
Abraçam.



Cidade: São Paulo
Estado: SP
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Stella Gaspar

DESEJOS

Em uma pluralidade de cores
Não sei qual o mais belo
Poís em todos sinto teus beijos
Nesta constelação de desejos
Amando-te apaixonadamente.

Me visto de aquarelas
E o meu corpo sorrir.
Tenho a fome dos desejos
Fazendo de nós dois
Um só destino.
Na constelação de meus desejos
Com ardor e paixão
Mesmo que não te toque
Eu te sinto
Uma sinfonia perfeita
Como sentir meu coração
Em uma saudade gostosa.

Amamo-nos como girassóis dourados
Nos desejando em nossas poesias.
E todos os mundos vão escutar
Um som forte como um tufão
São nossos abraços felizes
No oásis de nossas peles florindo.



Cidade: João Pessoa
Estado: PB
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Betânia Pereira

POESIA-VENTO DE OUTONO

Daquí da varanda sinto o sol sobre minha pele,
ressacada pelo vento.
O coração ardido de saudades
de um amor longínquo.
Olhos marejados de dor.

Quero encontrar-te no outro
lado da porteira,
aliviar a dor e enxugar
cada lágrima com beijos teus.

Meu corpo será abraços e
acolhimento de noites mal
dormidas e sonhos resumidos a distância.
Já vejo-te e em mim tudo se desfaz,
um mar se abre atravesso
e já não lembro quem fui antes de ti!



Cidade: Buriti Bravo
Estado: Maranhão
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Itália

Renato Cresppo

TESTEMUNHO

Se tudo o que sinto
É solidão
E a dor com que pinto
O coração
Não sei
Mas sei
Que provo essa distância
Entre mim e a tua fragrância.

Dias houve em que foste real
Nas portas do meu olhar
Mas eu como um rural
Não te soube encontrar
No sal do mar.

A noite dos teus cabelos
São o sol do meu tear
Que a sede de tecê-los
Em brocados de luar
Roca o ar

Se tudo o que falha
É a paixão
E a dor que se encalha
Por ilusão
Não sei
Mas sei
Que tudo em mim renovo
Ao provar como te provo

Na doçura da pureza
Na candura da certeza.



Cidade: Bellaria Igea-Marina
Estado: RN
País: Itália

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Cacá Matos

NÃO HÁ REMÉDIO

O mundo está doente,
a tempos vem piorando seu estado.
Crises econômicas, educacionais,
mas a pior delas: a humana!
Falta empatia, carência de atenção,
a humanidade está em decadência de comunicação,
falha de diálogo, álcool não é a solução, nem drogas,
já basta a vida vergonhosa.
Estamos em declínio social,
a sociedade está cada vez pior.
A alergia ao próximo é intolerante,
a violência e o descaso cada vez maior.
Já não há cura possível pra essa doença,
o quadro é crônico e o prognóstico péssimo.
Característica progressiva e rápida,
o que será das próximas gerações?
A medicina está com escassez de recurso,
as almas estão doentes, é um caso sério.
Ninguém está tentando melhorar, regredir esse paradigma,
para a falta de amor ao próximo não há remédio.



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Marcelo Papareli

CELEIRO DE AMOR

tu que buscas no teu irmão
o teu sonho de conquista
os divinos valores morais
os traços da perfeição

pondera alma querida
vasculhe o próprio coração
somos todos aprendizes
todos nós buscamos guarida

ao próximo que te busca
oferte o teu coração
ame como te ama o cristo
pois o amor nunca ofusca

dileto irmão de jornada
reformo o teu coração
sinta a luz de deus em ti
abraçe os irmãos de estrada

não olvides companheiro
os recursos que já tens
do amor que colorê o mundo
teu coração é um celeiro



Cidade: Santo André
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Fredson de Sousa

PELO AVESSO

Hoje amanheci do avesso, quero tudo do contrário da morte.
 Hoje me deparei do meu melhor avesso, só para te querer bem.
 Hoje acordei com a minha roupa do avesso, quando percebi, já estava fazendo o bem.
 Hoje amanheci do avesso, hoje só quero ser a verdade que nunca me coube.
 Hoje estou do avesso, das pessoas que só tem maldade e ódio no coração.
 Hoje quero paz e tranquilidade, sempre na contramão da crueldade e falta de sensibilidade humana.
 Hoje me amarro e me enraízo no amor, em vez de planos maquiavélicos cheio de desonestidade.
 Quero ser seu aconchego, na versão de querer só te querer bem.
 Quero o avesso do mal, para poder crescer em bondade, fazendo o bem a alguém.
 Quero sempre acordar do avesso da maldade, para nunca nem me lembrar de ser o contrário do bem.
 Amanhecer do avesso é a melhor coisa que se tem, pois só se verte de bem que tem o bem em si.
 Me vesti e amanheci do avesso, só para poder florescer no jardim de alguém
 que tanto quero o bem e até de quem nem pensô bem.
 Viver do avesso da crueldade, é o que me faz bem, quero a versão do melhor de mim,
 para me vestir de bem querer em todo o tempo.
 Faça de si o avesso, o contrário, sua nova versão de só querer o bem para se ter o bem.



Cidade: Paracuru
 Estado: Ceará
 País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Rute Ella Dominici

CANTO DO PASSADO

o que canta o canto
da Santa natureza
do observatório do nosso âmago
voam dúvidas ou certezas
marsupiais ou síngelas?

a floresta ou da janela
ouve- se vozes que ecoam fortes
ou de levinho...
são amigos belos passarinhos

são desilusões de pássaros em gritos
ou desavenças formosas dos conflitos
queixas dos mais desavisados
frustrações juvenis dos mais infantos

mistérios do canto
tem nele acalento e paz infinita
ou roubam o encanto e desdita
na drástica sinfonia
que os ouvidos ouvem
e instigados se comovem
tal violência e tempestade
do impetuoso Bethoven.

o que cantam os pássaros
perderam na dança da conquista
no amoroso amatório?
sentem-se fozozos no canto aleatório
e nossas intuições
ouvimos bloqueadas sensações
desejos e paixões dos passarinhos
dor de saudades, falta nos ninhos

mas seria ...
quando um pássaro canta
vívante nele a alegria de Mozart
conta a sua glória de existir
nas tempestades resistir?
chama a fêmea que lhe falta
no seu tirlintar e olente elixír?

quando um pássaro canta
seriam suaves preces
deixadas no oratório
dos pássaros celestes?
perpetua-se o canto da realeza
simples pássaros...
da Santa Natureza



Cidade: São Paulo
Estado: SP
País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poetisa



Portugal

Inês Carolina Rilho

O AMOR E SUAS ARMAS

Amor, quão ímpetuoso e forte és!
Tens dardos flamejantes ardendo em brasas.
Sem piedade, faz-nos cair a teus pés.
Contigo alcançamos o céu, voamos sem asas.

A cada obstáculo, maior é a insanidade.
Bravamente enfrentamos intempéries.
Teu alfanje não poupa nem a mocidade.
Tornas-te um inclemente fora de série.

Um simples empecílho não te altera.
Não recuas; jamais ficarás exangue.
Vida nova trazes, com prontidão regeneras.
Não descansas até fazeres ferver o sangue.

Amor é um marco eterno. Buscou defini-lo o poeta.
E disse toda a verdade, pois no divino ele se completa.



Cidade: Loures
Estado: Lisboa
País: Portugal

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Cecy Quadros Raicik

POEMA

Penso poucas palavras
Parafraçando preces
Poupando problemas
Princípios primeiro
Perpétuos perfeitos

Paro para pensar
Ponho pulsação
Pungente

Palavras puras
Pinceladas
Paíram presas

Pingam
Pouco a pouco
Poeticamente
Por um poema

Perpendicular
Perpétuo
Perene
Pronto



Cidade: Porto Alegre
Estado: RS
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Fernanda Chinaglia

ENCONTRO-ME LUZ

Chuvíscio lá fora,
nuvem cinza faz
morada no peito...

Tristeza traz cores frias, leva
dos dias, alegria. Busco calor...
Rubro coração reluz sem jeito,
vibra cores quentes da manhã.
Raio-me sol, meu luzir perfeito.



Cidade: São Paulo
Estado: São Paulo
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Mia Roda

MUNDO OCULTO

Não há limites no vasto universo,
E nem palavras que findam o verbo.
Só existe invisível para aqueles que se recusam a crer,
No mundo oculto, que poucos podem perceber.

Perfeitamente orquestrado quanto tudo o que você toca.
Serve-nos com amor, sem exigir nada em troca.
Toda árvore é uma mãe protetora,
Cobrindo-nos com sombras que acolhem a toda hora.

Os animais, em súplica por amparo,
Anseiam pelo despertar de cada ser humano.
Os raios de sol, em dias quentes e dourados,
Renovam a alma com sentimentos entrelaçados.

Gotas de chuva, ainda que te aborreçam,
Purificam o corpo e limpam devaneios da sua cabeça,
A brisa sussurra segredos suaves ao ouvido,
Levando embora pensamentos obscuros, perdidos.

Os sons misteriosos, vindos de fontes desconhecidas,
Presenteiam-nos com ideias, como dádivas benditas.
Não temas explorá-lo, desvendá-lo em plenitude,
O mundo oculto é a manifestação divina, revelando-se em virtude.



Cidade: Penápolis
Estado: SP
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Portugal

Ana Carlota Rilho

AMADA LÍNGUA PORTUGUESA

Doce e apaixonante, és nosso idioma.
Tuas canções tão lindas deleitam a todos os ouvintes.
És nosso inigualável tesouro.
Fascinas não só teus falantes,
mas também a tantos outros.
Inspiras os mais variados artistas.
Sonoras palavras exprimem sentimentos tão profundos!
Um mar de gente forma tamanha riqueza cultural.
Emociona ver numerosos talentos desfilando sua arte.
Sendo, ó tu, Língua Portuguesa, a admirável fonte de tão nobre ofício!
Cada pátria tem sua linguagem peculiar.
Todas têm seu valor.
Unidas por um laço comum:
nosso querido e amado português.



Cidade: Loures
Estado: Lisboa
País: Portugal

SITE

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Sidnei Capela

TUDO É VIDA

Planeta terra, é vida!
O verde irradia...
Da onça-pintada
A gaivota na praia
O mar que agita,
as ondas a rolar...
A fauna e a flora.
O meio ambiente preservar...
Bebe a água
A sede sacia...
Na chuva que cai...
O belo se faz...
Nesta terra sedenta...
Da semente que brota...
É a planta que nasce...
A natureza é uma arte.



Cidade: São Caetano do Sul
Estado: SP
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poeta



Brasil

Amoacy Ferreira

SAUDADE

Passam-se anos
Passam-se décadas
A saudade não quer passar

Enquanto houver nós
Houver vós
Haverá ela
Seja para fazer sorrir
Seja para fazer chorar

Mudo de cidade
Mudo de emprego
Mas vai na bagagem
Sem meu consentimento

Vem com a lembrança
Vai com demora
Lembra que a vida finda
Como em toda história

Me pega pelo coração
Me abraça, me amassa, me joga

Não tem dia,
Não tem idade
Maior que ela
É o amor por quem
Ela se faz realidade



Cidade: Altamira
Estado: Pará
País: Brasil

SITE

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Lucy Amary

AFAGOS SINTÉTICOS

Sem versos
Sem realidade
Me agarro na acidez do tomate para existir
Na sua cor, perco o olhar
Sirvo na mesa ao relento pra tentar sentir o mundo
Cinza
Com uma penumbra de cobrir pássaros, assentando
Vai rápido a luz, sem amarelo
Nada de fios de lã sobre a pele
Nem mesmo embolados para gatos
Na cadeira fria, algodão tecido em cores
Afangos sintéticos
Com o perfume floral, finjo não me importar de ser quem sou
Sinto nas notas, perfeitamente cobrindo a derme
Sinto meu interior representado na superfície desse cheiro, que roça o rosto na pele
Visto meu estilo e gosto
Sou
De anéis frouxos
Unhas nunca feitas, e satisfeita
Se eu conseguir ultrapassar esse dia irreal
Talvez amanhã eu possa existir de novo
Absolutamente feita de coisas escolhidas com o tato e com sensações
Poderei andar e sentir o vento nos cabelos que gosto curto
Na roupa que gosto macia e solta
Na pedra de dizer humor
No relógio que mostra o tempo que não tenho, que perdi, que atrasei, ou aquele do agora
Nas orelhas sem brincos e nos pés de pisar macio
Essa é a elegância de me sentir
Se eu conseguir ultrapassar o dia de hoje
Amanhã quem sabe...



Cidade: Joinville
Estado: SC
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Maria do Socorro

PLANETA VIDA

Minha casa
Não tem portas, nem janelas
Não tem teto, nem paredes
Nem fechaduras, nem tramelas
Não é uma Quinta, nem uma quitinete
A minha casa é muito maior
Cada cômodo tem um jeito
Cada canto, um encanto
Dentro dela cabe tudo
Florestas, pântanos, cerrados, desertos,
Geleiras, lagos, rios e oceanos
Minha casa é muito grande
Possui um largo quintal
Feito de belo pomar
Flores cheirosas
Frutos doces de chupar
Compartilho esta casa
Com milhares de outras vidas
Num harmônico convívio
Neste generoso lar
Que ocupa um imenso espaço
Cabe dentro do meu coração
Que pulsa
Um planeta vida
Um planeta vivo
Minha casa MÃE-TERRA
Uma utopia?
Vale à pena SONHAR
Vale mais ainda
REALIZAR!



Cidade: Olinda
Estado: Pernambuco
País: Brasil

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetisa



Espanha

Maria Luisa Ramos

O FOLCLORE BRASILEIRO

A nossa terra brasileira abre as suas portas a um mundo imaginário de cores e fantasias, dando a oportunidade às suas crianças de adentrarem em um mundo cheio de criatividade, deixando mágicas lembranças e uma grata sensação de nostalgia. Quem não conhece o Sací Pererê, que pula de uma perna só e furtivamente esconde os nossos pertences sem piedade, nem dó? E que através do Negrinho do Pastoreio recupera o que foi perdido, graças ao milagre de ser um ser bendito? Dos protetores Curupira, de cabeleira vermelha com seus pés virados, e da gigante cobra de fogo Boitatá, que cuidam das nossas florestas contra exploradores desalmados?

Quem não teme o canto encantado da sereia lara, que com a sua mística beleza atrai os pescadores em noites de lua cheia para a sua náutica e perigosa morada?

Do moço bonito, o Boto, de andar fascinante que leva as moças ao rio para seduzi-las e ser seu furtivo amante?

Há tantos outros personagens que surgiram das entranhas da nossa terra e da riqueza do folclore do nosso povo.

Que se eu pudesse voltar a ser criança, recordaria com ilusão tudo isso de novo.



Cidade: Barcelona
Estado: Barcelona
País: Espanha

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poetisa



Brasil

Simone Magalhães

ESTRANHO SEM NOME

Oi! Nem sei o seu nome ...
 Como foi? Aconteceu?
 Se a gente se encontrasse ...
 Como saber?
 Quis só ficar, deixar
 Será que andei sonhando?
 Estranho!
 Nem sei o seu nome

Pra completar ...
 Todo. Parte
 Tanto pra recordar ...
 Químera? Realidade?
 Aconteceu. Sei lá!
 Alheia, coleí os pedaços

Foi tão estranho!
 Nem, ao menos, sei o seu nome
 Pra começar ...
 Pra terminar ...
 Confessar?
 Se pudéssemos retomar (aquele instante)

Antes de te conhecer
 Como saber?
 Como ia ser?
 Se a gente se encontrasse
 Se acontecesse
 Se acabasse

Porta fechada!
 Volta e você não está lá
 Estranho, qual o seu nome?
 O primeiro ...
 Se a gente se encontrasse
 Como saber?

Estava lá!
 Shhhhhhhhhhh
 Nem sei o seu nome
 Estranho sem Nome?
 Pra começar ...



Cidade: Brasília
 Estado: DF
 País: Brasil

INSTAGRAM



POST NO SITE



Poeta



Brasil

J.B Wolf

O BEIJA-FLOR

Linda flor de primavera,
Preparei-me para teu gosto
Até em plumas comutei,
Aguardando nosso lindo beijo.

Não esperara de você tal surpresa! Então...

Líbra-me dos teu odores
Libertar-me do teu perfume
Pois agora que sei,
fujo de seus roseirais



Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

WOLFBIO

POST NO SITE



MÚSICA & LITERATURA

EM DIÁLOGO



05



Elvira Drummond



Prof. da Universidade Federal do Ceará e do Conservatório de Música Alberto Nepomuceno. Sua formação abraça as áreas de Música e de Literatura, sendo licenciada em Artes, bacharel em piano e mestre em Literatura. Autora de vários livros publicados em ambas as áreas, além de premiada em vários concursos de poesia, trova e crônica.

RESSONÂNCIAS DO FOLCLORE NA POESIA INFANTIL BRASILEIRA

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

O folclore sempre foi fonte de inspiração para os mais diversos discursos artísticos, uma vez que traz, em seu cerne, a essência humana que singulariza cada povo.

No cancionário tradicional brasileiro, destaco, de modo especial, o acervo conhecido como CANTIGAS DE RODA. Trata-se de um repertório que, durante séculos, foi lazer familiar que envolveu adultos, crianças e jovens em idade casadoira, o que justifica a recorrência da "procura do par", tão usual nesse gênero de cantigas; para exemplificar, segue uma estrofe que circula em várias canções e, tal como um camaleão, ganha as cores da melodia local da região: "Sozinha eu não fico, nem hei de ficar, pois tenho 'fulano' para ser meu par".

Com o tempo, as formas de lazer de jovens e adultos foram diversificadas, ficando a vivência das cantigas de roda como prática quase exclusiva das crianças.

O encantamento das canções de roda, muito provavelmente, reside na singular comunhão de linguagens, em que ocorre o entrelace dos discursos: verbal, melódico e gestual. A união entre palavra, melodia e gestos fortalece as brincadeiras cantadas, enquanto manifestação genuína do pensamento humano.

Tais manifestações implicam matrizes milenares, indo desde os rituais de sociedades primitivas, passando pelo nascedouro da arte, na Antiguidade Clássica, e chegando aos nossos dias com a força avassaladora de quem ultrapassa a barreira do tempo e do espaço.

A brincadeira é a espinha dorsal das cantigas de roda, e é o viés lúdico que os poetas evidenciam, ao estabelecer pontes alusivas graciosas e oportunas com o nosso rico cancionário tradicional.

Presenciamos uma natural tendência à substituição do caráter doutrinário — notório em antigas antologias de poemas dedicados à infância — por uma literatura comprometida com a ludicidade e o despertar do imaginário, oferecendo alma nova ao repertório poético direcionado aos pequenos.

É sobre essa poesia — rica em imagens, recortes e alusões — oriunda de retalhos do cancionário tradicional, que trataremos neste breve estudo, apontando obras emblemáticas da poesia brasileira para crianças.

2. Na Passarela, Personagens Em Trânsito...

Os personagens das cantigas de roda visitam poemas, transitando com especial desenvoltura e autonomia suficiente para contrariar ou refazer o texto verbal das cantigas originais.

A canção "Atirei o pau no gato" — melodia conhecida de ponta a ponta do país (contando com especial favoritismo das crianças) — serve de mote para o poema de José Paulo Paes, que exemplifica, com um desfecho inusitado, o rumo que a canção pode tomar, sob uma nova ótica... José Paulo Paes, em sua releitura, intitula o poema de "Acidente":

ACIDENTE

*Atirei o pau no gato,
mas o gato não morreu,
porque o pau pegou no rato
que eu tentei salvar do gato
e o rato
(que chato!)
foi quem morreu...
(PAES; 1984:32).*

Convém salientar que o poeta faz um recorte do trecho inicial da cantiga e prossegue a criação validando somente esse recorte. Ignora, por exemplo, a presença de Do-na Chica, porque para ele interessa o motivo inicial da canção. A mudança de foco — do gato para o rato — propõe um novo jogo lúdico, mas preserva a ponte notória e imediata com a narrativa original da canção.

Interessante notar o tom piedoso que utiliza o poeta, ao mencionar a morte do ratinho (nos três últimos versos); o apelo emocional é um forte atributo da poesia, em especial, aquela destinada aos pequeninos.

Brincadeira similar propõe o poeta Elias José, com o poema "História Embrulhada", que faz alusão à mesma cantiga de roda. Nesse caso, a releitura inclui o "pato" que, assim como o "rato", explora a rima e utiliza a semelhança sonora para estimular o brincar com a palavra.

Elias José utiliza um processo diferente do usado por José Paulo Paes; o poeta não apenas conserva os personagens citados na canção, em seu poema (com o acréscimo do pato), como também desenvolve uma narrativa paralela e inovadora (uma outra história), o que justifica, plenamente, o título "História Embrulhada". Vejamos:



HISTÓRIA EMBRULHADA

*Atirei o pau
no gato-tô
mas acertei no pé
do pato-tô*

*Dona Chica-ca
admirou-se-se
do berrô, do berrô
que o pato deu.*

*Ouvindo de Dona Chica
a risada-da,
o pato ficou pirado-dô
e atacou a Dona Chica
de bicada-da.*

*Com dor e humilhada-da,
Dona Chica achou que foi o gato
que armou a embrulhada-da
e foi nele de paulada-da.*

*O gato, muito esperto-tô,
caiu fora da jogada-da.
E eu, um pato-tô,
leveei a paulada-da.
(JOSÉ; 1996)*

PS. Para efeito comparativo, segue o texto verbal e a partitura da canção original:

ATIREI O PAU NO GATO

*Atirei o pau
no gato-to.
Mas o gato-to,
Não morreu-réu-réu.*

*Dona Chica-ca,
Admirou-se-se.
Do berro, do berro,
Que o gato deu.*

Folclore brasileiro



9 A - ti - rei o pau no ga - to - to, mas o ga - to - to, não mor - reu, reu, reu. Do - na
Chi - ca, ca ad - mi - rou - se, se, do mi - au, do mi - au que o ga - to deu. MIAU!

Novamente, é com José Paulo Paes que embarcamos em mais um passeio, sain-do do território das canções para o gramado da poesia... Desta feita, a canção escolhida como fonte de inspiração foi "Nesta rua...".

Paes procede exatamente como no exemplo anterior: faz o recorte do trecho inicial e reinventa a travessia por uma rua idealizada, sonhada... A rua dá lugar à mata, ao rio e ao mundo, em geral, concedendo um caráter tão utópico, que o poeta intitula o poema de "Paraíso".

PARAÍSO

*Se essa rua fosse minha,
eu mandava ladrilhar,
não para automóvel matar gente,
mas para criança brincar.*

*Se essa mata fosse minha,
eu não deixava derrubar.
Se cortarem todas as árvores,
onde é que os pássaros vão morar?*

*Se esse rio fosse meu,
eu não deixava poluir.
Joguem esgotos noutra parte,
que os peixes moram aqui.*

*Se este mundo fosse meu,
eu fazia tantas mudanças
que ele seria um paraíso
de bichos, plantas e crianças.
(PÁES; 1990).*

Eduardo Amos dedica um livro inteiro ao tema dessa significativa canção — uma das mais líricas e melodiosas de nosso cancioneiro tradicional.

Cada trecho da obra discorre sobre um aspecto da rua: como seriam as casas, como seriam as feiras, como seriam as festas... Em cada cena explorada, o autor recorre à anáfora, criada a partir do mote que caracteriza o verso inicial da canção: "Se essa rua fosse minha..." Eis a primeira cena da rua:

SE ESSA RUA FOSSE MINHA

*Se essa rua fosse minha,
não mandava ladrilhar.
Não deixava botar pedras,
não deixava asfaltar.
Deixaria o chão de terra,
ou talvez plantasse grama.
Encheria as calçadas de flores,
um vasinho em cada poste.
Margarida, amor-perfeito,
azaleia, Dália, rosa.
E na janela de cada casa um gerânio
ou, quem sabe, uma violeta.
Tudo isso eu faria,
se essa rua fosse minha.
(AMOS; 2002: 4, 5).*

PS. Para efeito comparativo, segue o texto verbal e a partitura da canção original:



NESTA RUA

*Se esta rua, se esta rua fosse minha,
Eu mandava, eu mandava ladrilhar,
Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante
Para o meu, para o meu amor passar.*

*Nesta rua, nesta rua tem um bosque,
Que se chama, que se chama solidão.
Dentro dele, dentro dele mora um anjo,
Que roubou, que roubou meu coração.*

*Se eu roubei, se eu roubei seu coração,
Tu roubaste, tu roubaste o meu também.
Seu eu roubei, se eu roubei seu coração,
É porque, é porque te quero bem.*

NESTA RUA... (Há referências com variações no título: "Se esta rua fosse minha"; "Nesta rua tem um bosque" etc.).

Folclore Brasileiro

Manuel Bandeira, muito embora não tenha destinado um livro, em especial, para crianças, deixou um legado significativo e afeito ao gosto dos pequenos. De modo que contamos com uma rica seleção de poemas de caráter infantil, com o título de "Berim-bau e outros Poemas" — resultado de uma iniciativa brilhante do poeta Elias José — um mimo que reúne diversos poemas sugestivos à infância, em que vários deles brincam com as cantigas de roda, a exemplo do conhecido "Rondó do Capitão".

Em "Rondó do capitão", Bandeira visita a cantiga "Bão balalão", que é das mais conhecidas de nosso cancionero tradicional, usada para entretenimento de crianças de colo. Eis o poema:

RONDÓ DO CAPITÃO

*Bão balalão,
Senhor capitão,
Tirai esse peso
Do meu coração.
Não é de tristeza,
Não é de aflição.
É só de esperança,
Senhor capitão!
A leve esperança,
A aérea esperança...
Aérea, pois não!
— Peso mais pesado
Não existe não,
Ah, livrar-me dele,
Senhor capitão!*
(BANDEIRA; 1986: 51).

No poema em questão, temos um duplo apelo musical: além do texto da canção de roda tomado como mote do poema, temos uma alusão ao tema circular, através do termo "rondó" — expressão que vem de ronda, ou seja, um tema recorrente que circula, retornando sempre ao ponto inicial (no caso, o rondó se configura com a repetição de "Senhor capitão!").

O verso de abertura do poema, "Bão balalão", parece uma clara alusão ao badalo de um sino (tão comum, nas cantigas infantis)... A sonoridade do "ÃO", que caracteriza o som final de vários versos, traz a ressonância natural de sons nasais com terminação decrescente, o que colabora com a lembrança sonora de um sino.

Bandeira utiliza como mote apenas os dois primeiros versos da cantiga de roda; no mais, prossegue dando novo rumo à narrativa que evidencia a esperança... Esperança que o poeta nunca perdeu, apesar da vida nem sempre fácil.

A presença da musicalidade nos versos de Bandeira faz com que seja um dos poetas que mais viram migrar seus versos para uma canção. O vínculo do poeta com a linguagem musical é visível, até mesmo, em alguns títulos de seus poemas, a exemplo de "Debussy" e "Mozart no céu", em que deixa claro seu apreço aos compositores citados; no campo do folclore, além do poema aqui destacado, nessa mesma coletânea, contamos com os títulos: "O anel de vidro", com base na canção "Ciranda, cirandinha"; "Na rua do Sabão", com base na cantiga "Cai, cai balão!"; e "Boca de forno", com base na parlenda do mesmo título todos com base no repertório folclórico brasileiro.

Elias José, o poeta responsável pela montagem da seleção de "poemas infantis" de Manuel Bandeira, é autor premiado de dezenas de livros para crianças e jovens. É de-le, também, a releitura de Bão balalão, cujo título usado equivale a uma de suas variantes (Bão-la-la-lão).

O poema traz um admirável jogo sonoro, explorando as vogais nasalizadas — ão, en, im, om, um — e, a cada estrofe, uma vogal é colocada em evidência.

Convém destacar o fato de que a primeira estrofe reproduz, quase que na íntegra, o texto original, alterando apenas uma palavra que, de forma proposital, mantém sonoridade muito aproximada: ginete / sorvete. Segue o poema:



BÃO-LA-LA-LÃO

*Bão-la-la-lão,
senhor capitão,
espada na cinta,
sorvete na mão.*

*Bão-la-la-lente,
senhor tenente,
a tropa na frente
e a moça na mente.*

*Bão-la-la-lim,
senhor Serafim,
dinheiro no bolso,
nem liga pra mim.*

*Bão-la-la-lom,
Senhor garçom,
serve pra gente
bala e bombom.*

*Bão-la-la-lum,
senhor Viramum,
o pé na estrada
sem rumo nenhum.
(JOSÉ; 2002: 38, 39)*

Elias José, assim como Manuel Bandeira, escreveu inúmeros poemas tomando como base o cancionero folclórico, que parece inspirar a todos os que conseguem olhar a infância com lupa especial. É do mesmo autor os poemas: "Coisas esquisitas", com base na canção "Eu vi uma barata"; "Acalanto", com base na canção "Boi da cara preta"; "Namorinho de portão", com base na parlenda "Rei, soldado, capitão...", dentre outros diálogos com o acervo folclórico.

PS. Para efeito comparativo, segue o texto verbal e a partitura da canção original:

BÃO-BA-LA-LÃO

*Bão-ba-la-lão,
Senhor capitão,
espada na cinta,
ginete na mão.*

Folclore brasileiro

Bão - ba - la - lão, Se - nhor Ca - pi - tão, es -
pa - da na cin - ta, gi - ne - te na mão.

Para finalizar este breve artigo, não poderia faltar um poema alusivo à cantiga "Ciranda, cirandinha" — uma canção emblemática que representa, de maneira expressiva, as cirandas em geral, do nosso cancionário folclórico brasileiro, trazendo no próprio título o termo "Ciranda", sinônimo de "Cantiga de roda".

Falo do poema "Ciranda de Mariposas", de Henriqueta Lisboa, a poetisa que recebeu, no ano de 1984, o prêmio Machado de Assis, pela obra "O Menino Poeta", na qual se encontra o poema citado e, aqui, apresentado:

CIRANDA DAS MARIPOSAS

*Vamos todos cirandar
ciranda de mariposas.
Mariposas na vidraça
são jóias, são brincos de ouro.*

*Ai! poeira de ouro translúcido
bailando em torno da lâmpada.
Ai! fulgurantes espelhos
refletindo asas que dançam.*

*Estrelas são mariposas
(Faz tanto frio na rua!)
batem asas de esperança
contra as vidraças da lua.
(LISBOA; 1984: 34).*

A ponte alusiva à cantiga "Ciranda, cirandinha" já se define nos dois primeiros versos, quando o volteio das mariposas atraídas pela luz é, graciosamente, comparado à brincadeira de roda, ressaltado pela autora, ao mencionar "ciranda das mariposas".

O poema conduz as crianças a brincar com elementos do real e do imaginário, seguindo as primorosas imagens poéticas: "mariposas na vidraça são brincos de ouro"; "bailando em torno da lâmpada", concluindo com: "batem asas de esperança / contra as vidraças da lua".

Essa lição de lirismo — plena de ludicidade — alimenta o imaginário infantil que traz, em sua alma, de modo muito natural, o viés da poesia. Já dizia Carlos Drummond de Andrade: "Todos nascem poetas, pena que poucos continuam a sê-los".

Digno de nota, também, são as aliterações usadas como elemento enfático do texto, tais como: "(faz tanto frio na rua)", em que a incidência da consoante fricativa "r" parece fazer a fala tremer de frio. Essas nuances, que misturam sensações com lirismo e ludicidade, levam os pequenos a mergulhar na poesia com especial prazer... Esse é o intuito de quem escreve poesia infantil.



PS. Para efeito comparativo, segue o texto verbal e a partitura da canção original:

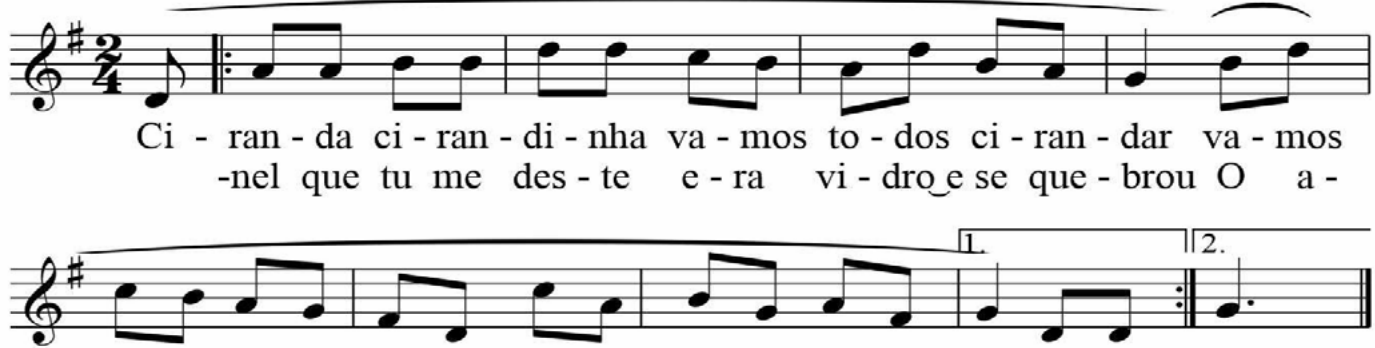
CIRANDA, CIRANDINHA...

*Ciranda, cirandinha,
vamos todos cirandar.
Vamos dar a meia-volta,
volta e meia vamos dar.
O anel que tu me deste
era vidro e se quebrou.
O amor que tu me tinhas
era pouco e se acabou.*

*Por isso (diz o nome de alguém da roda)
entre dentro dessa roda,
diga um verso bem bonito,
diga adeus e vá embora.*

Anônimo

Moderato



Ci - ran - da ci - ran - di - nha va - mos to - dos ci - ran - dar va - mos
- nel que tu me des - te e - ra vi - dro e se que - brou O a -

dar a me - ia vol - ta vol - ta e me - ia va - mos dar O a - - bou
mor que tu me ti - nha e - ra pou - co e se a - ca -



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O aproveitamento do cancionário folclórico, enquanto elemento desencadeador da poesia endereçada aos pequenos, é uma verdadeira mina de ouro... A concepção poética dos últimos anos do século XX, abraçando o século atual, preza pela estimulação do imaginário, motivando as crianças a desconstruir discursos sedimentados com o intuito de fazê-las repensar...

Não se trata de desrespeitar a tradição, muito pelo contrário, temos, aqui, uma excelente oportunidade de conhecer melhor e divulgar nossas raízes culturais. Trata-se tão somente de desenvolver a capacidade de inovar, de reinventar, de pensar em outras possibilidades e soluções, diante de versões cristalizadas.

Um aspecto a ser destacado (e dos mais significativos) é trazer à tona as versões originais para confronto, porque, sem a oportunidade de comparar, o diálogo não é estabelecido... e a obra de arte desafia o mundo dialogando com outras obras, com o tempo e, até mesmo, conosco!

4. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA :

1. ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil — Gostosuras e Bobices. São Paulo: Scipione, 1989.
2. AMOS, Eduardo. Se essa rua fosse minha. São Paulo: Moderna, 2002.
3. BANDEIRA, Manuel. Berimbau e outros poemas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
4. BORDINI, Maria da Glória. Poesia Infantil. São Paulo: Ática, 1986.
5. DRUMMOND, Elvira. Cantigas de Roda — sem prazo de validade, com selo de eternidade... (Ensaio). Fortaleza: LMIRANDA, 2020.
6. JOSÉ, Elias. Lua no Brejo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
7. Namorinho de Portão. São Paulo: Moderna, 2002.
8. LISBOA, Henriqueta. O Menino Poeta. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.
9. PAES, José Paulo. É isso ali. Rio de Janeiro: Salamandra, 1984.
10. Poemas para Brincar. São Paulo: Ática, 1990.

INSTAGRAM



POST NO SITE



PROSA



Joaquim Cesário

Poeta, Escritor e Prosador

Eu nunca morri

A morte tem um sabor doce que não conheço, nenhuma vez da sua boca ainda beijei.

Dela apenas sei os seus cheiros, respirados nos velórios que frequentei, odores de rosas arrancadas dos galhos, como espíritos órfãos de terra e de corpo. A morte é o tempo retirado da vida, e uma vida sem datas e tempo é uma morte não mais vindoura.

Nunca mais haverá horários.

Nunca mais acontecerá adiamentos.

Nunca mais se terá saudades.

Nunca mais existirá medos, pois a vida nunca mais me será perigo.

(Talvez morrer seja abandonar o sempre transitório, para se ocultar no nunca e no nada, continuamente).

Há quem diga que a morte tarda, mas a morte não é lenta nem se atrasa, ela apenas nos chega ligeira como se fosse o último minuto de uma madrugada logo abreviada.

Quando a morte me bater à porta, na mais certa das horas incertas, o tempo irá de mim embora, e eu jamais saberei quando foi o exato segundo da última hora.

BLOG



POST NO SITE



PROSA



Rute Ella Dominici

Poetisa, Escritora e Prosadora

Raízes das linhas e sementes do riso

Aqui, pegamos raízes que plantamos num alegre dia, da sacada, o mar que se viu pela primeira vez e tristonhas dispersas areias.

No interior da casa a velha contava ao ocaso, da avançada insegurança na tonteada vida, duas auras, uma rosa e outra roxa.

No bolso um pente e na boca um dente. Amarrados para não se perderem, ao lenço os dois pensamentos em mente. Às costas crista do rochedo, altas escarpas da ilha antes tórrida.

Amigos conspiraram com as esquinas, enquanto aos portais da vida, pela maçaneta cor ferrugem ao interior viram que fugira.

Palavras balbuciavam dos sentidos enquanto iam as raízes n'água rastejando sobre seixos

Desde então soubera que as sementes são mais alegres que raízes permanentes nos séculos dos tempos.

Podem até subir escadas de mármore mas não avançam às nuvens carraras por furos dos tetos.

Sementes livres voejam, ora nas asas do amor, nos bicos de beijos, copas e ninhos ardentes, até o templo dos sentidos.

Dispersa pelo pólen leva à pele cócegas na graça do despir da arrogância e do cego ego.

Na elegância do rir até chorar fragrâncias e em momentos livres desfazem sérios mistérios.

Passionais cavalgam, no dorso rosas desvairadas, na vida, alegres perdem as sandálias, até mancando correm no movimento que ultrapassou profundezas do tempo nas alegres sementes.

INSTAGRAM

POST NO SITE





Confissões

18

01

sob a Lua



CARLA GARCIA



Farmacêutica Bioquímica, especializada em estética avançada, professora universitária de estética íntima, é apaixonada pela fisiologia e anatomia humana, suas variações, anomalias e sua capacidade de adaptação... Vê beleza em estruturas esqueléticas, musculares, funcionamento de órgãos e mecanismos de ação de fármacos. Porém, para contrapor a mulher da ciência, tem um lado doce, romântico e sensual, amante dos romances de época e hot, encontrou na escrita erótica uma forma de vivenciar seus devaneios.

Membro da Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – FEBLACA.
Escrita da Editora Littera.

Para escrever esta coluna, apresento-me como Lua, banhada de ousadia, vestida de desejo, revelo-me com a alma nua. Com sutileza e bom gosto, dedilha com prazer as nuances dos desejos carnavais.

Olá, meus queridos, sejam bem-vindos novamente ao meu quarto!

Eu sou Lua, e juntos vamos desfrutar de uma noite muito prazerosa, repleta de desejos, paixões, prazeres e revelações.

“Antes de tocar a pele, certifique-se que já incendiou a alma”

Para quem já esteve aqui a noite passada, não será novidade que novamente, teremos uma deslumbrante noite, mas para quem nos visita pela primeira vez, sinta-se em casa, se acomode em um lugar aconchegante e desfrute das delícias apresentada essa noite.

Eu sua Lua, sua anfitriã, nesta coluna ou melhor no meu quarto, vocês vão dividir comigo seus segredos, seus desejos mais secretos, suas histórias quentes, mas também, pretendemos analisar como esse desejo erótico, nos toca de forma tão profunda e direta, falaremos da sua evolução através do tempo, suas diversas formas de expressão. Tentaremos encontrar a essência do desejo no erótico, com sofisticação e sutileza.

O Desejo de se exhibir

Era noite de lua cheia, através de uma grande janela de vidro, vi uma moça de pele branca e cabelos negros, ela exibia suas curvas salpicada por pintas e adornada em renda e pérolas brancas, mas para quem ela exibia aquele espetáculo?

Não havia ninguém observando do outro lado, apenas eu, é claro!



INSTAGRAM

POST NO SITE



Lembranças de um banho

Gue seriam de nós sem lembranças? Deliciosas lembranças despertadas por gatilhos.

Gatilhos mentais são agentes externos capazes de provocar uma reação nas pessoas e tirá-las da zona de conforto.

Em outras palavras, são estímulos que agem diretamente no cérebro.

Um perfume, uma voz, o tempo... Exatamente idêntico, ao daquele dia.

Esses gatilhos levam a nossa mente, no exato momento daquela lembrança, tão vivida e nosso corpo responde a ela, as mãos transpiram, as pupilas dilatam, a boca seca, as pernas tremem e as entranhas, se contraem...

Deitada, na mesma posição que daquela manhã e sentindo um leve cheiro de café novo, ela se lembrou de um banho e o relatou a mim, confio agora a vocês, essas lembranças.

Levemente acordada, meio descabelada e vestindo apenas deliciosos lençóis de algodão, me encontrava de bruços em sua cama.

Ele já havia levantando.

Completamente nu, com uma xícara de café na mão, sentou-se ao meu lado.

Despertou-me com um beijo quente e gostoso no pescoço, logo abaixo da orelha, me convidando para juntar-se a ele no banho.

Preguiçosamente abri os olhos e me virei para aquele sorriso atrevido, não consigo distinguir se via um menino travesso ou homem faminto.

Só sei que era muito sedutor.

Tudo nele me seduzia, sua voz, suas roupas, sua maneira segura de ser e se portar, até mesmo a forma que segurava a xícara era sedutora, dedos longos e firmes, em volta da porcelana branca.

A sedução exalava por seus poros, e a transcrevia lindamente em seus poemas, é um romântico incu-rável e amante das formas femininas.

Como dizer não para um homem desse?

Sabe bem como tratar uma mulher.

O convite para o banho era apenas um pretexto para ter mais do que já tivemos a noite passada.

Em minutos já estava me beijando ardentemente, com seu corpo, me pressionava ao vidro do box, senti o gosto do café dançar na minha língua.

Assim como a água quente do banho, suas mãos passeavam por todo o meu corpo.

Apenas com o tato, ele venerava minhas curvas e vales, me sentia desejada, adorada e com vontade de satisfazer aquele homem.

Soltou a minha boca e foi dar atenção a um mamilo rosado e enrijecido que estava beliscando segundos atrás.

Com dois dedos abria o meu sexo e por diversas vezes o penetrava vagorosamente.

Tive que me apoiar nas paredes de azulejos para me equilibrar, pois minhas pernas trêmulas, começavam a falhar.

Sentindo o meu clímax chegando, ajoelhou-se e me tomou em sua boca, para embebedar-se do meu gozo, saborear e se lambuzar de toda a minha essência e prazer.

Deliciosamente, me derramei em seus lábios.

Com cara de perverso e satisfeito, um sorriso malicioso e os olhos brilhando, me disse:

"Bom dia amor!"

Escritora Carla Garcia

INSTAGRAM



POST NO SITE



A musa do vestido dourado!

Recebi uma visita inesperada e muito querida uma noite dessas, uma mente inquieta, que vive nos seus mais profundos devaneios, na ponta de sua caneta, escorre desejo e luxúria, escritor voraz de textos e contos eróticos, nos presenteou com um gozo em forma de conto...

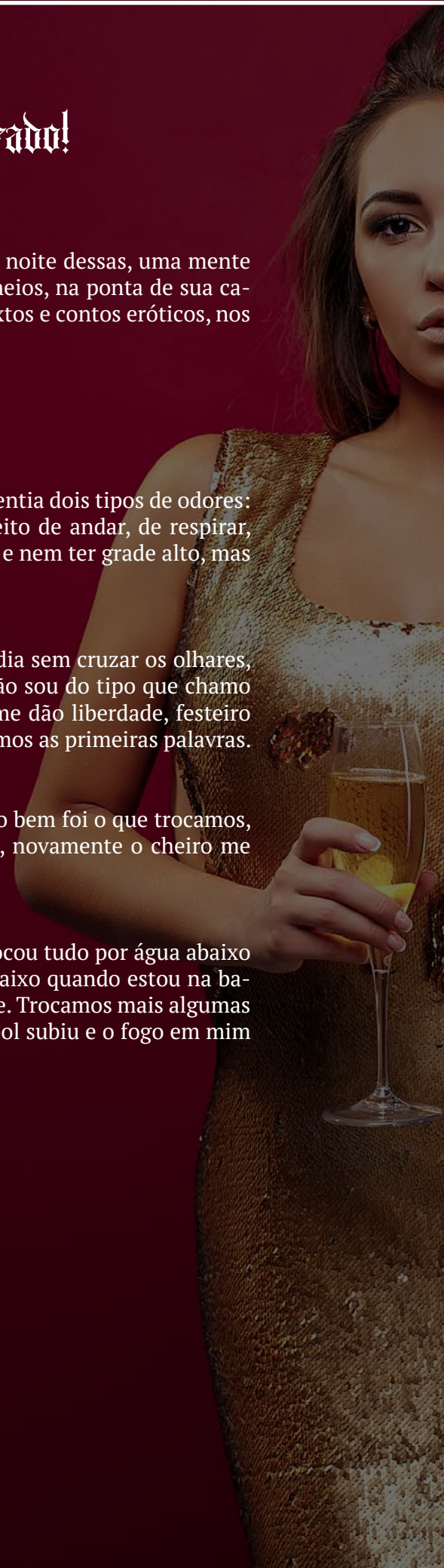
A musa do vestido dourado!

Eu a vi poucas vezes na vida e, sempre que a via, sentia dois tipos de odores: o perfume de mulher e o perfume da arrogância! Seu jeito de andar, de respirar, trazia um ar de superioridade, mesmo não sendo tão alta e nem ter grade alto, mas maior que o meu!

Eu, do meu lugar apenas olhava, devolvia o bom dia sem cruzar os olhares, mas o cheiro me invadia, os dois, um em cada narina. Não sou do tipo que chamo a atenção, discreto no jeito de ficar, expansivo quando me dão liberdade, festeiro quando o crachá cai e foi, numa dessas quedas, que trocamos as primeiras palavras.

Um happy de leve, meia dúzia de garrafas, oi, tudo bem foi o que trocamos, afinal, ela estava com a turma dela, da “outra empresa”, novamente o cheiro me seduzia a ponto de dar raiva e tesão! Ela sequer imagina.

Eis que um evento, regado a música e bebida, colocou tudo por água abaixo e eu perdi a pose! Assim, a minha postura sempre vai abaixo quando estou na bagunça, eu gosto de viver esses momentos com intensidade. Trocamos mais algumas poucas palavras, brindes, uma cerveja, duas, cinco, o álcool subiu e o fogo em mim despertou!



A musa do vestido dourado!



COLUNAS E COLUNISTAS



SUMÁRIO

O vestido dourado dela me cegou, o perfume dela me dopou, o selinho dado gratuitamente me envenenou... Agora, o efeito ofídico daqueles lábios, agora mora na minha mente e na minha luxúria. Óbvio que tenho ciência de ser algo proibido, por alguns fatores, o principal deles talvez seja o fato de estarmos separados pelo título de nobreza: ela uma Dama da Alta, eu um plebeu do gueto!

Ok, eu não sou tão vitimizado assim, sei do meu valor, mas a minha cotação é menor do que a dela! Minha expectativa agora são três: uma virada no dólar e um up na minha cotação, um erro do cupido (ou de Baco mesmo) ou uma crise nasal que me entupa o nariz e eu não sinta mais o cheiro doce da musa do vestido dourado!

Escritor Fabio Augusto

INSTAGRAM



POST NO SITE



ARTIGO



Gustavo Ferreira

Escritor

Glossário sobre folclore e nomes indígenas

Quando estava escrevendo um de meus livros, intitulado PINDORAMA – TERRA DE AVENTURAS, fiz uma pesquisa sobre as terminologias a serem utilizadas na obra.

O livro trata-se de uma aventura fantasiosa passada no Brasil, eras antes do descobrimento, quando as criaturas do folclore seriam de carne e osso.

Além dos seres fantásticos que habitam nossas lendas, o livro também traz personagens, sendo que os nomes indígenas utilizados se reportam a alguma qualidade ou característica de cada personagem.

Assim, a ideia implícita do livro era que as lendas e o vocabulário utilizados pelos indígenas teriam se originado de fatos e pessoas “reias” que, com o passar dos anos, tiveram seus nomes adaptados para designar qualidades, ou, no caso das criaturas do folclore, para identificar os seres.

Por fim, segue abaixo o glossário que está no livro.

1. **Acir** - dolorido, magoado, "o que vem da dor" ou "o que faz doer, o que magoa".
2. **Aimoré** - denominação que os portugueses davam aos nativos da Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo, ou "aquele que morde".
3. **Angra** - Curva costeira que torna possível a entrada do mar; enseada.
4. **Anhanga** - Espírito Protetor da natureza, tomado pelos jesuítas como um demônio ou espírito maligno temido pelos povos indígenas
5. **Anori** - significa "Tracajá macho", uma espécie de quelônio dulcícola de tom negro azulado com manchas amarelas
6. **Atlântida** - Atlântida era uma potência naval localizada depois das "Colunas de Hércules", que conquistou muitas partes da Europa Ocidental e África 9000 aproximadamente em 9600 a.C.. Após uma tentativa fracassada de invadir Atenas, Atlântida teria afundado no oceano. Na nossa História, Atlântida esteve em guerra contra o império fictício Colteca.
7. **Avati** - Ser encantado da mitologia guarani
8. **Boitatá** - O termo é a junção das palavras tupis boi e tatá, significando cobra e fogo, respectivamente, ou ainda de mboi — a coisa ou o agente. Significa, assim, cobra de fogo, fogo da cobra, em forma de cobra ou coisa de fogo.
9. **Boto** - Diz a lenda amazônica que o boto pode se transformar e ir às festas da região na forma de um homem bonito e forte, vestido de branco, bronzeado e muito perfumado, que convida as moças para dançar e depois as seduz. A lenda serve como pretexto para moças justificarem a gravidez sem casamento. "Foi o boto", é o dizem.
10. **Bugbear** - criatura lendária ou tipo goblinóide. Entretanto, diferente dos trapalhões goblins ou dos pragmáticos hobgoblins, os bugbears seriam os maiores, mais brutais e sanguinários da família dos goblinóides.
11. **Buritama** - é uma palavra tupi guarani que significa "região de palmeiras".

ARTIGO

12. Caipora - entidade da mitologia tupi-guarani. A palavra "caipora" vem do tupi caapora e quer dizer "habitante do mato". No folclore brasileiro, é representado como um pequeno índio de pele escura, ágil e nu, geralmente montado em um caítitu.

13. Capelobo - personagem do folclore brasileiro, que possui aparência de monstro. Sua lenda é muito comum em especial nos estados do Maranhão, Amazonas e Pará. Acredita-se que tenha surgido entre os povos indígenas da região Norte do Brasil. possui cabeça e focinho de tamanduá-bandeira, guaraxaim, cachorro ou até mesmo de anta, dependendo da versão. Tem um corpo humanoide forte, patas redondas, com muitos pelos no corpo.

14. Cauã - Significa "gavião", "falcão".

15. Colteca - império fictício da obra, inspirado nos nomes do império Asteca, como forma lúdica para mostrar as disputas entre os povos das américas antes do descobrimento.

16. Constritor - monstro tentacular fictício que habitaria esgotos e subterrâneos. Na obra esses monstros eram levados para locais ermos para atacar os moradores, forçando a venda de propriedades a preços mais baratos.

17. Corpo-secos - folclore de vários locais. O mais conhecido é a região de Ituiutaba, onde há até mesmo a Serra do Corpo Seco, onde, segundo a lenda, ele teria sido isolado após sua rejeição pela sepultura, um morto volta a vida como Corpo-Seco. Ele assombra o local, aproximando-se de viajantes incautos para sugar-lhes o sangue, transformando-os em corpos-secos também.

18. Curi - Nome tupi da araucária ou pinheiro-do-Paraná.

19. Curumim - Palavra de origem tupi que designa, de modo geral, as crianças indígenas.

20. Curupira - figura do folclore brasileiro. Ele é uma entidade das matas, um moleque de cabelos compridos e vermelhos, cuja característica principal são os pés virados para trás.

21. Elfo/elva - criatura mística da mitologia nórdica e céltica, que aparece com frequência na literatura medieval europeia. Como a ideia do livro era mesclar mitos e culturas, nada mais justo do que acrescentar os elfos.

22. Endi - Significa luminosidade

23. Famaliá - diabrete do folclore brasileiro, nascido de um ovo botado por um Galo, e não por uma galinha. Há lugares em que a lenda diz que o ovo foi fecundado pelo diabo.

24. Fazenda Malacacheta - propriedade rural localizada no município de Belmiro Braga, na divisa entre o estado de Minas Gerais e o Estado do Rio de Janeiro.

25. Fellowship, The - em tradução literal quer dizer comitiva ou sociedade. Esse foi um trocadilho com a famosa comitiva do anel de "O Senhor dos Anéis". Na história, virou a comitiva do escudo, ou a sociedade do escudo.

26. Goblin - criaturas geralmente verdes que se assemelham a duendes. Fazem parte do folclore nórdico. Geralmente traduzido para o português como "trasgo". Seriam os menores humanoide do grupo de goblinoides.

27. Goblinoides - termo genérico que designa uma subclasse de humanoides. Nele estão incluídos os goblins, hobgoblins e bugbears. Na obra, são inimigos tanto dos humanos quanto dos capelobos.

28. Guaraxaim - Animal semelhante ao cachorro-do-mato, porém um pouco maior, que habita os campos da Argentina em direção ao norte, chegando ao Brasil até o estado de São Paulo.

29. Halfling - raça humanoide fictícia. São similares aos humanos, exceto pelo seu tamanho diminuto e pés extremamente peludos. São seres muito curiosos e otimistas.

30. Hobgoblin - criatura folclórica germânica, que mede mais de 1,40 m, podendo chegar até o tamanho de um ser humano. É parecido com um goblin mais robusto, sendo assim uma variação de goblinoide. São a "tropa de choque" dos goblinoides.

31. Iara - nome de origem indígena, cuja raiz do Tupi-guarani y-îara significa "senhora das águas", "mãe d'água", "a beleza das águas" ou "dominadora".

32. Iguatemi - Palavra de origem Tupi que significa Rio Ondulante.

33. Ilha de Vera Cruz - foi o primeiro nome dado pelos descobridores portugueses ao Brasil.

34. Irati - A que vigia.

35. Jarawara - Tipo de povos indígenas, localizados na Amazônia

ARTIGO

- 36. Jurupari** - Significa “boca torta”. Seria o deus da escuridão e do mal, que visitaria os índios em sonhos, assustando-os com pesadelos e presságios de perigos horríveis.
- 37. Kaagere** - Do Tupinambás, significa espírito maligno das trevas, que surgia sob a forma de um quadrúpede. Não é a toa que dá nome a um dos vilões da trama.
- 38. Kaluanã** - Do tupi, “significa grande guerreiro”.
- 39. Kauane** - Kauane é a variante feminina do nome masculino Kauã, significa "gavião"; "comprida", "longa".
- 40. Kayke** - Significa “ave aquática”, "aquele que desliza sobre as águas".
- 41. Kraho** - o nome de uma língua falada por indígenas no Brasil
- 42. Labatut** - entidade mística do folclore do sertão nordestino do Brasil, conhecido na região da Chapada do Apodi, na divisa entre o Ceará e o Rio Grande do Norte. Possui forma humanoide, seus pés são redondos, suas mãos são compridas, os cabelos são longos e assanhados e seu corpo é cabeludo, tendo só um olho na testa e seus dentes são como as presas de um elefante.
- 43. Mapinguari** - Lendas dos Índios da Região Amazônica, descrito como um gigante peludo com um olho na testa e a boca horrenda na altura do umbigo.
- 44. Mauá** - Aquele que é elevado.
- 45. Megatherium** - significa "Besta gigante", era uma preguiça gigantesca que viveu do Plioceno até o Pleistoceno, há aproximadamente 20 mil anos, nas Américas do Sul e do Norte.
- 46. Monã** - Deus supremo dos índios das nações falantes de idiomas da família tupi-guarani, é o criador do mundo, do céu e da terra, dos seres vivos, e de tudo que existe.
- 47. Opará** - Nome que os índios chamavam o Rio São Francisco. Diverso da vida real, aqui o rio corre de norte a sul.
- 48. Orcs** - criatura deformada e forte, que combate contra as forças "do bem". São o tipo de capanga do mal mais comum, e não poderia faltar nessa aventura. Os orcs, para nós, representam, na verdade, o lado ruim da humanidade, os seres mais vis e abjetos.
- 49. Pajé** - o sacerdote das tribos indígenas
- 50. Pégaso** - na mitologia grega, é um cavalo alado símbolo da imortalidade. Sua figura é originária da mitologia grega. Na obra, os Pégasos são a montaria da tropa de elite do reino de Buritana, dando nome ao seleto grupo de cavaleiros que conseguem dominar essas montarias.
- 51. Piatã** - nome masculino de origem indígena, significa “pé duro”, “pedra dura” ou “homem forte”.
- 52. Pico da Neblina** - O Pico da Neblina, localizado no norte do Estado do Amazonas, na serra do Imeri, é o ponto mais alto do Brasil com 2 995,30 metros de altitude. O nome do pico origina-se do fato de que o topo da montanha fica encoberto pela neblina a maior parte do tempo.
- 53. Pindorama** - é uma designação para o local mítico dos povos tupis-guaranos, que significa terra livre dos males. É também o nome pelo qual os povos dos Pampas se referiam ao que chamamos hoje de Brasil. Significa “Terra das Palmeiras”.
- 54. Pisadeira** - Segundo o folclore, geralmente é descrita como uma mulher muito magra, com dedos compridos e secos, unhas enormes, sujas e amareladas. Tem as pernas curtas, cabelo desgrenhado, nariz enorme com muitos pelos, como um gavião. Os olhos são vermelho fogo, malignos e arregalados. O queixo é revirado para cima e a boca sempre escancarada, com dentes pontiagudos. Possui uma gargalhada estridente e horripilante. Ela teria o hábito de pisar na barriga das pessoas com o estômago cheio, deixando-as com falta de ar enquanto dormem.
- 55. Piúva** - Piúva em tupi-guarani significa “a árvore da casca”
- 56. Porã** - Surge do tupi-guarani porã, palavra que significa “bonito”.
- 57. Potira** - Tem origem no nome vindo do tupi, quer dizer “flor”.
- 58. Raíra** - nome indígena, aparentemente de origem tupi-guarani, que significa “humana”.
- 59. Raoni** - Na língua tupi Raoni significa “chefe” ou “grande guerreiro”. Embora não tenha visto registro de nomes compostos para os índios brasileiros, ao longo de toda a aventura utilizei essa formação, da seguinte forma: “Raoni Buritama”, “Piatã Iguatemi”, “Acir Piúva”, “Kauane Raíra”, “Avati Rudá”, sendo que cada nome e cada “sobrenome” possuem significados próprios.
- 60. Rockhome** - trocadilho inglês para uma casa de anos, com a junção das palavras. Em tradução livre é lar (home) de pedra (rock).

ARTIGO

61. **Rudá** - Divindade do amor em tupi

62. **Smilodon populator** - trata-se de um animal da megafauna brasileira. Estima-se que esses animais tenham viviam em todo o território brasileiro por volta de 4 mil anos atrás. Eles tinham em média 2,5 metros de comprimento, 1,5 metros de altura e podia pesar até 350 kg.

63. **Sumaína** - árvore frondosa

64. **Tawantinsuyu** - nome do Império Inca em quíchua, resultado de uma sucessão de civilizações andinas e que se tornou o maior império da América pré-colombiana. Eles acreditavam que o Sol era um Deus e que seu rei descendia dele. Na história, quem funda esse império é Alvernaz.

65. **Teju Jagua** - deus das cavernas, grutas e lagos na mitologia guarani. Ele tem um grande corpo de lagarto e sete cabeças de cachorro.

66. **Terra de Santa Cruz** - nome dado ao Brasil pelos portugueses no ano seguinte ao seu descobrimento pelos europeus., com o objetivo de refletir o sentido da propagação da fé.

67. **Tupã** - na língua tupi significa trovão. Posteriormente, foi tido pelos jesuítas como uma entidade da mitologia tupi-guarani.

68. **Ubiratan** - Tem origem no tupi. Significa "madeira forte", "lança dura" ou "tacape forte".

69. **Ussuri** - Rio da Rússia

70. **Xapuri** - Tribo indígena do Acre

71. **Xingu** - palavra indígena que significa água boa e limpa. O Parque Indígena do Xingu está localizado às margens do rio de mesmo nome. É uma região preservada e povoada por diversas tribos indígenas.

72. **Xurume** - todo material orgânico, fresco ou não, que contém água e quando entra no processo de putrefação, libera um líquido mal cheiroso, ácido e tóxico.

73. **Yanomami** - Índios caçadores-agricultores que habitam o Brasil.

INSTAGRAM



POST NO SITE





THE BARD
POESIA, ARTE & MÚSICA

Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



JULIANA ROSSI
Escritora
Americana – São Paulo
Diretora da Equipe de Marketing



JAQUE ALENNCAR
Escritora
Andaraí – Bahia
Secretária Executiva



SIDNEI MANOEL FERREIRA
Poeta
Florianópolis – Santa Catarina
Redator de Marketing



MIA KODA
Escritora
Penápolis – São Paulo
Redatora Digital



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
São Luiz – Maranhão
Divulgadora



ANDRÉ FERREIRA
Escritor
Teófilo Otoni – Minas Gerais
Divulgador



NICE VELOSO
Escritora
Salvador – Bahia
Divulgadora



LARISSA RESENDE
Escritora
Juiz de fora - Minas Gerais
Divulgadora



LUCÉLIA SANTOS
Poetisa
Brumado – Bahia
Divulgadora



CAROLINE VALENTE
Escritora/Poetisa
Salvador - Bahia
Divulgadora



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard





Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



STELLA GASPAR
Escritora e Professora
João Pessoa - Paraíba
Coordenadora



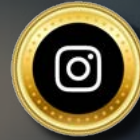
BETÂNIA PEREIRA
Historiadora e Escritora
Buriú Bravo - Maranhão
Revisora



CRISTINA GOMES
Professora e Poetisa
São Paulo - São Paulo
Revisora



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard



Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Mogi das Cruzes - São Paulo
Pesquisadora



EDNA LESSA
Escritora e Professora
Tauá - Ceará
Pesquisadora



SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard

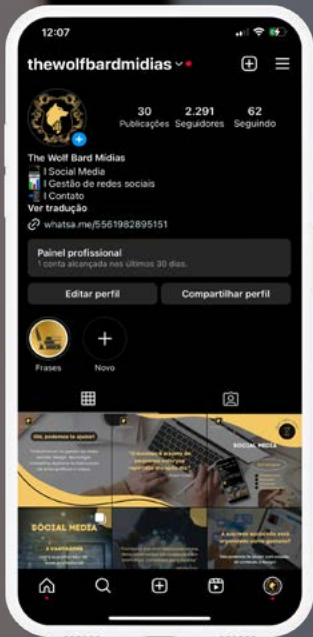


SEU NOME
Venha fazer parte do Time de
Marketing e Divulgação da
Revista The Bard





Está sem tempo para administrar suas redes sociais?



Nós podemos te ajudar com criação de conteúdo e design!



PLANEJAMENTO

Vamos entender o seu negócio, o que você oferece, quais são suas necessidades e onde e quando você quer chegar.



EXECUÇÃO

Utilizamos as melhores ferramentas disponíveis para ir além das expectativas e aumentar suas vendas.



CONVERSÃO

Alguém está procurando pelo seu serviço neste momento. Seja encontrado antes da concorrência.



RELACIONAMENTO

Sua empresa marcará presença na internet, não só para ganhar alguns likes, mas sim aumentar o seu faturamento.

Sobre a Agência The Wolf Bard

A Agência **The Wolf Bard** é um projeto digital qualificado para trabalhar na gestão de redes sociais, design, tecnologia, marketing digital e na fabricação de artes gráficas e vídeos.

O nosso foco é estreitar a relação empresa/cliente, levando o nosso cliente a um patamar diferenciado dentro do meio digital. Atendemos clientes independentes e empresas de pequeno e médio porte, buscando sempre solucionar as necessidades digitais dos nossos clientes.

Além de acompanharmos todas as fases do seu projeto, desde o planejamento até a implantação, buscamos oferecer um produto final condizente com a qualidade da proposta inicialmente apresentada.

* Promoção do mês de DEZEMBRO 2023

- Planejamento e análise do instagram e facebook
- Gerenciamento de instagram e facebook
- Cartão interativo
- Criação de textos e chamadas persuasivas
- Postagens semanais + stories + reels + videos
- Edição de fotos e vídeos
- Criação de artes gráficas
- Relatório de resultados
- Mini site * (raiz de links)
- Divulgação dos clientes na Revista Internacional The Bard com uma página de publicidade com links.*



INSTAGRAM



CONTATO



E-MAIL





ESTÉTICA AVANÇADA

• Harmonização facial

- Preenchimento com ácido hialurônico
- Toxina Botulínica
- Fios de PDO
- Skinbooster
- Bioestimuladores de Colágeno

• Harmonização corporal

- Ganho de massa
- Emagrecimento
- Definição corporal
- Harmonização de Glúteo

• Harmonização Íntima

- Preenchimento
- Bioestimuladores
- Clareamento

AUTOUIDADO É FAZER O
MELHOR POR VOCÊ HOJE!

CONTATO



Orgulho de ser Referência em cuidados aos seus clientes

Oferecemos os melhores cuidados
de saúde para você e sua família



**DROGARIA
ATALAIA**



Sobre

Situada a quase 20 anos em Justinópolis, a 10 minutos de Belo Horizonte, a Drogaria Atalaia é um estabelecimento completo de saúde e bem estar. Com amplo estoque e variedade em medicamentos industrializados, manipulados, fitoterápicos, suplementos, perfumaria e bomboniere.

Horário de Funcionamento

Segunda a Sábado das 08:00 às 21:00 horas
Domingo e Feriados das 08:00 às 13:00 horas

Seus Especiais Serviços

- Aferição de Pressão Arterial
- Aferição de Glicemia Capilar
- Aferição de Temperatura Corporal
- Perfuração de Lóbulo Auricular e
- Aplicação de Injetáveis.

DELIVERY



31 3638-9909
31 3077-6474

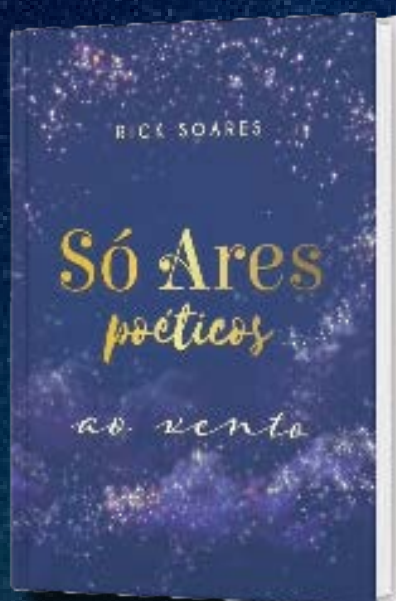


Rua: Conde de Monte Cristo,
nº 13, Bairro Flamengo -
Município de Justinópolis,
Ribeirão das Neves - MG.



*Escritor**Rick Soares*

Acesse o link
clicando no botão verde



Só Ares Poéticos — ao vento traz uma coletânea de poemas independentes entre si e que refletem momentos e sentimentos, sobretudo o amor, a paixão, a saudade e desilusão.

Ao ler cada um deles, cabe a você, leitor, decidir que sentimentos aflorarão na sua mente, pois, como já disse o poeta Saulo Pessato: “A poesia é esperta: Diz muito mais do leitor do que do poeta”.
Sejam bem-vindos à essa mini jornada!
Desejo a vocês só ares poéticos.

Clique aqui



Escritora

Cacá Matos

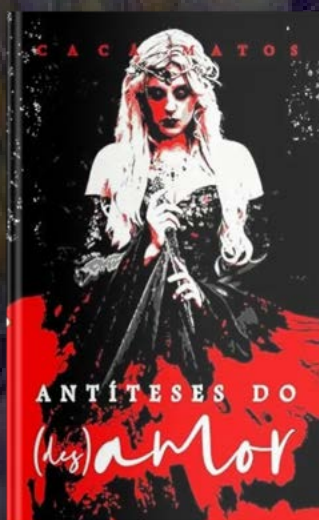
**Acesse os links
clikando no botão verde**



Esse livro nasceu da vontade de transformar toda minha timidez em versos e rimas, de colocar na folha todo sentimento reprimido e guardado, de passar para os leitores um pouco do meu universo poético.

Com a criatividade e inspiração ao meu lado, 1.001 sentimentos, 100 emoções é o meu nascimento no mundo literário, o começo onde exploro minha imaginação através de estrofes de amor, tristeza, gratidão, frustração entre outros vários sentimentos.

Com Carlos Drummond de Andrade como inspiração, meu desejo de escrever nasceu após ler algumas de suas antologias poéticas e encantada com o estilo de escrita, a beleza das poesias, rimas e estrofes, eu pensei então: Por que não escrever a minha própria poesia?



O segundo livro surgiu da ideia de unir minha essência na escrita principal: A antítese poética, uma contradição sentimental e emocional, os estados extremos de um ser humano.

Essa obra traz sentimentos bem definidos pelo eu lírico: O amor e a dor, o personagem apaixonado, que inspira romance em seus versos e rimas e o outro que derrama no papel as lágrimas poéticas de seu estado sombrio de solidão e desespero.



Diário da poetisa sentimental são mais relatos de uma garota que não se cansa de se expressar. Que busca sempre viver e sentir novas coisas e que não cabe apenas contar, mas principalmente escrever.

Às vezes as palavras são insuficientes, mas passar o que se vive para o papel é e sempre foi uma forma de me enxergar e transbordar em versos tudo aquilo que não me cabe em corpo e mente.

Há muito para ser sentido e vivido e sempre tive a poesia como grande amiga. Paro, penso e reflito e posso viajar no que leio e absorvo. Muitas vezes me calo ao invés de falar, às vezes por timidez, outras por preferir desabafar apenas no papel. Mas uma coisa é certa: Sinto muito e transbordo para o caderno. A vida pode ser arte e sentimentos são muito complexos para se perderem no ar ou numa fala exasperada. Guardo, rascunho e escrevo. Vivo e respire poesia. Tudo é poesia e até a dor pode ser bonita.

Esse é o diário da poetisa sentimental, romântica incorrigível e sonhadora com os pés no chão e a cabeça nas nuvens. Enquanto o coração não para, as poesias falam. E há muito para ser sentido e escrito...

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)



Escritora

Mia Koda

Acesse o link
clicando no **botão verde**



O livro propõe o entendimento das causas do Transtorno de Pânico, sobre uma perspectiva psicanalítica. Um pequeno manual que pode e deve ser lido por aqueles que sofrem com crises de pânico e seus familiares, assim como, estudiosos, psicoterapeutas, profissionais da saúde e todos que desejarem saber mais sobre esse transtorno de ansiedade que acomete grande parte da população.

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

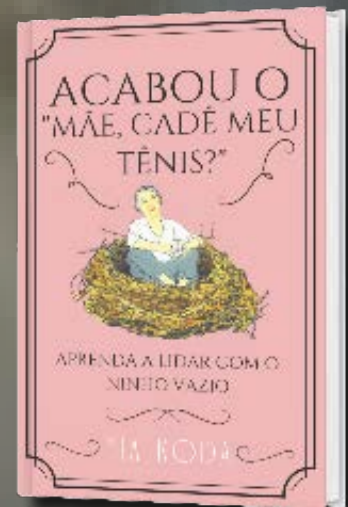


O livro "Nevoeiro" traz 51 textos e poemas sobre a jornada da vida, numa reflexão poética e autobiográfica sobre fé, traumas, escolhas e consequências.

São histórias que compõe a trajetória de uma vida, onde o viajante deve aprender a superar as dores da caminhada e apreciar as belas paisagens. A autora narra suas próprias experiências, ora dando voz aos silenciados e ora conversando com aqueles que já não podem mais dialogar.

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo?

Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações.

Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe.

A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Escritora

Edna Lessa

**Acesse o link
clcando no botão verde**

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.

É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a autora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, música, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

Clique aqui





Escritora

Lilian Stocco

Acesse o link
clicando no **botão verde**



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração. Perdida, ela se depara com um apoio inesperado, o qual vira seu mundo, aparentemente estável, de pernas para o ar. Enquanto seus impulsos a levam cada vez mais fundo nessa trama, capaz de envolvê-la física e emocionalmente, Mauro, seu inesperado par romântico, lhe apresenta um novo e secreto universo de prazer. Mas as cordas do destino subitamente insistem em apertar seu pescoço, sufocando-a em suas angústias. Laís precisará descobrir a força e a confiança que não sabia que existiam dentro de si se quiser viver esse novo amor e livrar-se de um passado sombrio que insiste em engoli-la lentamente.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos. A parte final da saga vai levar todos aos seus limites e, mais do que nunca, a cumplicidade de Laís, Mauro e seus amigos pode ser a diferença entre a sonhada felicidade e uma tragédia absoluta. Uma história emocionante de conquistas, jogos, segredos, sexo e romantismo que irá te enlouquecer.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br

Escritora

Lilian Stocco

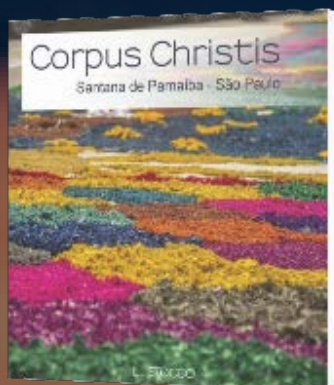
**Acesse o link
clcando na capa do FOTO LIVRO**



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa Ana, surge o início da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.

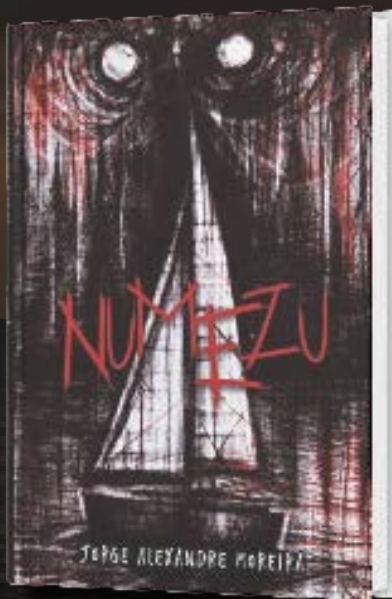


Escritor

Jorge Alexandre

**Acesse o link
clcando no botão verde**

NUMEZU



É a última chance para Laura e Raoul.

Mentiras, drogas e traição levaram seu casamento à beira do fim e eles apostam suas últimas fichas em uma viagem. Os dois num veleiro, em um lugar de sonho, com boa comida e boa bebida. Se não funcionar o que funcionaria?

Mas Raoul volta de um mergulho trazendo uma estranha e antiga estatueta - a imagem de um ser esquecido, aprisionado por uma terrível maldição.

E agora, enquanto Raoul pouco a pouco enlouquece sob sua influência, Laura terá que lutar pela própria vida.

Impresso

[Clique aqui](#)

amazon.com.br

*Escritora**Vanina Sigrist*

Acesse o link
clicando no **botão verde**



Martelo é um gato que se diz "o dono da rua", até que se sente ameaçado com a chegada de uma nova moradora, Didi. Ele e os outros gatos do bairro, para se divertirem e resolverem o impasse, propõem uma competição. Essa aventura permite conversar com as crianças sobre o valor das brincadeiras saudáveis, do saber ganhar e perder, das parcerias verdadeiras e da confraternização entre amigos.

Impresso

[Clique aqui](#)



Escritora

Ana Márcia

**Acesse o link
clikando no botão verde**



Nesta ficção, ao ser desafiada por uma tarefa escolar, Patrícia descobre que é possível mudar a si e aos que estão ao seu redor pela força da sua vontade. Em meio às interações e descobertas ela inventa uma matemática de palavras para dar forma aos seus sentimentos. As mudanças que promove geram energia para mudar o preconceito contra a "esfulpante" segunda-feira. Isso lhe deixa tão "felicitantes", que fazer gentilezas passa a ser o seu projeto de vida.

Clique aqui



Martina herdou uma sina. Ela nasceu com o andar dez para duas. Tem os pés muito virados para fora. Mas o que torna esta história insólita é que os pés são entes independentes da vontade da personagem. Quando eles se viram para alguém - e isso acontece sem qualquer controle de Martina -, algo muito estranho acontece. A avó contou para ela o segredo dos ancestrais, que ela vai carregar, antes de morrer. Ao longo da vida, sempre que os pés de Martina apontam para alguém, a personagem vai percebendo que ela e os pés não comungam das mesmas vontades. Pior, os pés mudam toda a sua vida e de muitos ao seu redor. Por isso, o título é um desabafo e um pedido de desculpas: Reze para que meus pés não apontem para você .

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)



Pérfuro-Matante é um conto longo do gênero domestic noir, que tem a narrativa em torno de uma menina que, ao longo da vida, convive com o pai, bêbado, maltratando a mãe e oprimindo as irmãs. A bebida em excesso, o poder masculino sufocando o feminino e intromissões culinárias estão entre os pontos de tensão em ebulição. Até onde é possível ir quando se quer colocar um fim em situações de constante estresse familiar?

Para além de um conto, uma história em que o como fazer supera o que se decide fazer.

Clique aqui

[amazon.com.br](https://www.amazon.com.br)

Bom dia com poesia

Com Marcelo Papareli

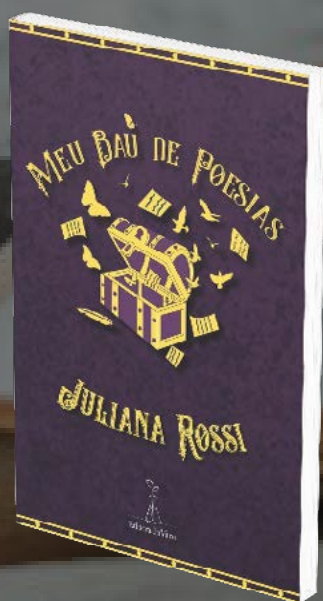


Escritora

Juliana Rossi

Acesse o link
clicando no botão verde

Livro “Meu baú de poesias”
de Juliana Rossi



Meu baú de poesias, também poderia ser comparado a um baú de sentimentos, ou ao um diário com aqueles sentimentos que muitas vezes por medo de ser incompreendido, e rejeitado passamos a guarda-los num lugar fechado, bem guardado em segredo, porem este Meu baú eu resolvi abri-lo, e deixar voar tudo que foi guardado, por que perdi o medo, e sei que encontrarei muitas pessoas que se identificam com esses sentimentos e pensamentos.

“O Baú se abriu, e a magia da poesia saiu!”

Clique aqui

Escritora

Jaque Alenncar

**Acesse o link
clikando no **botão verde****

**Livro “Nosso estranho amor”
de Jaque Alenncar**



"Nosso estranho amor" é uma coletânea de poemas que, como chamas que ardem e dançam em nossos corações, retratam o amor em suas diversas formas: paixão, saudade, espera e mistério. Cada poema é uma porta que se abre para um universo particular de emoções e sensações, envolvendo o leitor em um mundo de sonhos e desejos.

Clique aqui



Escritora

Tônia Lavínia

**Acesse o link
clikando no botão verde**

**Livro “Meu nome é Maximus”,
de Tônia Lavínia**



Um homem italiano apaixonante...

Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador.

Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas.

Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte.

Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz:

Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade.

Acredite, se você não quer, ele faz querer.

Sexo, luxuria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história.

Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição...

O universo de Maximus.

Clique aqui

amazon.com.br

Revista

Revista Literária World Book Review

Acesse o link
clicando no **botão verde**



43ª Edição

[Clique aqui](#)



44ª Edição

[Clique aqui](#)



45ª Edição

[Clique aqui](#)





EDIÇÃO JULHO & AGOSTO 2023



SIGA-NOS

SITE

FACEBOOK

INSTAGRAM

YOUTUBE

TWITTER





EDITAL

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2023



**ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD
PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO
NOVEMBRO & DEZEMBRO/2023**

PERÍODO DE 10 DE JULHO À 09 DE SETEMBRO.



Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

**Clique
Aqui**

A PARTICIPAÇÃO É GRATUITA.